

1926 - IX e X
1927 - XI e XII
3.000

1926 Ano: V N. IX
1926 Ano: V N. X
1927 Ano: VI N. XI

REVISTA DO CENTRO MATO-GROSSENSE DE
LETRAS

ANO: 1926 – ANO: V - Nº 9-10

ANO: 1927 – ANO: VI- Nº 11-12

Revista do Centro Mato-grossense de Letras

ANNO V

JANEIRO A JULHO DE 1926

NUMERO IX

Publicação Semestral

SUMMARIO

Elogio de Ramiro de Carvalho—pelo socio Franklin Cassiano da Silva
Vida obscura—soneto—Oscarino Ramos
Renascimento—soneto—Franklin Cassiano da Silva
Lapidador de lagrimas—Os navios do Piréu—sonetos—José Raul Vilá
Na Academia—O amor assassinado—poesias—Augusto Cavalcanti
A estatua—Cesario Prado
Elogio do Padre José Manuel de Siqueira—pelo socio e Presidente de honra D. Aquino Corrêa
Carandazal—soneto—Rozario Congro
Corumbá—soneto—Castro Brasil
Sinhá Violante—sonetos—José de Mesquita
Ensaio sobre Camões—Cesario Netto
Paginas contemporaneas:
Symphonia da alma—Alcindo de Camargo
Paginas esquecidas:
Ausencia—poesia—José Thomaz
Paginas dos novos:
Através da vida—J. Mario
Venêza ideal—soneto—Martins d'Oliveira.
Anna Mamuda—Vandoni de Barros
Relatorio do anno social 1924-1925
Publicações recebidas

Cuiabá

Escolas Prof. Salesianas

1926

Elogio de Ramiro de Carvalho

PROFERIDO PELO SOCIO

Franklin Cassiano da Silva

em sessão de 19 de Setembro de 1925

Exmo. Sr. Presidente do Estado

Exmo. Snr Presidente do Centro Mattogrossense de Letras

Minhas Senhoras

Meus Senhores

Caros confrades

Não fôra a severidade da tribuna não permittindo a garridice de um gracejo e eu vos diria que, com a ironia da vossa gentileza, collocastes-me na situação angustiosa daquelle Tinoco, que o genio de Machado de Assis nos descreveu, a lamentar todo o resto de sua vida por ter, na mocidade, perpetrado o delicioso crime de escrever versos.

Fizestes-me comprehender o symbolismo encantador do poema de Goethe, quando Fausto, no recesso do seu gabinete de trabalho, por entre retortas e outros instrumentos da magia negra, escarnecido pelo sorriso ironico de Mephistopheles, reconhece a impotencia da intelligencia humana diante ás forças creadoras que fizeram a admiração pantheista dos discipulos de Spinoza.

.E' bem o symbolo da nossa intelligencia quando instada a alçar-se ás regiões fóra de seu alcance e da sua possibilidade creadora.

Se de um lado, porém, sentia a tentação de fugir á responsabilidade, aconselhado pela minha debilidade intellectual, de outro surgia-me a figura sympathica de

José de Mesquita obrigando-me a acceitar a tarefa que me era imposta.

Ramiro, a mim, me parecia um velho conhecido. Impressionou-me elle, pela primeira vez, na quadra da meninice quando a nossa alma desabrochando para os sonhos da gloria, não se sente ainda contaminada pelo germen corroedor das nossas illusões, que é essa lucta titanica, o struggle for life dos inglezes, que debilita, emurchesse e mata as manifestações do nosso espirito para os devaneios da arte e do ideal.

Era uma satira mordente, ferina, atrevida, contra o presidente da provincia, Cel. Alencastro, conservada de memoria, pelos admiradores do satirico mattogrossense. O vate fazia-nos lembrar Gregorio de Mattos pela expressão gaiata de sua musa a Quevedo. A linguagem, algumas vezes licenciosa, não destoava da usada pelo satirico do Sec. XVII.

E assim são geralmente as satiras de Ramiro.

Pessoaes, ellas attingem directamente ao alvo. "São as palavras que estonteiam na rispidez plebéa das accepções communs. O ataque está muito a flôr do estilo: está no vocabulo"

Tendo sido transferido o juiz de direito da comarca de Caceres, bacharel Felix da Costa Moraes, que lá havia se distinguido pelos seus despropositos juridicos, Ramiro atira-lhe o aguçado dardo de suas satiras:

Exulta cidade altiva!
Salve oh povo venturoso,
La se foi o braz Mimoso,
C'os trezentos...Viva! Viva!

Não mais oh povo ditoso
Aguentarás a sandice
de um Braz que é todo tolice
de um Braz que é todo mimoso.

Folguemos, cantemos lôa
Com a sahida do Braz,
Que se não é ananaz
Não deixa de ter corôa.

Folguemos! Não ha mais briga!
La vae elle com os seus fóros,
Despejando pelos póros
As tucuras da barriga.

Não ficou ali. Logo depois estampa a "A Situação" um hymno ao dr. Lata, do qual hymno peço venia de transever alguns versos:

Marcha, marcha, Braz Mimoso
Vae-te embóra, coisa ruim.
Antes fosses ajojado
C'o teu sabio manequim,

Que te levem os demonios
Para o reinc de Plutão!
Marcha, marcha, Braz mimoso
Vae-te embora Canalhão.

E' a palavra, na rigidez cortante da sua significação, a encarregada de ferir o adversario na sua dignidade atacada.

Afranio Peixoto procurando definir a ironia e o humor, nos dá a primeira como uma represalia intellectual e parece, por isso, impessôal, no segundo entra a pessoa do zombador e dahi o character doloroso e sentimental do humorismo.

Temperamento polemistico, affeito ás luctas de imprensa a que o obrigava a disciplina partidaria, sacrificava tudo pela causa que tomava.

Cada satira sua éra um inimigo que angariava.

E'ra a aggressão violenta, rispida, mordaz, que deixava o contendor na situação dos mortalmente feridos.

Com o florete do ridiculo, vibra o golpe todo inteiro, profundo, humilhando o adversario, deixando, após o combate, bem aberta a ferida que alimentava o odio e o despeito contra o satyrico que a causara.

Versos de occasião, escrevendo para o povo, em meio as luctas partidarias, dahi o preferir, ao "golpe que se tem a intenção de atirar" dos ironistas, a invecctiva, o ataque directo manifestado na expressão verbal.

Sabia, porém, quando era de seu agrado, manejar o florete da ironia, como o poeta do Satiricon, divertindo-se a rir "antes porque o rir é agradável do que para castigar rindo."

Tinha o partido Liberal trez candidatos para duas vagas de deputado e Ramiro ri-se da posição estranha do terceiro candidato:

Gosto de ver uma cabra
com tres filhos ou cabritos.
Quando dois estão mamando
O terceiro berra a gritos.

E esta outra em que satiriza a parada militar de 2 de Dezembro de 1867.

Muita nedia cavalgada
Correndo desembestada
Por meio da multidão;
Muitos rufos de tambores,
De sino muitos rumores,
Muitos tiros de canhão

Muita farda agaloada
Bonita-mas estragada
Nos usos da procissão.
E outras muitas quejandas
Rechunchudas burundangas
No barulho da funcção.

Tambem *viu-se*, coisa bella!
Recostados nas janellas
Lindos rostos engraçados
A par com parvos janotas
Exquisitos idiotas
De olhos envidraçados.

Tudo houve com fartura
Na solemne formatura
Deste dia nacional,
Que excitou-me até saudade
Da gorda variedade
Dos dias de carnaval!

Surgindo na época em que imperava o subjectivismo romantico de Musset, Vigni, Byron e Sand que apaixonára e empolgára quasi toda a vida intellectual do sec. XIX e excedendo da sua orbita litteraria se introduziu na sciencia na politica e até nos costumes individuaes, Ramiro não podia deixar de ser um romantico.

Dahi o preferir á concepção artistica de Gauthier que considera como objecto da arte "a belleza e esta, antes de tudo, residindo na fórma a de Tolstoi para quem sendo a arte a linguagem do sentimento, a idéa de belleza é uma idéa vazia e, por isso, a fórma lhe é absolutamente secundaria.

A bagagem litteraria de Ramiro, na poesia, é bem pequena é, como versos de oportunidade que são,

estão naturalmente condemnados ao esquecimento. Com o seu talento e actuando num meio onde o intercambio intellectual fosse maior, é de crêr que a sua lyra se afinasse no diapasão das dos maiores satiricos contemporaneos.

O JORNALISTA

Onde se revela em toda a sua exuberancia o talento de Ramiro é no jornalismo.

Iniciando, jovem ainda, com José Estevão e Bueno Deschamps, a sua carreira jornalística dando á publicidade o "Dunda" e o "Pega Onça," folhas que se notabilizaram, na época, pela sua feição "irriquieta e travessa," adestrou, nesses pequenos orgãos, a penna que viria a ser uma das primeiras no jornalismo indigena coetaneo.

Chefiando, mais tarde, a redacção da "Situação," orgão do partido conservador, soube imprimir uma orientação tão segura e dar uma feição tão attrahente ao orgão que dirigia que, ousamos affirmar, depois d'elle, não ter havido evolução no jornalismo mattogrossense.

Proclamada a Republica, embora monarchista, aceita elle a transformação politica como um facto consumado e continua a prestar serviços ao Estado na redacção do jornal "15 de Novembro." De sua alma se escapava porém um grito de saudade crystallizada nas phrases que, na intimidade, deixava ouvir: "a sua Republica," "essa Republica", que bem exprimiam o seu apego ás instituições decahidas.

E vemos, então, um monarchista convicto, a tecer encomios, hymnos laudatorios a uma instituição republicana.

Não se queira ver nisto a versatilidade de um character.

A complexidade da vida de um jornalista, escapa,

muitas vezes, á nossa percepção analytica. Reflectindo a opinião popular, esconde elle o seu proprio eu para estampar o pensamento da collectividade que representa.

Mais accentuada se torna esta concepção em se tratando de um jornalista politico. O principio de Taylerand em politica é um axioma no jornalismo partidario.

O proprio Ramiro nos diz: "Quantas vezes, meu Deus, não tenho ido de encontro a minha propria opinião, afim de não sacrificar os interesses do partido." A sua arma foi a polemica. Polemista vibrante e ironico acorrentava o seu contendor no segredo da sua logica tão simples, tão natural, quão expontanea e convincente.

A' sisudez austera das discussões doutrinarias, preferia, nas suas polemicas, a ironia, a galhofa chocarreira que levava ao ridiculo o adversario, fazendo rir os leitores.

O HOMEM

Filho do advogado José Jacintho de Carvalho e D. Maria Seabra das Dores, nasceu Antonio Augusto Ramiro de Carvalho, nesta cidade, a 28 de Dezembro de 1833.

A sua infancia, passou-a elle, por entre os brincos infantis e os carinhos de seus paes, educando o espirito e o coração nos sentimentos da amizade e do dever que vieram a ser, mais tarde, um dos caracteristicos da sua individualidade.

Aqui, na monotonia quotidiana de Cuiabá, bebeu os ensinamentos que lhe podiam proporcionar os mestres de então.

Abraçando a carreira das armas, abandonou-a logo depois, por não se sentir com vocação para ella. Entrando para o quadro da Thesouraria de Fazenda per-

correu todos os postos do quadro inclusive o de inspector.

Amigos dos seus subordinados. possuia elle o segredo de mandar imprimindo ás suas determinações tal suavidade e tal delicadeza que o obedeciam promptamente, mais pelo desejo de o agradar que pelo temor á autoridade do chefe.

E qual foi a sua acção nesse departamento nacional, dizem-no bem as continuas referencias elogiosas que merecia nos relatorios dos presidentes da Provincia.

Tão alto éra o conceito que gosava, como funcionario, que quando transferido, por motivo de ordem politica, pelo ministro Silveira Martins para a Thesouraria da provincia do Pará, o vicondê do Rio Branco não vacillou em procurar o ministro e dizer-lhe "V. Excia. acaba de demittir ou transferir um dos melhores isnpectores de Thesouraria do Imperio".

Exonerado, por não ter ido assumir o novo cargo, foi, logo depois reconduzido pelo ministro Saraiva. Casou-se com D. Anna Louzada Ramiro.

O POLITICO

Xantipa, a esposa de Socrates, a mulher mais insupportavel que "existe, existiu e existirá" na opinião de Antistene, discipulo do grande philosopho, essa furia diabolica que amargurou a vida de Socrates, essa mulher detratada, atravez dos seculos, pela posteridade, essa mulher a quem os proprios filhos não suportavam, foi no entanto, dil-o um escritor brasileiro, a autora inconsciente, a fonte de toda a philosophia ironica de Socrates.

Ramiro tambem, como Socrates, teve a sua Xantipa. A politica com suas tricas machiavelicas, com todo o seu cortejo rubro de intrigas e falsidades, com a roupagem scintillante dos seus ductos, seduziu sua alma

combativa, sendo a causalidade, a Xantipa, autora de toda a manifestação do talento literario do jornalista conterraneo.

Detratando-o, elevando-o, provocava na revolta de seu espirito combativo, a ironia de suas satiras e a galhofa das suas polemicas deliciosas

Era a castalia, a fonte productora da sua actividade intellectual. Nem podia ser de outro modo. O meio agiu sempre e agirá na formação artistica do individuo. Cuiabá não éra terreno propicio á floração intellectual. Com uma população utilitaria e egoista, não percebendo as ductis manifestações do espirito, com uma litteratura incipiente, campeando, como ainda hoje, a critica zoila das esquinas, o literato que se cingisse unicamente á litteratura, éra um maniaco, um louco a quem condoidamente lamentavam.

A politica era a valvula de escapamento á intellectualidade patricia, o fio de ariadne que, atravez ás discussões intrincadas das manhas partidarias, a condazia ás posições de destaque na sociedade de então.

Ramiro comprehendeu bem o meio. Filiando-se ao partido conservador a esta aggremação prestou todo o concurso do seu talento, todo o esforço da sua actividade.

Conquistando a confiança dos chefes, galgou todas as posições que podia aspirar na administração da Provincia.

Presidente da Camara Municipal, deputado Provincial e duas vezes presidente da Provincia, por substituição legal, em todos esses postos dexou vestigios da sua cultura e o exemplo de sua honestidade inatacavel.

Extremoso na obediencia ás injuncções partidarias, não levava porém essa obediencia até ao sacrificio da sua dignidade pessoal.

Havendo, quando Presidente da Camara, lhe devolvido o Presidente da Provincia, um officio sob o pre-

texto de não serem observadas as regras do protocollo, Ramiro, afim de não difficultar a acção do seu partido, deixa a posição que occupava, para livremente assestar a bateria de suas satiras contra o Presidente da Provincia

Na Assembléa Provincial a sua palavra se fazia ouvir na defeza dos interesses do povo como quando foi da injustiça havida na distribuição d'agua nesta cidade.

Da sua admistração como Presidente da Provincia, se não nos deixou obras de vulto devido talvez a sua rapida passagem pelo cargo, tambem não deslustrou a cadeira Presidencial, zelando pela guarda do dinheiro publico e incentivando o desenvolvimento da instrucção.

Eis, senhores, em ligeiros traços a vida do meu patrono.

A literatura ingleza, na frieza apparente de sua expressão, offerece-nos paginas de uma emoção tão viva, tão atrahente, tão intensa que atravez á espiritualidade delicada de seus symbolos deixa-nos, após o sabor delicioso da sua leitura, o amargor pungente da sua tristeza.

Schreiner conta-nos a historia de um artista.

Houve um artista, diz elle, que pintou um quadro. Outros artistas vieram e, com maior talento, pintaram quadros mais notaveis, de cores mais ricas e mais raras.

O d'elle éra de um vermelho fixo, vivo, que ainda não se tinha visto igual. E todos paravam diante do seu quadro e diziam " gostamos deste quadro, gostamos desta cor ".

Outros pintores admirados pensavam: " onde foi elle buscar esta côr? — Perguntaram-no. Elle sorrindo respondeu: não posso dizer-vos e continuava a trabalhar.

Intrigados com o segredo do artista, foram ao Oriente, compraram custosos pigmentos, fizeram tintas de cores rarissimas e pintavam; mas a pintura era apagada.

Procuraram, então nos velhos alfarrabios, descobriram cores ricas e raras, nenhuma porém tinha a vida da do artista. E elle continuava a pintar.

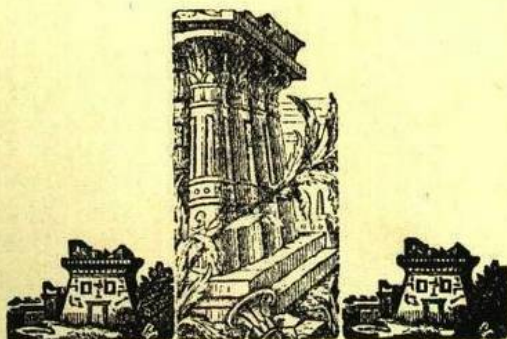
Quanto mais o seu trabalho se tornava vermelho ia elle se tornando pallido, muito pallido. Um dia encontraram-no morto junto ao quadro que pintava. Ansiosamente rebuscaram todos os cantos da casa a procura do seu segredo. Nada encontraram.

Quando foram lhe vestir a roupa preta viram, porém, junto ao coração o signal de uma ferida velha cujos bordos arrochados a morte procurava esconder. Enterraram-no. Seus trabalhos ficaram. E ainda hoje o povo diante os seus quadros murmura: "Onde teria elle achado esta côr?..."

Senhores.

A 2. de Novembro de 1891 a morte colheu Ramiro, aos 58 annos de idade, quando muito podia ainda nos dar a sua intelligencia.

Os seus trabalhos, porém, como os do artista de Schreiner, ahi estão. Na sua simplicidade e delicadeza encantam-me fascinadoramente e eu murmuro: "gosto de Ramiro. Porque? Não sei. Sabe-se lá por que se gosta?"



Na Academia

Dizia Graça Aranha em nossa Academia :

- «A arte em nosso paiz lembra a mercadoria
- «Que nos vem de além-mar; traz a marca, o signal
- «Da origem, que revela a ausencia de Ideal;
- «Uma tal creação, atrophiada e anêmica,
- «Não merece, de certo, uma laurea academica ;
- «A inspiração, que é nossa, ainda sem excellencia,
- «Vale mais que a melhor, de alheia procedencia,
- «Seja ella da Grecia, ou da França, ou de Hespanha;
- «Como é triste brilhar com uma gloria extranha!
- «Alem disso, censuro essa cegueira extrema
- «De se ver na factura o unico fim do poema,
- «O cuidado da forma aniquilando a essencia,
- «O uso *do enjambement* marcando a decadencia,
- «Vedando o som da rima e a musica do metro,
- «E acclamar-se o escriptor como um heroe do plectro.

- «Já basta de seguir no poema e no romance
- «Os passos de Verlaine e de Anatole France ;
- «Deve ter feição propria uma litteratura;
- «E, pois que deste modo a arte se desfigura,
- «Feche-se a Academia em breve e sem detença,
- «Até que o Futurismo, a nova Renascença,
- «Venha abrir uma outra em proximo futuro.»

Nunca entre os immortaes houve tamanho apuro;
 Contra palavras taes elles se ergueram lestos
 E eis se fazem ouvir motejos e protestos;
 Disse um: Quer nos guiar á Promissão, de certo,
 Como auctor do *Canaan*; mas clama no deserto;
 Disse outro que fechar a Academia, o templo
 De ideaes tradições, era um funesto exemplo,
 Uma offensa cruel aos manes de Azevedo,
 Gonçalves, Alencar, Castro, Mendes, Macedo
 E outros, pois que não é já tão pequena a lista;
 Disse outro: A imitação não desmerece o artista,
 O proprio genio imita, e bem nos mostra Horacio
 Que a Hellade immortal serviu de norma ao Lacio.

Censurou-se tambem, e de uma acre maneira,
 Nosso homem, por seguir uma escola estrangeira;
 E aconselhar dest'arte o poeta, o romancista
 A acolher, entre nós, a musa futurista,
 Elle, que tanto prega e austero nos ensina
 Que dessa imitação é que nos vem a ruina.
 Em fim, nosso censor se vira como a gralha
 Em meio dos pavões lhe dando uma batalha,
 E, como ella, elle achou que mais convinha ao caso
 Despedir-se do gremio e do antigo Parnaso.

Augusto Cavalcanti

O AMOR ASSASSINADO

(*Sully Prudhomme*)

Como um pae mata o seu recém-nascido
Por não poder nutrir o fragil ente,
E, em desespero, o occulta ainda tremente,
Em um logar recondito, escondido;

Assim matei o meu amor nascente
E o sepultei na cova, adormecido;
Sobre elle puz a lapide do olvido
E após partí, na minha força crente.

Julguei-o morto. Extranha descoberta!
Vejo-o de pé, na tumba semi-aberta,
Entre os lyrios que Abril fez florescer.

De um resplendor cingida a fronte bella,
Elle me disse: «Eu torno junto a ella,
De tua mão não poderei morrer!»

Augusto Cavalcanti

A estatua

Ideara sua obra de belleza e graça, de ternura e piedade, como um sonho de perfeição inenarravel e absoluta.

O' a angustia da concepção para fixar na arte do repouso as expressões da alma em movimento... Seria "A Oração" a estatua do extasi humano em aspiração para o infinito, com a candura da infancia e o presentimento torvo das sombras e trabalhos da vida, em attitude de voô para longes eternos e de planta fixa pela humana contingencia... Por suas mãos callosas e pesadas que no entanto pareciam pequenas e leves ao apalpar os objectos de arte, as terras cottas frageis, as maquetes delicadas, os duros marmores e as tenras argilas, com demorado carinho de artista em perenne paixão pelas linhas de bizarros effeitos, pelos contornos da plastica perfeita, por essas mãos rudes mas geniaes, acreditava imprimir ao barro a belleza immortal do seu sonho, aquelle sonho que era a coroa de rosas de suas vigalias senão pelo menos o olvido da sua miseria, da da sua mansarda tão fria e tão nua...

Para animar-lhe os dedos quizera, como Phidias, a inspiração intuitiva, como particula eterna de sua alma dispersa no ether infinito...

Por outro lado seguiria, como Polycleto, o methodo do estudo, buscando arrancar do mysterio da combinações numericas, o segredo inexprimivel da symetria e da eurytemia harmoniosa.

Por um aspero dia de inverno materializou-se o sonho e num sóco humile a estatua humida levanta-

va-se serena e estatica, santificando a desolação da mansarda, como si a prece dos labios da criança de barro tivesse o dom de trazer do alto todas as benções da creadora omnipotencia . . . Era bem a criança andrajosa do adro das igrejas, com o sofrimento das ruas e o candor da ignorancia, as mãos suplices para a fonte da inexgotavel bondade, um hombro derreado pela carga que a vida lhe viria assentar com suas privações, suas perfidias e trahições, ajoelhada em acerbos presentimento, boiando-lhe todavia, no vazio das orbitas oculares, indizível expressão de fé e alento . . .

Largo tempo o artista contemplou-a extatico. Depois, como a tortura de um delirio, agitou-o um terrivel receio: não fosse o frio, congelando a agua, perder-lhe a estatua. Dera-lhe a vida do seu espirito, agora dar-lhe ia o calor do seu pobre corpo. Gazalhou-a com todas as esfarrapadas mantas da sua cama, sentiu-a bem resguardada e tiritante de frio adormeceu feliz.

A neve cahia lá fóra como bom e immaculo manto dos rotos e pés descalços . . .

Pela manhã de frio menos intenso, encontraram o artista mais nú do que a criança esfarrapada do seu modelo, mais branco do que a argila dos seus caixotes, morto de frio ao pé da sua obra immortal.

Até mesmo para seus amigos e irmãos de arte, a estatua parecia perfeita, tão perfeita que a passaram para o bronze e sobre o seu tumulo glorioso parece rezar-lhe a sublime oração do seu exergo;

Vós que nos céos estaes, ó Padre nosso
Do reino vosso a paz venha ditosa:
Que vão de havel-a é todo o empenho nosso,
Si não vier da vossa mão piedosa.

Cesario Prado

Elogio do Padre José Manuel de Siqueira

PELO SOCIO E PRESIDENTE DE HONRA

D. Francisco de Aquino Corrêa

Exmo. Sr. Dr. Presidente do Estado,
Exmas. Senhoras e Senhores,
Illustres Confrades,

Um seculo atraz, nesta mesma cidade, que florira então, havia apenas sete annos, sobre as minas do Cuiabá, um cortejo funebre parava na pequena praça, onde a rua Direita e a do Senhor dos Passos desembocavam ambas, frente a frente, na travessa da Alegria.

Oito presbyteros, sem contar o cura d'almas, com as brancas sobrepellizes sobre os negros habitos talaes, ladeavam o feretro, que introduzido alli, na capella dos Passos, foi deposto sobre o catafalco, em meio ás colgaduras de dó, que enluctavam o sagrado recinto.

E eis que em se descobrindo o ataude, nelle appareceu uma figura veneravel de sacerdote, amortalhado nos paramentos violaceos da sua ordem, mãos postas na suprema prece, fronte larga e serena, por onde, sob os florões de lirios dos longos annos, adivinhavam-se as concentrações do estudo e o beijo aspero das intemperies do tropico.

Terminado o rito liturgico das exequias, foi o cadaver inhumado alli mesmo, e sobre elle cahiu, pesadamente, a campa funeraria.

Quem fôra o velho presbytero?

Só nos responde o archivo ecclesiastico, no laconismo das fórmulas tabelliôas: fôra elle "o padre-mestre de philosophia, José Manuel de Siqueira, branco, de setenta e cinco annos de idade".

As proprias Chronicas do Senado da Camara, onde por vezes lampejára o seu nome, silenciaram nesse dia.

A athmosphera politica da novel Provincia, era por demais agitada e sombria, para que se dêsse conta do desaparecimento de uma vida como essa, inteiramente dividida entre a oração no templo, os estudos no gabinete e as pesquisas no seio mysterioso e immenso da natureza.

Verdade é que por essa época, esplendia como um iris entre as nuvens do céu cuiabano, a doçura evangelica de Frei Macerata, já investido então nas altas funcções de Administrador da Prelazia.

Mas elle proprio sentia-se vexado pela malicia dos tempos, victima, tambem elle, da nevrose demagogica de Patricio Manso, que a brigar com meio mundo, fizera-se a alma trefega daquella situação effervescente.

Tres mezes havia que chegára o primeiro presidente da Provincia. Mas nem por isso, a onda reaccionaria que depuzera o governador Magessi, o ultimo dos capitães-generaes, cessára de espumar em paixões vivas e frementes.

Acirravam-n'as agora, tanto as rivalidades entre as Juntas Governativas de Cuiabá e Villa Bella, quanto o odio entre nativistas e adoptivos, que recrudescendo de anno para

anno, ia galgar vertiginosamente o paroxismo, aos horrores da noitada tragica da Rusga.

Assim foi que sobre o tumulo do P^o Siqueira, fez-se o mais profundo silencio, mal quebrado de longe em longe, por ligeiras e inexpressivas referencias.

E dir-se-ia que o humilde corrego da Prainha, elle só, a deslizar alli bem perto, engrossado nesta quadra pelas invernias de dezembro, cantasse-lhe todos os annos, o longo resposso da saudade e da prece, em nome de toda esta natureza, que elle tanto amára.

A essa tumba esquecida, Srs., é que vae hoje, em romaria espiritual e luminosa, o Centro Matto-grossense de Lettras. Guiado á luz de archaicos documentos, numa odyssea retrospectiva de alfarrabio em alfarrabio, através de um seculo e mais, vae elle reviver e vindicar, neste primeiro centenario, a memoria de um dos filhos mais illustres da nossa terra.

E vereis que apesar da nossa falha documentação historica, a individualidade do P^o Siqueira se impõe, justificando perfeitamente, como nenhum outro talvez, a inclusão do seu nome na galeria glorificadora dos patronos das boas lettras mattogrossenses.

E' o vaticinio dos livros sagrados, que se cumpre tambem, tardiamente embora, sobre o sepulcro do humilde padre-mestre cuiabano:
et erit sepulcrum ejus gloriosum!

O SACERDOTE

Senhores!

Existe uma pagina nos Annaes do Senado da Camara do Cuiabá, em que este velho

manuscripto do tenente Joaquim da Costa Siqueira, transfigura-se a nossos olhos, nos fulgores de uma illuminura dourada. É a ephemeride de 15 de julho de 1798, em que o primeiro cuiabano, que atravessára o Atlantico para completar os estudos, regressava triumphalmente ao torrão natal, com a fronte coroada pelos laureis da sciencia e da philosophia.

Este cuiabano era um sacerdote, e o sacerdote chamava-se José Manuel de Siqueira.

Era a segunda vez que elle se ausentára da capitania, e em ambas ellas, o registo official assignalava o seu regresso, como factu notavel nos annaes de Matto-Grosso.

Foi a primeira em 1782, quando voltou do Rio de Janeiro, recémordenado de presbytero pelas mãos de D. José Joaquim Mascarenhas Castello Branco, primeiro bispo brasileiro que foi, daquella diocese. Chegava elle em principios de dezembro daquelle mesmo anno, juntamente com o seu conterraneo e companheiro de ordenação, o P^e Francisco Xavier dos Guimarães Brito e Costa. Teciam então as nossas veneraveis chronicas este commentario, que bastaria, por si só, a envolver num halo da mais viva sympathia, a personalidade do P^e. Siqueira e do seu collega: "deram na verdade muito gosto aos seus parentes, amigos, compatriotas e paisanos, por serem os primeiros filhos destas Minas, que foram ordenar-se no Rio de Janeiro, effectuando os seus designios, sem embargo de serem ambos muito pobres; vieram cantar sua Missa nova na Matriz desta villa, aquelle (o P^e Brito) no dia de Natal, em que pregou este (o P^e Siqueira), e este no dia primeiro de Janeiro, em que pregou aquelle."

E conclue o chronista com esta consideração, em que bem se reflecte o adoravel bairrismo cuiabano de ha um seculo, que não sei bem si todos esses cem annos decorridos tenham logrado attenuar: "Supposto fosse o P^e Francisco Pinto Guedes, diz elle, o primeiro filho destas Minas que se ordenou de sacerdote, não teve os applausos daquelles, porque o fez em o bispado de S. Paulo, como seu compatriota, e não como filho (d'aqui) e não deu aos seus Patriotas o gosto de lhe applaudirem a sua primeira Missa".

O P^e Brito mudou-se, logo depois, para Goiaz, onde parochiou longos annos a freguezia de Meia-Ponte, a Pyrenopolis de hoje.

O P^e Siqueira permaneceu em meio aos seus queridos penates cuiabanos.

O ESTUDANTE

E insulado assim, na villa colonial do Cuiabá, verdadeira ilha encantada em oceano quasi inaccessible de verdura e flores, filho do Capm. Antonio do Prado Siqueira, paulista honrado, mas pobre, pobre elle mesmo, admiravel é, devéras, Senhores, tenha o P^e Siqueira realizado as grandes aspirações da sua vocação sacerdotal e scientifica, que deviam affigurar-se, naquelle tempo e naquelle meio, si não loucuras, certamente méras utopias.

Vemo-lo, entretanto, que de novo, em 1790, deixa a capitania natal e desta feita, quem o diria? de prôa posta ao Velho Mundo.

Que movel o impellira a tão heroica viagem? Elle proprio nol-o diz: "o ardor e paixão que tinha, pelos conhecimentos da Histo-

ria Natural” (Memoria intitulado: *Invenção da Casca Peruviana, chamada Quina vulgarmente, achada no Cuiabá no anno de 1800*).

E o intelligente patricio foi encontrar em Portugal, o ambiente intellectual, que sonhára.

Chefiados pelo espirito superior do Duque de Lafões, cuja figura aristocratica e medieval Bilac nos pinta “risonha, sob a peruca empoada, com o peitilho tufando em bofes de rendas, entre as abas do collete de damasco”, uma pleiade de sabios lá se congregára na Academia Real das Sciencias, estimulando-as em todos os seus ramos.

Assim é que nas cathedras de Lisbôa, através das licções de abalizados professores, floriavam então as doutrinas dos maiores mestres contemporaneos das sciencias naturaes; e professava-se alli, entre outras disciplinas, a Mineralogia de Walerio, a Physica de Brisson e a de Musshenbroeck, o que immortalizou o nome da sua patria, na celebre garrafa de Leyde.

Cito apenas estes, porque eram elles as delicias do P^o Siqueira; sobre todos, porém, encantava-o Carlos Linneu, o insigne botanologo sueco, cujo poetico systema, melhor do que a mythologia grega com todas as suas dryades e hamadryades, deu vida ás plantas, e as constituiu em verdadeiras familias, pondo um thalamo de seda e perfumes em cada flôr, onde Maeterlinck, mais tarde, iria sondar todo um poema de intelligencia e de amores, a revelar o adoravel Autor de tantas maravilhas.

Alli cursou o estudioso presbytero por tres annos, nas aulas do Convento de N^a. Senho-

ra de Jesus, a Historia Natural, além da Philosophia Racional e Moral, de que lhe foi lente o padre-mestre Fr. João de Santa Agueda Riotinto.

Concluido o curso de sciencias, o seu professor, Rvdo. Fr. José da Costa e Azevedo, em requerimento despachado pelo Duque de Lafões, attestava que o seu alumno "aproveitára em todos os tres reinos da natureza, porém com maior progresso no estudo da Botanica, concorrendo para este fim a facilidade de desenhar plantas, que faz realçar o seu merecimento neste ramo."

O SOCIO DA A. R. DAS SCIENCIAS

Começou desde logo o P^e Siqueira a revelar os seus conhecimentos botanicos, applicando-os a interessantes assumptos da flóra brazileira. O triennio de estudos academicos em Lisbôa, ficou-lhe assim brilhantemente marcado por tres Memorias, que dedicou á A. R. das Sciencias daquella cidade.

Consistia a primeira num estudo sobre as virtudes e prestimos da *herva de bicho*, tambem chamada *pimenta d'agua (hydropiper)* e *pessegueiro bravo (persicaria)*.

Versava a segunda sobre o aproveitamento economico da nossa bella palmeira, o buriti, que ao tempo do P^e Siqueira, designava-se ainda com o nome scientifico de *Córypha*, e Martius, ao depois, precisou melhor no de *mauritia vinifera*, immortalizando-lhe assim o doce vinho sertanejo.

Na terceira, finalmente, dissertava o P^e Siqueira acerca da embyra branca (*daphne gi-*

gas), communicando têr descoberto o tratamento das suas fibras pelo sal, o que as torna tão consistentes, que poderiam ser empregadas. diz elle, no fabrico de amarras para embarcações.

Tomou a Academia em grande aperço as referidas Memorias, de tal arte que em data de 10 de maio de 1796, fazia expedir ao illustrado autor a carta de socio, na qual, em castiço latim, lê-se este lisonjeiro conceito: "A tua erudição, por nós bem conhecida, através do testemunho de muitos e principalmente dos nossos socios, levou-nos a te convidarmos para tomares parte em nossos trabalhos, certos que do teu saber e industria muita utilidade e vantagens advirão ás lettras e ás boas artes."

E aqui, Snrs., dae-me venia ao entusiasmo deante deste facto singelo, mas significativo: o primeiro e unico mattogrossense, que entrou a fazer parte daquella A. R. das Sciencias, ao lado de José Bonifacio de Andrada e Silva, foi um sacerdote catholico!

Só neste minuscuro e despercebido capitulo da historia ecclesiastica, quanta gloria para a intellectualidade catholica! O P^e Siqueira, não obstante a sua batina tão calumniada de obscurantismo, consagra os melhores annos da vida ao serviço da sciencia. Mal contendo a sua ancia de saber, eis que vence todas as difficuldades, sáe dos penetraes deste sertão, e passa-se resolutamente á Europa. Lá busca elle a sciencia, e vae encontral-a como que domiciliada nas aulas de um velho convento da media idade. Procura a companhia dos sabios, e vê desde logo, fulgurarem

forem possiveis, as quaes recommendarei como devo, na Real Presença de S. Magestade, e até me constituirão para com V. Mcê. na maior okrigação, recebendo-as eu pelo mais particular obsequio que me possa fazer”.

Com este honroso documento, abre-se e dura por quatro annos, o periodo mais activo e brilhante da vida do P^e Siqueira. E' a phase do excursionismo scientifico, em que elle vae continuar na capitania, as tradições ainda frescas e gloriosas do Humboldt brasileiro, o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira.

Examinou elle, a principio, em procura das desejadas nitreiras, as serras do Medico, um dos contrafortes da Chapada; mas só encontrou pequena porção, sendo o mais vitriolos de zinco e marte, como se dizia então, além de terra aluminosa.

Lustrou e perlustrou em seguida, em pacientes indagações, as serras que elle chama do Paraguay, as do Coxipó-assú e do Cuiabá, os sitios do Cedral, da Canga e do Piranema, e por ultimo, as serras que circumdam Villa Maria, hoje Caceres.

Nestas longas excursões, posto que não se lhe tenha deparado o nitro, nem a quina, teve entretanto occasião de descobrir uma nova especie de seda, o marmore maculado rubro e a argilla branca, chamada apyra, de grande utilidade na industria ceramica.

Andava assim o infatigavel scientista em sua faina de pesquisas, quando chegou a esta villa o governador Caetano Pinto, trazendo comsigo, no original espanhol, a importante obra intitulada: *Quinologia*, de D. Hippolyto Ruiz, 1^o botanico da Expedição do Perú.

Foi para o nosso naturalista o mais precioso achado. E' que para identificar a verdadeira quina, a cinchona officinal de Linneu, só possuia elle cópia das gravuras que La Condamine apresentára á Academia das Sciencias de Paris, e da descripção feita por J. Dombey; mas o peor é que, infelizmente, estes autores não concordavam entre si, embaraçando-o grandemente nas meticulosas analyses.

Com a obra de Ruiz, porém, tudo se aclarou. Lembrou-se para logo o P^o Siqueira de têr visto a planta, e sem perda de tempo, acompanhado por alguns soldados caçadores, partiu caminho da Chapada.

A SERRA DA CHAPADA

Era em principios da secca de 1800, no mez das monções,

ao findar das chuvas, quasi á entrada
Do outono, quando a terra em sêde requeimada,
Bebêra longamente as aguas da estação,

e o P^o Siqueira cavalgava pela primeira vez, em missão official e scientifica, as ingremes escarpas da Serra da Chapada.

Serra da Chapada! quem poderia dizer as emoções, com que terá galgado as tuas boccinas historicas e pittorescas, a alma pensadora do sacerdote naturalista!

Serra da Chapada! imponente maciço millenario, que resistindo heroicamente á erosão implacavel das aguas e dos seculos, ergues-te hoje nos horizontes do Cuiabá, como o eterno monumento azul da sua prehistoria silenciosa!

Serra da Chapada! de cujos flancos uberes, saltam as crystallinas fontes do valle cuiabano, o predestinado scenario de tantos dramas ineditos das bandeiras e das minas!

Serra da Chapada! das tuas rechãs floridas, é que tambem o Coxipó-mirim, o bello rio dos bandeirantes, espadana do alto os seus crystaes, desfeitos em flocos de immenso véu de noiva, cantando eternamente o noivado virginal do sol, com a terra sempre em flôr da nossa Patria!

Serra da Chapada! seguindo de arrepio essa corrente, foi que os sertanistas, um dia, descobriram-te no céu do oriente, a dominar a amplidão desde o ceruleo morro da Canastra, chrisnado mais tarde, por elles mesmos, com o religioso nome de S. Jeronymo!

Serra da Chapada! da planura deserta, por onde serpeia a teus pés o fértil Aricázinho, olhos fitos em teu vulto majestoso, é que Pires de Campos sonhava, para além dos teus chapadões, a encantada Serra dos Martyrios, onde com elle brincára em creança, ia já por tantos annos, o seu legendario collega, o Anhanguéra!

Serra da Chapada! Chapada dos Guimarães! no teu doce araxá, nesse miradouro do céu e do infinito, consoante a linda etymologia indigena, tu nos deparas ainda a tapera evocativa da Aldêa Velha, onde pairam as sombras apostolicas dos Padres Estevam de Castro e Agostinho Lourenço, os jesuitas missionarios, tanto mais veneraveis, quanto mais impiedosa foi a rajada pombalina, que lhes varreu a futura redução!

Serra da Chapada! mas eis que em tua historia, culmina hoje para nós, a figura incon-

fundível do presbytero scientista, que passou herborizando por tua rica flóra, desde as campinas viçosas aos taboleiros duros, onde as canellas-de-ema estrellejam, na expressão aggressiva da seccura e da esterilidade !

Serra da Chapada ! e quem sabe quantas vezes, em teus incomparaveis belvederes, por essas noites serenas, em que ao luar do planalto, os teus paredões se transfiguram em adarves colossaes de castellos phantasticos com seus torreões e ameias, quem sabe quantas vezes, o solitario socio da Academia Real das Sciencias, não terá evocado os estudiosos tempos do ultramar, o aconchego fraternal e honroso dos mestres, e estimulado sempre mais no desvendar as grandezas de Deus nos segredos da natureza, ter-se-á entregue ás lucubrações da sciencia e da fé, muito mais nobres e santas que as de Eurico, o presbytero, nas solidões alpestres do Calpe !

Serra da Chapada ! tu, por onde as quineiras formosas, rebrilhando ao sol as lucidas frondes, tanto nos falam ainda do Pº Siqueira, que as descobriu e descreveu, tu serás para sempre, o pedestal da gloria do primeiro sabio mattogrossense !

O INVENTOR DA QUINA

E de facto, Srs., a maior gloria do Pº Siqueira foi, por sem duvida, o descobrimento, ou como elle diz, a invenção da Quina em Cuiabá, celebrada por elle mesmo na esplendida Memoria, com que illuminou desde logo o berço da nossa litteratura. Neste documento, que tem hoje para nós o cunho venera-

vel dos incunabulos, o autor não dá a si proprio outro nome, que não o de "Inventor da Quina": conservemos-lhe a nobreza do titulo, na elegancia não menos nobre do seu latinismo.

E o palco deste acontecimento, tão sensacional para a epoca, foi a Serra da Chapada. Mas deixemos que o proprio Inventor nol-o conte, na singeleza veridica da sua narrativa.

«O Inventor, diz elle sempre em terceira pessôa, partiu para as serras do Queimado, onde examinou a Serra da Paciencia e Congonhas, até que na Serra de S. Jeronymo, na vizinhança do riacho do Monjolo, descobriu a primeira arvore da Quina rubra, aliás Cinchona officinal, e no mesmo dia descobriu a Quina *lutescens* ou amarella, nos bosques e riachos da Estiva; e se recolheu á villa, apresentando a S. Excia. (o governador) ramos, tóros, cascas, folhas, flores e fructos da Quina descoberta, a cujo exame assistiu S. Excia. com todo o cuidado e satisfacção».

Em junho de 1802, subia novamente o P^e Siqueira a Serra de S. Jeronymo, cujas cercanias amplamente cursou, no intuito de colher maior quantidade da valiosa casca, beneficial-a, estudar melhor o *habitat* da nova cinchoneira, a possibilidade da sua cultura e transplantação, tudo em conformidade com as instrucções recebidas da metropole.

Assim foi feito, remetendo o Inventor para o Reino, cinco arrobas da Quina vermelha e uma da amarella.

E quando, em novembro do mesmo anno, o governador Caetano Pinto voltou a Cuiabá, o P^e Siqueira, com pensamento gentil e significativo, offereceu-lhe quatro mudas da Quina

vermelha, das quaes duas vingaram perfeitamente, na quinta do Mestre de Campo, José Paes Falcão das Neves.

Que terá sido das cinchoneiras solitarias, plantadas pelas proprias mãos do P^e Siqueira? Desappareceram, como desappareceu a gloria do seu Inventor, da qual parece terem sido o symbolo expressivo e doloroso.

E aqui, Srs., voltamos uma pagina da vida do P^e Siqueira, que hoje, pela primeira vez, desdobra-se a nossos olhos em toda a sua commovente realidade.

O ROMANCE DA QUINA

O descobrimento da Quina, a que o P^e Siqueira ligára mais importancia do que ao das minas de diamante e ouro, tornou-se-lhe em occasião das maiores contradicções e amarguras.

Foi mais um epizodio agitado, que se escreveu na historia romantica da Quina.

Recapitulemos este romance.

Abre-se-lhe, como é sabido, o primeiro scenario, lá, sob o céu das lendarias terras do Perú: é a casca peruviana. Nelle se destaca desde logo, o nobre perfil da condessa de Cinchón, esposa do vice-rei, a qual de um indio apprende as virtudes therapeuticas da preciosa rubiácea, e as revela ao mundo scientifico da Europa: é o pó da condessa, cujo nome se lhe perpetúa ainda hoje, no latim botanico de Linneu: *cinchona*. E para que ao romanesco entreccho não faltasse o fundo mysterioso, por elle esvoaça tambem a samarra negra do filho de S. Ignacio: é o pó dos jesuitas.

Entra depois em scena a competição dos varios paizes, a se empenhar cada qual por descobrir em seu territorio, o novo thesouro da pharmacopéa. D'aqui as insistentes recommendações da Corte Portugueza, por intermedio da Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha e Dominios Ultramarinos.

Surgem finalmente os botanicos, a disputarem num verdadeiro labyrintho de classificações, sobre as quinas e pseudoquinas, que lhes baralham perpetuamente as idéas, na variedade infinita das cascas.

Uma destas polemicas, e das primeiras por certo, foi a que sustentou aqui o P^e Siqueira, contra "os semi-medicos e pedantes deste paiz" conforme elle proprio se exprime.

É que se lhe poz em duvida a legitimidade da Quina que descobrira. Escreve elle então a sua luminosa Memoria, em que transcrevendo as descripções de Linneu e de Ruiz, e cotejando-as em seguida com os caracteres botanicos da arvore cuiabana, conclúe que esta coincide, ao menos essencialmente, com a cinchona officinal, descripta por ambos aquelles sabios.

Verdade é que os naturalistas não reconhecem mais como verdadeira cinchona a Quina cuiabana, ao menos a que é hoje conhecida, classificando-a com St. Hilaire entre as strychnneas: *strychnos pseudochina*. Mas ao tempo do P^e Siqueira, o seu triumpho no campo scientifico foi completo, e teve elle a grande satisfacção de vêr as suas conclusões confirmadas na Côrte, que em Aviso datado do Palacio de Queluz, em 7 de abril de 1801, mandava-lhe dizer pelo capitão-general, que

depois das observações feitas sobre a planta, que d'aqui se remettêra, "não ha duvida que é uma especie de Quina, e bôa".

Ao botanico mattogrossense "encheu-se-lhe o coração de jubilo" confessa-o elle proprio, e deu por bem paga toda essa diligencia em que, continúa elle escrevendo ao governador, "não me poupei ao trabalho, ainda soffrendo chronicas enfermidades, não me aterraram os calores do dia, nem os frios da noite, me não atemorizaram os chuveiros de insectos sanguinarios, que pelos desertos, de dia e de noite, mortificam aos viventes, ainda brutos, emfim me não horrorizaram os eminentes penedos e rochedos, pelos quaes, sem caminho, umas vezes a pé e outras descalço, eu pude atravessar . . .".

Os seus contradictores, porém, conseguiram, ao que parece, influir no animo do proprio Miranda Montenegro, que em deixando por essa mesma época o governo da capitania, não fez pelo Inventor o que, de principio, tão effusivamente promettêra.

Este, por sua vez, presa já de velhos incomodos, aggravados por uma queda que soffrêra á cata da quina, sobre as penedias da serra de Congonhas, deixou-se cahir no mais profundo retrahimento, a cuja sombra decorrem-lhe melancholicamente os ultimos annos da vida.

Por fim, num epilogo que é, ao mesmo passo, uma decepção e uma gloria, comparece, tempos depois, perante a sciencia a Quina cuiabana, e o que é mais, authenticada em legitima cinchona; servia-lhe, porém, de paranympho outro nome, o de Patricio Manso, o correspondente de Martius, que mais não terá feito, do

que baptizar scientificamente a mesma planta revelada pelo P^e Siqueira: é a *cinchona cuiabensis Manso*.

Não se enganára, pois, o sabio cuiabano, quando já desde 1802, em carta ao Capitão-General, previa para a sua descoberta, o mesmo caso immortalizado por Virgilio em seu celebre hemistichio: *Sic vos non vobis!*

O ESCRIPTOR E O HOMEM

Além desta importante Memoria sobre a Quina cuiabana, e das tres, que lhe valeram a admissão na Academia, escreveu o P^e Siqueira, que saiba eu, mais duas outras: a primeira "a respeito do descobrimento dos Martyrios" e a segunda, datada de 1802, "sobre a decadencia actual das tres Capitanias de Minas e meios de as reparar".

São, ao todo, seis Memorias, das quaes me foi dado conhecer apenas duas: a da Quina, que é um precioso manuscripto de 24 pgs. in 4^o, pertencente ao Archivo do Palacio do Governo do Estado, e a do roteiro para as minas dos Martyrios, que tambem pertenceu, em manuscripto, ao mesmo Archivo, donde, porém, o levou consigo Couto Magalhães, inserindo-o por "nimiamente curioso" em appendice ao seu livro: *Viagem ao Araguaya*.

Das tres Memorias anteriores á sua entrada para a Academia, só encontro noticia ministrada pelo proprio autor, no citado manuscripto sobre a Quina.

Quanto á Memcria sobre as tres capitancias de Minas, informa Sacramento Blake que della estiveram na Exposição de Historia de

1880, duas cópias: uma de 20 pags. in 4º, com uma estampa, e outra de 24 pags., com estampa em aquarella.

Não ha certamente buscar nos escriptos do Pº Siqueira a preocupação do estylo; mas a sua linguagem é simples e clara, primando na propriedade technica dos termos, como convinha aos assumptos que versou. Pode-se-lhe apontar um ou outro deslize; mas em compensação, sobeja-lhe a belleza natural de muitas expressões e, sobretudo, do torneio geral da phrase, que talvez corriqueira em seu tempo, resabe-nos hoje a não sei que sainete de classica elegancia.

São tambem estes escriptos as unicas fontes, onde inquirirmos do character do padre-mestre Siqueira.

Nem é facil, por certo, encontral-o, todo, em tão poucas paginas.

Dellas, entretanto, se deprehende a sua paixão pela sciencia, a sua dedicação aos estudos e o seu proprio espirito, que apesar de algum tanto susceptivel, se nos entremostra jovial, pratico, entusiasta e, o que mais importa, amantissimo da sua terra.

Afflora-lhe o affecto patriotico no amavel regionalismo de todos os seus trabalhos scientificos, sendo que a Memoria sobre a Quina elle a encerra, ao cabo de tantos disabores, com este voto commovido: "Queira o Céu, pois que de presente o vemos propicio, s e fomenta a industria nesta capitania, onde todos os conhecimentos necessarios estão no berço, e que se faça feliz aquella mesma Capitania, que desde a sua origem, tem sido tão desgraçada!"

Que pena lhe não causava o descaso dos cuiabanos de outr'ora, pelo estudo e pela sciencia! Pretendendo ensinar-lhes nas horas vagas, um pouco de Botanica, nada conseguiu, e desabafava-se na franqueza destes termos: "convidando (o Inventor) já um, já muitos dos seus patricios, sempre se lhe respondeu que se tem vivido muitos annos no Cuiabá sem Historia Natural, e alguns ainda mais se adeantaram, considerando ao Inventor maniaco, quando sahia a examinar productos da Natureza: ao mesmo tempo que os naturaes do Cuiabá são assás habilidosos, porém é tal a sua educação que os faz unicamente inclinados ao reino animal, *id est*, cavallos, gado, peixes e mulheres, e nestes exercicios consomem a sua mocidade".

E com tudo isto, com se vêr assim deslocado no proprio berço e incomprehendido pelos seus, podendo brilhar em outro meio, como acontecêra em Portugal, nunca, entretanto, resolveu-se o P^o Siqueira a abandonar a terra natal, mas a ella se aconchegou definitivamente, para lhe dormir no seio de mãe o derradeiro somno.

PERORAÇÃO

O' grande e extremoso filho da terra cuiabana! Resurge agora dessa fria tumba, onde mais do que a lousa mortuaria, pesaram sobre ti o esquecimento e o silencio dos teus queridos conterraneos!

Resurge nesta hora, aos esplendores da tua glorificação centenaria, envolto ainda nessa roupeta do padre-mestre, esfarrapada nas agru-

ras do sertão a serviço da sciencia, e retalhada pela inveja e pelo desprezo dos teus contemporaneos !

Resurge ! e attenta nesta geração de patricios, com que tu sonháras : vê como elles amam o estudo, como cultivam as sciencias e as lettras, como extremecem estes patrios cespedes, como transplantaram para elles, um como rebento mimoso daquella Academia, que fôra no além-mar, o enlevo do teu coração de sabio !

Resurge ! e mais uma vez contempla a linda flóra da Patria, onde as persicarias e as daphnes verdejam ainda pelos bosques, onde as folhas sempre verdes da quina assemelham-se ás do loureiro para coroar-te a fronte e onde os buritís esbeltos acenam-te ainda com as meigas palmas, num infindo gesto de adeuses e saudades !

E já agora podes repousar ! Mas lá do empyreo, onde te extasias na intuição dessa Belleza eterna, que entreviras aqui, por entre os sorrisos da natureza, sê hoje e por deante, o verdadeiro patrono dos intellectuaes da nossa terra, tu que foste entre nós, o patriarcha da sciencia, o vexillario dos nossos academicos, a primeira flôr da intellectualidade mattogrossense !



Ensaio sobre Camões

A época

Abriu-se o século XVI na agitação de tres correntes espirituais bem fortes e bem distinctas:— a Renascença, o Humanismo e a Reforma. Embora o êrro de se confundir as duas primeiras como um unico facto, elas se distinguem todavia, por aspectos especiais e se caracterizam por objectivos particulares, apesar de possuirem elementos em comum, com os quais se harmonizam e se irmanam em fundamentos análogos. Assim para bem precisar o sentido de cada uma, ha mister assinalar que a Renascença, na sua propria acepção é o surto espiritual para as ideias filosóficas da antiguidade clássica; ao passo que o Humanismo o é para a arte antiga. O homem da renascença é um homem de ideias, que se inspira em Platão e Aristóteles, em Séneca ou Lucrécio e por êles se orienta; o humanista é o escritor embebido em Homero e Vergilio, em Pindaro e Horacio, em Sofocles e Cicero. A renascença é um movimento de character moral ou metafisico, o humanismo é puramente estético. Ambos são fortes e saudaveis, e ambos contribuem igualmente para o surto renovador do seculo. Quanto, porém, á Reforma, esta sim, é tōda particular e diversíssima, com a sua preocupação exclusiva, com o seu algo de aggressivo e severo, de que pode Calvino constituir o lidimo protótipo.

Se os dois primeiros são como um regresso para a antiguidade, esta por sua vez se manifesta também como um recuo, porém para o cristianismo primitivo, e de resto, se aqueles eram exclusivamente intelectuais, esta se caracterizava pela intolerância religiosa, em cujo fundo latejavam raízes político - sociais. E para melhor timbrar tal diversidade, baste-nos assinalar que a Renascença e o Humanismo são forças paralelas que se fraternizam, buscando, uma a perfeição moral, e outra a perfeição artística, realizadas pelo génio helénico; e ao revés, a Reforma lhes é visceralmente oposta, considerando-as mesmo como perigosas inimigas. Tal é, em linhas gerais, o espírito do século que viu nascer Luis de Camões.

Incumbe-nos porém, aos que lhe estudamos a individualidade moral e literaria, examinar as cousas com mais miudeza, abandonando a perspectiva geral do tempo, que pode levar á erros graves, e observar mais de perto o quadro, restringindo as vistas unicamente para o ambiente historico e social, em que se formou e floresceu o espirito do soberano poeta. Cumpre-nos assim de começo estabelecer que sobre o Portugal do século XVI não actuou o espirito da renascença na acepção restricta que lhe acabamos de dar. Actuou entretanto fundamentalmente o humanismo, descortinando-lhe os seus amplos horizontes de Beleza antiga, e inspirando-lhe as fecundas lições de hármonia e sobriedade.

A Reforma também influiu, mas influiu pelo avesso isto é, despertando natural reacção religiosa do povo, e politica dos que viam claro.

Estou longe de pretender que a literatura portuguesa do tempo se haja de todo em todo eximido do influxo inevitavel e bom dos filósofos gregos, mormente da metafisica finalistica de Platão e da profunda moral aristotélica, mas tudo isso através do prisma

da escolastica, o que vale dizer não houve um impulso notavel, porém mero reflexo.

Aí estava a intensa fê catolica e o secular ascetismo religioso do seu povo, para impedir que lavrassem raizes no espirito lusitano as concepções filosóficas da Grecia livre e pagã. O que tudo nos patenteia o caracter particular do renascimento portugûês.

Camões appareceu no periodo aureo da sociedade portuguesa. O reino pompeava em pleno apogeu de glorias politicas, de prosperidade comercial e de acicalada cultura artistica e scientifica. As humanidades culminavam com todo o brilho, cultivadas não só nos conventos e academias mas até no paço real, por parte de senhoras illustres que se reuniam em torneios literarios, onde muitas vezes a lingua usada era o latim e o grego. Nem era isto uma explosão momentânea do século.

A evolução se operara normal. Já foi cabalmente demonstrado que a idade media não representa um intervalo de torpor e barbárie, uma síncope da mentalidade humana. Muito ao envés, significa uma elaboração latente de valores e de fórmulas, que despontam no final do século XV, propiciadas por circunstâncias várias de ordem moral e material. Em Portugal o facto é ainda mais frisante, podendo-se dizer que a sua literatura medieval è a crisálida, de que rompe o quinhentismo, como uma borboleta alada e viva.

A vida

Nasceu Camões em Lisboa no anno de 1524. Data foi esta, que por muito tempo quedou incerta e controversa, até que em 1643 foi dado a Manoel de Faria e Sousa descobrir, no cartorio da casa da India, um documento seguro, vindo aplacar a poeira das duvidas e dissensões e notabilizando-se pela firmeza com

que deu luz á questão e vale per isso, no dizer do visconde de Juromenha, como uma certidão de batismo.

E' um simples assento, passado em 1550, quando se dirigia o poeta para a India, donde se lhe deduz, com tôda a segurança cronologica, o ano natalicio.

Estudou as primeiras letras sob os auspicios de seu tio D. Bento de Camões, Primeiro Geral da Ordem de Santa Cruz, do qual recebeu sólidos e sadios preceitos catolicos, chegando mesmo a iniciar-se nas transcendentales esferas da teologia, ensinamentos que deveriam ter-lhe penetrado fundamente o ânimo, concorrendo para a formação não só de sua individualidade moral, senão também literária. Voejam-lhe por então certas veleidades de meter-se frade, numa ardência mística, avivada quiçá pelos conselhos dos filhos de S. Domingos, com que privou mão por mão desde a primeira infancia. Mas a alma do muchacho era de fogo, e se podia, por isso, abrasar-se em estos de amor divino, sendo ardente como a chama, também, como a chama era assaz inconstante para se concretizar e cristalizar numa forma definida e tranquila.

Impossivel lhe seria reportar-se no burel espesso e na serena contemplação da vida monástica.

Inquieto e curioso, guiou-se para a Universidade de Coimbra, a professar estudos mais vastos. Aqui pôde, versando o latim e o grego, densedentar a intelligencia na meditação dos exemplares do aticismo, até á culminancia da cultura humanistica perfeita que logrou atingir.

Para isto estava aparelhado o meio intelectual, como acabamos de ver.

Já a este tempo, ainda na primeira flor da juventude, preludia-se-lhe a amargurada odisseia amorosa.

Conta-nos Júlio Lemaître, em paginas magnificas de graça e singeleza, a inquietude passional dos primeiros anos da mocidade de Racine, uma lépida inquie-

tude, por vezes graciosa, filha da sensibilidade gaulesa do autor de Andromaca. Lendo-as, veio-me uma singular impressão de contraste com os primeiros anseios de Camões amoroso. O que em Racine encerra certo encanto, certa doçura íntima, em o nosso poeta é origem de tormentos. Para êste terão sido torturantes os primeiros afloramentos da sensibilidade afectiva, agravados pela imaginação que lhe fazia desabrochar o coração em paixões dolorosas e agudas. Aparece-lhe a primeira visão de mulher amada em Isabel, que na quadra fagueira de menina e moça, não sabe compreendê-lo e em pouco o magôa com o humilhante desdém de namorada.

Breve tempo permanece em Coimbra, e uma pequena rixa travada na rua é motivo a o fazer deportado para Lisboa, onde, entretanto, consegue transpor os umbrais palacianos de D. João II e onde conhece D. Violante, condessa de Linhares, a quem se prende por vagas scintillas de amor, scintillas fugaces que logo se apagam.

Segue-se-lhes uma rápida e vaga paixão por D. Francisca de Aragão

Assim ia o poeta, na ardência louca de eterno apaixonado, em anseios e desalentos, em entressonhos e ásperos desenganos, levando a alma como um fogo fátuo, que *em varias flamas variamente ardia*.

Mas o ponto culminante da sua vida amorosa, a grande paixão que deveria pungir-lhe fundamentalmente o coração não era ainda nenhuma destas.

A mulher que o fez sofrer desesperadamente foi Catarina de Ataíde. E' Natércia, nome eternamente ligado ao nome de Camões. O começo desta grande paixão foi um remanso na sua vida tormentosa, que em doce preludio de venturas se-lhe abria como um sorriso promissor. A fortuna, entretanto, lhe era adversa. Não

tardam a investir contra êle as traficancias mesquinhas dos cortesãos de D. Manuel, que ferido alias pela sá-tira incisiva do *Auto de El-rei Seleuco*, move-lhe perseguições, obrigando o poeta a se refugiar no Ribatejo.

Começa neste ponto a ensombrar-se o horizonte da sua existencia. Entram a amargar-lhe os dias, no tremendo martirio de um amor perdido, os reveses e as maguas que iriam atossiga-lo até á hora derradeira. Após breve homizio no Ribatejo, torna a Lisboa, donde parte como soldado, num exilio voluntario, para á Africa, buscando contrapor á dor de apaixonado as agruras das tormentas e do desconforto nas regiões africanas, *que grandes maguas podem curar maguas*.

Pouco tempo passado, ei-lo novamente de retorno ao "ninho seu paterno." Mas a patria que a todos promete sempre gasalhosa alegria e repouso, esperou-o com amargas desilusões e mesquinhas.

Andava o poeta pelos seus 26 anos.

O grande amoroso vinha mutilado e feio, trazia uma pala negra sobre o olho direito, perdido que fora num recontro sangrento com os corsarios do Mediterrâneo.

Morta Natércia e desvanecido todo o antigo amor, surge-lhe numa paixão de fogo e delirio, a figura de D. Maria, infanta de Portugal. Amando-a, o poeta chega quasi á loucura. Se amara a Natércia com a espiritualidade de poeta, a D. Maria amou e desejou com o fervor de homem.

Mas o seu ánimo violento veio mais uma vez matar-lhe o amor infeliz. Em uma procissão de "Corpus-Christi", êle, para defender dois amigos, fere a Gonçalo Borges.

Faltava-lhe ainda sofrer e muito. E' posto no tronco, donde, após um ano consegue ser perdoado por el-rei. E' então que a alma do poeta se satura de dores. Já não era o garção ardoroso e sonhador de antes. Espedaçadas as esperanças do coração, desenganado do

acolhimento na patria, engolfado na lama dos vexames e das penurias, a alma fraquejara, mais que isto, sucumbira exausta, ansiando, na falta da morte, um remanso onde afogase a sua grande miseria.

Acena-lhe o Oriente como um delirio, como um sonho fantastico em que pudesse esquecer a realidade terrivel.

Segue para Goa e depois para a India. Aqui é que êle consegue dar mate a todo seu ardente e desordenado temperamento amoroso. Morrera-lhe no espirito a-quele neo-platonismo petrarquista que o fizera arder em êxtase de adoração apaixonada, e rebenta-lhe do sangue, em cachões violentos, a volúpia e o desejo.

Foi neste exilio agitado que êle compôs *Os Lusíadas*, escrito aos pedaços, entre as rajadas da ventania, sobre os embates das ondas procelosas, ao rijo tinir de montantes e lanças, ou ao ribombar das fortalezas, e molhado pelas lagrimas ardentes do desespero.

Dir-se-ia que, celebrando as glorias da patria, nascera-lhe a nostalgia, pondo então todo o seu empenho em tornar ao Portugal querido, após 16 anos de ausencia.

Mas Portugal, tambem como o seu pobre filho, agonizava num letargo de decadencia politica, de desordens internas, de pestes e cataclismos.

Chegou alquebrado, quasi morto, vivendo somente na conposição e remate do seu poema—ultima esperanca que ainda lhe sobrava. Publica-o em 1572. Mas de par com a gloria que se lhe entre-sorriu nesse momento, vêm-lhe não poucos dissabores e profundos.

Desde então começa a morrer, até o dia supremo de 10 de Junho de 1580, em que sucumbiu.

O carácter

Cada um de nós traz sempre em si mais de um individualidade, uns com maior, outros com menor com-

plexidade. De Camões estou em afirmar que parece possuir dois caracteres: um inquieto e aventureiro, impulsivo, e fogoso, cheio da ansia febril de viver em torneios e batalhas e de fruir prazeres terrenos, dando-nos a impressão de um caminheiro perdido no deserto a procurar sedento um oasis onde se mitigue; o outro, quasi a antítese do primeiro, se manifesta por um acendrado idealismo, ou antes misticismo, talvez com raizes no ancestro, accentuando-se, nos seus derradeiros annos, por uma tendencia á vida contemplativa, no mosteiro de S. Domingos.

Tal é a impressão que nos deixa o exame psicologico da sua vida e das suas poesias, coisas aliás substancialmente idénticas. Este dobre aspecto da sua fisionomia moral explica-lhe os lances mais decisivos e dolorosos da amargurada existencia.

Mas o curioso é que dessa mesma duplicidade brota a fonte dos seus tormentos interiores. Gera-se um desequilibrio entre o espirito e o coração, espirito que vê e cria um mundo ideal na fantasia, e coração estuante que lateja, em assomos cegos de paixões terrenas e desordenadas. E' um encontro sutil de elementos psicquicos, ressumbrando a miude das suas liricas, em versos torturados, como por exemplo, os da canção XI:

Ah vãs memorias! onde me levais
O débil coração, que ainda não posso
Domar bem este vão desejo vosso?
Não mais, Canção, não mais, que irei falando,
Sem o sentir, mil anos . . .

Não se veja entretanto em tal facto o motivo de sua incompatibilidade com o meio em que viveu. Todo o genio ou mesmo todo o homem de pensamento é sempre incombinavel com o seu tempo. Infelizmente a organização social não permite a expansão serena das in-

teligencias superiores, que se formam e desenvolvem em luta com ela, e a despeito dela.

A razão dos seus sofrimentos exteriores, perseguições, misérias, vexames, está no facto de ser êle um poeta e grande poeta e não na feição singular do seu psiquismo. O que se deve porém notar é que esse contraste com o meio, no caso de Camões assumiu cores vivas de tragédia em consequencia da sua indole viclenta de brigão e apaixonado. Mas o contraste sempre existe, e quando o intellectual é um temperamento estoico e sereno, nasce o scepticismo ou a revolta e teremos então Machado de Assis ou Stendhal, Larra ou Luciano.

Tal era, se me permitem dizê-lo, o homem interior, tais eram os intimos refolhos daquele espirito sofredor.

No mais, os seus traços morais se resolvem em uma extrema sensibilidade, aguda e viva.

Ânimo desabusado e ardente, sacrificava preconceitos, conveniencias e a propria vida a uma perpétua paixão que lhe era mais uma necessidade da alma, do que mera circumstancia amorosa.

Dom Quixote vivo e perfeito, o amor para êle estava irmanado ás proezas e ás aventuras:—amor cavaleiroso da Media-idade. Ai reside porventura a mais torte razão dos torementos reveses que correrá. E em meio a tantos desenganos, materiais e morais, o pobre poeta, sentindo que o mundo lhe era avaro em sorrisos e afaços, punge-lhe intenso desêjo de conquistar a felicidade esquiva, na mais dolorosa tragédia interior. Donde, êste formidável contraste na sua vida: não houve homem tão sonhador, que tanto idealizasse a vida, imaginando-a cheia de venturas num porvir delicioso; para quem, entretanto, a vida se fizesse desilusão e amargor constantes, ensopada no fel das angustias e da miséria. Todavia o seu coração, nunca cessou de buscar uma parcela mesquinha de contentamento, porque, como o Edipo de

Sófocles, se pedia pouco e lhe davam menos ainda do que pedia, êsse pouco lhe bastava: desesperado do amor das damas da côrte, contentara-se com o de uma pobre escrava, nas terras de Africa.

De ver está que, no meio dêsse torvelim de desejos e anelos, nunca lhe fraquejou a fé, nunca lhe faltou aquella consoladora resignação religiosa, traço inviscerado no seu psiquismo.

O poeta

Antes de Camões, Portugal possuia uma literatura, rica em generos definidos e em brilho e fôrça de expressão. A poesia florescera viva na alma lirica portugueza, representada então—para só citar os maiores—pelo rigor da técnica e pela profundez filosofica de Sà de Miranda; pelo subjectivismo elegiaco e sobrio de Antonio Ferreira; pelo lirismo doloroso e apaixonado de Bernardim Ribeiro e Cristovam Falcão. Mas tôdas essas feições poéticas, ainda o seu tanto vagas, rompem fortes e pujantes no estro de Camões, que, como génio, é a floração viva da mentalidade do seu povo. Sentimentos patrioticos e sentimentos universais, factos da historia portugueza e motivos filosòficos ou religiosos, uma lingua perfeita e uma arte apurada, tudo havia sido tocado pelos seus predecessores, mas êle os retoma e imprime-lhes o alento da sua formidável individualidade, vertendo em fórmulas imortais de fôrça e beleza a sua profunda visão da vida, fecundada nas tormentas interiores do espirito e nas lutas externas com a aspereza brutesca dos homens.

Antes dos *Lusiadas*, a sua alma de artista se abre em sonetos, em canções, em elegias, em éclogas, redondilhas, ódes e oitavas, além de tres comédias, *Anfitriões*, *Auto del-rei Seleuco* e *Filodemo*.

O amor é a nota constante nas suas líricas, nota numamente pessoal que as torna verdadeira expressão poética dos seus estados de espírito ou mais que isto, confissões sinceras da sua vida e da sua alma, nota que transparece, embora mais objectivada, no seu imortal poema.

Não se lhe expande a poesia em queixumes quêrulos e contrafeitos. São gritos arrancados pela grandeza da dor, é uma explosão incontida de sofrimentos e desesperos, que dir-se-ia romper, num jacto doloroso, com a fúria inconsciente das forças da natureza. Parece-nos, ao lê-lo, que é o coração somente que canta ou geme, isento de nenhuma intervenção do espírito. Daqui essa admirável unidade dos seus versos. É explicável o facto. Operando identicos elementos psiquicos, irmanados e associados numa constante actuação moral, brotam-lhe os sentimentos com espantosa profundidade e espontaneidade, em matizes quasi uniformes. Mas esta ausencia de cambiantes se lhe dissimula no admirável talento artistico, avivado pela imaginação que, se não é rica, é todavia brilhante e viva, e em brilho e viveza ninguem lhe excede em nenhuma literatura.

Analisai-o, e sentireis que lhe não falta a expressão poetica, antes lhe sobeja e lhe ferve no espírito como fonte inexaurível. Ai está um ponto sutil da sua arte, cujas raizes se derivam da faculdade predominante do seu carácter e do seu estro:—a sensibilidade. E a sensibilidade não é, como superficialmente se supõe, uma faculdade passiva da alma, não é mera receptividade natural de impressões externas, senão que representa uma força do sentimento, grande e fecunda força, uma penetração aguda das cousas pelo coração, como a intelligência o é pelo espírito. Esta faculdade lhe é imanente e quasi direi imutável. A sua personalidade, como a de todos nós, modifica-se. Porém a dele é um Proteu singular, cambiando de formas e de aspectos, numa transformação

mais aparente que real e conservando inalteravel e forte a primitiva essencia: a sentimentalidade dolorosa e veemente. O Camões que escreveu o seu primeiro soneto é o mesmo que cantou a última página dos *Lusiadas*.

A sensibilidade, que em um espirito sereno como o de Lamartine gera o idealismo e em um scéptico gera o *humour*, como em Sterne, na alma heroica eminentemente sonhadora de Camões gerou a epopeia. Sim, aqui vejo se não as razões mais complexas de ordem etnológica, ao menos a razão pessoal da epopeia camoniana.

Porque é necessaria aquella audácia juvenil aquelle ardor ingénuo de emoção e espontaneidade para dar vida ao poema épico; e êste, se na verdade é uma concepção objectiva, precisa, contudo, de ter fundas raizes na individualidade do poeta, e só uma individualidade potente pode fecundar a sua criação.

E foi do contraste chocante dessa individualidade com o meio, que lhe germinou a epopeia. Camões não é um homem do seu tempo, e isto, que se poderia afirmar de muitos escritores, para o poeta épico tem a fôrça de um axioma. Porque a epopeia é feita do sentimento, ou melhor, da saudade do passada remoto, saudade que é amor e é intuição, fazendo no espirito do poeta estuar e cantar tôda a soberana grandeza, tôda a poesia, todo o fascinante colorido das lendas e dos factos que palpitam no seu poema.

Camões é a expressão pessoal da alma guerreira e heroica da idade-média, embebida nas ideias do cristianismo, alma cheia de arroubos misticos e amorosos e talhada para viver em pelejas sangrentas e em torneios gloriosos, amando e crendo, combatendo e sonhando.

Gonçalo Mendes da Maia, Lourenço Viegas, Mem Muniz, Atonso Henriques, Gonçalo da Silveira, dom Suiro e S. Tomé são figuras que lhe vivem na memoria como exemplares de acção e como objecto de preito religioso; são mártires

Que trocaram finita e humana vida
Por divina, infinita e clara fama

e são guerreiros que

Se fazem conhecer perpetuamente,
Em desafios, justas e torneos
Neles deixando publicos trofeos

Mas a realidade foi-lhe uma decepção, porque não permitiu a realização daquelas aspirações ancestrais, mostrando-lhe, ao revés, traficancias, ambições e recontros á socapa. E o pobre poeta, privado de renovar o espirito e os feitos do passado, fez-se cantor deles.

Operou-se, como diria Rodó, o passo de uma vocação para outra; a acção volveu-se em contemplação, por um «trueque de actividades que viene como por desenvolvimiento natural, y en que la nueva vocación parece que nace de las entrañas de la otra, o que maneja y beneficia riquezas que esta ha acumulado».

Eis o germe fecundo dos *Lusiadas*, eis porque o grande poema è a voz potente da alma de Portugal. Nas suas estancias vibram os anseios dolorosos dos oito seculos da peninsula oprimida; ressoam os ecos das batalhas, no estrupido dos golpes de montante; troa o retumbo formidando das procelas; palpita a alma sonhadora da sua raça; canta a virtude heroica dos martires da cristandade; pulsam os arroubos utopistas dos navegadores de Sagres; ressumbra a pureza mistica de Nunálvares e a homerica lealdade de Egas Moniz; e lateja o desvario amoroso de D. Fernando,— tudo simbolizado, tudo humanado e revivo na alma imensa e profunda de Luis de Camões.

Sendo *Os Lusiadas*, em essencia, o poema da Patria e da Humanidade, é ainda visceralmente o proprio espirito e o coração do seu autor, porque, se nele é cele-

brado o patriotismo dos portugueses, a gloria de Portugal, a fé religiosa, a honra, a bravura, aquela ansia de novos mundos e «segredos escondidos», e aquele encanto misterioso do «mar profundo», sentimentos são estes elaborados, sentidos e vividos nas fundeiras de sua personalidade, onde se fazem poesia. E que é a poesia, senão o afloramento de um germe intelectual ou moral, nascido no coração do poeta, e que aí se fecunda pelo sofrimento ou pela observação? E' êste elemento primario que germina desponta, cresce e se abre em estrofes e rimas, em imagens e ritmos, tal como a arvore a se esgalhar em ramos e folhas, e no vário matiz de flores e de frutos.

Daí êsse cunho de humano e eterno que palpita nos versos de Camões, versos que são a um tempo sangue e bronze; como o sangue, latejantes de vida e emoção e como o bronze, imperecedouros e portentosos; versos de volúpia e de espiritualidade, de sofrimento e de ideal, que viverão como a personalidade mesma do poeta, porque o poeta viveu neles, envasou-lhes todo o alento do seu coração, afagou-os como a um consôlo nas horas de desalento, chorou neles a sua suprema dor a sua amarga miséria, bafejou-lhes todo o vigor do seu genio, toda a substancia do seu corpo; e porque Camões, sofrendo e amando, fez do seu amor desditoso e do seu sofrimento incomensurável uma perfeita criação de Beleza, e o encanto e a gloria da sua Terra e da Humanidade. *Qu'est-ce que le génie, sinon l'art de charmer la souffrance?* — escreveu o meu querido pensador do *Jardim de Epicuro*

Cesário Neto

Páginas contemporaneas

SYMPHONIA DA ALMA

(*Franklin Cassiano*)

Ha na literatura brasileira, mavioso poeta que tangeu todas as cordas chromaticas do sentimento, em linguagem simples, por veses trivial, sendo por este predicado amado, e conhecido em todas as direcções em em que espelha o sorriso de luz do azulado ceu brasileiro, Casimiro de Abreu ; e nos tempos de agora, Cattullo Cearense é glorificado um dos maiores poetas da lingua portuguesa, com os seus versos simples derramado da doçura da alma sertaneja.

O rithmo do verso e a forma que é a alma pictural do pensamento, sendo uma consequencia da intensidade do sentimento, de uma lei physiologica— lá loi de la contagion sympathique— como opina Guyau, á critica não assiste o direito de increpar este ou aquelle autor, sem preliminarmente, perscrutar-lhe a formação espiritual e as condições decorrentes da mesologia em que elle actua.

O escriptor não é mais do que o producto de factores historicos de uma collectividade, incarnando-lhe as vicissitudes das aspirações do momento, podendo-se fulminar de esporadicos os individuos que, por uma bizzarria espiritual procurassem formulas superiores á evolução mental nacional, como se dera com Fausto de Goette,

O typo brasileiro, por uma resultante do meio e da raça, é mais dominado pelo sentimento do que pela intelligencia ;— fala-nos profundamente o lyrismo, em toda a sua emotividade, deixando-nos indifferentes as mais bellas e interessantes especulações philosophicas.

E assim se justifica porque Casimiro de Abreu, medullarmente, um reservatorio de sentimentos extravasados em versos singelos que resvalam á raia do trivialissimo, radicou-se no coração brasileiro; e Castro Alves exalçado, quando abre a sua alma na pujança do ardor lyrico em que harmonisa os fremitos do coração com a graça natural da expressão, e como poeta social, só uma parte muito reduzida da intellectualidade, rende-lhe o preito que merece como um dos mais representativos typo da nossa mentalidade.

Como lyrico, o poeta das Espumas Fluctuantes deixando os voos altaneiros que communmente paira, desceu á psychologia da nacionalidade, transfundindo a alma do poeta n'alma do povo, ajustando o conceito de Xavier Marques de que a "expressão de uma obra é relativa á sensibilidade e a intelligencia do leitor."

Levado por estas considerações preambulares, somos irresistivelmente compellidos a affirmar que Franklin Cassiano, pelo lyrismo que lhe é espontaneo, rithmado em linguagem em que a frandescencia da forma não esgalla, co-irmã da de Casimiro, deve ser o mais accete pela media do nosso publico.

As suas poesias, mesmo as que cristalizam as mais fortes vibrações do sentimento, o fervor arrebatado de uma crença ou de ardor chammejante de uma paixão, são modulados nessa linguagem, sem os tons carregados de picturação, mas sufficiente para espiritualisar os motivos suggeridos.

HORAS TRISTES

Noite. A lua no ceo já desmaiava
Beijando triste a terra enamorada
Pela amplidão azul só suspirava
Carne de amor na brisa perfumada

Lygia sosinha, pallida, velava
Pensando em seu amante contristado
E por elle que longe della estava
Em pranto soluçava apaixonada.

Como era linda ve-la assim chorando
Em sua face as lagrimas rolando
Eram gotas de limpido brilhante

Chorava...E com o dedo seu rosado,
Ella traçava em lagrimas molhado
O nome amado do saudoso amante.

E' indiscutivel a afinidade espiritual de Franklin Cassiano com Casemiro de Abreu. Para identifica-los bastaria ao poeta mattogrossense o exilio que lhe despertaria a corda sensivel da saudade; no mais, todo o revoar de esperanças; toda a tinta de accentuada melancolia e todas as desillusões que alanceavam o vate das "Primaveras" são notas predominantemente nos versos do poeta conterraneo.

DESILLUSÃO

Era no doce tempo de chimera
Era o tempo risonho dos amores
Em que no campo o repontar de flores
Annuncia o sorrir da primavera

So erguia a saia com gentil candura
Corria Elvira a muchucar graciosa
Com seus pesinhos de ideal alvura
Tenras florinhas da campina airosa

Chegou-se a mim que acontenpla-la estava
 Diz-me poeta que sorri de escolhos
 (Que meiga voz meu Deus que me fallava?
 Diz-me que vês neste meus negros olhos?)

—Vejo querida, o Deus terno dos amores
 Com flexas de ouro, arcos brillantes
 Que entre a luz de teus olhos fascinantes
 Lança-me settas de ferinas dores

Disse. Enganei-me querida hoje eu vejo
 Que em teus olhos de tanta seducção
 Só existe meu Deus, o frio beijo,
 O beijo frio e vil da ingratição!....

“Teus olhos” é interessante poesia em que se nota a mesma ondulação rythmica dos versos Poesia e Amor de Casemiro:

São duas casinhas
 Dos anjos do amor
 Se fossem só ninhos
 Quem dera mea flor

São gottas de auroras
 São luz de arrebol
 São musas sonoras
 São filhas do sol!

São meigos, divino
 Teus olhos mimosos
 Despertam mil hymnos
 Teus olhos formosos!...

Foram estes os primeiros cantos do poeta sonhos da mocidade risonha e enamorada de fagueiro lyrismo

Ao depois, sem grande transição da forma, Franklin Cassiano soffreu apreciavel evolução no pensamento, revelando leitura mais detida, de meditação infiltrando as suas poesias de leve amargor de scepticismo-

.

A vida? um negro sonho prolongado
 De dores, incerteza todo inçado
 Tudo que é máu e vil em si contem...

Tudo illusão, loucura, em nada creio...
 --E Deus? Mystério... Amor— um devaneio...
 A morte é a perfeição—unico bem.

O pensamento poetico, a obra de ficção pode ser considerada a expressão de um sentimento sincero, realmente vivido ou a manifestação de um sentimento puramente ideologico.

Mas até que ponto pode a critica julgar a realidade sentida de um auctor? O pensamento do individuo é producto das multiplas contingencias da vida, resultando desta proposição que a idealidade de Deus, da finalidade humana é considerada pelos valores intellectuaes debaixo das circumstancias que os propellem.

A illusão é um desvio de optica mental. Deus Amor, teem sido objectos de todas as illusões intellectuaes.

Para o Franklin, no seu estado de evolução espiritual, Deus é mysterio; Amor um devaneio; A morte é a perfeição—unico bem. Se o cantor attentasse religiosamente as vozes interiores do espirito e do coração, talvez concordasse em admittir essa alma que vibra em tudo e se resume, na harmonia do som, na cor e no perfume, como revelação de Deus differindo apenas em grau de manifestação." Elle vive no interi-

or de cada coisa creada, porque é a vida, a sempre renovadora, recreadora e super-constructiva causa della.”

Pouco se nos dá, como a R. W. Trine que se lhe chamem de Bondade, Luz, Providencia, Ser Supremo, Omnipotencia ou cousa que a valha. A morte não pode ser a perfeição ; o nirvanismo de poeta nos induziria a quietação, ao estagio na evolução das coisas.

A perfeição é o equilibrio do ccnjuncto.

No homem seria o equilibrio das forças do vida material com ás que constituem a idealidade da perfeição espiritual.

E o poeta sentiu a revelação de que a morte não é mais do que um transfiguração, na mudança do estado, transformação de forças...

E (quem sabe)“talvez pobre nuvem seja
Um sonho uma illusão que pelo ceu adeja...
Na incontida avidez da perfeição suprema.

Ainda temos a caracterizar na poesia de Franklin Cassiano, a inspiração delicada, do sentimento intimo do lar e o da nota civica despertada em cantos patrioticos.

Minha bella companheira a vida,
E' tão bôa assim com a gosamos
Quem em senti a etapa já vencida
Desde seis annos que fez que nós casamos.

A minha imagem eu vejo refletida
Na luz do teu olhar —pois bem trocamos...
Pois é a tua vida a minha vida
E nem se pode amar mais do que amamos!...

O nosso lar não tem feraz grandeza
E' tão commum e firme na belleza
Sem as pompas vaidosas, falsos brilhos!

E' um ninho do amor e de meiguice
Onde revemos nossa meninice
Nos brinquedos gentil de nossos filhos!...

21 de Abril

Na bella Lampadosa a tropa portuguesa
Garbosa em pelotão, já estava então formada,
E no centro da Praça, horrivel com dureza
O emblema do Poder—a força, estava armada...

Rolavam pelo ceu, as nuvens com tristeza...
A turba inconsciente alli estacionada
D'um heroe esperava a morte com trieza,..
Soavam os clarins. A hora era chegada!...

O povo attento olhava o funebre cortejo...
A' Patria agradecida um derradeiro beijo
Mandava o grande heroe, valente entre os valentes

Calaram-se os clarins e os rufos de tambores...
E assim foi que morreu das glorias aos fulgores
O martyr vanoril— o augusto Tiradentes!...

Arte sem defeito não existe; a critica de esmiuçar
nonadas já decaiu; o espirito é ancioso do bello; o
que o desagrada é relegado olvido. Se azafama da vida
pratica não absorvesse a actividade de Franklin Cas-
siano, furtando-lhes as melhores horas de inspirações,
que deleites não nos concederia o seu talento viço e
primoroso?

Alcindo de Camargo

Paginas esquecidas

Ausencia

Si é triste ver-se a flôr que na planicie
Ergue-se á luz do sol, vivida e bella,
No cálice oscillar, pender sem vida,
Ao sopro impiedoso da procella;

Si é triste ver-se solitaria estrella
Sepultar-se nas dobras do infinito,
-- Imagem de uma fúlgida esperança
Que se apaga no peito do proscripto;

Si é triste ver-se timida avesinha
Que na selva modúla hymnos de amor
Subito emmudecer-se, si do ramo
Tombar fal-a o ferino caçador;

Mais triste é ver-se ausentar um ente
Que na noite sombria do existir,
E' a estrella que o viajor fascina,
E de rósas esmalta-lhe o porvir.

Mais triste é ver-se que illusões doiradas
Cresta, n'um dia, a atroz realidade;
E que ao misero resta acerba angustia
Nos páramos incultos da saudade.

Assim, si ella partir, nas fibras d'alma
Sentirei que a tristeza me consóme...
E ao meu rude cantar, na pobre lyra,
Hei de sempre enlaçar seu doce nóme.

E pedirei á brisa que conduza
Em suas azas a sentida endeixa...
Ao sitio onde a estiver minha amada,
E um ósculo lhe poise na madeixa.

A' lúa pedirei um tibio raio
Que foi banhar-lhe a face setinósa,
A' estrella solitaria—de seus olhos
A luz celeste, doce, carinhósa...

A' gentil andorinha que percórre
Essas cérulas solidões sem fim,
Que adejar vá kem junto da janella
Onde a vir á pensar... talvez em mim!

Talvez que n'essa scisma languorósa
Uma lagrima orvalhe os olhos seus...
Ao tombar-se—saudosa—do passado,
Relendo os merencorios versos meus,

E a brisa que agitar do bosque as folhas
ha de levar á scismadora flôr
O—adeus —que seu pallido poeta
Envia-lhe n'um cantico de amôr.

Cuiaba; 16 de Fevereiro de 1888

José Thomaz



Páginas dos novos

ATRAVES DA VIDA

A Alcindo de Camargo

Numa tarde de estio, clara, bella, perfumada, oramos os doistu e eu...

Tu, pallida, formosa, emocionada, envolta em teu manto vaporoso de gaze e seda...

Eu, grave e feliz, o pensamento absorto em reflexões...

Já os deradeiros raios de um sól muito vermelho despediram-se da terra...

Um lindo collar de fogo eram as luzes que accendiam num gesto repentino!

Da velha igreja, os sinos tangiam numa tristeza, numa saudade do dia que expirava com as sombras da noite...

Do céu as estrellas no seu olhar silente, magico e tristonho tinham talvez desejos de tombar sobre a terra...

E a lua branca, muito branca já apparecia no seu andar moroso, a intrometter-se, preguiçosa e lenta pelo paiz das nuvens cinzentas...

Era a noite feliz, a noite da nossa vida...

Saimos estrada fóra... Mas a estrada era longa longa, demais...

Caminhamos sós a olhar aqui, acolá o que mais havia na vida das cousas.

Um gallo somnolento, cantou triste, saudoso, annunciando a aurora... E a aurora veio, bella, vermelha, radiosa...

Olhamol-a.. Sorvemos com o seu bafejo, com o bafejo dessa manhã de sol, um louco desejo de viver, de lutar, de sermos felizes...

Depois o dia veio; com elle o sól trouxe-nos a eterna luz do seu olhar... a sua sagrada luz, a nos animar de vida.

Nóvos momentos, novas e continuas surpresas a nos encantar pelo caminho...

Olhamos a tudo com espanto, e com alegria sorriamos a tudo...

Alguns, algumas nos olhavam, nos apertavam as mãos; de uns, gostamos outros detestamos...

O Sól subia mais e mais e o Dia caminhava apressado...

Era quasi o fim do Dia; era quasi o fim da estrada...

Afinal chegamos... A estrada acabava num desvão da floresta negra, espessa onde estamos quasi a penetrar.

Estavas extenuada, e extenuado eu tinha o corpo e alma.

Olhei-te; tinhas rugas no rosto, e uns fios brancos já tingiam teus negros cabellos.

Olhaste-me; em voz lenta disseste-me:— estás tão diferente...

Tinhamos envelhecido...

Depois, pausadamente perguntaste-me:— Caminhámos tanto... Que estrada é esta, tão alegre, tão triste que vai se acabando...

E eu respondi-lhe com voz de doçura:—

— A estrada da Vida!...

Cuiabá, 29—11—25.

J. Mario

(Do "Gremio Castro Alves")

VENEZA IDEAL

*Contemplo o espelho azul da mobil correnteza
Do rio que o luar vae broslando de prata
E uma saudade immensa a minh'alma arrebatada
Aos canaes que sonhei relumbrando em Veneza.*

*Começo a idealizar formosa serenata
Numa gondola de oiro e cambiantes accesa...
Escuto a trepidar, em tranquilla repreza,
O remo que um collar de borbulhas desata.*

*Nas aguas, ha um jardim de estrellas que fluctua.
Sou um doge tristonho e que ao clarão da lua,
Vibro a gutarra e canto uma ballada ardente.*

*Desdemonia, ao balcão, os meus labios implora...
Mas, a illusão se esgarça e só diviso agora
— O meu sonho que vae na espuma da torrente....*

Cuyabá, 16—3—1925

Martins de Oliveira
(Do "Gremio Castro Alves")

Anna Mamuda

O passado luminoso de feitos immortaes, é constantemente pontilhado por scenas que, pelas suas proporções, se elevam acima do nivel commum, com o esplendor de um symbolo e o beneficio de um exemplo.

Quando nos detemos por alguns instantes a pesquisar as passagens immorredouras e altamente patrioticas da vida portugueza, eis que nos surge, aureolada por uma faixa um tanto lendaria, a figura de Brites de Almeida—uma mulher, que com a antonomasia de A Paideira de Aljubarrota, luctou como poucos, dando cabo, de uma feita, a sete valentes soldados.

Em Portugal ella é uma heroína!

Mas, sem sahirnos de nossa terra, do nosso carissimo Matto-Grosso, onde tudo é grande desde o seu territorio pomposo e luxuriante, até o coração magnanimo de seus filhos, mesmo nesta parte do territorio brasileiro, um exemplo fortissimo de patriotismo se ergue transparecendo por entre a poeira de ouro da epopea mattogrossense.

E' a historia de uma mulher, a mais humilde e mais maculada de vicios, cohabitando no pégo immundo das impurezas; é a historia de um trajecto glorioso que Anna Mamuda fez dos scenarios de Laguna e Dourados, para a immortalidade na nossa historia.

Ella éra a vivandeira do 17 de voluntarios, e, acompanhando-o em todas as suas emprezas, era quem no mais cerrado do combate deshumano, affrontando as balas, que sibilavam sobre sua cabeça ia levar o con-

forro ao soldado desfallecido, ia estancar o sangue do heroe que tombava, fazendo dos retalhos de seu vestido ataduras com que pudesse minorar os soffrimentos dos seus companheiros de cruzada—abnegados de uma mesma causa, orgulhosos da mesma bandeira.

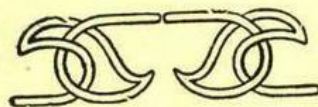
Essa mulher, pelas circumstancias, esquecendo o seu passado, tornou-se o anjo que velava á cabeceira do soldado moribundo, confortando-o com a sua prece, e, no dizer de Lobo Viana, virginou-se, redimiou-se do seu passado, tornando-se a figura da dedicação e do patriotismo.

Redimiou-se sim, porque sua vida transformou-se, essa parte de sua vida heroica fez com que ficassem, para sempre, apagados os seus primeiros dias, e a vida pode fazer isso, porque, como disse Emiliano Pernetta, sabemos tambem—

« Que a vida, como o Sol, um alchimista loiro,
Tem o dom de poder mudar a lama em oiro,
E em limpidos crystaes esses rochedos nós ! »

E, a sua vida que affrontou os maiores perigos no correr dessa epopéa, para minorar os soffrimentos dos nossos luctadores, fez com que a lama do seu passado desaparecesse para sempre, dando logar assim, a que sua imagem chegasse até nós envolta nos aureos mantos duma lenda sublime...

Vandoni de Barros



RELATORIO DO ANNO SOCIAL 1924 – 1925

Meus distinctos confrades

O Centro Mattogrossense de Letras, commemorando hoje o quarto anno de sua solemne installação, dá posse á Directoria que deve reger lhe os destinos no anno social de 1925 a 1926.

Em cumprimento ao dispositivo do art. 5 n° 10 do vigente Regimento Interno, cabe-me trazer-vos, em succinto relatorio, as informações referentes á vida da nossa sociedade no interregno decorrido da investidura da ultima Directoria a esta parte.

Assiste-me, como precipuo dever, testemunhar-vos, em primeiro, o meu agradecimento ante a generosa próva de confiança com que, pela 5ª vez, houvestes por bem honrar-me com o vosso suffragio dignificante para o cargo de Director dos nossos trabalhos.

Semelhante gesto, longe de envaidecer-me, pois que bem vejo nelle predominar o quilate de vossa amisade sobre o do merecimento, serve, entretanto, de estimular-me, encorajando me o animo, para senão bem corresponder a tamanha fidalguia, ao menos procurar não quedar me tão longe della quão distantes deste cargo andam os meus minguados prestimos.

E neste voto de gratidão permitti que eu incluia muito particularmente um mais expressivo aos meus

prezados companheiros de Meza, que de perto me vêm emprestando a sua cooperação laboriosa e eficaz, nesta lida desinteressada, e por isso mais nobre, e aos quaes mais do que a mim, seguramente, se deve o que temos até hoje logrado levar a cabo em bem da cultura litteraria mattogrossense.

Socios novos

Enriqueceu-se o nosso sodalicio, dentro do ultimo anno social, com a aquisição de valiosos elementos que lhe trouxeram o contributo de sua intelligencia e de sua operosidade.

Assim é que para as cadeiras n^{os} 6 e 16, cujos primitivos occupantes Dona Anna Luiza Prado Bastos e Bel. Ulysses Cuyabano passaram a socios correspondentes, em razão de havêrem mudado a sua residencia, fôram eleitos, unanimemente, o Professor Isác Póvoas e o Academico Antonio Cesario de Figueiredo Netto, que tomaram posse solemne de seus cargos a 21 de Março e 6 de Junho do fluente anno, recebendo-os, em nome do Centro, os nossos illustrados confrades Major Ovidio Corrêa e Prof. Alcindo de Camargo.

Para o quadro dos correspondentes fôram propostos e acceitos, de accordo com o rito estatutario, os seguintes novos socios:

N.º ord.	NOME DO SOCIO	Residencia	Data de admissão
1	Dr. Allyrio de Figueiredo	Rio de Jan.	19 de Out. de 1924
2	João de Campos Vidal	S. L. Caceres	4 de Jan. de 1925
3	Cleomenes Campos	São Paulo	8 de Fev. de 1925
4	Dr. Francisco Xavier F. Marques	Bahia (Itapira)	15 de Mar. de 1925
5	Dr. Mario de Lima	Bello Horizonte	15 de « « 1925
6	Dr. Tancredo Leite de A. Coutinho	S. P. (S. Bernardo)	15 de Agost. « 1925
7	Carlos Castro Brasil	Corumbá	15 de « « 1925

A Revista

Continúa a publicar se com a conveniente pontualidade o organ do Centro na imprensa, já havendo sido distribuido o VIII numero, correspondente ao semestre de Julho a Dezembro deste anno.

E' nosso pensamento manter-lhe doravante aproximadamente o mesmo numero de paginas com que sahiram as duas ultimas edições, não obstante o accrescimento de 20 % exigido pelas officinas, sob a plausivel allegação do gradual encarecimento da mão de obra typographica e respectivo material.

Pretendemos, por outro lado, melhorar lhe a parte material, já tendo em vista a encommenda de alguns *clichés* com retrato dos patronos, que virão tornar mais interessante a nossa Revista.

As conferencias

De um anno a esta data realizou o Centro quatro conferencias, das quaes tres pertencem á serie de elogios dos patronos e uma representa justa homenagem de nossa intellectualidade a um dos grandes vultos da literatura patria, o immortal autor de "Dom Casmurro" e do "Memorial de Aires", na data anniversaria de seu passamento.

Coube a Cesario Prado, cujo espirito em muito se afina com o do poeta das Occidentaes dar-nos "Um pouco de Machado de Assis", em formosa conferencia que honra a nossa cultura, proferida a 27 de Setembro do anno passado.

João Cunha, a 7 de Fevereiro deste anno, estudou, com o atticismo de sua linguagem modelar, a personalidade curiosa de Frederico Prado cuja "formação inteiramente cuyabana "accentuou como" o merito mais alto da sua personalidade".

Ao empossar se da sua cadeira, a 21 de Março ultimo, tracejou Isac Póvoas, em bellas paginas rememo-

rativas, o perfil intellectual e moral de Francisco Catharino, joven artista "arrancado á vida em pleno viço de uma mocidade cheia de esperanças".

E a 6 de Junho transacto, ao ser recebido em nosso gremio, produziu Cesario Netto esse brilhante estudo critico acerca da vida e da obra de José Thomaz, focalizando lhe o meio ambiente e epoca da acção, para, com justiça, conceitual-o "o maior poeta mattogrossense da phase romantica".

Temos, dest'arte, chegado ao meio do caminho na tarefa a que nos impuzemos, dando cumprimento ao art. 2 n° XI dos Estatutos sociaes, representando as 12 conferencias proferidas nestes 4 annos de vida do "Centro" um repositorio bem apreciavel de estudos para os que se proponham a fazer um estudo completo e systematisado de nossa evolução mental e literaria.

Dará inicio á segunda metade da série o nosso consocio Prof. Franklin Cassiano, que, a 19 deste, fará o elogio do seu patrono Ramiro de Carvalho, devendo seguir-se-lhe, conforme ficou resolvido na ultima sessão, o elogio de Amancio Pulcherio, pelo socio Prof. José Raul Vilá.

A Bibliotheca

Continúa a funcionar com regularidade a nossa Bibliotheca, que tem á sua frente o esforçado confrade Prof. Alcindo de Camargo.

O numero de obras que a constituem presentemente é de 710, para 1025 volumes, representando assim uma differença a maior de 135 obras e 152 volumes sobre o que possuia um anno atraz.

Essa differença origina-se de donativos feitos á mesma por socios e pessoas estranhas ao Centro que, dest' arte se mostram credoras de nossa gratidão.

Devidamente autocrisado pela casa, adquiri para a nossa Bibliotheca o Diccionario de C. de Figueiredo, ul-

tima edição, e penso que será de conveniencia fazer encommenda de um exemplar do Diccionario de Moraes, edição fac-similar ultimamente publicada pela Empresa do Annuario do Brasil, sob a competente direcção de Laudelino Freire.

Para o cargo de Zelador da Bibliotheca nomeei, interinamente, o sr. Francisco Pontes em substituição ao sr. Joaquim de Mendonça a quem, de accordo com o art. 5 n° 7 do vigente Regimento Interno concedi, em data de 18 de Agosto, 6 meses de licença.

Bibliographia

Mui grato me é communicar-vos que a Sub-Commissão de Bibliographia deste Estado, constituida sob patrocínio do Centro, desempenhou-se do seu dever, remetendo ao Presidente da Commissão respectiva, da Academia Brasileira de Letras, capeados pelo officio de 18 de Julho pp. 80 modelos, devidamente preenchidos, referentes a autores mattogrossenses ou ligados á historia de Matto Grosso.

Preciosa fonte informativa que irá tornar conhecidas, atravez do Diccionario Bibliographico da Academia, figuras representativas de nossa mentalidade, opportuno é que aqui se consignem, com os louvores a que fazem jus, os nomes dos dedicados vogaes Dr Virgilio Corrêa, e Profs. Philogonio Corrêa e Alcindo de Camargo, que, nas secções da Sciencia, Historia e Literatura, fôram os melhores collaboradores desta Presidencia na organização dos referidos modelos.

Consoante vossa deliberação, providenciei no sentido de ser extrahida uma copia dos questionarios e respectivas respostas, afim de, opportunamente, sêrem publicados na nossa Revista, archivando se e vulgarizando-se, por dest'arte, os dados da bibliographia mattogrossense.

Relações officiaes

As nossas relações com o Governo estadual são as mesmas assignaladas em meus anteriores relatorios, graças á clarividencia que têm demonstrado os nossos dirigentes acerca do papel desempenhado pelo "Centro" na nossa vida intellectual.

Substituto do Exmo. Sr. Cel. Pedro Celestino Corrêa da Costã, vem o Exmo. Dr. Estevam Alves Corrêa trilhando a mesma superior orientação do seu illustre antecessor, no prestigiar o "Centro", que ainda este anno logrou elevar ao dobro a dotação orçamentaria com que o auxilia o Estado, facto este assaz significativo para evidenciar a confiança que a nossa corporação tem sabido inspirar á administração publica.

Igualmente amistosas e cordiaes se têm mantido as nossas relações com as sociedades de cultura artistica e scientifica, quer desta capital, onde ellas já são em numero de cinco, quer de outras localidades, sendo indice dessa cordialidade a regular e constante permuta de correspondencia e de publicações que vêm opulentar a nossa Bibliotheca.

Finanças

A' testa da administração financeira do Centro permanece o nosso consocio Major Ovidio Corrêa, cujo nome por si só constitue optima recommendação da bôa marcha dos nossos negocios economicos, tendo como seu auxiliar immediato o nosso operoso Procurador e agente da Revista Sr. Benedicto A. Lodom.

Das contas e balanço apresentados, inclusos a este, vereis que a nossa situação é prospera e animadora, verificando um saldo de 1:688\$020... superior de 284\$100 ao accusado nesta mesma data no anno anterior.

Tal situação tende ainda a melhorar a partir do exercício futuro, desde que se attente à circumstancia de haver a Assembléa Legislativa, de accordo com a proposta do honrado Governo estadual, elevado a 2:400\$ annuaes a subvenção de 1:200\$ que desde 1923 vem sendo concedida a titulo de auxilio ao Centro.

Semelhante melhora, que se deve principalmente á bôa vontade reconhecida dos nossos dignos confrades Dr. Virgilio Corrêa Filho, Secretario Geral do Estâdo e João Cunha, Presidente da Assembleia Legislativa, nos permitirá sem prejuizo do custeio ordinario dos serviços do Centro, metter hombros a empreendimentos outros que fazem parte do nosso programma, qual seja a publicação de obras de escriptores nossos de reconhecido merecimento, a que allude o art. 2 n° III *in fine* dos Estatutos.

Conclusão

Ahi tendes, meus estimados amigos e consocios, o que conseguimos realizar no nosso quarto anno social.

Penetramos hoje um novo estagio que virá marcar o primeiro lustro da vida do "Centro" e podemos afirmar, com a serena consciencia do dever cumprido, que o nosso programma vem sendo religiosamente desempenhado, sem discrepancia ou vaccillação.

Negado por uns, posto em duvida por varios, acolhido com indifferença por muitos, o nosso "Centro" tem hoje, podemos proclamal-o sem falsa modestia, o seu conceito formado na opinião publica, em que pése aos eternos maledicentes e criticos que incapazes de qualquer obra constructiva, se limitam a apodar de defeituoso e deficiente o que outros intentam realizar.

Verdade é que lhe não têm faltado braços amigos e corações generosos que, desde o inicic, souberam vêr

nesse tentamen a alta sigificação que de facto lhe assiste na evolução mental da nossa terra.

De presente já nos é dado assistir ao auspicioso enflorar de novos rebentos nascidos á sombra da arvore cuja semente lançamos ao solo, qual seja, por exemplo o "Gremio Castro Alves", solemnemente installado a 22 de Abril ultimo, corporação em que tudo é novo e esperançoso, desde ella propria até os que a compõe, e que, em captivante gesto que sobremaneira nos honra, veio buscar entre os nossos os seus directores honorarios e effectivos.

Tudo isso é confortante, animador, cheio de incentivos á nossa coragem e ao nosso esforço.

E tudo se deve, dei ae que mais uma vez o proclame, a vós, á vossa assidua e prestante cooperação, a esta admiravel harmonia de vista e de acção que tem até agora pautado as nossas deliberações e quero crêr continue a ser futuramente a invariavel directriz da nossa marcha ascencional para o elevado objectivo que collimamos.

Taes os meus votos que, estou certo, são tambem os vossos neste dia em que as nossas almas se coirmam pelo mesmo entusiasmo e se confraternizam no mesmo alevantado ideal.

Cuiabá 7--9--1925

José de Mesquita—Presidente

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos

FOLHÊTOS:

Elogio do Berço e de um rythmo

Discurso de recepção de Alvaro Henrique Moreira de Souza (Saul de Navarrio) Academia Espirito-Santo de Letras—1925—

Prescrições da Orthographia Racional da Lingua Portugueza—Conego João F. Fernandes—1925.

Sêde Brasileiros—discurso paranympthal do Collegio “S. Joaquim”, de Lorena—D. Aquino Coriêa—1924.

A Frimeira Flôr—elogio academico do P. José Manoel de Siqueira—D. Aquino Corrêa—1926

O Catholicismo e a Mulher—discurso inaugural da Liga de Senhoras e União de Moças Catholicas—José Mesquita—1926

REVISTAS e JORNAES:

Revista da Academia Brasileira de Letras — nos. 42 a 47.

Revista do Instituto do Ceará—Fortaleza.

Revista da Academia Mineira de Letras—Bello Horizonte.

Revista do Sul—Curitiba.

A Violeta — organ do “Gremio Julia Lopes” — Cuiabá.

Revista do Instituto Historico de Matto-Grosso—Cuiabá.

Diario de Pernambuco—edição commemorativa do 1º Centenario—1 artistico volume com 192 pag. de materia editorial.

Gazeta clinica—publicação medica paulista n. 5

O Triumpho—orgam da Acção Social "Fiat Lux"
—S. Paulo.

Romance Jornal—Edictora: A Ecclética--S. Paulo

A Cidade e A Tribuna—Corumbá.

Correio do Sul—de Campo-Grande.

A Noticia e A Gazeta do Commercio--de Tres Lagoas.

A Razão—de Caceres

Gazeta Official

A Cruz

O Matto-Grosso

Correio do Estado

A Capital

A Penna Evangelica

O Pharol—todos desta capital.



BANCO DO BRASIL

Capital . . . Rs 100 mil contos

DEPOSITOS

O Banco do Brazil abona aos s/ depositantes:

Em contas correntes, até Rs. 20:000\$000, com
retiradas livres 5 %

Em contas sem limite, com retiradas livres 3 %

« « « « com aviso prévio . . . 5 %

« Depositos a prazo fixo de 1 anno 6 %

O Banco fornece aos s/ depositantes talões de cheques e estabelece todas as facilidades na retirada dos dinheiros em deposito.

Irmãos Miraglia

Casa de joias e relógios
e artigos de optica
Officinas de relojoeiro
e ourives com lapidação de
diamantes anexa
Bolsas de prata
Brilhantes mattogrossenses

Rua 13 de Junho 27

TELEPHONE 244

CAIXA POSTAL 43

LIVRARIA GLOBO

Artigos
para escriptorio,
livros didaticos, fitas para
machina de escrever,
collecção completa
de cadernos para escriptu-
ração mercantil e outras
novidades.

Preços sem competencia.

Rua 13 de Junho n. 90

Calil Mansur Bumlai

Proprietario das casas
A" Esperança e da antiga
A" Brasileira".

Resolveu vender aos
seus numerosos freguezes
por preços verdadeira-
mente baratos, todos
os artigos que tem
em *Stock*,

especialmente: Os que se
acham em exposição
e particularmente
os crepés seguintes.

Da China De Marroquim
De Radio e De Jersey.

Rua 1 de Março -- 17 -- 19

A Cuiabana

DE

GEORGE KHAOAJA

RUA ANTONIO JÃO Nº 36

TELEPHONE: 104

Especialidades em

Fazendas—Chapéus
Calçados—Armarinhos
Roupas feitas—Perfumaria
Fazendas finas

Artigos da moda e miudezas

Preços sem competencia

Ver para crer

CASA ESPECIAL
DE MOVEIS

DE

TENUTA & IRMÃO

Acceta encomendas de toda
qualidade destes artigos

Pedido sobre catalogo

Dispõe sempre de completo
sortimento de moveis para dor-
mitorios, sala de visita e de jan-
tar.

Camas de ferro esmaltadas
para casal e solteiro.

Berço e caminha de ferro e
madeira para creança.

Preço sem competencia.

Rua 1º de Março n. 1

End. telg. TENUTA

Telephone n. 77.

CASA BOM GOSTO

de

Haidamus Primo & Cia

Telephone n. 102

Completo sortimento de
modas e novidades em fa-
zendas finas e grossas—cha-
péus, calçados, roupas feitas,
Perfumarias finas estrangei-
ras e nacionaes.

Recebem sortimentos nó-
vos por todas as embarca-
ções que chegam a esta pra-
ça.

Preços sempre os mais ba-
ratos desta praça.

Sem competencia

Cuiabá E. de Matto-Grosso

Revista do Centro Mato-grossense de Letras

ANNO V

Julho a Dezembro de 1926

NUMERO X



PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

SUMMARIO

A Marmitta—comédia de Plauto — tradução de Augusto Cavalcanti
Renúncia—conto—José de Mesquita
Herva de tapera—soneto—D. Aquino Corrêa
Si soubessem—Feliz—sonetos—Franklin Cassiano
Camillo—Machado de Assis—Olavo Bilac—sonetos—
Allyrio de Figueiredo
Dialogo das sombras—Oscarino Ramos
A trova e o fado—Palmyro Pimenta
Camélias—Alcindo de Camargo
Viuva—João Cunha
No Portico de um livro—Allyrio de Figueiredo
A uma arvore antiga—poesia—José de Mesquita
Paginas dos Mestres.
Visita ao Marechal—Machado de Assis
Paginas contemporaneas:
Do alto do Ypiranga—V. Corrêa Filho
Paginas esquecidas:
Francisco Catharino T. de Brito
Paginas dos nóvos:
Illusão—Januario Miraglia
Azulejos—A. Alves de Campos
Actas das sessões do "Centro"
Publicações recebidas

Cuiabá
Escolas Prof. Salesianas

A MARMITA

(Plauto)

Ao Exmo. Sr. Dr. Mario Corrêa da Costa

PERSONAGENS.

O DEUS LARE, que recita o prologo.

CRESCENCIO, velho avarento, pae de Clara.

CHRISTINA, velha criada de Crescencio.

MERCEDES, mãe de Valerio e irmã de Augusto.

AUGUSTO, velho ricaço.

PAULINO, escravo de Augusto, outro de igual nome,
escravo de Valerio.

DAMIÃO,)
AMANCIO,) cozinheiros.

REINALDO, escravo de Augusto.

VALERIO, filho de Mercedes, amante de Clara.

CLARA, filha de Crescencio.

COMPARSAS.

LEONOR e CIPRINA, flautistas.

A scena passa-se na antiga Athenas.—Vê-se a um dos
lados do theatro o templo da Bôa Fé.

ARGUMENTO.

Um velho avarento, Crescencio, que apenas confia em si proprio, achou uma marmitta cheia d'ouro que tinham escondido em sua casa. Logo se apressa em enterral-a de novo bem profundamente e guarda-a entre angustias mortaes. Valerio violara a filha de Crescencio; neste comenos, um velho, Augusto, cuja irmã o aconselhava a se casar, pede a filha do nosso avarento; este concede-a, não sem difficuldade, e, receioso pela marmitta, retira-a de casa e occulta-a em diversos logares. Um escravo desse Valerio que offendera a joven, se apodera do thesoiro, e Valerio decide seu tio Augusto a desistir, em seu favor, daquella a quem ama. Crescencio, contra toda a expectativa, torna a achar a marmitta roubada, e de bôa vontade dá a mão de sua filha a Valerio.

A MARMITA.

PROLOGO.

O Deus Lare.

Vou dizer-vos quem sou ; deveis ter percebido
Que sahi desta casa ; ha muito ahi resido ;
Sou o deus Lare, o deus protector deste tecto.
O pae do dono actual tratei-o com affecto
E bem assim o avô ; este, em logar tranquillo,
Tinha occulto um thesoiro e confiou-m'o, em sigillo.
Morreu o velho ; e era tal seu apego ao dinheiro
Que não quiz revelar a seu filho o mealheiro,
E este, assim desherdado, ia, com pena e queixa,
Cultivando um campinho, a sua unica deixa.
Ficando o oiro a meu cargo, e em seu recanto ignoto,
Puz-me a ver si era o filho, acaso mais devoto
Que o pae ; mas, ao contrario ; elle, em sua avareza,
Desprezou mais o culto e cortou na despesa.
Retribui-lhe o desdem. Morto o velho usurario,
Sucedeu-lhe seu filho, o actual proprietario
Da casa, em tudo igual a seus dois ascendentes.
Sua filha, porem, entre muitos presentes,
Corôas me offerece, ora incenso, ora vinho ;
Em paga, fiz que o pae descobrisse o escaninho
Do thesoiro, e a casasse assim, sem mais demora,
Pois violou-a Valerio, e o pae, de certo, o ignora.
Nesse afan em que estou, hei de hoje fazer tudo
Para que peça a moça esse velho barbudo,
Visinho do avarento, e, sciente desse intento
De seu tio, Valerio apresse o casamento.
Eis, porem, nosso avaro a fazer grande assuada ;
Elle, de quando em vez, faz sahir a criada
Para que não descubra onde guarda o seu oiro ;
De certo, elle quer ver si hão roubado o thesoiro.

ACTO I.

SCENA I.— CRESCENCIO, CHRISTINA.

CRESCENCIO.

Fóra daqui, Christina ; abala pressurosa,
Espiona maldieta e de tudo curiosa ;
Ainda esperas !

CHRISTINA.

Por que me bate deste geito,
Sendo eu tão infeliz?

CRESCENCIO.

Para o seres, de feito.
Miseravel, como és, deves ter igual vida.

CHRISTINA.

Por que me enxota assim?

CRESCENCIO.

Tenho acaso, atrevida,
Que te dar contas? já! para além da soleira;
Por aqui! ordeno eu. Olhae de que maneira
Ella se põe a andar! Sabes de que te ameaço?
Si tomo de um vergalho, alongarás o passo.

CHRISTINA.

De certo, a tal senhor a forza é preferivel.

CRESCENCIO.

Que é que ella diz em voz apenas perceptivel?
Para que os actos meus não vigies, libertina,
Breve os olhos te arranco. Afasta-te, Christina,
Para longe... ainda mais... ainda mais... é bastante!
Agora tem-te lá; si voltas o semblante,
Ou te arredas dahi uma linha somente
Antes de eu te mandar, ponho-te incontinenti
Em uma cruz. (*A' parte*). Jamais vi scelerada igual
A esta velha. Ah! céos! receio que algum mal
Não me venha a fazer, de momento, a maldieta,
E já saiba o logar onde escondo a marmitta.
Ella tem olhos, tem, mesmo atraz da cabeça,
A miseravel; mas vejamos bem depressa
Si esse oiro, que me inquieta e me preoccupa a mente,
Está como o deixei. (*Sae.*)

SCENA II. — CHRISTINA.

Eu não sei, certamente,
Como explique a desgraça, a loucura sequer

De meu amo. Expulsar uma pobre mulher
 Da casa, com frequencia, e dez vezes ao dia,
 Como agora elle fez! Ninguem, certo, diria
 A raiva que o possui e que o torna demente.
 Toda a noite elle vela, e da alva ao sol poente
 Eil-o sentado alli como um mão official.
 A vergonha da filha, eu não sei afinal
 De que modo lhe occulte; o parto já se apresta;
 E me enforcar agora, eis tudo que me resta,
 Para em fim repousar em meu último asylo. (*Crescencio*)
 [*volta.*]

SCENA III.— CRESCENCIO, CHRISTINA.

CRESCENCIO, *á parte.*

Vamos, eu saio agora um pouco mais tranquillo.
 Tudo lá dentro está no logar, por emquanto.
 (*A Christina.*) Entra e fica de guarda.

CHRISTINA.

Ah! que guardarei tanto?

Teme acaso o senhor ser a casa levada?
 Os ladrões, creio eu, aqui não terão nada
 A ganhar, a não ser a aranha que se move
 Por esses cantos vis.

CRESCENCIO.

Será mister que Jove,
 Para assim comprazer ao teu grande fastio,
 Me conceda, megéra, as posses de Dario,
 Ou, como ao rei Felipe, uma riqueza extranha?
 Pretendo que se guarde essas teias de aranha.
 Sou pobre, isto é real, mas vivo satisfeito
 E o que os deuses me dão eu de bom grado acceito.
 Fecha esta porta até que eu tenha regressado;
 Não recebas ninguem, tem o fogo apagado,
 P'ra não o virem pedir, conforme o antigo vezo.
 Si, quando eu cá voltar, elle estiver acceso,
 Te estrangulo. Não dês nem mesmo agua da bilha.
 Aparecendo alguém que peça uma vazilha,
 Pilão, almofariz, uma faca ou machado,
 Responde que os ladrões tudo nos teem roubado.
 Não me achando eu em casa, a ninguem dês accesso.
 Á Fortuna, si vier, deves vedar o ingresso.

CHRISTINA.

Não; entrar nesta casa a grande deusa grega

Não pensa ; nem sequer della ao menos se achega,
Comquanto more ao pé.

CRESCENCIO.

Cala-te e entra.

CHRISTINA.

Obedeço.

CRESCENCIO.

Corre os ferrolhos bem ; breve estou de regresso.
(*Christina entra.*)

SCENA IV. — CRESCENCIO.

Ser forçado a ausentar-me, irrita-me, em verdade.
Faço-o máo grado meu e por necessidade.
E' que o chefe da curia annunciou, de novo,
Que distribue dinheiro ; e eis que se apressa o povo ;
E, si acaso desprezo a parte que me toca,
«Elle tem oiro, tem!» dir-se-a de bocca em bocca.
Muito pode a apparencia ; e de certo é preciso
Por um obulo tal evitar esse juizo.
Só me parece já ser de todos sabido
O segredo que occulto : o povo, mais polido
Que outrora, me saúda e aborda e a mão estende
E indaga da saú le ; em fim, me surprehende
Vel-o cortez assim, com tal delicadeza.
Devo, porem saber, para vir com presteza.

ACTO II.

SCENA I. — MERCEDES, AUGUSTO.

MERCEDES.

O quo agora te digo é por affecto, e a bem
Do teu proprio interesse, assim como convem
A uma bôa irmã. Certo, sempre se disse
Que o sexo a que pertenço, alem da garridice,
Tem algo de importuno, é um tanto palreiro,
Que não ha mulher muda, o que acho verdadeiro.
Mas por sermos nós dois parentes tão chegados,
Devemos, um ao outro, os mais nobres cuidados,
Prestar-nos mutuo auxilio e conselho, bem vês,
E nunca silenciar por falta ou timidez.
Venho, pois, te falar, porque assim é mister.

AUGUSTO.

Aperta-me esta mão, excellente mulher.

MERCEDES.

(Olhando em volta de si.) Onde está ella? Mostra a mulher]
[excellente.

AUGUSTO.

Ah! refiro-me a ti.

MERCEDES.

A mim?

AUGUSTO.

Unicamente;
Mas, si dizes que não, eu presto me retracto.

MERCEDES.

Tu só deves dizer, Augusto, o que é exacto;
Uma é peor que a outra e nenhuma é excellente.
Eis tudo, meu irmão.

AUGUSTO.

Eu o creio, certamente;
E não batalharei contigo.

MERCEDES.

Por favor,

Escuta-me um momento.

AUGUSTO.

Estou ao teu dispôr,
Manda e obedecerei.

MERCEDES.

Venho te aconselhar
Uma cousa, a meu ver, de vantagem sem par.

AUGUSTO.

Nisto se mostra bem tua afeição tão grata.

MERCEDES.

Tu és sempre gentil.

AUGUSTO.

Em fim, de que se trata?

MERCEDES.

Para seres feliz (attende ao meu pedido)
Quero te ver casado.

AUGUSTO.

Ah! céos, estou perdido!

MERCEDES.

Que tens?

AUGUSTO.

Tu me vibraste um golpe, de arremesso,
Que todo me aturdiu!

MERCEDES.

Ah! faze o que te peço.

AUGUSTO.

Sem duvida, si assim me der na phantasia.

MERCEDES.

Farás bem.

AUGUSTO.

Sim, si estoíro antes que chegue o dia
Da boda. E, visto ser por ti tão desejado,
Ponho uma condição para tomar estado :
Que a mulher hoje case e amanhã perca o alento ;
Si tu nisto convens, prepara o casamento.

MERCEDES.

Posso dar-te uma rica esposa, assim te agrade ;
Mas é maior ; dir-se-ia entre uma e outra idade ;
No emtanto, si te apraz, vou lhe pedir a mão.

AUGUSTO.

Podes me permittir uma simples questão ?

MERCEDES.

Sim.

AUGUSTO.

Quando um homem, ja longe da mocidade,
Esposa uma mulher entre uma e outra idade,
Si a velha vem acaso a conceber do velho,
Tu não vês, minha irmã, que o nome do fedelho
Será Posthumo, e ja se lhe tinha previsto.
Mas quero te poupar cuidados por tudo isto:
Graças aos meus avós, os meus bens são bastantes;
Preoccupam-me pouco as damas elegantes,
Com seu orgulho, com seus dotes e roupagens,
Caprichos, mantos d'ouro, esplendidas carruagens
E tudo que lhes faz ser escravo o marido.

MERCEDES.

Qual é aquella, então, que tu tens no sentido ?

AUGUSTO.

Ja te faço saber. Tu conheces, de certo,
O Crescencio, este ancião que reside aqui perto,
Um pobre homem.

MERCEDES.

Conheço-o e o julgo sem defeito.

AUGUSTO.

Pois bem! esposar-lhe-ei a filha, satisfeito.
Nada de discussões. Dirás que a desposada
E' pobre; não importa, assim pobre me agrada.

MERCEDES.

Seja-te o ceo propicio!

AUGUSTO.

Assim o espero ser.

MERCEDES.

Tens mais alguma cousa ainda a me dizer?

AUGUSTO.

Adeus.

MERCEDES.

Bom dia, Augusto.

AUGUSTO.

Eu, no entanto, me apresso
A tratar com Crescencio; eil-o já de regresso.
Não posso imaginar de onde, ao certo, elle vem.

SCENA II.— CRESCENCIO, AUGUSTO.

CRESCENCIO, *sem ver Augusto.*

Qualquer cousa, ao partir, já me dizia bem
Que era a minha excursão baldada inteiramente.
Da curia nem o chefe achava-se presente
Para distribuir dinheiro ao populacho.
Eu me apresso em entrar, pois, emquanto aqui me acho,
Na casa é onde está meu pensamento ancioso.

AUGUSTO.

Senhor Crescencio, o ceo faça-o sempre ditoso!

AUGUSTO.

Ella o terá; silencio!
Eu o ajudo. Que quer? Falle, senhor Crescencio.

CRESCENCIO, *á parte.*

Uma promessa tal, de certo, sem desdoiro,
Mais parece um pedido; elle quer o meu oiro.
Tem na destra uma pedra e a outra mostra um figo.
Duvido do opulento a afagar um mendigo;
Quando elle deste modo o pobre lisonjeia
E lhe atira a ancoretta, é sempre certa a preia.
Eu já conheço bem o que são esses typos
Que se agarram a nós assim como os polypos.

AUGUSTO.

No interesse dos dois, faça-me agora a graça
De escutar um instante.

CRESCENCIO, *á parte.*

Ah! deuses, que desgraça!
Roubaram-me o thesoiro, e elle neste momento
Vem, de certo, propôr um accommodamento.
Vou dar um pulo á casa.

AUGUSTO.

Onde vae?

CRESCENCIO.

Volto asinha;
Quero lá dentro ver qualquer cousa á cozinha. (*Sae.*)

AUGUSTO.

Quando eu pedir-lhe a mão da filha, já prevejo
Que elle, tal como é, ha de crer que motejo.
E' o pobre mais vil de quantos eu conheço
Aqui neste logar.

(*Crescencio volta.*)

CRESCENCIO, *á parte.*

Aos deuses agradeço;
Tudo está salvo... creio... e em paz lá no meu lar
E eu livre quanto ao susto! antes, porém, de entrar,
De certo, me encontrei bem mais morto que vivo.
(*Alto-*) Estou ao seu dispôr.

AUGUSTO.

Eu me sinto captivo,
Amigo; por favor, me responda, no entanto,
Ao que eu lhe perguntar.

CRESCENCIO.

De bom grado, comtanto
Que algo não venha a ser que, por conveniência,
Não queira eu responder.

AUGUSTO.

Bem! Da minha ascendência
O senhor que é que diz?

CRESCENCIO.

Bôa.

AUGUSTO.

E da probidade?

CRESCENCIO.

Bôa.

AUGUSTO.

A conducta?

CRESCENCIO.

Bôa.

AUGUSTO.

Em fim, qual minha idade ?

CRESCENCIO.

Senhor Augusto, eu sei que os annos e o dinheiro
Não lhe faltam.

AUGUSTO.

Pois bem, sem lhe ser lisongeiro,
Eu sempre o conheci como um homem sem par.

CRESCENCIO, *á parte.*

Fareja-me o thesoiro. (*Alto.*) Onde é que quer chegar ?

AUGUSTO.

Visto termos um do outro igual conhecimento,
Eu lhe venho pedir a filha em casamento.
Espero que será para ventura igual
Nossa e della.

CRESCENCIO.

Ah! senhor, como lhe fica mal
Escarnecer assim de um pobre, de um ninguem,
Que nunca lhe fez mal e nem aos seus tambem.
Nem por palavras, nem por acções o mereço.

AUGUSTO.

Eu não venho brincar e tampouco escarneço;
Andaria bem mal si assim me comportasse.

CRESCENCIO.

Por que motivo, então, me propõe esse enlace ?

AUGUSTO.

Para ser um e outro igualmente ditoso.

CRESCENCIO.

Eu sou pobre e o senhor é rico e poderoso ;
Si lhe dou minha filha, imagino que o rico,
Certo, ha de ser o boi e eu serei o burro.
Arelados os dois, e, sendo o peso igual,
Mestre burro esmorece e cae no lodaçal,
Emquanto o senhor boi, no seu passo conciso,
O não olha sequer ; e eu moverei o riso.
Foi-se o estabulo ; os meus me correrão a dentes,
Por ter buscado os bois e fugido aos parentes.

AUGUSTO.

Quanto mais o homem busca a gente honesta e certa,
Tanto melhor se encontra ; aceite minha offerta.

CRESCENCIO.

Porem não tenho um dote a dar a minha filha.

AUGUSTO.

Nem quero. A honestidade é o oiro que mais brilha.

CRESCENCIO.

Digo-o para evitar de sua parte a crença
De que eu acaso achei thesoiros.

AUGUSTO.

Quem tal pensa ?

Vamos, profira o sim.

CRESCENCIO.

(Elle ouve golpes de alvião.) Céos ! estarei perdido ?

AUGUSTO.

Que foi ?

CRESCENCIO.

Que quer dizer esse terrivel ruído
De ferros que ouço agora ? *(Sae.)*

AUGUSTO.

E' no jardim o arado.
 Ah! para onde elle foi sem inda me ter dado
 A resposta ao pedido? Eu creio, na verdade,
 Que elle foge por ver que lhe busco a amizade.
 O pobre evita assim toda pessoa rica
 Que lhe deseja o bem, e o medo o prejudica.
 Depois, quando já é perdida a occasião,
 Eil-o a se lamentar, porem já tarde e em vão. (Crescencio)
 [volta.]

CRESCENCIO, á parte e se dirigindo a Christina.

Si não faço arrancar-te a lingua por castigo
 Do fundo da garganta, eu consinto, que digo?
 Quero faças cortar-me . . . entendes.

AUGUSTO.

Claro vejo
 Que de mim quer fazer objecto de gracejo,
 Comquanto eu tenha idade; isso bem não parece.

CRESCENCIO.

Longe de mim tal cousa, e, si acaso o quizesse,
 Difficil viera a ser.

AUGUSTO.

Defere o meu pedido?

CRESCENCIO.

Sim, com as condições em que foi deferido.

AUGUSTO.

Está tratado?

CRESCENCIO.

Está.

AUGUSTO.

Jove applauda essa alliança!

CRESCENCIO.

Eu o desejo; porem não tire da lembrança
Que, conforme o convenio entre nós ajustado,
Clara não leva dote.

AUGUSTO.

Isso está combinado.

CRESCENCIO.

E' que conheço bem com que desembaraço
A sua classe illu le e mula a cada passo;
E, como com a chicana, assim ao seu agrado,
Faz o branco ser preto e o redondo quadrado.

AUGUSTO.

Jamais entre nós dois haverá divergencia.
Diga-me, por ventura acha inconveniencia
Em se realizar mesmo hoje o casamento ?

CRESCENCIO.

Bem ao contrario disso, é muito a meu contento.

AUGUSTO.

Sigo, pois, a tratar dos aprestos nupciaes.
Tem algo a me dizer ainda ?

CRESCENCIO.

Nada mais.

AUGUSTO.

Eu me apresso. Adeus. Onde está meu criado ?
O' Paulino. d'ahi já comigo ao mercado. (*Sae.*)

CRESCENCIO.

Elle partiu. O' ceos, grande o poder do oiro !
De certo, ouviu dizer que eu guardava um thesoiro
E por este motivo ama tanto essa alliança.

SCENA III.— CRESCENCIO, CHRISTINA.

CRESCENCIO.

Onde estás tu, que vaes por toda a vizinhança,
 Dizendo que sou rico e dando á taraméla ?
 O'Christina ! ouves tu ? (*Christina vem*). Anda, aprompta
 [a baixella.]
 Prometti minha filha; é hoje o casamento
 Com o senhor Augusto.

CHRISTINA.

O ceo lhe applauda o intento;
 Mas não se póde assim; é presteza sem conta.

CRESCENCIO.

Cala-te; ao regressar, eu quero a casa prompta,
 Sem mais ter que esperar; e, visto que ha mister,
 Volto com brevidade. (*Sae.*)

CHRISTINA.

E agora que fazer ?
 Eis-nos perdidas, pois, Clara e eu juntamente;
 O parto se approxima e a vergonha é imminente.
 Procurei occultar com bastante cuidado
 Essa triste aventura ! hoje, emtanto, é baldado.
 Vamos, preciso entrar ; que eu logo satisfaça
 As ordens do patrão, prestes a vir da praça.
 Ah ! temo hoje tragar uma poção cruel.

SCENA V.—PAULINO, DAMIÃO, AMANCIO, *conduzindo*
provisões de bocca e dois carneiros; LEONOR, CIPRINA.

PAULINO.

Meu senhor hoje fez provisões a granel.
 Oozinheiros ha dois, duas flautas joviaes,
 De tudo isto farei duas partes iguaes.

AMANCIO.

Eu não posso aturar que me fendas destarte;
 Mas, si queres inteiro enviar-me a alguma parte,
 Hei de pôr mãos á obra ao mesmissimo instante.

DAMIÃO.

Vêde a casta donzella, este bello elegante
Das ruas ! A meu ver si alguém t'o exigisse,
Te deixavas fender de bom grado.

AMANCIO.

O que eu disse
Não foi nesse sentido em que finges tomar,
Damião.

PAULINO.

Meu senhor hoje vae se casar.

AMANCIO.

Com a filha de quem ?

PAULINO.

Desse nosso vizinho,
Senhor Crescencio; e quer dividir com o velhinho
Servos e provisões, tudo com igualdade.

AMANCIO.

Então, metade ao velho e a teu amo a metade ?

PAULINO.

Isso mesmo.

AMANCIO.

Mas, como ! o velho não podia
Fezer a sua custa as despesas do dia
Em que a filha se casa ?

PAULINO.

Elle ? !

AMANCIO.

Quem disto o impede ?

PAULINO.

Amancio, antes tirar oleo de uma parede
Que arrancar um ceitel a esse velho avarento.

AMANCIO.

E' certo ?

PAULINO.

Vaes saber neste mesmo momento.
Elle chama, de facto, a intervenção divina,
Bem como a dos mortaes, jura a sua ruina,
Si acaso vê sahir o funo da cozinha.
Ao dormir, elle põe á bocca uma bolsinha.

AMANCIO.

Por que ?

PAULINO.

P'ra não perder o sopro, na dormida.

AMANCIO.

E tapará tambem uma outra sahida
Para nada perder ?

PAULINO.

Ah ! desse farroupilha
Tu podes tudo crer.

AMANCIO.

Creio-te á maravilha.

PAULINO.

Que te direi ainda ? Quve mais isto: é fama
Que, ao banhar se, elle chora a agua que se derrama.

AMANCIO.

E não pensas obter que elle de nós se apiade
E algo faça em favor de nossa liberdade ?

PAULINO.

Elle ! a fome negara, ao ser ella pedida.
Si acaso as unhas corta, os restos em seguida
Reune e os leva após, recitando uma lóa.

AMANCIO.

Tu nos fallas ahi da avareza, em pessoa.
E' elle tão mesquinho e tanto se maltrata ?

PAULINO.

Um dia, eis que um milhano a sôpa lhe arrebatava.
Elle corre ao pretor, e em pranto e exasperado,
Peje que seja logo o milhano citado.
Si ainda houvesse tempo, eu contaria o resto.
Mas, dizei-me, de vós equal será o mais lesto ?

AMANCIO.

Quanto a mim, no labor sempre fui dos mais finos.

PAULINO.

Fallo de um cozinheiro e não de um valdevinos.

AMANCIO.

E como cozinheiro estou te respondendo.

PAULINO. (*A Damião.*)

E tu que dizes ?

DAMIÃO.

Eu ? eu tal como estás vendo.

AMANCIO.

E' um moço de feira, um homem de novenas.

DAMIÃO.

Como ! ousas me infamar ? tu, cujo nome apenas
Tem seis lettras—ladrão, gatuno triplicado !

PAULINO.

Silencio ! Damião, esse mais anafado
Dos anhos, leva-o lá para dentro contigo.
Vós, segui-o e os demais venham dahi comigo.

AMANCIO.

A fé, que esta partilha até me fére a vista !
Delles o anho melhor.

PAULINO.

Tua a melhor flautista.
Vem com elle, Leonor; entra em casa Ciprina.

AMANCIO.

Vou, então, cozinhar na casa do sovina ?
Si de uma qualquer cousa houver necessidade,
Não me arrisco a pedir.

PAULINO.

Vejo que é needade
Fazer algum favor a quem o não presente.

AMANCIO.

Como ?

PAULINO.

Primeiro, alli ha de haver pouca gente.
E, depois, si é precisa alguma cousa, amigo,
P'ra não pedil-a em vão, debes levar contigo.
Em nossa casa ha povo e muitos serviçaes,
Moveis, baixellas, oiro, esplendidos crystaes.
Si desapparecer qualquer cousa, (eu sei bem
Que não tocas em nada) hão de dizer, porem:
São os servos, que venha o gorrote, a tortura !
Alli não se dará semelhante aventura,
Pois não ha que roubar. Vamos.

AMANCIO.

Sigo-te, lesto.

SCENA VI.—PAULINO, CHRISTINA, AMANCIO.

PAULINO.

O', Christina ! anda abrir a tua porta presto.

CHRISTINA.

Quem bate ahí ?

PAULINO.

Paulino; aqui venho trazer
O serviçal que vês, esta joven mulher,
Tocadora de flauta, e esta provisào toda.
Meu amo tudo envia a seu sogro.

CHRISTINA.

E essa boda

E' de Ceres ?

PAULINO.

Por que ?

CHRISTINA.

Porque não vejo vinho.

PAULINO.

Meu amo o ha de trazer do mercado vizinho.

CHRISTINA.

Não ha lenha.

AMANCIO.

Será de taboa o pavimento ?

CHRISTINA.

E', de certo.

AMANCIO.

Haverá ja lenha, num momento.

CHRISTINA.

Ah ! biltre, por amor ao deus que tudo abraza,
Não pretendes, penso eu, pôr fogo em nossa casa,
A bem de teu officio e tambem do jantar.

AMANCIO.

Ah ! não.

PAULINO, *a Christina.*

Faze-os entrar.

CHRISTINA.

Podem todos entrar. (*Elles en-*)
[*tram.*]

SCENA VII.—REINALDO, *sahindo da casa de Augusto.*

Fazei vosso trabalho; eu, como dos primeiros,
Devo tudo vigiar, de olho nos cozinheiros,
Para evitar o furto, em tão grande alvoroço.
Ha um meio: fazer que cozinhem num poço,
E em cabazes tirar os pratos, em seguida;
Mas, si como se faz, se devora a comida,
Pole bem ser que acima estale-se de fome,
Emquanto ferva em baixo um banquete sem nome.
Ah ! estou a dar seca em termos bem galantes
Como si nada houvesse a temer dos tratantes. (*Sae.*)

SCENA VII.—CRESCENCIO, AMANCIO.

Eu queria me encher de uma coragem rara
É dar hoje um festim pelo enlace de Clara.
Sahi nessa intenção e, chegando ao mercado,
Dos preços inquirei e achei caro o pescado,
E bem assim o boi, o vitello, o cordeiro,
O porco; e tanto mais que eu não tinha dinheiro.
Certo, por não obter d'esta arte a vitualha,
A bilis me irritou; mas me ri da canalha.
Em caminho pensei: «Si tu caes na esparrella

De lançar teu dinheiro, assim pela janella,
 Depois de finda a festa, e um dia decorrido,
 A lingua estirarás um palmo de comprido,
 Por gastares demais.» Neste tom incisivo,
 Fallando á alma e igualmente ao orgão digestivo,
 De prompto, regressei ao meu primeiro intento
 De pouco despende com esse casamento.
 Um grãosinho de incenso e umas c'róas vulgares,
 Eis tudo que comprei e offerto aos deuses Lares,
 P'ra que seja abençoado o enlace. Mas que é isto ?
 A minha porta aberta! e que ruido imprevisto
 Lá dentro! Oh, ceos! será de ladrões esta assuada?

AMANCIO, *na casa.*

Si podes, vae pedir ao vizinho emprestada
 Uma maior marmita e num melhor estado.

CRESCENCIO.

Ah! infelz de mim! o meu oiro é roubado,
 Procuram a marmita. Estou morto, em consciencia,
 Si não corro depressa á minha residencia.
 Apollo, por favor, ó grande deus dos poetas,
 Soccorre-me, atravessa esses ladrões com as settas;
 Tu ja me protegeste em circumstancia igual.
 Mas, como! perco o tempo aqui, como um jogral,
 Em vez de me apressar e correr, á surdina,
 Antes que no meu lar seja completa a ruina!
 (*Entra em casa.*)

SCENA IX.—DAMIÃO, *sahindo da casa de Augusto.*

Limpa os peixes, Arthur; Otto, abre este linguado
 E este congro; heja pressa; eu vou aqui ao lado
 Pedir uma torteira ao Amancio; de resto,
 Tu, Pedro, me depenna aquelle gallo, presto,
 Tão rente que pareça actor de p:ntomima.
 Mas, que gritos! De certo, o trabalho se anima
 Na casa do vizinho. Eu prefiro apressar-me
 E entrar, antes que aqui comece o mesmo alarme.

ACTO III.

SCENA I.—AMANCIO, *sahindo da casa de Crescencio.*

Caros concidadãos, compatricios, senhores
 Que Moraes na cidade e nos seus arredores,
 E estrangeiros também, afastai-vos depressa,

Que eu me salve e ache livre a via e nada a impeça !
Jamais eu cozinhei para um igual possesso !
Que bulha ! os golpes seus foram num tal excesso
Sobre o meu pobre dorso e o do meu companheiro
Que desta não escapo, arde-me o corpo inteiro.
Nunca se vira o pão ser assim fornecido
Como contra nós dois. Ah ! Ah ! estou perdido !
O furioso abre a porta e nos segue á surdina . . .
Eu sei o que fazer, elle mesmo me ensina.

SCENA II.--CRESCENCIO, AMANCIO.

CRESCENCIO.

Pára; para onde vaes ? regressa incontinenti !

AMANCIO.

Que ahí faz a gritar este velho demente ?

CRESCENCIO.

Vou te denunciar ao pretor neste instante.

AMANCIO.

E por que ?

CRESCENCIO.

Porque tens uma faca, bargante.

AMANCIO.

E faca de cozinha acaso é dardo ou lança ?

CRESCENCIO.

E por que me ameaçaste ?

AMANCIO.

Antes lhe abrisse a pança.

CRESCENCIO.

E's sem duvida alguma um franco scelerado,
A quem eu numa forca erguera de bom grado.

AMANCIO.

Não o precisa dizer; vê-se isto do seu acto.
A surra que me deu ainda ha pouco, de facto,
Fez-me o corpo mais brando e flexivel comsigo
Do que o de um dansador; porem, velho mendigo,
Com que direito agiu?

CRESCENCIO.

Ainda foi pouco? Espera.

AMANCIO.

Si o senhor não é louco e ainda considera,
Caro lhe ha de custar.

CRESCENCIO.

Eu não sei, no futuro;
Por emquanto, porem, estou são, te asseguro. (*Bate-lhe.*)
E que vieste fazer na minha residencia,
Sem ordem que eu te desse e assim na minha ausencia?
Desejava saber.

AMANCIO.

Então, termine o enfado;
Viemos cozinhar hoje para o noivado.

CRESCENCIO.

E tu que tens que ver com meu jantar, maroto?
Acaso és meu tutor?

AMANCIO.

Ja basta de alvoroto.
Só desejo saber p'ra segurança minha,
Si deixa, sim ou não, que se faça a cozinha.

CRESCENCIO.

E eu desejo saber si está bem garantido
Tudo que em fim é meu.

AMANCIO.

Levando o que hei trazido,
Ficarei satisfeito; o alheio não me cabe.

CRESCENCIO.

Tudo está muito bem, sabe-se o que se sabe.

AMANCIO.

Por que impede o senhor que se faça o banquete?
Que se disse ou se fez que mereça um lembrete?

CRESCENCIO.

Ainda o perguntas? Tu e os outros turbulentos
Não pesquisavam tudo, abrindo os aposentos?
Não terias quebrado a fronte deste geito
Si estivesses ao forno; é, portanto, bem feito.
Si desta porta aqui te achegas, libertino,
Sem minha permissão, dar-te-ei um tal ensino
Que servirás de exemplo. Aonde vaes tu? rogressa. *(Entra.)*

AMANCIO, só.

Os aprestos que eu trouxe, ou tu m'os dás depressa,
Ou (por Laverna o digo) hei de ser bem vingado!
Agora que fazer? queixar-me do máo fado
Que aqui me conduziu. Ganho um escudo apenas,
E terei que pagar ao medico, ás dezenas.

SCENA III.—CRESCENCIO, AMANCIO.

CRESCENCIO, *conduzindo a marmita.*

Sim, sim, por toda a parte aonde fôr de hoje em diante
Comigo a levarei, sem que a deixe um instante;
E não a exporei mais a faltas imprevistas.
Entrem todos agora, os moços e as flautistas.
Leva, si assim te apraz, servos em quantidade;
Cozei, manipulae, fazei tudo á vontade.

AMANCIO.

E' bem tempo, uma vez que ja fomos sovados.

CRESCENCIO.

Entra, vieste servir, não fazer arrazoados.

AMANCIO.

Oh ! Oh ! será bem paga a surra recebida,
Meu velho, eu me aluguei p'ra fazer a comida,
Não para ser batido.

CRESCENCIO.

Olha, chama-me a juízo,
Mas não me irrites; entra e faze o que é preciso,
Ou vae já te enforçar.

AMANCIO.

Vá o senhor, eu fico. (*Os cozinhet-*
[ros entram na casa.])

SCENA IV.—CRESCENCIO.

Oh, ceos ! como fui louco em ter trato com um 'rico !
Este senhor Augusto hoje de todo o modo
Me experimenta e faz que eu me consuma todo.
Com ar muito gentil me envia a criadagem;
Mas, para me perder pelo roubo e a pilhagem.
Até o digno gallo á serva pertencente,
Foi esgaravatar no logar justamente
Onde enterro a marmitta ! O meu furor foi tal
Que bati com o bastão no impudente animal.
Eu juraria até que pela descoberta
Do thesoiro, os ladrões lhe tinham feito offerta.
Mas eu fui fino; o gallo é que perdeu com a peça,
Pois morreu . . . Eis, porem, meu genro que regressa
Da praça. Fallar-lhe-ei sobre este mesmo objecto.

SCENA V.—AUGUSTO, CRESCENCIO.

AUGUSTO, *sem ver Crescencio.*

Meus amigos estão scientes do meu projecto

De enlace; dizem bem da noiva e do pedido;
 Acham que fui prudente e tomei bom partido.
 Si o rico, desse modo agisse consciante,
 E esposasse sem dote a filha do indigente,
 Seria mais feliz e unida a sociedade,
 E a inveja contra nós menos rude, em verdade.
 Mais submissa, a mulher não despendera tanto.
 E' pelo bem geral que assim fallo, no emtanto.
 A isto só se oppõe essa gente insaciavel,
 Que não conhece lei, nem medida razoavel,
 E que, contraria ao bem, com o mal se identifica.
 «Mas, dirão, com quem, pois, se ha de casar a rica,
 Si tem tal privilegio a pobre, a desprezada?»
 Ah! com quem lhe aprouber, mas que não traga nada.
 Si assim fosse, á mulher fôra mais lisongeiro
 Prender pela virtude e não pelo dinheiro.
 E o macho, hoje sem par, ver-se-ia desta vez
 Inferior no preço ao cavallo gaulez.

CRESCENCIO, *á parte.*

Vale oiro, certamente, e todo me extasia
 A falla em que elle assim trata da economia.

AUGUSTO.

Não pudera a mulher dizer entre desdens :
 «O meu dote é maior que todos os teus bens,
 E' justo que me dês adereços, roupagens,
 Criados de librés, lacaíos e carruagens.»

CRESCENCIO, *á parte.*

Ah! como elle conhece esse fraco das bellas!
 Eu o quisera censor para velar sobre ellas.

AUGUSTO.

Não se encontra no campo uma unica herdade
 Com os coches, o esplendor das casas da cidade.
 Mas isso não é nada em face do restante;
 Nós temos o laneiro, o fanqueiro ambulante,
 O ourives, o sirgueiro, o pisoeiro, o adélo,
 O que tinge em laranja, em violeta, ou amarello,
 O que faz borzeguins, pantufas, a modista,
 O que vende chinós, o arqueiro, o perfumista,
 O tintureiro em malva, e mesmo o atacoador;
 Dinheiro para o agente e para o bordador,
 Dinheiro para o estofa e para as encommendas,
 Pelos cintos a este, áquelle pelas rendas.

Paga-se e então se julga estar-se quite; em vão,
Vem o passamaneiro ainda, o tecelão;
Paga-se e já se crê finda a missão; de balde,
Surge á ultima hora um tintureiro em jalde,
Ou qualquer outro, em fim, da detestavel gente.

CRESCENCIO, *á parte.*

Eu fallar-lhe-ia bem; mas seria imprudente
Si fosse interromper discurso tão brilhante.

AUGUSTO.

Depois de assim tratar com tanto commerciante
De bagatelas taes, e de tudo ajustado,
Eis que, como remate, apparece um soldado
Que reclama o tributo, e vamos ao banqueiro.
O soldado, faminto, alli espera o dinheiro;
Mas, o calculo feito, em fim fica provado
Um saldo contra nós. Despede-se o soldado.
Eis uma parte só da despesa e do enfado
Que traz um grande dote a muito homem casado.
A que nada possue ao marido obedece;
A outra, em logar disso, o desola e empobrece.
Mas percebo meu sogro. O que ha do seu agrado,
Senhor Crescencio ?

CRESCENCIO.

Ouvi-o e me acho extasiado.

AUGUSTO.

Ah ! o senhor me ouviu ?

CRESCENCIO.

De certo, e á maravilha.

AUGUSTO.

A proposito, já que casa sua filha,
Andava bem compondo algum tanto a fatiota.

CRESCENCIO.

Que, conforme seu pé, cada um calce a bota
E se meça ao amieiro. O rico, como tal;
Mas eu, senhor Augusto, e os pobres, afinal
Não podemos ser mais que se pensa e convem.

AUGUSTO.

De certo, e possa o ceo lhe augmentar o que tem.

CRESCENCIO, *á parte.*

O que tenho ! eis aqui um termo mal sonante.
Sabe, tão bem como eu, o que tenho, o tratante !
Desconfio que a velha haja taramelado.

AUGUSTO.

Falla a sós ?

CRESCENCIO.

Eu pensava em passar-lhe um recado,
Que o senhor bem merece.

AUGUSTO.

O que é que o encommoda ?

CRESCENCIO.

O senhor de ladrões encheu-me a casa toda,
De cozinheiros só, seiscentos, grande Zeus,
Cada qual com cem mãos, seicentos Briareos.
Argos, que era olhos só, e que tinha Ino á vista,
Não os pudera vigiar. E a flautista ! a flautista
Poderia secar a fonte de Pireo,
Si ella fosse de vinho. E as provisões !

AUGUSTO.

Creio eu
Termos com que tratar uma legião ou mais.
Enviei um cordeiro.

CRESCENCIO.

Um cordeiro ! Jamais
Vi animal tão magro.

AUGUSTO.

Acha-o magro ? é possível ?

CRESCENCIO.

Tem a pelle e o esqueleto, uma carcassa horrivel.
Seu intestino, ao sol, se nos torna patente;
Uma lanterna, creia, é menos transparente.

AUGUSTO.

Pois eu hoje o comprei para o nosso regalo.

CRESCENCIO.

Faria bem melhor si mandasse enterrar-o,
Visto que morto está.

AUGUSTO.

Terei hoje o prazer
De beber com o amigo.

CRESCENCIO.

Eu não penso em beber.

AUGUSTO.

Enviar-lhe-ei logo mais certo vinho admiravel.

CRESCENCIO.

Obrigado, senhor; só quero agua potavel.

AUGUSTO.

Sentirá do bom vinho a embriaguez extranha,
Embora só queira agua.

CRESCENCIO, *á parte.*

Eu lhe percedo a manha;
Quer pôr-me sob a mesa, ebrioso, estendido,
E roubar-me depois. Mas estou prevenido,
E o farei se alojar de minha casa ausente
Para que perca o vinho e o trabalho igualmente.

AUGUSTO.

Visto que nada quer, vou banhar-me e em seguida
Tratar do sacrificio. (*Sae.*)

SCENA VI.—CRESCENCIO.

Ah! marmita querida,
Que inimigos tu tens, que liga sem exemplo!
Nada faço melhor que te levar ao templo
Da Boa Fé, e alli te ter bem escondida.
Tu me conheces, deusa, e és minha conhecida;
Não queiras, Boa Fé, desmentir o que digo
Quando eu t'a entregar como seguro abrigo.

(Continúa.)

Augusto Cavalcanti.



Renuncia

I

Juca Duarte partira de Villa-Maria bem cedo para ir á fazenda e áquella hora quente de sol o seu cavallo "Matungo" trotava preguiçosamente pela estrada velha, rumo da serra. Meio esmorecido, elle, a todo momento, chegava as rosetas ao pello do animal, para ganhar, aqui e ali, um pouco de sombra, pois o calor era tamanho que lhe infundia uma invencível modorra. Juca piscava os olhinhos pardos, com uma zoeira nos ouvidos, as fontes a latejar como si fossem a estalar a cada instante. Já tinha bebido toda a agua que trouxera na guampa e ainda sentia a bôcca secca, com um gosto horrível a pó e soalheira. De momento a momento fallava alto, comsigo mesmo, ou fingindo fallar com o animal, como si quizesse diminuir a impressão da solidão que o rodeava, naquella estrada curva, lavada de sol, ora aberta em esplanadas que desciam num declive macio para os banhados, quasi sêccos agora, nesse fim de verão ardente, ora toda tortuosa e ingreme, reduzida a simples batidas, que só o olhar traquejado do caipira distingue, aos trilhos estreitos, beirando baixadas perigosas, ou aos varadouros escuros e cheios de humidade. Perto d'elle, quasi seguindo a estrada que levava á fazenda, o rio

rolava entre as margens barrancosas a sua agua escura e barrenta, num murmurinho confuso e triste e delle vinha, por vezes, uma viração fresca e suave que o pobre homem aspirava com ansia, como querendo beber, num hausto, o lenitivo daquella aragem passageira. Longe, no amplo horizonte indefinido, recortavam-se, numa curva imprecisa, os primeiros espigões da Serra dos Parecis, o caminho que o levara tantas vezes a Villa-Bella e que elle conhecia palmo a palmo, pelo já ter percorrido dezenas de vezes, sosinho, de dia e de noite, no seu animal de confiança.

Sim, que elle era o rapaz mais *cuéra* daquella zona toda, desde S. Luiz até as fronteiras da Bolivia, e não recebia licções de ninguem quando se tratasse de abrir *picadas* no matto, de encurtar caminhadas e escolher pousos, em toda aquella extensão de mais de cincoenta leguas que vivia a percorrer desde menínote.

Grotas perigosas que lindos taboleiros, insidiosamente occultam, como os *sarans* escondem, ás vezes, traiçoeiros redemoinhos; curvas imprevistas de estrada, entre os cerrados de lixeiras ou mattas sombrias, já com pequenas clareiras de sol, já mergulhadas na escuridão e no silencio, por onde o *carreador* collêa zig-zagueando, tudo isso lhe não trazia surpresa. Conhecia bem todos os perigos do matto e não seria elle, com mais de vinte annos de viagens continuas, na sua rude profissão de tropeiro, que voltaria do caminho, como qualquer novato, só porque uma trama de cipoal lhe cercava a estrada ou por ouvir ruidos extranhos nos taquaraes da margem.

Não tinha medo de cobras e dizia-se mesmo ser curado contra a peçonha dellas; assombrações tampouco o intimidavam e andava pelo matto fora de horas, com luar ou sem elle, e nunca vira nada, nem *canhambóras* que havia muitos por aquellas bandas, fugidos dos engenhos e occultando-se á perseguição dos capitães do

matto. Levava a sua *picapau* sempre comsigo, presa a tiracollo ou atravessada ao arção dianteiro e só uma cousa neste mundo lhe punha certo arripio no corpo: —era quando se via apanhado em viagem pelos agua-ceiros, longe de qualquer morador, tendo de abrigar-se sob uma arvore . . .

Tinha um medo invencivel de raios e o ter de ficar perto de uma arvore, cuja visinhança os attrahe, infundia lhe inconsciente e enorme pavor. Benzia-se a cada trovoadá que abalava, com fragor, a floresta e, de cada vez que via abrir-se o ceu plumbeo em relampagos de fogo, gritava por Santa Barbara e S. Jeronymo, que protegem contra as tempestades . . . Não socegava emquanto, arrefecida a violencia do temporal e cessados os trovões, não se desanuviasse o ceu e elle pudesse seguir pelas estradas inundadas onde a chuva abriboqueiões enormes, desbarrancando a terra fôfa e vermelha . . . Mas com aquelle tempo sereno de agosto, de muito só e muita claridade, não havia sombra de perigo. E Juca Duarte, derreado e meio bambo, um cigarro de palha apagado ao canto da bôcca, batendo as caçambas uma contra outra, seguia pela estrada, a cantarolar baixinho, numa toada indolente, uns versos que ouvira a uma morena, no Nunes, no *siriri* do domingo.

II

Aquella morena que elle vira dançando o *siriri* em casa do Nunes impressionara-o bastante. Mentalmente, ao repetir os versos, procurando emprestar lhes a cadencia da sua vóz langorosa, Juca ia reconstituindo a emoção passada, qual si estivesse a vela de novo. Meia altura, gorduchinha, rosto redondo e picado de alguns signaes, olhos pretos e vivos, collo farto, um todo de veadinha arisca. com meiguices de rola e col-

leios de serpe,—aquella mulher parecera resumir todo o idéal simples e facil de sua alma rude de sertanejo.

Juca Duarte sentia, ao pensar nella, uma delicada e mmoção, como nunca sentira, elle que sempre tivera idéas muito praticas e grosseiras acerca das mulheres e do amor. Atirado e forte, sympathico de physionomia e attrahente nas maneiras, Juca tivera diversas aventuras amorosas na sua vida e, apesar de já andar beirando os trinta e cinco, era ainda sensível ao magico prestigio feminino.

Não *pabulava*, entretanto, do que lhe succedia e era até tido em conta de muito discreto, o que lhe valia como uma qualidade a mais junto das mulheres, que delle facilmente se enamoravam, rendendo-se captivas ao bello rapaz, que tanto tinha de *prosa* e valente, com os seus parceiros, quanto de terno e apaixonado perto dellas. Augmentava lhe o ascendente nas rodas femeninas a instrucção pouco acima da vulgar que possuia, servida por facil e espontanea intelligencia, permittindo-lhe pilherias gostosas e inspirados descantes ao violão, tornando se mesmo celebre a sua fama nas serenatas e nos desafics, em que sempre levava a palma aos demais companheiros. As constantes viagens que era obrigado a fazer contribuiam, por outro lado, para crear em torno de seu nome essa athmosphera de lenda que facilmente seduz os espiritos femininos e mais de uma vez, em roda do fogo, nos ranchos onde a viola pontilhava num guaiar de saudades, elle prendera muito coração de cabocla a narrar as suas peripecias ou em longas caminhadas pelo sertão do Jaurú, ou, Guaporé acima, nas frageis *montarias*, a procura do guaraná ou das castanhas, em rudes e arriscadas expedições...

Ao contrario de muitos de seus companheiros, Juca prezava-se de ser uma pessoa limpa, sem morte de homem nas costas, pois nunca fôra capanga ou assalariado de ninguem. Preferia aquella vida que levava de

sua propria vontade e gosto. Trabalhando, adquiria o necessario para manter-se com independencia e até folgadamente, gozava de muito credito, devido a lisura com que fazia todos os seus negocios e assim vivia ha muitos annos, pois, orphão de mãe, sem ter conhecido pai, fôra, desde meninote, obrigado a viver sobre si. A sua esphera de acção era relativamente limitada entre Poconé, aonde fôra algumas vezes e Villa-Bella, sua terra de nascimento e centro de sua actividade, mantendo assíduas transacções com os grandes senhores de engenho da Jacobina, Descalvado e outros importantes estabelecimentos da zona.

Jamais a ambição o levava a exceder essas raias: nunca fôra sequer á Capital, a que aliás, votava mal dissimulado resentimento, fazendo-a responsavel pela rapida e dolorosa decadencia de Villa-Bella... Como o cavallo, subito, parasse, numa travessia de ribeirão, Juca deu de redeas, e enquanto esperava que o animal bebesse á vontade, accendeu vagarosamente o cigarro no isqueiro prateado. A idéa da morena esvoaçou-lhe de novo na memoria.

Porque não lhe era possível esquecer aquella creatura que lhe apparecera, a luz bruxoleante de um candieiro, no terreiro do Nunes, e que mal lhe dirigira o olhar, entretida em acom anhar o rythmo do *sirirí*, mixto de jongo barulhento e da alegria bregeira de caterê? Juca, mau grado a si mesmo, sentia-se dominado pela lembrança della e via que aquella mulher se representava á sua imaginação simples de matuto como uma entidade superior ao vulgar, como qualquer cousa melhor que as outras que elle tinha até ahi conhecido...

Sem duvida era aquella morena que devia fazer a sua felicidade... Mas, quem seria ella?

Dalí, de Villa-Maria, por certo que não era, que elle conhecia toda aquella redondeza e nunca vira tão

gracioso palminho de rosto. O cavallo, saciado, deu de andar, agora com mais alento. Refrescara um pouco. A tarde, lenta, ia caindo... Os ares povôavam-se de vozes estranhas: eram nhambús a pfar, melancolicamente, de dentro das capoeiras, casaes de araras, que passavam, gritando, aves de toda a especie em vôos lentos, á procura do ninho.

O sol já trasmontava, rubro como um disco de cobre, o espigão da serra e a doçura do crepusculo imprimia suave tristeza á paizagem. Um grande *mangá* passou rente á cabeça do cavallo e começou a rodear em torno do chapéu de Juca Duarte...

—Sai, demonio! gritou o caboclo, depois de procurar, por duas ou tres vezes, afungental-o, irra! que você até parece certo pensamento que me está a perseguir!

III

De volta da fazenda, noutro dia, de tarde, Juca Duarte ia seguindo o trílho que passava em frente á sua casa, quando ouviu uns passos dentro do cerrado, que fizeram o cavallo espantar-se e empinar rapidamente as patas dianteiras.

—Que é lá isso, Matungo! bradou o caboclo, não sem certa impressão diante daquelle ruido inesperado. Deixa de historias, anda, que é preciso chegar!

De facto, escurecia.

Longe, na orla do campo, o sol punha um incendio de luz, uma violenta confusão de côres, desde a gloria flammante do vermelho purpura até a melancolia doce do violeta... Na sombra crescente rolas turturinavam num tom de tristeza infinita.

Um vento fresco e ligeiro soprava das bandas do Seputuba. De repente, o barulho se fez ouvir de novo e Juca teve um abalo violento ao ouvir, no silencio recolhido da noitinha, a voz clara e senora da morena

do *siriri*, cantando na mesma toada, a cantiga que o apaixonara:

De tardezinha ando atôa
á procura de meu bem...
Ai de quem vive sosinha
sem ter o amor de ninguem !

Juca Duarte estacou o animal, pallido e nervoso, o coração a pulsar desordenado, na febre de uma commoção imprevista. E a voz da cabocla, cheia, quente e vibrante, feita de inflexões caríciosas, continuou, no estribilho suave:

Ai de quem vive sosinha
sem ter o amor de ninguem !

Juca Duarte cuidou ouvir passos que se aproximavam—prestou attenção, toda a attenção, mas o barulho cessara. Andaria ella pelo matto, áquella hora, á procura de seu bem, realisando a idéa singela expressa na modinha ?

Oh ! si ella quizesse ! Elle bem poderia ser o bem que ella esperava . . . Juca sorriu para si mesmo, com malícia, esfiapando um pouco de fumo nas mãos callosas, mas logo sentiu como que uma revolta contra si proprio, por ter tido aquella idéa tão grosseira . . . Amarrrou o cavallo a um mourão em frente á sua casa e poz-se a andar, descuidado, até a estrada *reuna* que passava uns vinte passos adiante, já ao entrar na cidade.

Talvez ella estivesse numa das primeíras casas da rua da entrada e elle pudesse vel-a e fallar-lhe . . . Não, não se sentia com coragem para dirigir-lhe a palavra, apezar da sua franqueza e desembaraço com as mulheres. Mas—e de novo lhe acudiu o mesmo pensamento da vespera—aquella não era como as outras . . . E, na sua mente, se poz a idealizar-lhe as feições e a re-

compor-lhe os encantos, a começar pela vóz que ha poucos instantes acabara de ouvir . . .

Que vóz harmoniosa, feita para a doçura das palavras de amor, para a ternura das palestras á surdina, no aconchego do rancho, enquanto, fóra, ao luar de prata, o violão desferisse os seus melancolicos gemidos!... Subitamente, ao virar a estrada, Juca avistou a morena que chegava por outro trilho á casa do Nunes, saías arregaçadas, num passo lento de fadiga, trazendo ao hombro um grande feixe de lenha que fôra buscar ao matto. Estava explicado porque lhe ouvira a voz dentre o cerrado que havia por traz de sua casa . . .

Quíz chegar-se a ella, fallar-lhe, pedir-lhe que o deixasse conduzir aquella carga tão pesada aos seus hombros delicados, mas faltaram-lhe os termos adequados, travou-se lhe a lingua, embararam se-lhe as idéas e elle se sentiu ridiculo e sem força diante della . . . A morena passou bem em frente d'elle, a tempo que elle ainda lhe viu o ligeiro sorriso com que, num aceno ainda mais ligeiro, lhe dirigiu umas "bôas tardes" que elle correspondeu, num largo gesto do seu *carandá* desabado. Um aroma de flôr agreste enchia o ambiente morno da tarde e Juca, desapontado, sem perceber a sua situação grotesca, deixando transparecer ao vivo a paixão que o dominava, parou ali, largo tempo, a coçar a testa, olhar em alvo, como que abstrahido num grande sônho de ventura. Cahira de todo a noite . . . E Juca voltou para a sua casinha, a passos lentos, meditativo e *banzo*, enquanto, na calma vespertina, ainda lhe cantava aos ouvidos, como um refrão insistente, o final da modinha tristonha:

Ai de quem vive sosinha
sem ter o amor de ninguem!

IV

Um mez depois, na fazenda, Juca, sentado num velho tronco de pau ferro, olhava uma crioulinha tocar a criação com o varal e emquanto ia desfiando umas embiras para fazer algumas peias, pensava, com o coração apertado, na resolução que deveria tomar diante da situação a que o levara o seu amor pela Dictinha. Na vespera ella lhe dissera francamente o que tencionava e o que podia fazer. Só se casaria com elle se annuisse em irem os dois para Cuyabá, onde morava a familia della—a mãe velha e paralytica e uma irman pequena,—das quaes não podia separar-se. E entre o desgosto de perdê-la e a dolorosa fatalidade de renunciar para sempre áquella vida que levara desde creança naquelles lugares já por demais familiares e queridos a sua imaginação, Juca hesitava, numa dubiedade angustiosa a que não conseguia pôr fim.

Não podia ser de outra fôrma, entretanto, e elle, intimamente, se confessava que Dictinha estava com a razão, mas doia-lhe que fosse condição para a sua felicidade aquelle desenraizamento. Sim, porque embora arrojado, sem preconceitos nem abusões, parecia-lhe que aquella transformação brusca e radical na sua vida, aquella mudança repentina para um meio tão differente, iria acarretar-lhe alguma infelicidade, quando muito grandes aborrecimentos.

Um vago receio que elle não sabia definir lhe acabrunhava a alma á só perspectiva de ter de abandonar aquelles lugares em cuja calma lhe ficara toda a sua vida passada. Seria possivel que uma mulher, só por ser bonita e agradar-lhe, conseguisse fazer na sua vida tamanha metamorphose, a elle, sempre frivolo e que sempre zombara das paixões e do amor? E Juca reflectia, meio supersticioso, como todos os caipiras, na influencia mysteriosa do destino e imaginava que es-

pirito bom ou mau teria feito vir ali aquella cuyabana bonita para assim transtornar a sua vida antes tão calma.

Por ella iria renunciar á sua existencia tão bem encaminhada, na sua terra, entre os seus, para arriscar um novo começo de vida, em terra extranha e talvez hostile? Na sua imaginação de matuto surgia a vaga prevenção que a Capital desperta na gente simples do campo, aguçando-lhe do mesmo passo a curiosidade e o receio de conhecê-la. Seria possível que uma mulher pudesse influir tanto na vida de um homem? Não que Juca sentisse uma dessas paixões irresistíveis e violentas de que ouvira fallar, que levam ao crime, á loucura e á morte, mas, no seu intimo, elle reconhecia que não poderia mais achar gosto á vida dali por diante, sem Dictinha.

Ella, naquelle curto mez de namoro, conseguira, com um admiravel e inconsciente poder de seducção, prendel-o, empolgal-o, attrahil-o, a ponto que, por vezes, Juca se julgava victima de feitiçaria ou mandingas e benzia-se com a canhota, dizendo:

—Arre! nunca pensei que existisse semelhante cousa! Tudo em Dictinha parecia feito para encantal-o: até o modo simples de repulsa honesta com que recebia as suas exigencias de namorado contribuia para mais o enfeitiçar. Desde o moreno da sua physionomia buliçosa, com uma viva expressão bregeira nos olhos negros e rasgados, até os seus pézinhos mimosos, sempre calçados em chinellinhas de couro, desde o seu sorriso velado de ternura, a mostrar os dentes, uma clara enfiada de perolas — até o seu collo de pomba, a estremecer sob o cabeção de rendas da camisa, tudo em Dictinha parecia feito para realizar o seu ideal de sertanejo ao imaginar a mulher amada.

Depois daquella tarde de agosto em que elles trocaram um cumprimento tão contrafeito, quanto havia

progredido num e noutro o amor que os tomara desde a primeira vez que se avistaram!

Mas, agora, era força decidir . . .

Juca pedira um mez de prazo para ir até a Villa Bella ultimar uns negocios e voltar.

Mas, seria possivel que elle deixasse tudo aquillo?

E á sua idéa esse dilemma se traçava, tragico e irresoluvel, como a pergunta da Esphinge: ou abandonar de vez aquella terra, que representava toda a sua felicidade no passado, ou renunciar áquella mulher, que era condição de sua felicidade futura.

Que deveria fazer? Ir? Mas era doloroso deixar a sua terra, aquella gente conhecida, aquelles lugares onde tudo lhe era carinho e recordação feliz, desde as pedras das estradas até as porteiras das fazendas, desde a linha sinuosa dos morros até as baixadas dos corregos, a fluir, numa endeixa triste, entre os seixos crystalinos . . .

Ficar? Mas, como, si aquillo iria parecer lhe vasio, deserto, aborrecido, desde a hora em que já não a visse e lhe não pudesse mais fallar? Naquella lucta intima, Juca Duarte se debatia, hesitava, oscillava, no terreiro da fazenda, vendo a tarde cahir, á espera que surgisse a lua afim de seguir para Villa-Bella.

V

Na velha cidade colonial Juca demorou-se mais que o prazo que lhe fôra concedido pela Dúctinha.

Os negocios fôram o motivo apparente com que elle a sí proprio se illudia para demorar a partida de mais alguns dias. A decadente cidade avivou-lhe mais o sentimento nativo, o affecto que o vinculava a cada coisa ou pessôa, a cada incidente minimo da vida local, ás pequenas modalidades topographicas ou meteorolo-

gicas, ao aspecto geral da terra e da gente, a tudo emfim, que constituia, a feição propria e inconfundivel daquella zona. Terra Morta, Cidade do Passado, Dominio Misterioso da Lenda—aquelle burgo abandonado, cheio de gloriosas tradições de fausto e de esplendor, quando, no seculo XVIII, era o centro da vida da Capitania, a sua presença veio evocar na alma daquelle sertanejo inculto e affectivo todo o sentimento de carinho que despertam os lugares a que anda ligada a lembrança dos velhos tempos quasi esquecidos pela frivolidade dos contemporaneos.

E ao percorrer, sosinho, aquellas ruas tristes e desertas, de onde parecia exhalar se um bafio desolador de ruina e decadencia, ao revêr aquellas antigas construcções, de alguma das quaes só restavam os alicerces de pedra,—as certidões, como na sua linguagem expressiva, os chamam, o caipiras,—mostrando a ossatura dos esteios de aroeira, Juca sentiu-se mais do que nunca ligado áquellas ruinas, prezo aquella grande tapéra abandonada. Passando por aquellas praças desertas, que o matto invadia, reconquistando os seus direitos na terra que o homem ingrato abandonara, olhando aquelles enormes edificios —o faustoso Palacio dos Capitães-Generaes, a Igreja da SS. Trindade e de S. Antonio, o velho e magestoso cáes sobre o Guaporé—o caboclo se não dispunha ao regresso promettido, reconhecendo, no intimo, o pulsar de uma fibra occulta do seu organismo que reagia violentamente contra o sacrificio que se lhe impunha . . .

Partir era para elle renunciar áquelles lugares abençoados na sua ternura de sentimental, abandonar aquella terra em que cada espigão de morro ou curva de rio, cada effeito de luar ou reflexo de sol, cada paisagem radiosa de verão ou horizonte ennevoado de inverno, se achavam ligados a uma emoção ou a uma vaga reminiscencia do seu passado.

E Dictinha exigia aquillo, para possuil-a era preciso aquella renuncia, aquella abnegação suprema? Era com o abandono daquillo tudo que elle havia de comprar a felicidade, representada pelo amor daquella morena formosa! Foi então que, afinal, na sua alma rude e simples, após a mais tremenda das luctas, triumphou, sobre o amor por Dictinha, o amor irresistivel pela sua terra.

Não iria. A estas horas já ella deveria ter partido. Era melhor assim... Parecia-lhe cada vez mais impossivel aquelle abandono. Entre a tragica alternativa duma felicidade longe dali e duma vida tediosa, cheia do arrependimento de não a ter sabido aproveitar, mas ali, naquella terra que era tudo para elle—tradição, affecto e saudade—Juca preferiu a derradeira solução, embora com isso se lhe despedaçasse o coração apaixonado... Não iria. E na tarde languida que morria, vendo o sol descambar por traz do crivo da serra, Juca Duarte, sentado á porta do seu rancho de sapé, sentiu uma vontade desesperada de chorar. Nesse instante Dictinha já deveria ter regressado para Cuyabá... E elle a perdera para sempre, renunciara para sempre á sua posse e ao seu amor!

Uma infinita tristeza de desamparado subiu-lhe d'alma... Ella partira, como os outros que iam abandonando aquella terra, indifferentes ou esperançosos numa vida melhor. Poucos iam-se deixando ficar naquella ruinação que a decadencia lenta ia avassalando. Porque, então, não fôra elle tambem? Quem sabe si não renunciara a uma vida prospera e feliz, ao lado da mulher amada, numa terra melhor e de maiores felicidades? Mas, de novo, uma reacção poderosa lhe veio ao espirito perturbado de tanta lucta, a revolta, talvez, do seu sangue sertanejo, tão ligado áquella terra como a seiva daquellas arvores seculares que ninguem pensa em transplantar sob pena de as fazer perecer... Assim

era elle . . . Sentia-se incapaz de viver em outra parte, onde não visse aquellas paizagens tão amigas dos seus olhos e não escutasse aquellas vozes tão familiares aos seus ouvidos . . . Ficaria . . .

Só o imaginar o que seria a partida, o abandono definitivo e extremo, baniu-lhe da mente os ultimos desejos de partir. Longe, elle não se esqueceria do que ia deixar e, assim, para que partir, si nem o amor de Dictinha o faria feliz? Ha outras, pensou, ha muitas Dictinhas no mundo . . . Mas, de chofre, a evocação lhe desenhou, viva e perfeita, a morena gentil que o apaixonara . . . Como aquella, nenhuma! E elle a perdera, e ella nunca poderia ser sua, -- outro mais feliz, que sabe? gozaria os seus carinhos e os seus encantos. Mas antes assim. Elle é que não abandonaria a sua terra, não seria ingrato como tantos outros! E um choro forte, cortado de soluços, estrangulou-se-lhe na garganta . . . Sentia se fraco, vencido, esmagado pela renuncia do seu amor.

Então, como para confortal-o, a natureza compassiva começou a abrir sobre a sua cabeça a doçura e a calma das grandes noites estrelladas do sertão . . . A sombra, como uma enorme mancha, foi envolvendo a paizagem silenciosa. Casas em ruina, Palacio, Igrejas, Praças desertas, tudo foi entrando na paz e no recolhimento do crepusculo, diluindo-se nas tintas apagadas do poente . . . As aguas do Guaporé scintillaram aos primeiros raios da lua cheia que, radiosa e doce, como uma bençã do alto, clareou aos poucos toda a paizagem, illuminando de antigos fulgores aquelles phantasma de grandezas extinctas, aquellas ruinas dolorosas de um Passado morto . . .

José de Mesquita

coisas falsissimas!—Então, não crês nesses dois grandes sentimentos humanos? Inquiriu a segunda sombra, que era baixa, tinha os gestos largos, a cabeça erguida.

O Amor? A Amisade? Chamas a isso sentimento? Sentimento é uma coisa tão alta, tão pura que só poderia existir entre os anjos, si os anjos existissem. O que existe é o interesse carnal do homem. Quando vê passar uma linda creatura, qual a primeiro pensamento que lhe occorre? Desejo que ella seja a boa companheira na sua jornada terrena? Nada! Seu sangue escalda. borbulha. Seus olhos tomados, instantaneamente, de um fulgor vitreo, são o espelho das suas crapulices. E, depois? A posse é a expressão maxima do tedio. A Amisade? A Amisade é o mais triste attestado da covardia do homem. Tomado de panico, quando vivia nas selvas, nos tempos primevos, elle procurou o seu semelhante, não para querel-o; mas para se defenderem mutuamente do meio ambiente. Não teve a coragem grandiosa do leão que só, urra em plena solidão do deserto, affrontando a grandiosidade de espectaculo que o cerca, desafiando, audaz, para uma lucta leal, o inimigo que não conhece, nem vê; nem teve a coragem solitaria do pernalta que vive só, melancolicamente, fitando a sua sina na curva azul de um rio despovoado, sem uma arma, sem um desejo mau. E o homem? Elle uniu-se ao outro homem.

Para que? para amarem-se? Não! Para combaterem-se eternamente com as armas mais aperfeiçoadas que saem dos arsenaes, com a torpeza das intrigas mais cynicas. Olha, meu amigo: vivamos como os nossos antepassados: sós, em nossa tóca e verás como a vida te deslizará suave, como uma tarde tocada das magicas polychromias do céo, arfante de virações balsamicas.

São conselhos que te dá quem desce a montanha da vida, ja cançado e resignado; mas, não tendo della mais nenhum segredo a desvendar.

Chegaram ao topo da rua. Pararam. Uma aza tardia sussurrou, varando as trevas que se adensavam mais. Um silencio fortuito estancou o fio daquella conversa.

A vida, meu velho amigo, não é tanto assim. Falou, porfim, a sombra baixa, de gestos largos. Para nós que vivemos na provincia, que conhecemos os nossos sertões extensos, a vida é como uma caminhada através delles, sob uma canicula bravia. Viajamos durante o dia, até que a tarde baixe. E, a tenda armada, sob a scintilação das grandes noites estivaes, a tarefa cumprida, como é suave deixar levar-se pelo somno reparador! Assim a vida: mourejamos todos os dias. Quantos aborrecimentos, quantas magoas, no deccorrer delles! Mas, quando voltamos ao recesso tranquillo do lar, em nossos corações satisfeitos parece que abre uma dessas noites sertanejas, perfumadas, reparadoras, com caricias dos seus fulgores. Um dia de menos em nossa existencia? Que importa? É a rota eterna! o que importa é a satisfação de termos aproveitado o tempo em coisa proveitosa. Si não fora isso, assistiríamos, em vida, apasagem triste do nosso proprio enterro. Ser util e produzir, eis o paradigma a seguir. Dahi nasce a fonte encantada e sussurrante que nos enleva pela vida afora, com a sua musica que é Amor e Amisade.

O amor não é o instantaneo contacto de dois seres. E' certo que sou um producto delle. Mas, eu bendigo áquelle que me fez comprehender a vida através dos livros e áquelle que fez anal a através do coração, Para bem comprehendel-a, é preciso calcar com força a mão sobre o coração. Elle pulsa? Então, é preciso amar. De um fardo que ella venha a ser, transforma-se "numa cruz coroada de rosas."

Attende bem para tudo que nos rodeia: os chilros madrugadores dos beirões; a alegria dos ninhos povoados; os amores alados das borboletas multicores; a doce

visão de um berço em festa, tudo nos falla do Amor, do grande Amor que rege os mundos e nos eguala a Deus porque cremos, como elle. Dahi eu acreditar no amor que eu traduzo no ancenubio de duas almas, nesse união da figueira e o acury das nossas mattas que se enlaçam, torcendo-se, e sobem na alegria verde das suas folhas para o céu azul que os abençoa, até que um dia o estalo sacrilego de um raio os carbonisa. E, quem assim crê no Amor, porque negar a Amisade *alte-ergo* do Amor? Com elles, como são felizes os anjos no céu e as creaturas na terra! Ademais, meu amigo é dos livros sagrados: ai! dos solitarios. Envelhecer sosinho... Que coisa triste! Pobre daquelle que morre no catre dum hospital diante do olhar impassivel dos enfermeiros, sem uns dedos piedosos que fechem, pela derradeira vez, as suas palpebras. Olha: a vida desse infeliz é como a nossa sombra ali no muro! Como passa sem deixar um traço, um perfume uma lembrança! E' como uma tarde branca de inverno que se extingue, silenciosa, sem rumores de azas, sem o adeus verde das palmeiras, sem a doce angustia do toque das trindades... Comparemos, meu amigo. Ali está uma palmeira e lá, na quelle jardim, um jasmineiro em flor. A palmeira vive, cincoenta, oitenta annos, serena, solitariamente. Um dia morre. Que lembrança deixou desí? Nem uma palma, nem uma semente. Como é differente o jasmineiro! A sua vida é um canto glorioso ás coisas bellas que erram pela terra. Floresce e embalsama o ar. Em seu recesso resoa a musica dos insectos zumbidores. Murcham as suas flores, veem as sementes que cahidas no solo, brotam, crescem, flores para o encanto da nossa vista, do nosso olfacto.

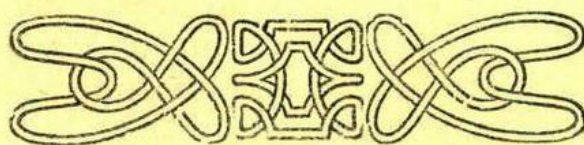
Pelo que expendi, bem vêes como tenho opinião contraria ás tuas. Olhemos a vida atravez do epicurismo da mocidade. Ella será boa, carinhosa, digna de ser vivida com amor e dignidade. Guarda estas palavras e no

isolamento deploravel em que vives, reflecta, um momento sobre ellas...

O relógio da velha Sé despertou dentro da grande paz da noite que cahira pondo nos espiritos interrogações.

A segunda sombra calou. Ellas voltavam lentamente por aquella rua deserta e ingreme.

Oscarino Ramos



A trova brasileira

Um dos mais illustres escriptores da moderna geração lusitana sempre que asinha se lhe depara a occasião arremette contra o facto e, num trabalho ingente de iconoclastismo, procura demonstrar que elle não tem com a alma portugueza, que é filho da Limoeiro e dessa forma representante de uma reduzida minoria que não pode dar a precisa idéa do sentimento nacional.

Não sei si tem razão o literato d'alem Atlantico... ou si é uma pontinha de vaidade dos que renegam a ascendencia por vergonha da sua humilhação.

Nós aqui não poderíamos dizer o mesmo. Talvez porque oriundos da raça lusa, ainda mal amalgamada com a nostalgia do negro e a bravura incómita do caboclo somos por natureza trovadores. E quem percorrer o Brasil em qualquer direcção pode até não encontrar a viola que em muitos sitios é substituída por um monocórdio de origem africana, mas encontrará a trova, a quadriinha nossa, genuinamente brasileira, «a nossa mais elementar forma de arte que, nos seus quatro versos de sete syllabas, contém muitas vezes um estado fugitivo d'alma, um demoraço aperto de coração, desejo, queixa, agrado, malicia... communicados a outros com sinceridade e com simplicidade.»

E quanto ella falla a nossa alma, diz aos nossos sentidos, traduz o nosso temperamento, sabem aquelles que longe do bulicio cosmopolita das cidades vão rio abaixo ou rio acima contemplando a lua de prata dos nossos céos »

"Na galera dos amores
Tudos se embarcam cantando
Porem no fim da viagem
Tudos se apartam chorando"

ou outra qualquer onde o bom senso, o chiste, a graça, a malicia dos nossos sertões se espelham, não tem, não pode fazer perfeita idéa do que é a trova para a alma brasileira.

Para cada sentimento ha a quadrinha simples, muitas vezes sem arte, mas cheia de poesia, cheia de sentimento, cheia de audacias, e para revelar até onde vae a intelligencia do incola das nossas terras ahi está o desafio, a bravura rimada que muitas vezes o orgulho dos litigantes faz acabar em tragedia!

O mais importante é a despreocupaçào desses nababos do sentimento que nunca procuram reaver a propriedade dessas verdadeiras joias da imaginaçào que atiram aqui, ali, alhures.... Que poeta não se sentiria orgulhoso de assignar esses quatro versos em que ha tanto de amor quanto de duvida, de loucura e de prece:

"Chego a perder o juizo
De tanto plano que faço
Do que te hei de fazer
Se cahir no teu regaço."

Não! os portuguezes podem renegar o fado, podem envergonhar-se delle (sem nenhum motivo) allegando o seu sabor á Mouraria, ao degredo, ao Limoeiro, mas nós, os brasileiros, nos devemos orgulhar das nossas trovas, quer ellas cantem o amor, o trabalho, o crime, porque são nossas, porque dizem dos primordios da nossa mentalidade, porque interpretam o nosso sentir.

E só quem não é brasileiro, quem não conhece o ardor do sangue que nos corre nas veias, não poderá reconhecer nessa quadra a nossa galanteria e um pouco de alguma coisa mais:

"Esta noite tive um sonho
Um sonho muito atrevido.
Sonhei que tinha nos braços
A fórma do teu vestido."

Palmyro Pimenta



FANTASIA

(CAMELIAS)

Foi o que eu lera no livro dos *Mysterios*, á sombra da arvore sagrada de Budha, em Aoude, sobre a origem das Camélias, disse o velho indú alisando as veneraveis barbas brancas:

“...A lua de pallidez mesta passeava vagarosamente o ceu, limpo, dum azulado de flor de linho sem macula, e lá em cima, as estrellas pequeninas, como botões d'ouro tauxiando o firmamento aconcheado, tremeluzia scismadoramente.

Lisá, no horto do velho claustro, ao pé de florida camelia chorava.

Chorava de saudades do noivo que partira, do lado levantino, palmilhando atravez comoros e vallados, em um aubescer formoso, aos primeiros cantos da calhandra alviçareira.

E ella que ficara, insulara-se a chorar, a chorar tanto, que as lagrimas secaram-se-lhe dos olhos, e pallida e triste ia a emmurchecer como emmarchecem as flores que o orvalho da noite não vem humedecer.

E quando Lisá no enlevo da scisma pervagava em pensamento a um recanto longinquo do Passado, acompanhando o noivo atravez comoros e vallados—sonho ou realidade—uma camelia de todas a mais triste, foi vaporificando-se, condensando-se, tomando a silhouete de mulher...

—Lisá, porque choras?

—Amei e fui amada... mas o destino diro e inexorável, um dia, por um aubescer, aos primeiros cantos da calhandra levou-me o noivo, para ceos mais distantes atravez comoros e vallados.

O ceo não se tingira de purpura. e a estrella d'Alva grande e luminosa ainda brilhava, esperançosa ia velo se surgia de traz daquelle comoro azulado; as esperanças feneceram, e entrei para este claustro, em busca de serenidade, mas em balde.

—Consola-te conmigo Lisá; também amei; também soffri e busquei o abrigo dum claustro.

Não me houve serenidade porque para o amor que foge não ha consolo; chorava como tu, chorava desesperadamente até que um dia Brahma piedoso, de mim se condoeo e levou me para o Nirvana.

E passaram-se os tempos; e no logar que as minhas lagrimas humedeceram, começaram a brotar umas flores alvadias, que no seu todo conservavam a prefiguração de almas enamoradas, de noivas tristes.

O vulgo primeiramente chamou-lhes "Lagrimas de Noiva", mas tarde um monge disse-lhes "Camelias".

Uma calhandra cantou cortando o espaço.

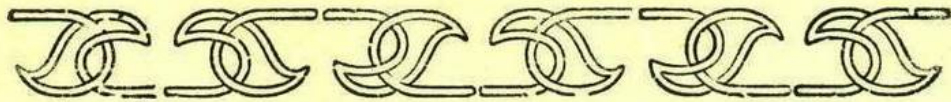
Lisá, lançou os olhos tristes para o levante; o ceo purpleava; a estrella matutina scintillava e a lua tranpunha já os montes do occidente... e o noivo não voltara.

Lisá, enternecida, pegou das Camelias, beijou-as todas, murmurando: como eu, soffreste, como eu, foste victima do amor.

Eu vos adoro irmans do soffrimento, eu vos adoro pallidas e amorosas camelias.

Esta é a lenda das Camelias, disse o velho indú de veneraveis barbas brancas, que eu lera no livro dos Mystérios, em Aoude, á sombra da arvore sagrada de Budha.

Alcindo de Camargo



VIUVA

ALVA, muito alva, pura, sem uma nódoa, nem a mais leve mancha-lá estava ella, todas as manhãs e todas as tardes, á beira da mesma lagôa, longamente immovel, como mergulhada em profundo meditar, ou tomada de uma tristeza immensa; e outras vezes, inquieta, de esperada, como se procurasse inutilmente algum quasi apagado vestigio, ou signal incerto do objecto amado que ali perdêra...

De um lado, para outro andava, perquiria, investigava, scismava. Não foi aqui...

Seria ali? Aquem? Alem?

E quando, por acaso, algum inesperado viandante approximava-se daquelles sitios, ella, assustada e arisca, mas sem um ruído, um ruflar de pennas, abria as brancas azas immaculadas e, pondo um ponto branco no azul sombrio daquelles céos tranquilos, voava mansamente, indo desapparecer além, por traz da escura cordilheira de arvores que ao longe se avistava.

Contaram-me a historia tristissima daquella garça solitaria.

Um mercador de pennas, ávido de lucros, assassinou ali, de um tiro certo, o seu amado companheiro.

Ella, a pobre e desamparada viuva, não o esqueceu jamais.

Era ali o cem terio em que todos os dias ella vinha carpir sobre o tumulo do seu esposo querido, até que, de outra vez, o mesmo caçador impiedoso, junto d'elle a matou.

E assim morrem todas, todas as brancas garças viúvas.

Ah! Mas quando ellas souberem, como vós, oh adoraveis garças de collo de alabastro, que será possivel um novo casamento... quando ellas souberem...

(1908)

João Cunha

No pórtico de um Livro

(Variações acerca da Poesia actual!)

Nestes dias de tão lamentavel cecaécencia mental e espiritual, difficil se me atigura o apparecimento de um livro com imagens bizarras e novas, contracizando a verçace de *Salomão*, no *Ecclésiastes* — *nikil sub sole novum*.

No meu primeiro livro de versos, ferindo os fazedores de regras, deixei de empregar as mesmas rimas do primeiro quarteto no segundo, do soneto; cheguei mesmo, segundo a critica, a desrespeitar as regras da arte poetica, na mistura arbitraria de rimar graves com agudas, e, o que é menos toleravel, (ainda me estribo na critica) terminei com palavras agudas os versos soltos, quando ellas só podem ser assim dispostas nos que são ataviados pela plumagem multicolor das rimas.

Quanto ás rimas dos quartetos, eu já conhecia a opinião de *Theophilo Gautier*, que chamava de sonetos libertinos aos que eram feitos assim.

Baudelaire, consideração por uma escola o maior poeta de toda a literatura franceza, deixou-nos diversos sonetos libertinos. Mas foi *Baudelaire*...

João Ribeiro, mestre de todos nós, criticando-me o livro, nenhuma allusão fez aos versos brancos, chegando, mesmo, a transcrever duas estrophes, nas quaes encontrou «toda uma geração passada, resurgindo com a mesma frescura e fascinação do outro tempo».

E *Fagundes Varella*, poeta de inspiração e talento, apesar das ceneças que deu e não passaram de percebidas aos olhos de *Camillo*, cometeu faltas idénticas: e, longe de penitenciar-se, atreveu-se a querer justifica-las, ao phosphorescente brilho destas estrophes:

Lançai vossos preceitos e trataçõs
A's chamas vivas de voraz incêndio:
Alma que sente, que se inspira e canta,
Não conhece compêncio!

Nem tanto ao mar, nem tanto em terra.

As regras da arte são tão necessarias ao verso como os mais requintados adornos da moda ao trajar feminino. Mas, como as demasiadas irrigações atrophiam as flores, a exclusiva preocupação da forma sacrifica e embaraça a limpidez do verso.

Bem dizia *Vergilio*:—*Verba et voces, prætereaque nihil.*

Em terreno mais fôfo, e marginação de sáfaros espinheiros, pernoitam os actuaes versejadores portuguezes mais em voga, talvez para assim contrastar com o exagerado apêgo dos nossos mais festejados *parasiânos*, que, no inglorio intuito de rebuscar termos absoletos e rimas opulentas (que só disfarçam a pobreza da inspiração) não faziam mais do que macaquear friamente a severa imperturbabilidade das estâttas.

* * *

As modernas escolas literarias tanto na Europa como na America, sem que uma só seja impellida por um forte sôpro de inspiração genial, parecem negar a lei de progresso na poesia e na prosa.

A Allemanha já não tem um *Goethe* nem um *Heine*; está por apparecer quem possa levantar do tumulo de *Campoamor*, na Espanha, a sua vibrante lyra de ouro; a grande poesia da França emmudeceu no Pantheon de *Victor Hugo*; e ainda não surgiu, entre nós, uma cerebração tão fecunda como a de *Alvares de Azevedo*, uma alma tão saturada de tristeza humana e resignação divina como a de *Casemiro de Abreu*, nem uma fronte tão estallante de idéas como de *Castro Alves*.

Os titans da antiguidade, segundo a *Mythologia*, tentaram escalar o ceo, mas não puderam entrar.

Rolaram uns, dos pinaros do Pelion e do Kissor, cahindo espedaçados nas duras peçras da Thessalia; foram outros acorrentados ao Caucaso, como *Prometheu*, com as entranhas devoradas pelo abutre!..

Os poetas são os Titans do nosso tempo eternamente revoltados contra os preconceitos de uma sociedade que se desmorona aos seus clamores olympicos, ora idealizando o concreto, ora materializando o abstracto.

Só os poetas sabem converter os astros em aranhas, como o fez esse portentoso vidente da *Legende des Siècles* ... que também soube converter as aranhas em astros !

Só elles podem saltar do pensamento ao infinito, do sonho á aspiração, do real ao ideal, numa embriaguez produzida pelo pantheismo, mas um pantheismo feito de pura idealização.

O átomo, um simples ponto mathematico que fluctua no espaço arrastado pela vibração universal, segue uma viagem mysteriosa, desde que parte do abysmo, onde fermentam protoplasmas, até chegar ao nosso cerebro, onde brotam idéas, ou aos nossos corações, onde latejam sentimentos.

E só então se evapora, em versos ou canções, que ora se evolvem pelo azul do éther, como o incenso dos thuribulos sagrados, ou descem á terra como a chuva que as nuvens derramam nas sementeiras abraçadas pelo sol, sobre as quaes já não palpitavam azas nem pipilavam ninhos, na viuvez das pombas adormecidas em pétalas de goivos e saucêdes.

A Poesia é como o universo, que tanto nos mostra o infinitamente grande, pelo telescópio, como o infinitamente pequeno, pelo microscópio.

E os poetas chegam pela intuição onde só podem chegar os sábios pela deducção. A intuição foi já a inspiração na fornalha da alma, senão as estrophes as martelladas que imprimem maleabilidade ao ferro em braza da idéa coruscante.

A reflexão exige prolongação recolhimento para a alma que se descobre do corpo; e o tempo da nossa vida neste planeta é muito curto para podermos percorrer o vasto campo das aspirações humanas.

A intuição, rápida como o relampago, rompe a mais negra escuridão e mostra aquillo que não se vê com os olhos, mas com a percepção psychica.

A intuição é para os poetas o que era antigamente o mysterio para os mysticos, o silencio para os contemplativos, a revelação para os prophetas.

Ninguém pode demonstrar a sua propria existencia por meio de outras faculdades. Em que outra verdade, senão na intuição, se encerra esta verdade evidente de que as linhas parallelas não se encontram jamais nem no infinito ?

A materia é tão mysteriosa como a alma humana.

Si a natureza gasta seculos para produzir um diamante, a intuição em meros de um minuto produz uma idéa.

Cada coisa é uma manifestação da substancia, que é o essencial, não a forma.

Como, o que é essencial num diamante é o carbono, embora o carbono não se componha de diamantes.

* * *

Não sou poeta. Sou, tão somente, um leitor de poetas.

E, como escreveu *Faguet*, esse leitor si não é um artista, é um homem com pretensões de se-lo.

“Les lecteurs de poètes ne sont pas très différents des lecteurs de romans idéalistes; il y a pourtant quelque distinction á faire.

Le lecteur de poètes n'est pas seulement un romanesque; c'est un artiste ou un homme qui a des prétentions á être artiste.

Il veut lire dans une «langue artiste», dans cette langue, comme a dit Musset, que le monde entend et ne parle pas, et n'entend même pas beaucoup.

Le lecteur de poètes est un initié ou croit l'être et se flatte de l'être» (1)

E, mais ainda.

“Je ne parle pas ici des lecteurs professionnels. Je songe au lecteur d'Homere ou d'Horace qui les lit par goût, par élection, par vocation, et qui se plaît à eux, seulement parce que ce sont eux et que c'est lui” (2).

E, fallando de leitores de poetas, julgo ainda opportuno mais isto:

La lecture exige donc de nous que nous soyons capables d'analyse autopsychologique, et il n'y a très bons lecteurs que ceux qui en sont capables”.

Agora, vejamos o evoluer das escolas e doutrinas literarias, do romantismo de Musset ao futurismo de Graça Aranha. Farei um rapido historico que não cançará ao leitor e me dará oportunidade de fallar do futurismo que, no Brasil—Rio de Janeiro, já deixou de ser féto para ser futrica. Assim, confirmarei o que atraz c'ei-xei escripto, negando a lei de progresso na poesia e na prosa.

O romantismo, synonymo de 1850, da *imagem tua* e das *palidas e frias*.

“Le romantisme est une théorie purement negative que consiste á prendre toujours le contrepied des idées classiques” (3).

(1) Faguet—L'arte de lire.

(2) Faguet—Oo. cit.

(3) R. Doumic—H. de la littérature française.

Apparece, depois, o parnasianismo, impessoal e objectivo, onde o senhor *Leconte de Lisle* nos faz conhecer Agamemnon, rei de Argos, de *Electra*, filha d'elle, (do rei) da prophetisa *Cassandra*, e cousas annexas.

E *Heredia*, um dos mais ardorosos parnasianos, no seu discurso de recepção na Academia, em 1894, exclamava:

“La vraie poésie est dans la nature e dans l’humanité éternelles et non dans le cœur de l’homme d’un jour, quelque grand qu’il soit.

Racine est-il moins passionné pour avoir chanté, pleuré ou crié ses passions par la voix suave ou terrible de Bérénice, d’Achille, d’Hernione et de Phèdre ?

E *René Doumic*, critico literario e membro da Academia Francaza, escreveu:

“La poésie doit être impersonnelle, présenter à l’homme et l’humanité sous aspects durables dans la personne de ses représentants émietants, d’ailleurs, en évoquant des êtres distincts de lui; le poète pourra, aussi clairement que dans la plus explicite des confessions, nous découvrir tout son ame et nous révéler son originalité tout entière (4).

E mais:

L’école parnasienne se distingue de l’école romantique parce qu’elle recherche l’impersonnalité dans la poésie et l’impeccabilité dans la forme (5).

Agora, o symbolismo, de onde havia de sair o futurismo.

“Aux parnasians ont succédé les *symbolistes* qui ont poussé jusqu’au défi la vague de leurs théories et l’obscurité de leurs œuvres” (6).

Romantismo, parnasianismo, symbolismo e, como custa dizelo, futurismo!

Venho acompanhando, com o maior interesse, a supposta evolução do futurismo no Brasil.

No começo, pareceu-me simples brincadeira: depois, nomes como os de Graça Aranha e Ronald de Carvalho que partejavam a gestação, levaram-me a uma observação mais rigorosa. Cheguei, mesmo, a colleccionar certos versos e artigos, para uma documentação mais segura.

Percí-os. Não os procurei. Achei-os pouco dignos de serem colleccionados. Guardo, porem, certos conceitos acerca do futurismo. Assim, lembro-me de diversos artigos do senhor Paulo da

(4) Doumic — Portraits d’écrivains.

(5) Doumic — Ob. cit.

(6) Doumic — H. de la littérature française.

Silveira, na sua secção domingueira do "O Paiz". Escrevendo sobre Camões, Frei Luiz de Souza, Vieira, Bernardes, enfim, dos mais notáveis quinhentistas e seiscentistas, de que maneira os estudou?

Cobrinho-os de adjectivação de bolor, xaroposo, e outros vocabulos buscados nas privadas terminaça do futurismo.

Lembro-me bem. Era um domingo.

Logo pela manhã um artigo futurista. Fechei o jornal, E, illuminado por um sol glorioso, que batia em cheio na minha humilde bibliotheca, fui em busca de livro digno de ser lido num dia de descanso physico e tão esplendoroso. Abri uma pagina de Anatole. Nem que fosse propositadamente:

"Philosophie, art, science, jurisprudence, nous devons tout à Grèce et à ses conquérants qu'elle a conquis. Les anciens, toujours vivants, nous enseignent encore" (7)

Anatole, gloria das letras francezas, buscando os antigos.

Paulo Silveira, gloria do futriquismo, querendo abalar os solidos alicerces da nossa literatura.

Ou, si ainda é pouco:

"Chaque homme de plus que sait lire est un lecteur de plus pour Molière" (8).

Como veem, são os grandes espiritos que buscam ensinamentos no passaco.

Parece-me até que o proprio Alberto de Oliveira, esse luminoso espirito, já é tambem partidario da nova escola.

Bilac não o faria nunca. Elle foi, dos nossos homens de letras, um dos unicos, senão o unico, que guardou até a hora do deslumbramento augusto do mysterio, em toda a sua plenitude, a integridade moral e mental. Já não digo no *Tarde* onde elle se engrinalda da aureola de pensador; estribo-me tão somente nas suas primeiras produções.

Exageradamente sensual, lascivo ás vezes, não perdeu elle nunca o respeito a si proprio e o respeito de outrem. E porque? Simplesmente pelo sacerdocio que fez do verso, e do sacerdote que por elle se fez.

Bendita a morte que o buscou antes do tremular da velhice!

Tenho apertado muitas costellas de poetas, e poetas de alto renome.

Quando, entretanto, pe'a primeira vez, me foi dada a ventura de sentir nas minhas a mão que cinzelara o *Caçador de esmeral-*

(7) France — Le génie latin.

(8) Sainte Beuve — Portraits litteraires.

das e a *Missão de Purna*, senti qualquer coisa de sagrado naquele aperto de mão. Porque? não era somente o poeta do *Caçador e da missão*, que já seria o bastante; mas, ao mesmo tempo, eu enfrentava a personalidade do homem—sacerdote; sereno e grave, masculino e bom, do que nascera poeta, e, dignificando a poesia, soube se-lo em toda a plenitude.

Poeta mediocre ou poetastro, a verdade é que, por causa do verso, o facto me tem sido adverso. E em nada culpo ao verso. E a época? que é a da mediocridade? Ah! minha pobreza! Consolo-me com *Anatole*:

“Je remercie la destinée de m’avoir fait naitre pauvre. La pauvreté me fut une amie bienfaisant; elle m’enseigna le véritable prix des biens utiles à la vie; en m’évitant le poids du luxe, elle me voua à l’art et à la beauté” (9).

Ah! minha pobreza e a humildade de meu nome!

Pedi pouco; deram-me menos ainda, como a *Ecipo*:

Il demande peu, il reçoit moins encore, et ce rien lui suffit: mes souffrances, ma vieillesse, mon cœur généreux m’ont appris à me contenter de peu” (10)

E’ assim mesmo, no Brasil. Todos querem ser poetas, todos querem ser literatos. E os poucos que levam a serio a literatura, procurando seguros alicerces na leitura austera e grave dos classicos da lingua, noites e annos consumidos na paz das bibliothecas, renunciando, por assim dizer, os folguedos da vida, esses poucos se não perseguidos, são, mais do que isso, desprezados.

Nestas pequenas considerações, confesso o que penso da poesia e do poeta, da magestade daquella, da abnegação deste, e, ao mesmo tempo, disseco os pedaços de mim mesmo.

Quando, uma vez, dirigi-me a um politico, e, como graduado em Direito, pedi-lhe uma collocação, a resposta foi esta: ora, vocês, poetas. . . E eu li nas reticencias a conclusão do periodo não terminado. Tudo isto é muito natural. Mas o negocio é que o politico a que me refiro, é politico de destaque, é mettido a homem de letras, sem haver lido jamais uma pagina de Victor Hugo nem outra de Machado de Assis, que, como me disse, conhecia muito a ambos, mas de nome.

Não é uma historia o que acabo de expor.

E, como o nobre politico, é a maioria dos literatos no Brazil

Não sou amigo nem inimigo do senhor Osorio Duque Estraca de quem nunca recebi elogios nem vice versa, mas a quem ad-

(9) A. France—*La vie en fleur*.

(10) Sophocles—*Œdipe à colone*.

miro pelo muito que trabalhou e vem trabalhando em prol do verso e da linguagem vernacula, da linguagem de Frei Luiz de Souza, de Camões, de Bernardes, de Camillo, de Bilac, de Machado de Assis, sem o que não pode haver literatura em lingua portugueza.

* * *

Agora, na vida vertiginosa do Rio, para uzar da terminologia munciana, que vemos ?

Em vez do retiro calmo do gabinete uma mesa de chá, cercada de mulheres, ao som do jazz-band, uma tropa de poetas, velhos e moços, uns de valor, outros mediocres, (a maior parte de nullos) rimando, cinzelando, na vertigem das intenções indecorosas e dos gestos impudicos. E vamos dormir, com um barulho deste !

Quantas saudades de outros tempos !

Só mesmo chorando, como o meu Machado de Assis :

São pensamentos icos e vividos.

Assim, já pe o estylo, já pela graphia, si os classicos dos seculos XV-XVI, não nos arrebatam, bebamos na fonte dos classicos modernos, que é abundante e preciosa. Ahi estão as obras de Castilho, Herculano, Latino, Ruy Barbosa, Machado, Bilac. Estes tiveram mais trabalho, foram muito mais longe.

Mas isto é pregar no deserto; a semente caininha germinou; o campo era fertil, e isso ha muito tempo.

E querem uma prova ? Ahi vai ella: Mario Barreto, autoridade philologica, o espirito de escol e trabalhador fecundo, que ha annos, no silencio do gabinete, vem acompanhando o evoluer da lingua através dos seculos, e a quem, mais que a nenhum outro, deve a philologia no Brazil, quando, pela primeira vez, candida-tou-se a uma vaga na nossa Academia, foi derrotado.

Nem vale a pena maior commentario.

Inconsciencia ! para não uzar de um vocabulo mais preciso.

Si o finado Francisco Alves, num gesto mais humano, tivesse legado sua fortuna para a creação de uma escola ou de uma maternidade, a Academia estaria na sua marcha de kagaço, mas marchando, dentro de suas attribuições; e do outro lado, como um sol glorioso, os risadas nas escolas e os vagidos nas maternidades, enfim, as creanças, alimentadas, e sadias, que iriam prestar mais tarde á Patria, já nas sciencias, já nas letras, já nas industrias serviços inestimaveis e patrioticos.

Não seriam immortaes, é verdade, porém muito mais: trabalhadores e fecundos.

E' verdade que, depois das obras de Bilac, Raymundo, Vicente e Alberto, nenhum poeta os excederá nos themas ex-

plorados. Mas, ahí, é que pega o carro. Os mediocres escafedem-se, os de valor acobardam-se, e vem a idéa do futurismo, campo magico, onde na cem todas as frutas, cresce o pimentão á maçã, isto é, onde todas as intelligencias poderão produzir, daça a não exigencia de cultura literaria ou doutrinaria. Mas, reatando a conversa, nenhum poeta excederá a Bilac, Raymundo, Vicente e Alberto, mas os de real talento, poderão naturalmente chegar-lhes perto, bem perto.

E ahí estão Martins Fontes, Julio Cesar da Silva, Da Costa Pereira da Silva, Luiz Carlos, que, sem prejuizo da justiça, poderão depor suas obras na mesma bibliotheca onde fulgem as dos quatro magos do verso brasileiro.

* * *

Não sei quem disse, mas foi dito que em um livro, por peor que seja, ha sempre alguma cousa boa. Ou, em outro conceito mais elevado:

“Un bon lecteur peut dire des mauvais: “Que serais-je sans eux? je semblerais petit.”

Un mauvais auteur peut dire d'un bon qu'il le méprise “ingrat! Serait-il grand si je n'existais pas?” (11).

Tomo a inteira responsabilidade de tudo que escrevi. Não fiz por diletantismo, como é corrente, mas por uma função congenita da minha aspiração de homem.

Ensinou-me um velho livro de rethorica que, quando escrevemos, os caracteres que a penna vae traçando ficam fixos e permanentes; o que embora a outro proposito, nos ensina *Horacio*:

Signis irritant animos demissa per aures,

Quam quæ sunt oculis subjecta fidelibus.

E a segunda critica? ora, a critica . . .

Não sei quem disse que ella não dá vida ao que vae morrer nem mata o que tem de viver.

Cogitatione poenam nemo paritur.

E basta!!!

Allyrio de Figueiredo.

(11) Faguet—L'art de lire

Não era devota, mas o medo inspira devoção, e ella rezou comsigo. Entim, chegou Baptista. Ella correu a recebê-lo, alvoroçada, pegou-lhe na mão e recolheram-se ao quarto.

Perpetua (vêde o que são testemunhos pessoais na historia!) exclamou enternecida:

—Parecem dois pombinhos!

Baptista contou que a recepção foi melhor do que esperava, comquanto o marechal não lhe disesse nada, mas escutou-o com interesse. A phrase? A phrase saiu bem apenas com uma emenda. Não estando certo se elle preferia bons a fortes ou se fortes a bons...

—Deviam ser as duas palavras, interrompeu a mulher.

—Sim, mas lembrou-me empregar uma terceira: «Creia V. Ex. que Deus está com os dgnos!»

Com effeito, a ultima palavra podia abranger as duas, e trazia esta vantagem de dar á phrase um arranjo pessoal d'elle.

—Mas o marechal que disse?

—Não disse nada: ouviu-me com attenção obsequiosa e chegou a sorrir,—um sorriso leve, um sorriso de accordo...

—Ou seria... Quem sabe... Você não andou bem, de certo. Commigo elle é a alguma coisa. Você expôs tudo, conforme tinhamos combinado?

—Tudo.

—Expôs as razões da commissão, o descompêho, a nossa moderação...?

—Tudo, Claudía.

—E o aperto de mão do marechal?

—Não entendi a mão, a principio fez um gesto de cabeça; eu é que entendi a minha, dizendo: Sempre ás ordens de V. Ex.

—E elle?

—Eile apertou-me a mão.

—Apertou bem?

—Você sabe, não podia ser um aperto de amigo, mas deve ter sido cordial.

—E nenhuma palavra? Um *passé bem*, ao menos?

—Não, nem era preciso. Cortejei-o e saí.

D. Claudía deixou-se estar pensando. A recepção não lhe pareceu que fosse má, mas podia ser melhor. Com ella, seria muito melhor.

(*Esau e Jacó*, cap. LXXVIII)

Paginas Contemporaneas

NO ALTO DO YPIRANGA

Certo uma visita ao museu do Ypiranga despertará as mais variadas impressões, consoante a capacidade emotiva do observador e as especialidades pelas quaes tem preferencia.

Assim, o engenheiro urbanista deixar-se-ia ficar de fóra, para melhor apreciar a canalisação artistica do famoso regato e o surto da avenida, que lhe rasgou a encosta esquerda, ao sopé da collina onde D. Pedro se immortalizou, em lance epico.

Ampla bastante, vae, em recta, ao começo da escadaria que morre na explanada do museu, mas entumescce á meia distancia para receber, no centro, o grandioso monumento commemorativo da Independencia.

O architecto examinaria as linhas classicas do edificio, ornamentado e decorado de harmonia com a estylo da estructura geral.

Aos pintores bastarão os nomes de Pedro Americo, J. Baptista da Costa, Amoedo, Zimmerman, Norfini, Wach Rodrigues, Oscar Pereira da Silva, para attrahilos ás telas que esses mestres assignariam.

O botanico irá direito á secção respectiva, si não preferir penetrar no parque annexo, a cujo estudo F. C. Hoene dedica toda a sua competencia.

Os zoologos encontrarão no material colleccionado e classificado por Ihering motivo para applicarem a sua attenção, como tambem aos antiquarios e numismatas se deparará a colleção, já bem avultada, de moveis antigos, moedas e medalhas.

Até os historiadores terão com que se contentar, si quizerem tomar conhecimento da abundante documentação, que permittiu ao actual director, o doutor A. E. Taunay, iniciar magistralmente a publicação dos seus "Annaes".

Mas um cuiabaro, simples curioso em assumptos referentes a historia da sua terra, não ficará menos enlevado, si procurar a secção de iconographia paulista, cuja paternidade o museo attribúe a Hercules Florence, que ao transitar por Matto Grosso, em 1822, de lapis em punho, e olhos avido de fixarem os panoramas empolgantes, ainda não teria a physionomia, um tanto cansada, do retrato exposto á admiração dos posteros, barbas em collar, sem quasi nenhum traço de semelhança com seu filho, Dr. H. Florence, ex secretario da Agricultura do Estado.

Dos seus desenhos valeram-se Zimmernan, Norfini, O Pereira, e outros para a composição dos quadros, em que representaram scenas e paizagens de incontestavel poder evocativo.

Foi-lhe companheiro, na expedição Langsdorff, o desventurado Adriano — "a mais illustre victima do Guaporé" — que nos legou a *partida de uma monção*.

O batelão capitanea, devidamente aparelhado, abre a marcha, com os proeiros no remo, enquanto os outros se preparam para segui-lhe na esteira.

Ahi mesmo em Porto Feliz, que tanto fala á imaginação dos conhecedores das entradas dos bandeirantes, em Matto-Grosso, Hercules Florence desenhou a *Benção de canoas de uma monção*.

Embicados na praia, os batelões se acham com o pessoal a postos. O sacerdote, liturgicamente paramentado, diz as palavras sacramentaes, que a assistencia ouve, respeitosa, mais perto os viajantes, de grande gala, e mais afastados os simples espectadores. Pela barranca outro grupo assiste á cerimonia, frequente na era das monções.

Na *Carga das canoas*, já estas se acham no sertão. Nenhum signal de moradia proxima. Amontoados na praia, os volumes são conduzidos a um e um pelos embarcadiços que os sabem acondicionar nos batelões a que pertencem.

Em *Pouso da Monção*, foi o desenho aproveitado para uma tela encantadora. Num remanso, o canto de praia proporcionou ao pessoal espaço bastante para o acampamento de uma noite.

Morria a tarde a pouco e pouco.

As nuvens que se adensavam no ceo ainda recebiam os ultimos clarões do sol agonizante, já menos vivos que os das moitas abrasadas pela queimada.

Ao fogo, dous calderões se illuminavam promettendo almoço tanto para o dia seguinte.

Grupos de embarcadiços, acocorados ou descançados na areia, commentavam os episodios de viagem, ouvidos por outros, já empoleirados em suas redes.

Scena semelliante deu motivo ao *Encontro de duas monções*: a de Langsdorff e uma de Cuiabá. Na praia ampla, saltaram os expedicionarios, cujos chefes se approximam em conferencia amistosa.

O cozinheiro depressa monta o fogão, expelito, enquanto, ao lado, seu auxiliar escama um dourado. Na barraca, erguida à esquerda, sentado, na rede, alguém parece escrever. Será Adriano Taunay, a debuxar os seus desenhos?

A' direita, o rio coalha-se de embarcações, em cujas pôpas, aos beijos de suave aragem, farfalham as bandeiras imperiaes.

O tempo escasseia, porem, para quem pretenda ainda subir ao andar superior pela escadaria, que D. Pedro I domina dentro de um nicho, ladeado ao mesmo nivel pelas estatuas representativas de Matto-Grosso, que P. Moreira Cabral symbolisa, Goyaz, Minas, S. Catharina, Rio Grande do Sul, e quadros allegoricos do,

cyclo bandeirante, da caça ao ouro, ao indio, das fazendas de gado etc.

No salão nobre, toma quasi toda a parede a famosa tela da "*Independencia ou Morte*," a que fronteiam duas outras, modernas, em uma das quaes. Antonio Carlos, na sessão da Corte de Lisboa, de 9 de Maio de 1822. apupado pela galeria sequiosa de recolonizar o Brasil, domina-a, pela palavra empolgante:—*silencio! desta tribuna até os reis têm que me ouvir!*

Na outra, a bordo da fragata União, a 8 de Fevereiro, D. Pedro I intima a Jorge de Avilez. "*Si não retardes no prozo determinado sereis bombardeados e quem dispara o primeiro tiro sou eu!*"

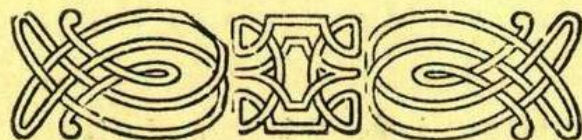
São tres quadros que valem pelo seu merecimento artistico—pelas suggestões que despertam. E quem se approxima da sacada, deleita a vista no panorama que se lhe depara.

Ao longe, a cidade mal se entremostra, velada pela cerração.

Mais proximo, o rasgão da avenida, com os embellezamentos, que a realçam. Ao lado, o jardim francez, magnificamente ordenado, e, fronteira, a collina historica onde, por acariciadora tarde de Maio, parecem resurgir vultos heroicos, e renovar o estrepitar da cavalgata emancipadora.

Simplez visão do passado, nada mais!

V. Corrêa Filho



Páginas esquecidas

Francisco Catharino Teixeira de Brito. (*)

Cuyabá, 27 de Novembro de 1881.

Apagou o brilho de uma dentre as mais radiantes estrellas da Provincia de Matto-Grosso.

Inditosa como és sobre as grandes perdas, ergue a fronte e respeitosa, contempla, reduzido ao pó da tumba —ao nada—um filho e um filho illustre—Francisco Catharino Teixeira de Brito, uma das tuas esperanças queridas, uma das tuas entidades mais salientes, quer na ordem intellectual, quer na moral.

A redacção da Provincia de Matto-Grosso, tomada de profunda e estranha magua, julga-se sobremodo obrigada á registrar o seu passamento á todos os respeitos sensível

Morreu contando apenas 20 annos de idade!

Durante a sua curta carreira, conquistada á força de muita actividade e locubrações, exerceu com grande vantagem e extrema admiração —entre outras— a eminente posição de principal redactor do — Futuro, jornal hebdomadario, dedicado a interesses geraes, que se publica na Capital do Imperio.

A *Provincia de Matto-Grosso* vestindo-se de luto, depõe uma corôa de sincera saudade na lapide fria que cerrou-se eterna aos despojos materiaes de Francisco Catharino Teixeira de Brito e manifesta o seu sempiterno pesar — á sua desolada familia e a preclara redacção do Futuro.

(*) Cópia extrahida do jornal "A Provincia de Matto'Grosso."

A biographia de Francisco Catharino Teixeira de Brito fôra mister fazel-a. si o mesmo Futuro, de 12 de Junho preterito, della não houvesse tratado, como com muita autoridade tratou.

A elle, pois, a palavra :

Francisco Catharino Teixeira de Brito.

O amor filial e o fraternal serão sempre os dous sentimentos mais nobres do coração humano, constituirão sempre o que o homem póde ter de mais elevado nos sentimentos e de mais sublime nas acções ; e os nomes daquelles que tiverem prestado culto a essas duas grandiosas virtudes, erguendo-as pela abnegação até ao heroismo, jamais deverão ser esquecidos e serão sempre venerados. Francisco Catharino Teixeira de Brito está neste caso, nós o vimos curvados aos mais arduos trabalhos para vencer as difficuldades que encontrara no tratamento da longa enfermidade de sua Mãe até o momento supremo ! No amor fraternal ninguem o excedeu, vimol-o dispensar a seus irmãos os mais assiduos cuidados, extremos carinhos e dedicação verdadeiramente paternal e admiravel ! Na pratica sublime dessas duas virtudes era elle a brilhante luz matutina do horizonte de sua familia, luz que alvoreceu, empallideceu e morreu !

Francisco Catharino Teixeira de Brito, filho legitimo do distincto Capitão do Exercito João Teixeira de Brito e de D. Senhorinha Gaudie Nunes de Brito. naturaes da Provincia de Matto-Grosso, nasceu a 25 de Novembro de 1861 e baptisou-se na Capella de Santa Rita do Acampamento de Nioac, em 20 Abril de 1862, sendo padrinhos o Coronel José Antonio Dias da Silva e sua Senhora D. Maria Candida Dias, e celebrante o Revm. Padre Benedicto de Araujo Figueiras, Capellão militar.

Francisco Catharino Teixeira de Brito, espirito de primeira classe, tendo Deus na alma, fundava na virtude o castello das esperanças do seu futuro, suas palavras respiravão senpre a mais pura virtude, e tinham

sempre por fim o mais firme amôr do bem, educado no mais extremoso e acurado cuidado moral e instructivo por seu pai que teve a rara felicidade de deixar nesse filho, apenas com 13 annos de idade, um digno successor no cargo de chefe de sua familia, quando elle falleceu em Março de 1874.

Não constituia sómente o elevado merito desse joven-velho nas suas virtudes, na santidade da devoção, com que amava os seus paes e irmãos, e na sua conducta sempre exemplar para com todos; colosso de talento, possuia em elevado grao a rara união da robustez do raciocinio e imaginação: as approvações plenas que mereceram da Imperial Academia das Bellas Artes seus trabalhos de pinturas e suas poesias ineditas, comprovam esta verdade. Ainda mais admiravel era a sua applicação: vivendo incessantemente a trabalhar e a estudar, sómente abandonou os livros e os jronaes, para entregar-se á agonia da morte!

Durante sua longa e dolorosa enfermidade, que começou em Dezembro de 1879 e terminou em Março de 1881, nunca deixou de estudar atravez de soffrimentos os mais afflictivos e desesperadores, que foram lentamente augmentando-se até ás 10 1/2 horas da noite do dia 14 de Março do corrente, em que exhalou o seu ultimo suspiro, cercado de pessoas que o admiravam pela resignação, paciencia e crença que sempre externou durante sua enfermidade e sublimemente no dia do combate de sua agonia!

Durante a sua longa agonia de 12 horas, em que o anjo implacavel da morte arremessava ao abyssmo da campa a esse heroico joven, bem como durante sua longa enfermidade, em que fôra de momento em momento perdendo as forças e a vida, um só queixume não se ouviu de seus labios contra seus crueis soffrimentos.

Morreu como um santo, revelando a mais sublime paciencia, resignação e recolhimento, manifestando em

tocantes palavras sua crença na immortalidade d'alma e nas meicês de Deos para os bons, sua gratidão para aquelles que o serviram na enfermidade, e suas ternas saudades e cuidados de seus irmãos menores que estavam em Cuyabá!

O distincto actor Augusto Orge commovido ante uma scena tão dolorosa, exprimio uma grande verdade, exclamando:—Que morte cruel!

Francisco Catharino Teixeira de Brito era muito superior á vaidade encarnada na pessôa do homem do seculo presente, em antithese a esse erro, sua modestia era tão sincera e nobre quanto a seu pezar ella não podia encobrir a superioridade de seu merito!

Mancebo de costumes santos, pelos quaes se aninha va em todos os corações e acercava-se de estima, era muito superior para este valle de miserias, cuja corrupção actual é bastante para ruinar uma geração inteira!

Sua alma veio do espaço infinito e volveu ao infinito espaço, foi sua vida um immenso sonho de magoas cheia de gloria e de luz!

Foi sua presença na terra um rasgo da bondade divina, a humanidade precisava de mais um modelo de virtude. Francisco Catharino Teixeira de Brito foi escolhido para esse fim, e com effeito, mais bondade, mais qualidades distinctas não podem reunir-se em um joven.

Eu me congratulo contigo, bellico acampamento de Nioac. porque foste o berço de Francisco Catharino Teixeira de Brito; eu me congratulo contigo, formosa Matto Grosse, porque tiveste a ventura de ser a patria de Francisco Catharino Teixeira de Brito: eu me congratulo contigo, Capitão João Teixeira de Brito, porque tiveste esse filho que tanto honrou tua memoria; eu me congratulo contigo, ó patria, porque teo solo foi pisado pelas plantas de um justo, porque tua atmosphera foi respirada pela virtude personificada, porque libou tuas aguas o lapio da honra. Eu me congratulo com-

tigo, porque possuiste nesse filho aquelle que só amou á Deos a seus paes, á seus irmãos, á virtude, ao trabalho e ao estudo e á esse sentimento digno de veneração, que tem sua origem nos grandes corações, a dôce amizade, mui sincera, de cordial e purissima affeição; esse teu selecto filho que na maxima amplitude e firmeza observou sempre o Decalogo até o ultimo momento de sua existencia curta e gloriosa! Eu me congratulo contigo, porque tão dilecto filho não se manchou nesse infame mundo, era incorruptivel, não podia manchar-se a phosphorescencia de seu corpo: vão os ventos buscal-a sobre sua sepultura, carregão com ella, e lanção-na sobre os seres do espaço, como um principio da vida e do bem!

Terminando sua existencia sem ter completado 20 annos não pôde ter tempo de prestar á patria mais serviços que aquelles que foi possibile consagrar-lhe: apenas com 11 annos de idade foi empregado na repartição do telegrapho, e S. M. O Imperador, em uma visita que nessa epoca fez a respectiva Estação Central, sorprehendeu-se de ver esse menino trabalhando na secretaria annexa entre os outros adultos companheiros, mas procurou investigar a aptidão dessa criança.

Após cerca de 2 annos que servio nessa repartição, della retirou-se espontaneamente, movido por um sentimento de elevada dignidade propria.

Reunindo-se ao finado bacharel José Custodio de Alvarenga Netto e ao actual proprietario desta folha, creou esta publicação periodica, a qual dedicou talentoso e incançavel amor até aos ultimos dias de sua preciosa existencia.

Não nos é dado avaliar a grandeza da perla que a patria soffreu com a morte prematura desse joven, que prenunciara-se o mais possibile gigante no futuro, porque não podemos calcular até onde podem subir os genios quando se entregão a uma tão fervorosa applicação como Francisco Catharino Teixeira de Brito se

dedicou até a propria vespera da sua morte, até onde podem se elevar aquelles em cuja fronte illumina o sol da gloria, quando tem bastante tempo de percorrer o estadio das sciencias, aonde os modernos campeões do talento disputão das letras tropheos gloriosos.

Sobre sua sepultura nº 11594 vela uma cruz de cedro, em cujos braços se acha pregada uma moldura com a seguinte poesia :



FRANCISCO CATHARINO TEIXEIRA DE BRITO

Na tua sepultura
A Marços Brito.

Aqui se findam os sonhos
Do triste e pobre romeiro ...
Neste asylo derradeiro,
Que encerra arcanos medonhos
Se findam virentes sonhos!

Oh! que mysterio profundo!
Ai! que negro denso véo!
Tão infundo como o céo!
Ainda mais amplô que o mundo :
Oh! que mysterio profundo!

Parece que foi inda agora
Que tu commigo vivias
No trabalho, nessas noss'alegrias,
Esse longo dôce tempo
Parece que foi inda agora!

Não foste um valente guerreiro,
Não foste um ente imponente,
Mas na honra florescente
Movias o passo primeiro,
Como no campo o guerreiro!

Eras nobre, altivo, honrado;
Ninguém nunca te escutou
Fallas falsas... nem te vergou
Ao destino desnaturado:
Eras nobre, altivo, honrado;

Oh! Cruz, que és insensível,
Levanta a negra cortina,
E ao triste descortina...
Mundo ignoto, invisível,
Diz-me: — onde está o Brito?

Eil-o ahi... frio... insensível,
Mudo, quêdo, inerte jaz...
Nessa escura e funda paz,
Que na vida não é possível;
Eil-o ahi... frio... insensível

Só o cypreste altaneiro
Nos falla em muda lingagem,
Que nos toca ao coração:
Chorai, diz o Brito. chorai
Que também choro incessante
Entre esta solidão.

Choremos, ó Marcos,
O amigo que perdemos,
Mais uma prece entoêmos.
Que o cypreste altaneiro
Tambem manda que chorêmos.

Paginas dos novos

Ilusão

Ao amigo Martins de Oliveira

*Abro o livro da minha mocidade,
Cheio de amor e cheio de tormentos,
E leio p'ra acalmar minha ansiedade,
Os meus, os teus, os nossos juramentos.*

*Ao lembrar tão dulcizados momen'os
Uma leve illusão minha alma invade,
E parece-me ouvir ternos accents
De tua doce voz de divindade;*

*Logo após na incerteza da penumbra
Teu magestoso corpo se adeanta...
Corro para estreital-o contra o peito...*

*Porem fuge a illusão que me deslumbra,
Então, ferido o coração, levanta
Gritos de desespero, em dôr desfeito.*

Cuiabá, 28 de Outubro de 1925.

Januario Miraglia.

(Do "Gremio Castro Alves")

Azulejos

*Fra José de Mesquita, verdadeiro
artista e poeta do Belo.*

Cinzas. Manhã chuvosa e deserta.

Abro a minha janella e devasso a cidade que ainda dorme. Nem boceja nem espreguiça, mas já advinho o seu despertar — desaponto e profundas olheiras, olheiras de bacchante. Do meu quarto avisto o tecto do casario todo molhado, só interrompido pelo verde-escuro do vasto bosque, que é esta capital. Ouço Verlaine cantar, apaixonado e triste:

“Il pleure dans mon cœur
Comme il pleut sur la ville...”

A chavinha, destilando em agulhas de crystaes, rendilha por cima da cidade.

Sem querer recomponho a scena noturna de hontem:—vejo-te desmaiada nos braços dum rapaz, em quanto dois outros abanam o teu rosto destallecido. Não posso exprimir o que senti, quando, hontem, assim te vi. Frio e calor, com certeza. Uma luz baça allumiava-te o rosto. Nesse momento, reduzido, amei-te assim embriagada de beileza, de perfumes, de ether, como as mulheres de Maeterlink.

—Levem-n'a a uma pharmacia.—Não é preciso. Basta que façam umas fricções nas suas bochechas. Vertigem de ether é cousa ligeira...

• • • • •

Quanta tristeza invade-me o coração quando recordo... Em plena rua!... dez horas da noite!... demasiada!... corpo molle!... labios abertos!... cabelo em desalinho!... braços!... sustida por moços...

.

Eis, minha querida. Eis como te encontravas. E eu que até então, te suppunha—e fiz muito mal!--indifferente a esses prazeres mundanos!... E eu que te sonhava uma princeza como as de Samain, tendo mais leveza e graciosidade que as jovens das telas de Van Loo, Massot!...

Mil vezes não a houvesse encontrado!

No baralhar das idéas que me confundem recordo-me de tudo, tim-tim por tim tim—do que vi, do que senti, do alicerce da felicidade que se erguia, do desmoronar dessa parede, da existencia duma cousa invisivel e mystica que nos approximava... e permaneço mudo e pensativo, o olhar vogando pelo tecto do casario, escuto a voz do psychologo Mirbeau:

“La femme a en elle une force inexorable de destruction”

Tomo da penna da miragem, folheio o diario da minha vida e assignalo a tinta roxa:

Lança-perfume... desmaio... uns labios ardentes... sonho de pierrot... verdadeiro castello construido em areia.

Alves Campos

Bello Horizonte, fevereiro, 1926.

Do “Sox-Trot da vida” em preparo.

Actas do Centro Mattogrossense de Letras

Acta da 27.ª Sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras

Aos onze dias do mez de Junho do anno de mil novecentos vinte e cinco, pelas nove horas da manhã, na sede do "Centro Mattogrossense de Letras," sob a presidencia de José de Mesquita, reuniram-se os socios Virgilio Corrêa Filho, Ovidio Corrêa, Antonio Cesario de Figueiredo Netto, Antonio Fernandes, Alcindo Camargo, commigo Cesario Prado, em sessão ordinaria correspondente ao referido mez, da qual fui pelo Snr. Presidente designado para secretario *ad-hoc* em substituição do 2º secretario Oscarino Ramos, que que faltou com causa justificada.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

Constou o expediente de uma carta do Dr. Mario de Lima e um officio do Dr. Alyrio de Figueiredo, agradecendo sua eleição para socio correspondente; de um officio do Instituto Historico e Geographico do Pará communicando a eleição e posse da sua nova Directoria; de um officio do Gremio Litterario "Castro Alves", desta Capital, communicando a sua fundação e a escolha da nova Directoria; de um dito da Assembleia Legislativa deste Estado, referente á installação de seus trabalhos e eleição da sua Mesa e de um officio do "Sport Club Cuiabano", tambem relativo á sua constituição e escolha do conselho director. Occorreu-se o recebimento de um exemplar do discurso "Sêde Brasileiros," da lavra do Presidente de honra do "Centro Mattogrossense", S. Ex.ª Revma. D. Aquino Corrêa e do exemplar do Elogio do Padre Marcellino, pelo Desembargador Affonso Claudio, da Academia de Letras do Espirito Santo. Após a leitura, o Snr. Presidente enviou á commissão de admissão as seguintes propostas:

«Propomos para socio correspondente, na cidade de Corumbá, o Snr. Carlos de Castro Brasil. Moço de grande talento, tem-se entregado com dedicação ao cultivo das letras, o que se comprova ante as suas muitas poesias que se publicaram na "Aspiração," revista do Collegio Militar do Rio, e em diversos orgãos da imprensa corumbaense. Aqui damos um dos seus sonetos, que diz muito em credito dos meritos literarios do autor. Cuiabá, 11 de Junho de 1925. (Assignado) Cesario Netto, Alcindo de Camargo, Cesario Prado.»

«Propomos para socio correspondente do Centro Mattogrossense de Letras em S. Bernardo, Estado de S. Paulo, o Doutor Tancredo Leite do Amaral Coutinho.

Professor normalista pela Escola Normal de S. Paulo, onde se formou em 1886, exerceu o magisterio publico, tendo sido Inspector escolar e Director interino do Ensino, bacharelando-se em Direito pela Faculdade daquelle cidade, e seguindo a carreira da magistratura, na qual veio a aposentar-se como Juiz de Direito.

Jornalista de valor, foi redactor do "Correio Paulistano", collaborando em varios outros periodicos,

Socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e fundador do Instituto Historico de S. Paulo, Tancredo do Amaral tem dado á publicidade diversas obras de real merecimento, entre os quaes cita Sacramento Blake as seguintes:

Linhas esparsas (1887-1893)—collectanea de trabalhos de imprensa;

Educação cívica—Rio, 1895;

O Estado de S. Paulo livre—S. Paulo, 1896;

Analectos paulistas S. Paulo, 1896;

Geographia elemental S. Paulo, 1893;

Livro das Escolas—S. Paulo, 1901;

De origem mattogrossense, pois o seu pae era natural de Cuiabá, Tancredo do Amaral é um grande amigo de nossa terra e de nossa gente, manifestando o mais vivo interesse e sympathia pela nossa cultura, que acompanha de perto.

A sua inclusão no quadro dos socios correspondentes do "Centro" nos, será muito vantajosa, além de representar merecida homenagem a um bello espirito que por nossa terra tem manifestado especial carinho e veneração Cuiabá, 11 de Julho de 1925. (Assignado) José de Mesquita, Cesario Prado Virgilio Corrêa Filho.

E' do teôr seguinte o soneto alludido pela primeira proposta:

"LUX ET UMBRA"

Não te amo, nem te odeio: antes te evito e fujo,
Onde quer que te encontre, onde quer que te veja—
Quil ao olhar da serpente astuta, que rasteja
Foge, humilde e medroso, um sapo immundo e sujo.

Teu mesquinho pudor—cujo recato, cujo
Arcano devassei,—é, antes, orgulho e inveja:
Tal a lesma, que foge, e se esconde, e se peja
De, ao olhar, se mostrar, fóra do caramujo.

Teu orgulho, afinal,—se orgulho ainda tiveres...
(E o orgulho é que envaidece a todas as mulheres)
Ha de ser o do Amôr, da Belleza e da Fama.

Mas, que vale tudo isso ante a impureza d'alma!
Que vile da Belleza—o louro, a gloria, a palma:
—Esse raio de Luz, numa pouca de Lama!

CASTRO BRASILE.

Corumbá, 3-1-1924.

Deliberou o Centro que a proxima conferencia da serie de elegios de patronos seja feita pelo socio Franklin Cassiano da Silva, que deverá estudar a personalidade do jornalista Antonio Augusto Ramiro de Carvalho.

Resolveu-se também o restabelecimento da "hora literaria", a partir de Julho vindouro, na sede social.

Em seguida, pelas onze horas, o Snr. Presidente levantou a sessão de que eu, Cesario Prado, lavrei a presente acta para ser lida e submettida á approvação na proxima reunião.

José de Mesquita
V. Corrêa Filho
M. C. Oliveira Mello
Octavio Cunha
Ovidio Corrêa
Antonio Fernandes de Sousa
Oscarino Ramos
Alcindo de Camargo
José Raul Vilá
Casario Neto
Franklin C. da Silva
Palmyro Pimenta.

Acta da sessão ordinaria de eleição do "Centro
Mattogrossense de Letras".

Aos quinze dias do mez de Agosto do anno de mil novecento e vinte e cinco, pelas quatorze horas, na séde social do "Centro Mattogrossense de Letras", sob a presidencia de José de Mesquita, reuniram-se os socios Virgilio Corrêa Filho, M. C. Oliveira Mello, Octavio Cunha, Ovidio Corrêa, Antonio Fernandes de Souza, Oscarino Ramos, Alcindo de Camargo, José Raul Vilá, Cesario Neto, Franklin Cassiano da Silva, commigo Palmyro Pimenta, em sessão ordinaria de eleição, tendo sido lida e approvada a acta da sessão anterior.

No expellente foi accusado o recebimento do volume primeiro das "Raias de Mattogrosso", pelo socio Dr. Virgilio Corrêa Filho, do nº 42 da Revista da Academia de Letras e do discurso de recepção de Saul de Navarro na Academia Espiritosantense de Letras. Foram ainda lidos e approvados por unanimidade os pareceres favoraveis á admissão dos socios correspondentes Dr. Tancredo Amaral e Castro Brazil, e que estavam concebidos nos seguintes termos:

«PARECER.—A commissão de admissão, abaixo assignada, tendo examinado attentamente a proposta assignada pelos socios effectivos senhores desembargador José de Mesquita, Dr. Virgilio Alves Corrêa Filho e Cesario Prado, é de parecer que o candidato apresentado para socio correspondente deste Centro Snr. Dr. Tancredo Leite do Amaral Coutinho, possui os requisitos necessarios para ser recebido como tal por esta corporação. Cuius há 11 de Agosto de 1925. (aa.) Antonio Fernandes de Souza, Augusto Cavalcanti de Mello e Franklin C. da Silva.»

«PARECER.—A commissão de admissão, abaixo assignada, tendo em vista a proposta do Snr. Carlos de Castro Brazil para socio correspondente deste Centro, assignada pelos socios effectivos Snrs. Cesario Neto, Alcindo de Camargo e Cesario Prado, é de parecer que o proposto preenche as condições exigidas para ser admitido como tal nesta corporação. Cuius há, 11 de Agosto de 1925 (a. a.) Antonio Fernandes de Souza, Augusto Cavalcanti de Mello e Franklin C. da Silva. Teve em seguida inicio a eleição para a Mesa e Comissões, tendo antes o Sr. Presidente lido os diversos dispositivos

que regem essa materia, verificado o numero dos socios presentes que se constatou ser legal e nomeado escriptadores os socios Palmyro Pimenta e Oliveira Mello. Recolhidos os votos verificou-se haverem recebido suffragio dos presentes e dos representados no acto, os seguintes socios: Para *Presidente*—José de Mesquita, com quinze votos, José Magno com um voto; *Vice-Presidente*—Virgilio Alves Corrêa Filho, com quinze votos; José Magno, um voto e Ovidio Corrêa um voto; 1º Secretario—Philogonio Corrêa, dezesseis votos; 2º Secretario—Palmyro Pimenta, quinze votos e Oscarino Ramos, um voto; Thesoureiro—Ovidio de Paula Corrêa, quatorze votos e Franklin Cassiano—e João Cunha com um voto cada um. Para as commissões foi o seguinte resultado: Relação—Cesario Prado, dezesseis votos, Cesario Neto, quinze votos, Oscarino Ramos, quatorze votos e Alcindo de Camargo, tres votos; Admissão—Franklin Cassiano, Antonio Fernandes de Souza e José Raul Vilá, quinze votos cada um, e Cesario Prado, Ovidio Corrêa e José Magno, um voto cada um; Orçamento—João Cunha, quinze e Ovidio Corrêa, com um voto. Em seguida o Snr. Presidente proclamou os eleitos para a directoria e para as Commissões. Nos termos dos Estatutos a posse deverá ter lugar no dia sete de Setembro.

Ficou resolvido pela Casa que a conferencia do socio Franklin Cassiano sobre o seu patrono Ramiro de Carvalho tenha lugar no dia 19 de Setembro, devendo seguir-se a esta a do socio José Raul Vilá sobre Amancio Pulcherio.

Antes de encerrar a sessão, foi distribuido aos socios presentes o numero VIII da Revista do Centro.

José de Mesquita
V. Corrêa Filho
Romualdo Lettieri
Antonio Fernandes de Souza
Franklin C. da Silva
Oscarino Ramos
Alcindo de Camargo
Benedito A. London
Cesario Neto
Monol Jovino Nunes da Cunha
Palmyro Pimenta.

Acta da sessão de posse do Centro Mattogrossense de Letras

Aos sete dias do mez de Setembro do anno de mil novecentos e vinte e cinco, pelas nove horas, em a sede social do Centro Mattogrossense de Letras, sita á rua Treze de Junho, acharam-se reunidos os Snrs. José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Oscarino Ramos, Antonio Fernandes de Souza, Alcindo de Camargo, Franklin Cassiano da Silva, Isaac Póvoas, Antonio Cesario de Figueirelo Neto, Palmyro Pimenta, Padre Romualdo Lettieri, representando o socio D. Aquino Corrêa, em sessão especial de posse da directoria e das Commissões.

Procedida a leitura da acta da sessão anterior, que foi approvada, o Snr. Presidente declrou empossados os membros da directoria todos reeleitos e que são os seguintes: Presidente—José de Mesquita; Vice-Presidente

—Virgilio Correa Filho; 1º secretario—Philogonio de Paula Correa; 2º Secretario—Palmyro Pimenta; Thesoureiro—Ovidio de Paula Correa; e bem assim os membros das commissões permanentes de redacção, admissão e orgamento. Em seguida o Snr. Presidente fez a leitura do seu minucioso e bem elaborado Relatorio, dando conta circunstanciadamente de todas as occurrencias verificada no anno social findo. O Snr. Benedicto Augusto London, procurador do Centro apresentou o balanço acompanhado dos documentos de receita e despeza, e no qual se verifica um saldo na importancia de um conto seiscentos e setenta e oito mil reis.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão.

José de Mesquita
Philogonio de P. Correa
Franklin C. da Silva
Alcindo de Camargo
Cesario Neto
Antonio Fernandes de Souza
Palmyro Pimenta.

Acta da 28.ª Sessão do Centro Mattogrossense de Letras

Aos oito dias do mez de Novembro do anno de mil novecentos e vinte cinco, pelas nove horas, em sua séle social á rua Treze de Junho nº., reuniram-se em sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras correspondente ao mez de Novembro, os socios José de Mesquita, Philogonio Corrêa, Franklin Cassiano da Silva, Alcindo de Camargo, Cesario Neto, Antonio Fernandes de Souza e Palmyro Pimenta.

Após a leitura e approvação da acta da sessão anterior, passou-se ao expediente que constou de: leitura de um officio da Academia de Letras accusando o recebimento dos modelos enviados á Comissão de Bibliographia pela sub commissão deste Estado, e um outro do "Gremio Julia Lopes" communicando a eleição de sua nova directoria. Pelo Snr. Presidente foi, ram em seguida accusadas varias offertas de obras á bibliotheca do Centro feitas pelo socio Dr. Virgilio Correa Filho, pelo procurador Snr. Benedicto London e pela Livraria S. Sebastião, por intermedio do Snr. Catão das Neves. Passando-se a ordem do dia, resolveu o Centro fazer a 12 de Dezembro a commemoração do centenário da morte do Padre José Manoel de Siqueira, devenlo ser convidado o Exmo. Snr. D. Aquino Correa para fazer o elogio daquelle sacerdote, patrono de sua cadeir., assim como foi designado o dia 20 de Dezembro para ter logar a segunda hora literaria.

Nada mais havendo a tratar foi a sessão encerrada as 10 horas.

José de Mesquita
Antonio Fernandes de Souza
Cesario Neto
Cesario Prado
Oscarino Ramos
Ovidio Correa
Alcindo de Camargo
João Barboza de Faria
Franklin C. da Silva
Palmyro Pimenta.

**Acta da 29. Sessão ordinaria do Centro
Mattogrossense de Letras**

Aos dez dias do mez de Janeiro do anno de mil novecentos e vinte e seis, pelas nove horas, em sua sede social a rua Treze de Junho nº., com a presença dos socios José de Mesquita, João Barbosa de Faria, Oscarino Ramos, Franklin Cassiano, Isaac Povoas, Alcindo de Camargo, Cesario Prado, Ovidio Correa, Antonio Fernandes de Souza, Cesario Neto, e Palmyro Pimenta, realisou-se uma sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras, correspondente ao mez de Janeiro.

Lida e approvada a acta da sessão anterior passou-se ao expediente que constou da leitura de uma proposta apresentando o Snr. Carlos Vandoni de Barros, para socio correspondente do Centro na cidade de Corumbá; de duas cartas da Empresa Eclectica de publicações e do parecer firmado pela commissão de orçamento concluindo pela approvação das contas do exercicio de 1924-1925 e que, submettido á consideração da casa, foi unanimemente approvedo.

Foi ainda accusada a valiosa offerta de vinte e sete volumes fita pelo Dr. Antonio Estigarribia á bibliotheca do Centro.

Por proposta, respectivamente, dos socios Palmyro Pimenta, Alcindo de Camargo e José de Mesquita, foram designadas tres commissões, as duas primeiras para apresentarem as boas vindas e representarem o Centro na posse do Dr. Mario Corrêa e do seu Secretario Geral Dr. Manoel Pres de Oliveira, e a terceira para visitar o socio Dr. Virgilio Corrêa e significar-lhe a gratidão do Centro pelo prestigio e valioso auxilio que sempre deu ao Centro nas suas funções de secretario geral. As commissões ficaram assim constituidas: 1ª. Oscarino Ramos, Antonio Fernandes e Palmyro Pimenta; 2ª. Cesario Prado, Alcindo de Camargo e Isaac Póvas e 3ª.—Ovidio Correa, João Barbosa e Franklin Cassiano.

O Snr. Presidente deu conta á casa de já estar no prelo, devendo sair por todo mez entrante, o 9º numero da Revista do Centro, correspondente ao primeiro semestre de 1926.

E nada mais havendo a tratar foi a sessão encerrada as 10 1/2 horas.

José de Mesquita
V. Corrêa Filho
Franklin C. da Silva
João Barbosa de Faria
Cesario Neto
Alcindo de Camargo
João Cunha
Antonio Fernandes de Souza
M. C. Oliveira Mello
Palmyro Pimenta.

**Acta de uma sessão extraordinaria do "Centro
Mattogrossense de Letras".**

Aos dezesete dias do mez de Janeiro de mil novecentos e vinte e seis, pelas nove horas, em a sede social sita á rua Treze de Junho nº., reuniram-se em sessão extraordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras" os socios José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Miguel Mello, João Barbosa de Faria, Alcindo de Camargo, Franklin Cassiano, Cesario Neto, João Cunha, Antonio Fernandes de Souza e Palmyro Pimenta.

Após a leitura e aprovação da acta da sessão anterior, foi na ordem do dia, discutido e aprovado o parecer favorável á admissão como socio correspondente do Centro na cidade de Corumbá do Snr. Carlos Vandoni de Barros e bem assim fixado o dia 7 de Fevereiro proximo para ter logar a terceira hora literaria do Centro.

Por proposta do socio Palmyro Pimenta foi pelo Presidente nomeada uma comissão composta dos socios João Cunha, Miguel Mello e Cesario Neto para levarem as boas vindas da sociedade ao socio Dr. Carlos Borralho prestes a chegar a esta capital apos uma prolongada ausencia. Em seguida o socio Virgilio Correa Filho apresentou as suas despedidas ao Centro visto ter de viajar brevemente, tendo a Casa deliberado que se inserisse na acta da sessão um voto de louvor ao digno Vice Presidente pelos relevantes serviços prestados ao Centro e bem assim que os socios comparecessem incorporados ao seu embarque.

Nada mais havendo, foi a sessão encerrada ás 11 horas.

José de Mesquita
Oscarino Ramos
João Barboza de Faria
Philogonio de P. Correa
Franklin C. da Silva
Ovidio Corrêa
Alcindo de Camargo
Antonio Fernandes de Souza.

Acta da 30.ª sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras"

Aos 14 dias do mez de Março de mil novecentos e vinte e seis, pelas 10 horas, presentes na séde do "Centro Mattogrossense de Letras", os socios effectivos José de Mesquita, Oscarino Ramos, João Barboza de Faria, Philogonio Correa, Franklin Cassiano, Ovidio Correa, Alcindo de Camargo e Antonio Fernandes de Souza, foram pelo Snr. Presidente José de Mesquita abertos os trabalhos em sessão ordinaria correspondente ao mez de Março.

Não foi lida a acta da ultima sessão por não estar presente o socio 2º Secretario, incumbido de lavral-a.

Sob proposta do Snr. Presidente, unanimemente approvada, foi organizado o programma das conferencias para 1926 e fixado o dia 18 de Abril vindouro para effectuar-se a 4ª "hora literaria".

A Mesa ficou autorizada a requerer ao Congresso Nacional e á Assembleia Legislativa, em suas proximas sessões, a decretação da utilidade publica do "Centro" e bem assim a promover a permuta das obras existentes em duplicata na bibliotheca.

Para a organização do primeiro festival d'este anno ficaram constituídas as seguintes comissões:

—Programma e ornamentação:—Isac Póvoas, Franklin Cassiano e Alcindo de Camargo; Convites e recepção: Oscarino Ramos, Ovidio Corrêa e Antonio Fernandes.

E nada mais havendo a tratar, a sessão levantada ás 11 horas, lavrando eu, Philogonio Correa, 1º Secretario, a presente acta, por não estar presente o socio Palmyro Pimenta, 2º Secretario.

José de Mesquita
Oscarino Ramos
J. Barboza de Faria
Antonio Fernandes de Souza
Franklin Cassiano
Cesario Neto
Alcindo de Camargo.

Acta da 51.ª sessão ordinaria do "Centro
Mattogrossense de Letras"

Aos oito dias do mez de Abril do anno de mil novecentos e vinte e seis, pelas nove horas, presentes na sede do "Centro" os socios José de Mesquita, Oscarino Ramos, João Barboza de Faria, Antonio Fernandes de Souza, Franklin Cassiano, Cesario Neto e Alcindo de Camargo, foram, pelo Presidente do "Centro" abertos os trabalhos em sessão ordinaria correspondente ao mez de Abril.

No expediente foram lidos os seguintes officios: do Dr. Manoel Paes de Oliveira, communicando a sua posse no cargo de Secretario do Interior, Justiça e Finanças, da Academia de Letras do Parná, da Bibliotheca Publica Pelotense e do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas, participando a eleição e posse de suas novas Directorias e do Gremio Literario Recreativo Campograndense, seientificando a sua fundação.

O Sr. Presidente encaminhou á respectiva Commissão as propostas de varios nomes de socios correspondentes, nos Estados e nos municipios e deu conta á casa de diversas providencias administrativas tomadas pela Mesa.

Resolveu o "Centro" adiar para 25 do corrente a 4ª "hora literaria" e promover para 30 de Maio vindouro a commemoração do sesquicentenario da morte de José Barboza de Sá,—o primeiro chronista cuiabano, patrono da caieira occupada pelo socio Dr. Manoel Paes.

Foi constituida uma commissão, da qual fazem parte os socios Barboza de Faria, Alcindo de Camargo e Antonio Fernandes de Souza para em nome do "Centro" convidar o Exmo. Sr. Dr. Manoel Paes de Oliveira a fazer naquella festa o elogio academico ao seu patrono.

A sessão foi encerrada as 11 horas, lavrando eu, Oscarino Ramos a presente acta por designação do Sr. Presidente e por não estar presente o Sr. 2º secretario.

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos:

Moysés Marcondes — Pae e Patrono — elogio do
Conselheiro Jesuino Marcondes, na Academia de Letras do Paraná. Rio—Anuario do Brasil—1926

Alcides Munhoz—A Nobreza—Conferencia literaria—Curityba—1926.

V. Corrêa Filho—As Raias de Matto-Grosso—Vols. III e IV—Monographias cuyabanas—Vols, III, IV e VI.

Cesario Neto — Thésés para o Concurso de Portuguez.

José de Mesquita—Elogio funebre do General Caetano de Albuquerque.

Revista da Academia Brasileira de Letras—nos 48 a 52.

Revista da Academia Pernambucana de Letras.

O Pharmaceutico Brasileiro—Anno I N.º 1

A Violeta—Orgam do “Gremio Julia Lopes”

Revista do Instituto Historico de Matto-Grosso, Vols. XIV e XV.

Revista da Associação Commercial de Cuyabá—Nos 1 e 2.

A Cidade e A Tribuna—de Corumbá.

O Jornal do Commercio e o Correio do Sul—de Campo-Grande.

A Noticia e a Gazeta do Commercio—de Tres
Lagôas.

A Razão—de S. Luiz de Caceres

O Mattogrossense—de S. A. do Paranahyba.

O Progresso — de Ponta Poran

Desta Capital:

Gazeta Official

Matto-Grosso

A Cruz

O Democrata

A Capital

A Semana

A Penna Evangelica

BANCO DO BRASIL

Capital . . . Rs 100 mil contos

DEPOSITOS

O Banco do Brazil abona aos s/ depositantes:

Em contas correntes, até Rs. 20.000\$000, com
retiradas livres 5 %
Em contas sem limite, com retiradas livres 3 %
« « « « com aviso prévio . . . 5 %
« Depositos a prazo fixo de 1 anno . . . 6 %

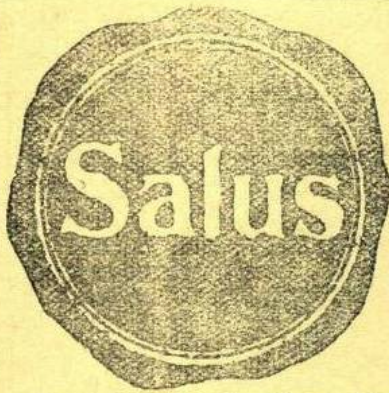
O Banco fornece aos s/ depositantes talões de cheques e estabelece todas as facilidades na retirada dos dinheiros em deposito.

BARROS LEITE & CIA LTDA

Rua Antonio João n. 32

Cuiabá—Matto Grosso

Agentes de França Pereira & Cia (fogões economicos a gazolina "Red Star", ultima palavra em asseio e mais barato que lenha); S. A. Casas Reunidas Ambrust Laport (armas e munições); Casa Pratt S. A. machinas de escrever Femington, calcular Dalton duplicadores "Red Seal," installações para escriptorios modernos—vendas á cinheiro e a prestações); Onetto & Cia (fabricantes de machinas para quebrar babassú, olaria, engenhos etc; fundição de ferro e bronze e construções navaes,



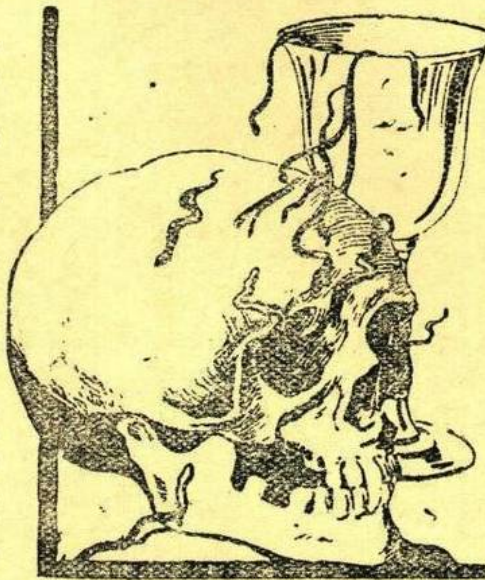
Casa Allemã

HENRIQUE HESSLEIN & SERGEL

Importação directa da Europa e de artigos nacionaes.

Exportação de Borracha — Ipeca — Couros — Pennas

Chamamos a especial atenção dos nossos freguezes para os productos da celebre "Cia—Salus" consistindo em Moringas e Filtros para agua. A composição chimica applicada nellas é patenteada em todos os paizes cultos, anniquila dentro de uma meia hora todo e qualquer bacillo, evitando assim as perigosas molestias como Typho—Dysentheria, Diarrhéas, etc.



Irmãos Miraglia

Casa de joias e relógios
e artigos de optica
Officinas de relojoeiro
e ourives com lapidação de
diamantes annexa
Bolsas de prata
Brilhantes mattogrossenses

Rua 13 de Junho 27

TELEPHONE 244
CAIXA POSTAL 43

Matto-Grosso Illustrado

Orgam de propaganda
do Estado e de proprie-
dade do Centro Matto-
grossense do

Rio de Janeiro

Assignaturas, annuncios
e mais publicações, com
o Sr. Benedicto A. Lon-
dom, representante auto-
rizado nesta Capital

R. 13 JUNHO, 139

Revista do Centro Mattogrossense de Letras

ANNO VI

Janeiro a Junho de 1927

NUMERO XI



Publicação Semestral

SUMARIO

- A Marmita—Comedia de Plauto—traducção de Augusto Cavalcanti.
Carme Secular — D. Aquino Corrêa.
O Centenario do Bispado de Cuiabá — V. Corrêa Filho
Brasil—O Jardim de Platão—Tropheus—sonetos—
Allyrio de Figueiredo.
Maio—Tarde de chuva—poesias—Oscarino Ramos
Oasis do amor—soneto—Palmyro Pimenta
Passaros soltos—Conto—Cesario Prado.
Phidias—Na morte de Olavo Bilac—Destino das
quatro paredes—Saudade—sonetos—José Vilá.
A tragedia do sol—poesia — Cruz do Valle.
A sombra—Fatal dilemma—sonetos—Castro Brasil
Dourados—poemeto—José de Mesquita.
Paginas dos Mestres:
A questão do estylo—Monteiro Lobato
Paginas Contemporaneas:
De litteris—Cesario Netto.
O symbolo de Assis—Cesario Prado.
Paginas esquecidas:
Izabel, adeus!—poesia—José Estevão Corrêa
Paginas dos novos:
Xaraés—poesia — Cavalcanti Proença.
Meditação—poesia—Celestino Pina.
O pombo solitario—soneto—Oreste Miraglia.
Contribuição para a Bibliographia Mattogrossense
Relatorio do anno social 1925-1926.
Publicações recebidas.

A MARMITA

(Flauto)

Ao Exmo. Snr. Dr. Mario Corrêa da Costa

ACTO IV.

SCENA I.— PAULINO, só.

Para me conduzir como um escravo honesto,
Eis a norma que sigo, e bem ardua, de resto:
Executo o dever com zelo e brevidade.
O que intenta servir de maneira que agrade
Adia o seu negocio e faz o de seu dono ;
Não esquece que é servo ainda mesmo no somno.
O criado, como eu, de um amo enamorado,
A quem cega a paixão, deve-lhe ter cuidado,
Dominal-o, a bem d'elle, em senda tão nefasta,
E jamais o impellir para o pendor que o arrasta.
Vêde o cinto fluctuante, enlaçado aos pequenos,
Que aprendem a nadar, p'ra que se cansem menos,
E se movam melhor sobre o elemento aquoso:
O escravo é, a meu ver, o cinto do amoroso.
Elle sustem seu amo, um mergulho lhe evita.
Deve em seu rosto ler sua vontade escripta.
Si uma ordem recebe, é mais que o vento experto.
O que assim faz não teme o castigo, de certo,
Nem precisa limar o ferro da grilheta.
Meu amo adora ha muito a filha de um forreta,
O tal senhor Crescencio, e se acha em polvorosa,
Pois o senhor Augusto hoje consta que a esposa.
A seu mandado, aquí venho ficar á espreita,
A fim de ver o que ha ; para evitar suspeita,
Sento-me neste altar, de onde posso ver bem.

SCENA II. — CRESCENCIO, PAULINO.

CRESCENCIO, *sahindo do templo e sem ver Paulino.*

Guarda-te, ó Bôa Fé, de revelar a alguém
Que meu oiro está aquí no teu templo deserto.
Não temo que onde está seja elle descoberto ;
E si o fosse, que presa ! está cheia a marmitta :
Poupa-me, ó Bôa Fé, semelhante desdita !
Tratar do sacrificio é o que me cumpre agora,
Depois de me banhar, para evitar demora,
E, para, ao vir meu genro em busca da nubente,
A sua habitação leval-a incontinenti.

Vigia, ó Bôa Fé, não cesses de velar,
 E eu ache sã e salva a marmitta em teu lar.
 Eis meu oiro em teu templo, em teu bosque sagrado. (*Sae.*)

SCENA III.— PAULINO.

Oh! deuses immortaes! que aviso inopinado!
 Guardou o oiro no templo. Oh! que grata noticia!
 Bôa Fé, mais que a mim não lhe sejas propicia.
 Elle é, de certo, o pae da que meu amo adora.
 Entremos neste templo, emquanto elle está fóra,
 E vamos procurar esse oiro, de mansinho.
 Si o acho, ó Bôa Fé, dou-te um congio de vinho.
 Quanto a mim, beberei um copazio de um sorvo. (*Entra no tem-]*
[plo.)
 (*Crescencio volta.*)

SCENA IV.— CRESCENCIO.

Não é, de certo, em vão que ouvi cantar um corvo,
 A' esquerda, crocitando e voando rente ao chão.
 Com que força senti pular-me o coração!...
 Corramos.

SCENA V.— CRESCENCIO, PAULINO.

CRESCENCIO.

Vae daqui, maligno bicharoco
 Que saes do teu covil. Ninguem te via ha pouco,
 E bem te ha de custar a subita presença.
 Espera, pagar-me-ás a meu modo esta offensa.

PAULINO.

Que tem a deslindar comigo deste modo,
 Ancião? Porque me puxa e bate e corre todo?

CRESCENCIO.

Tu o perguntas, ladrão, tres vezes bôa peça?

PAULINO.

Que foi que lhe tomei?

CRESCENCIO.

Entrega-m'ô depressa.

PAULINO.

Que entregue o que, senhor ?

CRESCENCIO.

Queres me fazer bôbo?

PAULINO.

Eu nada lhe tomei.

CRESCENCIO.

Vamos, mostra-me o roubo.

E então ?

PAULINO.

E então ?

CRESCENCIO.

Tu não m'ô levarás, farcista.

PAULINO.

Que é que lhe falta, pois ?

CRESCENCIO.

Põe-m'ô p'ra ahi, á vista.

PAULINO.

O senhor tem mais o ar de dizer uma leria,
Meu velho.

CRESCENCIO.

Põe-m'o ahí ; deixemos de pilheria ;
Não me sinto de humor a brincar neste instante.

PAULINO.

Mas que cousa afinal quer que lhe ponha adiante ?
Não a pode chamar pelo seu nome, em summa ?
A' fé, que nada fiz, nem tirei cousa alguma.

CRESCENCIO.

Mostra-me tuas mãos.

PAULINO.

Eil-as.

CRESCENCIO.

Ainda uma vez.

PAULINO.

Eis aqui.

CRESCENCIO.

A outra agora.

PAULINO.

A colera soez
E as visões teem turbado a mente deste ancião.
Não é isto uma injuria, a seu ver, sim ou não?

CRESCENCIO.

E grande, pois da forza és digno candidato.
Porem não tardará, si não confessas o acto.

PAULINO.

E que quer que eu confesse ?

CRESCENCIO.

O que has daqui levado?

PAULINO.

Que me extermine o ceo, si, de facto, hei tirado
Alguma cousa sua... (*A' parte.*) e si não tive o intento.

CRESCENCIO.

Vamos, sacode o manto.

PAULINO.

Eis tudo a seu contento.

CRESCENCIO.

Debaixo delle que ha ?

PAULINO.

Examine-o á vontade.

CRESCENCIO.

Vêde como este biltre é só docilidade.
Elle procede assim para evitar suspeita ;
Mas eu o conheço bem; mostra-me a mão direita.

PAULINO.

Eil-a aqui.

CRESCENCIO.

A sinistra.

PAULINO.

Eil-a, as duas agora.

CRESCENCIO.

Não te revisto; entrega o que é meu sem demora.

PAULINO.

Porem, o que ?

CRESCENCIO.

Tu o tens e o negas por experto.

PAULINO.

Eu o tenho? Que é que eu tenho?

CRESCENCIO.

Eu não o direi ; de certo,
Quererias saber-o. Anda, entrega o que é meu.

PAULINO.

O senhor está doido; ha pouco me correu
Todo, á sua vontade, e nada achou comigo.

CRESCENCIO.

Quem ha pouco lá dentro achava-se contigo ?
Estou perdido, oh, céos ! Vae ser tudo volvido.
(*A parte.*) Si abandono este aqui, me foge o outro bandido.
Mas este revistei sem nada ter achado.
(*Alto.*) Vae-te e a peste te arrase.

PAULINO.

Eis um bello obrigado.

CRESCENCIO.

Entro no templo e aí do outro ! hei de dar-lhe o castigo.
Some-te, malfeitor ! Vaes ou não ?

PAULINO.

Eu já sigo.

CRESCENCIO.

Que eu não te veja mais ; retira-te depressa. (*Entra no templo.*)

SCENA VI. — PAULINO.

Morra eu de morte ruim, si não te armo uma poça,
Homem vil, para aqui não mais guardares o oiro.
Elle o leva, creio eu, e muda o escondidoiro.
Ah! range a porta ; o velho eis que muda o mealheiro. . .
Vou me occultar melhor. (*Crescencio volta.*)

SCENA VII.— CRESCENCIO, PAULINO.

CRESCENCIO , *sahindo do templo e sem vêr Paulino.*

Acreditei primeiro

Que podia confiar na Bôa Fé, sem medo.
Porem pouco faltou rir-se do meu segredo ;
Sem o aviso do corvo estaria eu perdido.
Si elle viesse a mim, certo, eu reconhecido,
Lhe havia de fallar ; mas nada de alimento !
Pois que dar é perder. Penso neste momento
Em achar um logar dentre esses mais seguros.
O bosque de Silvano está fôra dos muros,
Um salgueiral o invade, elle é escuso e quieto,
Posso nelle escolher um logar bem secreto.
Em vez da Bôa Fé, vou fiar-me em Silvano. (*Sae.*)

SCENA VIII.—PAULINO.

Bravo ! eis-me o enfant gaté do Olympo soberano.
Passo adiante do velho e, de uma arvore ao clmo,
Verei onde elle esconde o seu despojo opimo.
Devo esperar meu amo, elle vem com certeza ;
Mas tudo arriscarei por tão sublime presa. (*Sae.*)

SCENA IX.— VALERIO, MERCEDES, CLARA.

VALERIO.

Essa minha aventura, ha alguns mezes passados,
Com a filha de Crescencio, e os meus grandes cuidados,

Sabe-os bem, minha mãe, por lh'os ter referido.
 Falle nisto a meu tio e lhe narre o occorrido,
 Que elle, de certo, ignora; e assim renovo o rogo
 Que lhe fiz, de outra vez, buscando um desafogo.

MERCEDES.

Tu conheces, meu filho, o meu grande desejo
 De te satisfazer, sempre que tenho ensejo;
 Fallarei a teu tio; elle ha de ser razoavel;
 O teu pedido é justo e teu erro excusavel,
 Si a embriaguez deu causa á falta commettida.

VALERIO.

Ousaria eu mentir-lhe?

CLARA, *em casa.*

Ah! minha ama querida!
 Acode-me! Ai de mim! Deusa da parturiente,
 Protegei-me.

VALERIO.

Eis ahi! já tudo está patente!
 Ella grita, dá á luz.

MERCEDES.

Vem, meu filho, comigo;
 Vou ter com meu irmão a ver o que consigo.
 Elle deve saber o que acontece a Clara.

VALERIO.

Vá, minha mãe, já a sigo. Eu não sei onde pára
 O Paulino; apesar da ordem terminante
 De me esperar aqui, não vejo esse tratante.
 Si em meu favor, no emtanto, elle tem combatido,
 Não posso me enfadar. Vou ver que ha decidido
 Esse conselho, ao qual meu destino está preso. (*Sae.*)

SCENA X.— PAULINO.

Sou millionario, sim, hoje sou mais que um Creso;
 Os reis são para mim mendigos simplesmente.

Eu sou o rei Philippe. Oh! que dia esplendente!
 Eu partira daqui para chegar mais cedo
 Que o velho, e lá ficar occulto no arvoredor.
 Elle em certo logar seu oiro deposita
 E sae; eu logo após desenterro a marmitta
 E vou-me, e o vejo entrar na sua residencia;
 Mas elle não me vê pois que tive a prudencia
 De sempre me afastar do caminho trilhado.
 Ah! eil-o! vou depressa esconder meu achado. (Sae.)

SCENA XI.— CRESCENCIO.

Estou perdido, morto e que morte maldicta!
 Onde ir, onde não ir em busca da marmitta?
 Pára! pára! A quem fallo? eu não sei, na verdade,
 Assim como onde estou, nem quem sou. Por piedade,
 Auxiliai-me, vinde em meu soccorro prestes,
 Mostrae quem m'a roubou... Vós, que de brancas vestes
 Estaes sentados lá como pessoal selecto...
 Que dizes tu? eu creio em teu ar circumspecto...
 Que é isto? estaes a rir? Ah! conheço-vos bem,
 Ha ahi mais de um ladrão... Como? ninguem a tem?
 Tu me fazes morrer... Vamos, sem mais demoras,
 Falla, quem é que a tem? Seu paradeiro ignoras!
 Ah! infeliz que eu sou! mataram-me de vez.
 Dia fatal de pranto e de fome e nudez!
 Haverá sobre a terra um ser tão perseguido
 Como eu? e que farei depois de ter perdido
 Esse oiro que guardei com tanta diligencia?
 Eu me privava até do preciso á existencia
 E do menor prazer; e outros neste momento
 Riem da minha ruina e do meu desalento.
 Ah! não resistirei.

SCENA XII.— VALERIO, CRESCENCIO.

VALERIO.

Quem se queixa aqui perto?
 Ah! é Crescencio. Oh, ceos! tudo está descoberto.
 Certo, soube que a filha ha tido seu successo.
 Que me cumpre fazer? devo ir-me, ou permaneco?
 Abordal-o, ou fugir? Eu ignoro o acertado.

CRESCENCIO.

Quem é que falla ahi?

VALERIO.

Sou eu, um desgraçado.

CRESCENCIO.

Ah! infeliz sou eu : a miséria, a ruina
E tanto soffrimento e tão terrivel sina!

VALERIO.

Tenha coragem.

CRESCENCIO.

Ah! posso-a ter, por ventura?

VALERIO.

Confesso, sou o autor da magua que o tortura.

CRESCENCIO.

Que me diz?

VALERIO.

A verdade.

CRESCENCIO.

E que mal lhe hei causado
Para assim me perder e aos meus?

VALERIO.

Um deus me seduziu.

Fui arrastado,

CRESCENCIO.

Que diz ?

VALERIO.

O erro conheço,
Mas lhe peço perdão, se vê que lh'o mereço.

CRESCENCIO.

E como se atreveu a tocar deste geito
No que lhe não pertence ?

VALERIO.

Ouçã, o mal está feito,
Ja não se muda, e o ceo, de certo o tem querido,
Poís si não fosse assim, não tinha succedido.

CRESCENCIO.

E os deuses, a meu ver, desejam igualmente
Que eu o faça perecer preso em uma corrente.

VALERIO.

Não diga isto !

CRESCENCIO.

E quem, pois, lhe deu a faculdade
De tocar no que é meu ?

VALERIO.

Ouçã-me ; sem maldade:
O vinho mais o amor é que me teem perdido.

CRESCENCIO.

E ousa se defender por tal meio, atrevido ?
Impudente marau ! a valer tal tramoia,
Aquelle que arrancasse á dama a sua joia,

Poderia ao ser preso, allegar pressuroso
Que o fizera por ebrio e se achar amoroso.
O vinho mais o amor valeriam bem pouco
Se servissem de excusa aos desejos de um louco.

VALERIO.

Mas ja pedi perdão.

CRESCENCIO.

Não amo a alma impudica
Que commette uma falta e após se justifica.
Ella era minha, eis tudo, e o senhor bem sabia.

VALERIO.

Mas em fim, ja que tive essa grande ousadia,
Commigo a guardarei com toda a lealdade.

CRESCENCIO.

Guardal-a! como assim, contra minha vontade!

VALERIO.

Contra seu gosto, não, pois lhe peço licença;
Mas acho ser mister que ella assim me pertença,
E ha de nisto convir a bem de seu socego.

CRESCENCIO.

Si não me entregar ja...

VALERIO.

Como! se não lhe entrego?...

CRESCENCIO.

O oiro que me roubou e que agora lhe peço,
O arrasto á pretoria e lhe intento um processo.

VALERIO.

Eu robei o seu oiro ? onde ? Vamos ao facto.

CRESCENCIO.

Que o favoreça o ceo, si não sabe que é exacto.

VALERIO.

Que exige, em fim, de mim com tão grande desdoiro ?

CRESCENCIO.

Que exijo ? Ainda mais esta ! é a marmitta d'oiro
Que disse haver roubado ha menos de um instante.

VALERIO.

Eu ! cousa alguma disse ou fiz de semelhante.

CRESCENCIO.

O senhor nega ?

VALERIO.

Sim, com certeza infinita ;
Nunca soube desse oiro e nem dessa marmitta.

CRESCENCIO.

A do bosque Silvano, onde eu lhe dera abrigo.
Traga-a ; o que ella tiver partilharei comsigo.
Ainda que m'a roubasse, uma vez que confessa,
Eu não o affligirei ; mas vá buscal-a á pressa.

VALERIO.

Está louco ? Serei gatuno, por ventura ?
Julguei lhe ter constado uma outra aventura,
Que me concerne, e como é importante, desejo
Sobre ella lhe fallar, apenas haja ensejo.

CRESCENCIO.

Então, de bôa fé, não tem o meu dinheiro ?

VALERIO.

Eu, não, em consciencia.

CRESCENCIO.

E qual o ratoneiro ?

VALERIO.

Não sei, por minha honra.

CRESCENCIO.

Dar-me-á conhecimento ? E se vier a saber

VALERIO.

Ao certo, pode crer.

CRESCENCIO.

Não partirá com elle esse oiro subtrahido ?

VALERIO.

Não.

CRESCENCIO.

E vindo a faltar acaso ao promettido ?

VALERIO.

Que Jupiter de mim faça o que lhe aprouver.

CRESCENCIO.

Basta ; pode fallar agora ; que é que quer ?

VALERIO.

Ja que assim me permite, antes de tudo, penso
Em dar-lhe a conhecer a estirpe a que pertença.
Saiba que Augusto, pois, seu actual vizinho,
É meu tio, meu pae se chamava Agostinho,
De Mercedes sou filho e me chamo Valerio.

CRESCENCIO.

Conheço-os bem ; prosiga e deixe de mysterio.

VALERIO.

Tem uma filha?

CRESCENCIO.

Sim, e está neste momento
Lá em casa.

VALERIO.

O senhor a deu em casamento
A meu tio?

CRESCENCIO.

Esta, em fim, é a verdade toda.

VALERIO.

Bem; elle agora diz que renuncia á boda.

CRESCENCIO.

Depois de tudo prompto e dos gastos nupciaes
Elle assim se conduz ! Todos os immortaes,
Deuses, deusas, em fim o ceo todo o persiga;
Meu grande dissabor devo a esta alma inimiga;

Pois foi causa somente (é de todos sabido)
De que o pobre Crescencio haja tudo perdido.

VALERIO.

Acalme-se, não mais taes termos alarmantes.
A bem de sua filha e do senhor, diga antes:
O ceo assim me assiste.

CRESCENCIO.

O ceo assim me assiste!

VALERIO.

E que elle me proteja! Escute. Não existe
Homem bastante vil, inda que réo confesso,
Que não core ante a falta; eu, portanto, lhe peço,
Si offendi sua filha e a si sem o saber,
Conceda-me o perdão e dê-m'a por mulher.
Assim querem as leis. A ella fiz violencia
Numa festa nocturna e em estado de inconsciencia . . .
O vinho . . . a mocidade . . .

CRESCENCIO.

Ah, ceos! que tenho ouvido?

VALERIO.

Não gema; fil-o avô desse recém-nascido
De sua filha; pois ha dez mezes do facto;
E por isso meu tio abre mãos do contracto.
Entre em casa e ha de ver o que agora se passa.

CRESCENCIO.

Oh, pesar! contra mim se conspira a desgraça.
Entremos, a saber o que ha nisso de real. (Sae.)

VALERIO.

Ja o sigo . . . A cousa vae creio que menos mal.
Mas não posso atinar e nem mesmo imagino
Onde é que se sumiu o biltre do Paulino.
Emquanto espero um pouco o servo sem juízo,
Deixo que o velho a sós, com o descanço preciso,
Venha tudo a saber pela velha criada,
Por quem toda essa historia ha de lhe ser contada.

ACTO V.

SCENA I.—PAULINO, VALERIO.

PAULINO.

Deuses, meu gaudio é tal que me sinto surpreso!
Um thesoiro que tem quatro libras de peso!
Alguem será mais rico e ha mais seguro indício
De que a nenhum mortal é o ceo tão propicio?

VALERIO.

Julgo ouvir uma voz.

PAULINO.

Ah! é meu amo aquelle ?

VALERIO.

Será acaso o Paulino?

PAULINO.

É elle mesmo.

VALERIO.

É elle.

PAULINO.

Vou fallar-lhe.

VALERIO.

Eu me achego. Elle, como eu mandara,
Creio que se entendeu com a velha ama de Clara.

PAULINO.

Porque não lhe dizer com toda brevidade
Que estou rico, e pedir-lhe a minha liberdade?
Fallemos. Eu achei...

VALERIO.

Que tens achado, tonto?

PAULINO.

Ja digo, meu senhor; não foi aquelle ponto
Que nas favas desperta a grita dos meninos.

VALERIO.

Queres te divertir, como usas, valdevinos?

PAULINO.

Paciencia, eu me explico. Escute-me um momento.

VALERIO.

Falla.

PAULINO.

Eu achei, meu amo, um thesoiro, um portento.

VALERIO.

Onde isso?

PAULINO.

Uma marmitta a arfar d'oiro! que mina!

VALERIO.

Ah, ceos! que ouço!

PAULINO.

Roubei-a a Crescencio, o sovina.

VALERIO.

O oiro onde está?

PAULINO.

Quero ser livre, já. ^{Em casa, em um cofre. Patrão,}

VALERIO.

Seres livre, ladrão?!

PAULINO.

La, la, meu amo, creia, eu sou muito prudente;
Fui bastante sagaz em lhe sondar a mente
E ver bem que o senhor o oiro me arrancaria,
Si eu o tivesse achado.

VALERIO.

Entrega esse oiro já. ^{Olha, acaba a folia.}

PAULINO.

Que entregue o oiro, patrão?

VALERIO.

Sim, para o remetter a seu dono; senão...

PAULINO.

E onde achal-o?

VALERIO.

Que o guardavas num cofre. ^{Tu já confessaste, insolente,}

PAULINO.

Eu gosto de brincar. ^{Ah! foi p'ra rir somente,}

VALERIO.

Sabes o que pretendo ?

PAULINO.

Pode até me matar, si quizer ; não me rendo.
Nada terá de mim.

VALERIO.

De bom, ou de mau grado,
Eu o terei. Num poste has de ser logo atado.
Mas por que é que não salto á gorja deste traste
E o estrangulo de vez ? Não dás o que roubaste ?

PAULINO.

Sim, dou.

VALERIO.

Sem que eu te espere um momento sequer.

PAULINO.

Dal-o-ei ; mas que eu respire. Ah ! meu amo, que quer
Que lhe entregue ?

VALERIO.

Que quero ? ainda o perguntas, louco ?
Essa marmitta d'oiro em que fallaste ha pouco,
E dizes ter furtado a Crescencio, o velhote.
Negas acaso ? Olá ! os que dão de chicote !

PAULINO.

Um instante somente ; escute o que lhe digo.

VALERIO.

Nada te escuto ; olá ! venha logo o castigo.

SCENA II. — VALERIO, PAULINO, OS CORRECTORES.

OS CORRECTORES.

Que deseja ?

VALERIO.

Os grilhões para este delinquente.

PAULINO,

Attenda-me, eu lhe peço ; e depois me atormente,
Conforme lhe aprouver.

VALERIO.

Só te ouço por momentos.

PAULINO.

Si me arrancar a vida em meio de tormentos,
Nada ganha com isso e duas perdas soffre :
A do escravo e, com elle, a do almejado cofre.
Se consigo, porem, ser livre, como almejo,
Tudo lhe ha de correr conforme o seu desejo.
Creou-nos a natura em liberdade plena ;
Todo homem rende preito a essa deusa serena.
Dos flagellos, senhor, que affligem o mortal,
De certo, o captiveiro é sempre o maior mal,
E jupiter, se alguém lhe irrita a ira augusta,
Redul-o á escravidão.

VALERIO.

A tua falla é justa.

PAULINO.

Deixe-me terminar. Ha senhores tenazes,
A quem chamo Harpagons, Harpias contumazes,
Tantalos : pobres, junto á opulencia que sobra,
Mortos de sede, ao pé do mar que se desdobra,
Nada lhes basta ; nem os thesoiros de Cresos,
Da Persia o cabedal, de Midas o oiro em peso
Os saciariam. Mas, a tal amo insubmisso,
O escravo é sempre hostil e rebelde ao serviço.

Equivalem-se os dois. Tudo o avaro segrega,
 Pondo a chaves a copa e a cozinha e a adega.
 O que apenas concede aos filhos de bom grado,
 Lhe retira, porem, o escravo disfarçado,
 Astucioso, e tambem o occulta sob as chaves,
 Para comer voraz; os castigos mais graves
 Não lhes podem obter a confissão dos roubos.
 Eis como o escravo, pois, se vingá desses lobos,
 Se servindo da astucia e do chasco protervo.
 O senhor liberal torna fiel o servo.

VALERIO.

Muito bem. Não, de certo, enquanto á brevidade,
 Pois te excedeste. Mas, si obtens a liberdade,
 Me entregas o que quero?

PAULINO.

Ao certo, e no mesmo acto.
 Mas, perdão, deve haver testemunhas do facto;
 Não fio do senhor tal accommodamento,
 Meu amo.

VALERIO.

Seja assim; podes chamar um cento.

PAULINO.

Senhor Augusto, a si e a sua irmã, lhes peço
 Que venham até cá; breve estão de regresso.

SCENA III.— AUGUSTO, MERCEDES, VALERIO, PAULINO.

AUGUSTO.

Quem nos chama é Valerio?

MERCEDES.

Que querem? És tu, Paulino, acaso?

VALERIO.

Faz-se tudo em muito breve prazo.

AUGUSTO.

Que ha, pois ?

PAULINO.

Eis a razão do vosso ministerio :
Obriguei-me a trazer e dar a sor Valerio
Um cofre cheio d'oiro e de grande valia,
E elle por esse dom me promette a alforria.
(A Valerio.) Promette ?

VALERIO.

Sim, prometto.

PAULINO.

(A Augusto e Mercedes.) Ouvistes ?

AUGUSTO.

Muito bem.

PAULINO.

(A Valerio.) Jure agora por Jove.

VALERIO.

O que é servir a alguém !
A quanto isso me obriga ! a palavra bastara.

PAULINO.

Pois que ! a bôa fé hoje em dia é bem rara !
Com festemunhas faz-se um acto regular,
No contracto se indica a epocha e o logar,
Vem um biltre loquaz e contesta a escriptura.

VALERIO.

Não acaba isso mais ?

PAULINO.

Para fazer a jura
Tome esta pedra.

VALERIO.

Jove, em sua potestade,
Se acaso eu te enganar, me puna sem piedade.
E que seja eu assim por elle rejeitado
Como a pedra que lanço. E' isso?

PAULINO.

Está jurado.
Vou buscar o oiro.

VALERIO.

Vae e volta incontinenti.

SCENA IV.— VALERIO, AUGUSTO, MERCEDES.

VALERIO *a Augusto.*

Não ha nada peor para um homem prudente
Que um servo palrador, com ares de mais fino
Que o dono. Que se ponha a tratos o Paulino,
Mas me traga a marmita. Assim verei se logro
Desfazer o pesar de meu futuro sogro,
Tornal-o mais alegre e obter-lhe a mão da filha,
Que acaba de ser mãe. Mas, eis o bigorrilha
Do Paulino que surge, e volta carregado;
E', de certo, a marmita o que conduz ao lado.

SCENA V.—PAULINO, VALERIO, AUGUSTO, MERCEDES, CRESCENCIO.

PAULINO.

Eis o cofre que achei, e aqui trago, no emtanto;
Tem quatro libras d'oiro. Eu fui lesto?

VALERIO.

Não tanto.
Ó deuses immortaes! Como este cofre pesa!
Ha aqui mais de dois mil philippes, com certeza!
Chame-se o dono já, com toda brevidade.

AUGUSTO.

Venha senhor Crescencio!

CRESCENCIO.

Ha alguma novidade?

VALERIO.

Achou-se o seu thesoiro.

CRESCENCIO.

Isso é certo ou pagode?

VALERIO.

Nós o temos aqui; venha logo, se pode.

CRESCENCIO, *na scena.*

O' grande deus do Olympo! ó deus do lar, fagueiro!
Juno e Alcides tambem, que é nosso thesoureiro!
Tivestes pena, em fim, de um infeliz ancião!
O' meu caro thesoiro! eu quero ao coração
Apertar-te e cobrir de beijos. Mil caricias
Não bastam, meu amor, delicia das delicias!
Tu me vieste pôr termo á triteza e á provança!

VALERIO.

Nunca julguei um mal tão contrario á criança,
Homem ja feito, ou ancião, como seja a indigencia.
A pobreza conduz o infante á turbulencia,
Faz do adulto um ladrão, do velho um mendicante.
Porem nada é peor que ter mais que o bastante.
Vêde, o senhor Crescencio ha soffrido, de facto,
Com a perda do thesoiro.

CRESCENCIO.

A quem devo ser grato?
Ao ceo, propicio aos bons? a amigos que estremeço,
A's pessoas de bem? A todos agradeço;
Será isso o melhor. A Valerio, porem,
Como principio e autor do que acho o maior bem.
A marmitta, que foi por elle descoberta,
De coração lh'a dou; peço que accete a offerta;
E a mão de minha filha a cedo de bom grado;
Vós o testemunhaes.

VALERIO.

Sou-lhe mais que obrigado.
Para mim, ser seu genro é a mór felicidade.

CRESCENCIO.

Sou feliz si me aceita o presente e a amizade.

VALERIO.

Acceito; e de ora em diante é tal o meu affecto
Que o seu tecto olharei como meu proprio tecto.

PAULINO, *a Valerio.*

Meu querido senhor se lembrará, de certo,
Que me deve a alforria.

VALERIO, *dando um pequeno tapa em Paulino.*

E' isso; eu te liberto.
Tu o mereces, Paulino; entra e trata em seguida
Dos aprestos da ceia, ha pouco interrompida.

PAULINO.

Espectadores, vêde a mudança final:
Crescencio, que era avaro, é hoje liberal.
Usae tambem assim de liberalidade
E, si a peça agradou, applaudi_á vontade.

Augusto Cavalcanti



Nota.

Li esta comedia na traducção franceza das obras de Plauto, por E. Sommer, e tanto me seduziu a veia comica e a engenhosa concepção dramatica que não pude resistir ao desejo de a trasladar para nosso idioma, transpondo-a da prosa para o verso.

As comedias desse autor, apesar do seu merecimento, não primam pela decencia da linguagem e das situações, mesmo quando o seu desfecho encerra uma moralidade. Esta é uma das que menos se resentem desse defeito. Preferi a forma poetica como a mais propria a dar maior lustre á composição, consoante a norma geralmente seguida pelos poetas dramaticos (desculpem-me a ousadia) e a opinião dos competentes. De resto, procurei reproduzir com escrupulosa fidelidade o pensamento do autor, trocando somente os nomes dos personagens por nomes proprios da nossa lingua.

Centenario do Bispado de Cuiabá



Quando, um seculo atraz, o Summo Pontifice houve por bem elevar a Prelazia de Cuiabá á dignidade de Bispado, Matto-Grosso atravessava uma das suas crises mais tragicas de crescimento social.

Ainda uma vez a Igreja reflectia, por expressivo acto, as occurrencias relevantes que interessaram mais intimamente a collectividade matto-grossense, cuja evolução vem acompanhando, desde a era de Paschoal Moreira Cabral

Em verdade, posto nem sempre seguirem muito á risca os ensinamentos propagados pelos pregadores catholicos, mantinham os sertanistas em suas bandeiras lugar proeminente para os Capellães, dos quaes tão compridamente se occupam os chronistas coevos.

E emquanto o nucleo bandeirante se desenvolvia, longe da vista do governo colonial, sem as constringções da exigente disciplina, que só a presença do Capitão-general poderia impôr, tambem os religiosos se mostravam por vezes deslembrados dos sublimes preceitos evangelicos.

Mas ao receber a capitania recémcreada o seu primeiro governo autonomo, que operaria como força catalytica, habil em promover-lhe a cohesão e defesa, o alvará regio, que lhe serviu de certidão de baptismo, foi de pouco precedido pela Bulla de Benedicto XIV, *Candor lucis aeternae*, que instituiu a Prelazia de Cuiabá.

E bem que lhe tardasse o provimento do cargo, avultou a disciplina religiosa, á proporção que a sociedade civil se emancipava das suas falhas primitivas e mundificava-se.

A' medida que prosperava a Capitania, tambem, d' mesmo passo, ia a Igreja ampliando o seu circulo influencia, que, no governo modelar de Luis de Albuquerque, já abrangia a ordenação dos primeiros sacerdotes cuiabanos, Francisco Xavier Guimarães e José Manoel de Siqueira.

E' contemporaneo de Oynhausen e das transformações porque passou Matto Grosso no reinado de D. João VI, o governo ecclesiastico de D. Luis, sagrado Bispo de Ptolomaide, que assistiu ao alvorecer da independencia, em um de cujos episodios figurou feito agente moderador, ao acceitar a presidencia da primeira junta governativa, que succedeu ao derradeiro Capitão-general de Matto-Grosso.

Com a emancipação politica, decorrente do grito do Ypiranga, harmoniza-se a Bulla *Sollicita Catholici Gregis*, cujo centenario motivou festiva e brilhante commemoração a 15 do corrente.

Mas, a transição do regimen colonial para o constitucional, não se operou mansamente, entrecortado que foi de scenas sinistras, ás quaes não puderam manter-se extranhos os proprios ecclesiasticos.

Assim, ao successor de D. Luis, Fr. J. M. de Macerata, cuja fama de virtuoso permaneceu na tradição popular, Feijó exonerou da "administração ecclesiastica de Cuiabá, e Matto Grosso, porque, sendo estrangeiro, não pode exercer emprego algum publico neste imperio".

O nativismo que alagava o ambiente politico e social, em vibrações tempestuosas, não poupou nem a Igreja, em cuja direcção D. José A. dos Reis, tentou, no primeiro anno do seu governo espirital, aplacar a fu-

ria das paixões desenfreadas, que explodiram a 30 de Maio de 1834.

Depois, ao remanso, fadado à cultura intellectual, do segundo Imperio, corresponde o periodo calmo, em que se enquadra o perfil suave de D. José, a quem deveu o Seminario Episcopal de Cuiabá a sua criação e os maiores dias de gloria

Sob a acção de D. Carlos, mais tarde, a Igreja toma feição differente.

Antes de 13 de Maio, applaude, em circular famosa, a propaganda contra a escravidão.

A epoca é de luctas incessantes, que a historia registou em capitulos expressivos: *questão religiosa, abolicionismo, questão militar, propaganda republicana.*

O Bispo de Cuiabá distingue-se, então, pelo ar de lutador, com que se lhe gravou o perfil na imaginação popular. Intransigente na defesa dos seus principios, é, por vezes, considerado reaccionario, o que não impediu de transfigurar-se, quando necessario, em pacificador da multidão revolta.

Acompanha durante quatro longos lustros a vida tumultuosa do Estado, na demorada crise de adaptação ao regimen republicano, e quando Matto Grosso entra na phase reconstrutiva do quadriennio seguinte, em que se registou notavel surto de progresso, ao Bispo de Cuiabá dá o Pontifice Pio X, pelas Letras Apostolicas *sub plumbo: Novas Constituere*, de 5 de Abril de 1910, a dignidade de archidiocese.

Herdou-lhe a successão, decorridos doze annos, o Bispo de Prusiade, já anteriormente seu Auxiliar.

Contemporaneo da floração literaria, que desabrochou em Cuiabá na ultima decada, estimula-a com a sua privilegiada intelligencia, que lhe mantém a primazia entre as individualidades mais representativas da cultura intellectual em Matto Grosso, como poderão testemu-

nhar todos quantos tiveram oportunidade de ouvir-lhe as primorosas allocuções.

Do mesmo passo prosador e poeta, servem-lhe a phase tersa e escoreita e o rythmo classico dos versos, para dar mais encantadora graça á palavra, quando assoma á tribuna, feito orador consummado, a que se prende, embevecida, a attenção da assistencia.

Ao festejar a sua primeira centuria, não podia encontrar o Bispado de Cuiabá mais abalisado interprete, nem cantor mais enthusiasta.

No arcebispo D. Aquino Corrêa fundem-se as qualidades mais salientes dos seus antecessores no cargo, com as características mais elevadas do povo mattogrossense.

Para maior brilho da commemoração centenaria, personifica superiormente a alliança da Igreja, que lhe inspira os vôos espirituaes para as alturas, com a terra cuiabana, cuja forte seiva creadora lhe robusteceu o talento de eleição.

Alliança do céu e da terra...

Julho de 1926.

V. Corrêa Filho.





Passaros soltos

Com que enlevo não ouvira a Bellinha, a fervente, apaixonada declaração do Luiz com aquella pergunta que deixára muito enleada e vermelha.— Casas commigo, ó Bellinha?

Foi na festa do Divino, no leilão de prendas, sentando-se junto della que ficara como esquecida a um canto, perto da bandeira e do altar—um altar como o de todas as festas; armado em degráozinhos sobre a mesa de alva toalha de crivo, a corôa, o sceptro e outras insignias encimadas por uma grande pomba de prata, pendente no alto, as azas espalmadas, sob o docel de belbutina escarlata, franjada de galões doirados; fôra ali que o Luiz a encontrára e puzeram-se a vêr correr as aguas passadas de seus amores, antes que elle se fosse para o sorteio, quando tanto se gostavam então...

Ella talvez o tivesse esquecido, si esquecer fosse facil coisa para os que, de verdade, alguma vez já se amaram...

Ah, não, não o esquecerá não, pezar de todas as instancias do Tóte. É que o Tóte lhe fizera o longo assedio de um anno, com delicados presentes da fazenda e as mais lindas lembranças da cidade, e tudo seria debalde si afinal não corressem uns boatos sobre o Luiz. a bater as azas para longe, muito longe, pois que iria fazer estudos na Escola Militar e para a villa de certo nunca mais voltaria. O Tóte por isso já quasi cantava victoria sobre a Bellinha, um tanto moida de despeito, quando, passados os dois annos de serviço na tarimba, cae o Luiz na villa como uma bomba repentina. É o diacho era que o rapaz parecia mais seductor como nunca, com seus ares de cidadão, a pelle menos tostada de soalheira. as mãos tratadas e alvas que nem de moça, todo elle trajando-se com esmero, uns modos aperaltados como de gente graúda.

Vendo-o, Bellinha sentiu de novo crescer-lhe no peito a antiga chamma que out'ora tanto a fizera penar, e, vacillante, apprehensiva, ariscou-se, retrahiu-se, evitando, mesmo em festas, as rodas de occasião para um possivel encontro e de se reaccender aquelle namoro já em cinzas apagadas...

Mas até lá mesmo, como encolhida ao canto, fôra o Luiz procural-a, entrevendo, ao contrario, como coisa a propósito para ouvil-o melhor a sós, que ella então se escondera.

E, conversando, desfiando as contas de suas recordações, seus primeiros, tímidos amores de adolescentes, descambára, sem saber como, para aquella declaração desnecessaria—tanto lh'a lia nos olhos, com o desfecho daquella pergunta cariciosa:— Casas commigo, ó Bellinha?

Ah, a seducção e o encanto de tão simples, singelas palavras, a que ella entretanto não respondera, tão embaraçada ficára. Era um pedido formal, nem tinha que ver, mas de certo com tanta irreflexão que mais valia não perceber-o, e, cortando a silenciosa emoção, dominando a onda de pudor que lh'a tingira de rosa o pallido-matte do rosto tão lindo (ah, não a chamassem Bellinha), convidou o Luiz para passarem a outra sala onde as dansas iam em animação, na alegria dos sertanejos pela musicata estrepitosa e pelos gaiatos lances dos leiloeiros de prendas. E, todavia, embora não renovada, ficára-lhe na lembrança, como uma querença muito terna, embalando-lhe a alma em harmoniosa surdina, como um sonho de magico encantamento ou calida promessa de venturas infindas, aquella pergunta intempestiva e sincera:— Casas commigo, ó Bellinha?

Era um pedido formal, não tinha que ver, ah, e por que não assentira? Então casaria e seria de certo uma fazendeira abastada, porque ajudaria o Luiz com todas as diligencias de sua ambição. Punha-se a fazer castellos no ar e já se via partir para a matta em alegre rancho de gente a cavallo, ao sonoro tropel das alimarias pelos campos resequidos, de companhia com o Luiz, a fundarem o seu sitio num reconcavo de serra. Ahi sem duvida prosperariam felizes, ella sempre em incansavel labuta, assistindo as decuadas para sabão, o trabalho das crias no teçume das redes, na matalotagem para os picuás dos vaqueiros, nas queijarias e salgações em todos os serviços emfim. Berganharia com os mascates e teria nas arcas os mais finos lavrados, de invejar as visinhas mais pimponas, quando fossem á villa, para as festas do orago...

Ficaria ás vezes, no descanso das tardes longas, a ver entrar o gado no curral ao lado da casa, para o trabalho da marcação, naquella desabalada algazarra dos boiadeiros, disparando sobre as rezes tresmalhadas que aturdem os ares com berros desesperados ao serem laçadas; nas primeiras "aguas" vel-as-ia descendo as lombadas, aos pinotes, assustadas as pobres com o ribombo das trovoadas bravias, quando os coqueiros farfalham desgred-

nhados e as canelleiras e pineiras estalam e arqueiam as copas na furia indomavel das ventanias...

Ou então, cedendo a essa neccessidade de ternura, de todo coração feminino, pensava na felicidade de ter um filho e dar-lhe toda a sua afeição, ao seu lindinho de pernas gorduchas e bochechas coradas que mordicaria com beijos estalados, saltando- no collo ou ninando-o na rêde com cantorias de muita meiguice:

Dorme, dorme meu menino,
meu futuro doutorzinho;
emquanto estás pequenino,
dorme no meu joelhinho...

.....
dorme, dorme, meu menino...

Eram essas e outras que taes, as ambiciosas e deliciosas cogitações da Bellinha, recordando constantemente a dilecta pergunta, de balde anciada por ver repetida:— Casas commigo, ó Bellinha? E, comtudo, sem renova-la, mas como calada insistencia, o Luiz fez declarada côrte a Bellinha durante a semana toda das festas.

Rente, ao pé della, nas ultimas “novenas”, mirando extatico os vivos reflexos dourados com que a luz mystica dos altares tingia-lhe de rosa o pallido-matte do rosto que, meu Deus, tambem era um encanto de ver, banhado com os primeiros albores da madrugada, quando o dia ia invadindo as janellas da igreja, nas missas do triduo...

Rente, ao pé della, no turbilhão do incenso e myrrha dos thuribulos devotos que balançam como grandes passaros á frente do altar, na solemne missa cantada, e, nesse domingo final deu tanto na vista que o coitado do Tóte já não podia dissimular a derrota e desapareceu da circulação.

Sumiu mesmo, o pobre rapz, que ninguem mais na villa lhe poz os olhos para o diante. Não que se mudara, para que, para fazer o que?

O Tóte sumira na propria casa. Sahia ás vezes, é certo, mas era pelo quintal, com voltas enormes pela lagoa do perisal e por veredas de gado é que alcançava a estrada da fazenda dos paes, passando horas a fio á sombra de um cedro copado, sem animo de proseguir, de lá chegando ter que dar a taramella sobre a inconstante Bellinha. Ia assim para fóra da villa e regressava sem topar com viv'alma, que elle era uma alma penada, mas por sua culpa sómente, não fosse cégo seu amor e bem pudera perceber

as indirectas, as allusões de seus amigos quando mais embeijado andava por aquella doidivana.

Porem fechava os olhos e agora é que a realidade lh'os abria sem nem uma illusão, agora com a vinda do outro. Dantes não via, mas agora percebia porque, quando mais calorosa lhe mostrava a paixão, Bellinha lhe dava em troco a mais fria indiferença, um desdem que o arrefecia tambem, como um subito pingo d'agua basta ás vezes para apagar uma chamma.

Premeditava então uma terrivel desforra sobre o Luiz, uma dessas vinganças que chamuscam de polvora ou pintalgam de sangue as estradas do sertão... Mas que disparate, podia lá isso ser?! elle, o Tóte que graças a Deus se educara com os *Padres* e por um triz não o fizeram bacharel, podia lá isso ser?! Não e não, não podia tirar vingança nenhuma. Então o melhor seria esquecer. Porem não podia esquecer. Iria então insultal-a na estrada, pol-a de rastro com toda a lama e todo fogo do inferno que ella lhe lavrára por dentro.

Mas os propositos dos namorados são facilmente mudaveis. Succediam-se as premeditadas resoluções e nem uma era executada. E todavia na villa eram incansaveis os commentarios em torno dos nossos tres conhecidos sobre a negra, silenciosa tristeza sumida do Tóte e sobre a volta dos amores do Luiz e Bellinha.

Formaram campos oppostos de applausos e censuras. O collecter Silverio, o Accacio daquella futura villa, que com ufania lembrava sempre sua estadia no Rio, sentenciou de uma feita com seus ares de tragedia, genero da sua incontestavel propensão:

—Fosse na soberba e invejada metropole do paiz, num de seus opulentos bairros da Saude ou outro menos aristocratico, este caso, meus amigos, teria um epilogo lugubre á bala ou veneno, á faca ou facão, como commummente lemos nos *faits-divers* dos seus bem elaborados diarios...

A tirada em voz cava impressionou bastante o auditorio e o major Fernandes, o responsavel pelos destinos politicos da nossa villa, encafifou com o "fe-diver" e para logo escreveu ao sobrinho—uma gloria local como afamado rabulo na capital, pedindo-lhe a fineza da definição do termo omisso no *Oléte*.

* * *

E, entretanto, para os nossos heróes as cousas andavam no mesmo teor. Ia já por uns mezes e a Bellinha nem era insultada pelo Tóte, nem pedida pelo Luiz.

Apenas afagava no intimo a lembrança daquella pergunta com soffrega esperança de ouvi-la outra vez:—Casas commigo, ó Bellinha?

Ah, e por que não casaria, si tudo em redor andava em busca do seu par? Em horas caladas do sol a pino, o terreiro escaldava no bochorno dormente e ouvia-se bem do telhado o gemido do pombo manso a chamar a companheira. E quantas vezes vira bolir e cantar a folhagem com meiga harmonia, e era a patativa escondida a chamar pelo par...

Seus olhos de um negro luzido como duas jaboticabas maduras, cavavam-se em sulcos roxos ao redor, por scismas perdidas no Luiz e pelas longas, dolentes vigílias. Gallos amiudavam os cantos e calavam as azas; o dia clareava pelas frinchas do telhado e ella era a mesma desperta, a recordar a amorosa conversa da vespera em todas as minudencias, a ver se descobria porque sempre com o mesmo cêrriço, a mesma luz de paixão nos olhos ardentes, a mesma constancia de carinhos, só o Luiz não lhe repetia a pergunta ha tanto tempo appetecida:—Casas commigo, ó Bellinha? E não lh'a repetiu nunca mais. Não lhe faltou amigo das coisas limpas para contar da volubilidade de Bellinha e tim-tim por tim-tim os passos do seu namoro com Tóte, com o vulto das imaginações ferteis das titias da villa, sempre alertas nesses assumptos. Por inverosimil que seja, aquelle rapaz ficou mais enfiado que este e foi mais resolutivo.

Quanto á resolução corrijo o que disse: o Luiz foi de resolução mais prompta porque era uma creatura sem eira nem beira e com facilidade podia pôr-se a andar. Foi o que fez e, quanto ao sitio, ficasse nos sonhos da Bellinha. Para logo foi pedir ao major Fernandes uma recommendação para a capital. O major que era o "regulo" da nossa villa, como diziam seus desaffectedos—e muito bem, porque, como diz Gorki, cada recanto da terra tem o seu despota, o major depois de muitas evasivas encarecedoras, deu-lhe uma carta de estylo modelo como chapa sovada de uma centuria e de filaucia escoreita, pouco recommendando e nada pedindo. O moço bateu cabeça atraz de empregos chimericos e afinal deu com o canastro outra vez no quartel.

Com a noticia desse passo a villa alvorotou-se em commentarios de diversos porte e calibre. Extranhára a lavoura, o rapaz e viciara com a madraçaria da tarimba.

Era o resultado da lei do sorteio: um descalabro para os campos, um roubo á economia do paiz na sua fonte de mais segura riqueza. Opinião de um opposicionista e portanto sem peso Só a experiente D. Conceição, extranhando a brusca partida

do rapaz e a falta de uma despedida, emittiu seguro juizo numa imagem feliz com que alfinetou a Bellinha:—Passaro que fuge...

Bellinha sentiu deveras mas não se deu por vencida e foi esperar o Tôte na estrada á beira do perisal. Era tentar outra cartada que talvez lhe dêsse a sóta e o trunfo com a ambicionada pergunta:—Caças commigo, ó Bellinha? Era por uma dessas tardes de longos crepusculos sertanejos, que incendeiam os céos com fogachos esplendidos e que reverberam pelos campos clareando a matta com a luz das queimadas da "sêca". Com o vôo rapido e brusco de azas retesadas como talagarça, mil libelulas ciciantes mordiam o limo da lagoa, extensa como grande campo donde num e noutro ponto macegas de mata-passo com seus cachos de flores amarelladas quebravam a monotonia do verde amortecendo o zizio estridulo das cigarras, o silencio somnolento...

Debruçada na cancella da cerca, Bellinha, á espera, fitava tudo alhejada em sua esperança. O Tôte porém veiu vindo no seu pangaré de marcha troteada e passou rente della como se não a visse. Debalde Bellinha soltou aos ares insistentes, supplices brados:

—Ó Tôte! Eh! Tôte!

E teve vontade de chorar vendo o vulto do Tôte sumir-se na estrada, por entre as sombras que subiam das arvores e cahiam dos céos, numa calada, infinita tristeza...

Ella ficou a ouvir o éco dos seus apellos em vão, a trotada do pangaré e o grito agudo de um bando de quero-queros, que cortava o horizonte num triangulo escuro, ao lusco-fusco da tarde expirante.

Olhou para o lado em que o Tôte se sumia envolvido nas sombras mestras que cahiam e para o lado da cidade, para onde se fôra o Luiz: de todas as bandas andavam passaros soltos.

Cesario Prado

Paginas dos mestres

A questão do Estylo

Não se pede volta ao passado.

Seria tão absurdo restaurar o estylo colonial como restaurar o Vallongo com escravos a venda e Debret de album em punho a copiar scena de escravaturas. A vida não anda aos saltos, para diante ou para tras, conforme praza á veneta de alguém. A vida norteia-se por uma coisa chamada evolução, que um senhor inglez chamado Spencer reduziu a lei. O presente é a evolução do passado. O homem é a evolução do menino, como o menino é a evolução de uma cellula.

Não contraria a evolução um preto que é moleque aos dez annos e aos setenta é um negro velho. Mas a contraria, e faz a caveira de Spencer estremecer na cava, um bugre que bugre nasceu, que cresceu bugre, que é bugre aos vinte, aos trinta, aos setenta annos, que é bugre sob Pedro I e sob Pedro II e que é cada vez mais bugre na Republica encasquetar-se-lhe de repente na mioleira, por injuncções do cinematographo do sr. João do Rio, que virou louro de olhos azues e é pariziense de Pariz! E principiar a esmoer francez de Madagascar, a fumar "cigarretes" a comer "patês" a ter em casa "bonnes", a ler o "Figaro", a tresandar "Houbigant", e a exclamar, quando lhe passa ao pé um bugre authentico, sincero, com tanga nos rins o cocar na synagoga: -- Sale tête, va!

Porque então se introvertem os papeis e quem fica prodigiosamente bugre é justamente o contraventor da lei evolutiva.

Quanto mais se perfuma, e mais pede ao alfaiate roupas á moda, e mais abusa do "argot", e mais plagia

idéas do Tristão Bernard, tanto mais dá relevo á nhambiquarice dos instintos, mais destaca a Hottentocia occulta no sangue, mais põe a nú o pitheco incoercível do temperamento.

A estes bonifrates, o sarcasmo francês não encontrando na lingua palavra que os definisse, chama "rastacouéres", vocabulo creado "ad hoc", para esse fim. E não contente de assim ferreteal-os explora os, come-lhe os cobres por meio da franceza e do pechisbeque, e mette-os afinal nos "vaudevilles", com grandes brilhantes nos dedos e collossaes "gaffes" na conducta.

O que succede com o homem mentiroso á lei da evolução, succede com o estylo que foge ao tom do ambiente.

O nosso estylo deve ser a decorrente natural do estylo com que os avós nos dotaram. Sempre vivo, sempre em funcção do meio o n sso estylo, se quer fugir a pécha de rastacuerismo deve retomar a linha passado e desenvolve-la á luz da esthesia moderna. Para isso existem os artistas, temperamentos de eleição atravez dos quaes a natureza se cõa e surge transfeita em arte.

Cõe-se arte colonial através dum temperamento profundamente estheta, filho da terra, producto do ambiente, alma aberta á comprehensão amorosa da nossa natureza e a arte colonial surgirá modernissima, bella, fidalga e gentil como o lingua barbara de Vas Caminha sae bella fidalga gentil e modernissima d'um verso de Olavo Bilac. O poeta, no entanto, ao compôr o "Caçador de Esmeraldas", não tomou de Corneille um vocabulo, nem de Anatole um conceito, nem de Musset uma noite, nem de Rostand um gallo, nem de Lecomte uma frialdade, nem da Grecia um acantho, nem de Roma uma virtude. Mas, sem o querer, pelo facto unico de ser um moderno aberto a todos os ventos, tomou de Corneille a pureza da lingua, de Musset a poesia, de Lecomte a elegancia, da Grecia a linha pura, de Roma a fortidão d'alma e com o antigo-bruto fez o novo-bello.

Monteiro Lobato

(Do obra "Idéas de Géca Tatú" pags 47 a 50)

PAGINAS CONTEMPORANEAS

DE LITTERIS...

José Maria Belo, um dos notáveis representantes da critica literária no Brasil e das nossas mais perfectas organizações de pensador e de esteta, está-se caracterizando por um e cessivo rigor no julgar a vida mental brasileira.

Em passagem dos seus admiráveis *Estudos Criticos*, manifesta-se êle peremptoriamente nesse tom, reduzindo a literatura nacional a meia dúzia de nomes que são, na veredade, dos mas representativos.

Não sei qual o critério assumido pelo eminente escritor, não sei qual a sua "pedra de tocar", nesse difficil escrutíneo de valores mentais.

O que entretanto está me parecendo é que existe no seu veredicto muita injustiça e, não direi estreiteza, mas uma como ilusão de estesia: o brilhante critico é um espirito culto e fartamente banhado nas águas lustrais da cultura francesa; identificado assim com êsse ambiente de refinamento intelectual dir-se-ia que o seu senso estético implica já tanto a uma apreciação justa dos productos genuinos da arte indigena, com os quais parece contrastar o seu gosto apurado no aticismo gaulês. Quem se afez invisceradamente ao sabor helénico de uma elegia ou de um jambo de Chénier há-de por certo sentir certo travor no lirismo desbordante de Casto Alves. Tal seria um deus do Olimpo, saudoso do seu nectar, que provasse o sainete rascante do vinho verde.

Não digo absolutamente que haja no caso o efeito de um preconceito, porque reconheço no sr. José Maria Belo uma intelligência perfectamente lúcida e

sensata, isena portanto dêsse empirismo sibilino tão do gôsto de certos intellectuais que, taxando os nossas letras de superfluidade e imitação, nunca buscaram escriptores mais profundos do que Marcelo Prévoste ou Jorge Ohnet, ou quando muito andaram fazendo citações de pensador que num leram mas tão somente folhearam com êsse intuito. Este tais felizmente não atuam fundamente na marcha evolutiva da nossa leitura. Brilham um momento como lentejoila, e vão direitinhos para aquele gavetão *hors littérature*, que Anatole France lhes consagrou.

Longe de mim a pretensão (que seria simplesmente ridícula) de negar a grande necessidade que nos corre a todos, de estudarmos a lingua e a literatura franceza, para dessedentar nos nas sua lições fecundas de harmonia e de sobriedade,

Ninguém mais que eu, sabe amar e admirar a França, como pátria eterna do pensamento e do sonho.

E' entretanto grande sem razão o confronto, quer sub quer conscientemente, dos nossos homens com os de outro qualquer pais a medir a distancia que os separa, distancia que o mais das vezes mais aperante que real.

Em literatura não há pontos de referênciã donde se aproxime ou se alongue uma figura, para lhe aquilatar o valor.

Justo porém é que se estude uma individualidade, que se penetre e se focalize ela, não sob um critério acanhado de regionalismo ou de escola mas á luz do factor tempo e do factor raça.

Não levando ao absoluto a conhecida lei de Taine que, houve tempo, andou desvirtuada por alguns criticos amaneirados e que felizmente se esclareceu cabalmente graças á grandeza e a precisão dos processos pregados pelos seus verdadeiros discipulos entre os quais Paulo Bourget, não a levando ao absoluto, é

preciso considerar na obra de arte um afloramento pessoal da raça, integrado no meio e propiciado por outras condições várias de ordem social ou psicológica.

Que todo critico, trabalhando com consciencia tenha sempre presente a lição do autor da *Philosophie de l'Art* e repita o conceito que êle condensou nesta imagem soberba: «Telle est en ce pays la plainte humaine: il nous reste à voir l'art qui est sa fleur.»

Através deste prisma não se deixará de reconhecer no Brasil a existência de uma literatura, cujos nomes representativos teriam universal renome, se a lingua portuguesa não merecesse, para os paises europeus, o nome que lhe deu alguém, de "túmulo do pensamento".

Cezário Neto

O SYMBOLO DE ASSIS

Sob a sonoridade alacre dos carrilhões e a carícia meiga do céu italiano vão agora romarias á Santa Maria dos Anjos, a simples capella de uma abobada ogival e uma abside redonda quando berço da ordem dos Menores, universalmente conhecida como a Porciuncula.

Ponho-me a calcular o encanto e o sainete singular dessa multidão heterogenea, vinda de todas as partes do mundo em peregrinação piedosa aos logares santificados pelos passos do pobresinho de Assis — *Il Poverello*, na cantante lingua da Umbria onde tambem os veios dagua cantam sonoros nas suas verdejantes collinas rissonhas.

De certo o quadro perdeu de muito no pinturesco do aspecto, com a uniformidade da indumentaria do pobre rebanho humano, na civilização actual. Mesmo assim deve ser de uma cmnichromia graciosa o bando de peregrinos que commemoram o transcurso de mais um seculo sobre o trespasse glorioso do grande santo catholico, com a peculiaridade de roupas de cada recanto da terra, porque, sobre a monotonia do figurino de Paris ou Londres, ver-se-ão uns jalecos curtos de velludo, uns sombreiros desabados ou umas gorras emplumadas, de um romeiro de um desvão de montanha hespanhola ou de uma aldeiola do poetico Tyrol, conforme as pastoraes oleographicas, se não nos lembramos a mancha cinzenta dos habitos dos frades de Albi, a parda dos carmelitanos ou as sangrentas de cardeaes e bispos, como enormes papoulas rubras.

Salve ó Francisco!

Na tua personalidade, mesmo os olhos desilludidos podem abysmar-se em profunda admiração e, offuscados pela luz intensa do conjunto de tantas perfeições, po-

dem, como o Saulo derrubado pela luz que o cegou na estrada de Damasco, senão cahir da incredulidade, pelo menos vacillar entre o seu caminho e a larga estrada da fé.

No exame da tua intelligencia, da tua vontade singular e da tua extremada sensibilidade, parece que se apequenam os montes da Umbria perante os cumes das tuas virtudes excelsas e os valles como que se cerram mais profundos, perante os mysterios da tua vida.

Lucida te foi a intelligencia indicando-te as vias direitas, longe do fanatismo da idade média e longe das heresias que então grassavam como plantas damninhas derredor á Igreja do teu Mestre.

Foi por tua lucidez admiravel que alcançaste a protecção do cardeal Hugolino e a liberdade de pregação. Foi ella que te inspirou o proselytismo incomparavel com que arrebanhavas ovelhas e te inspirou as traças do suave redil em que as reuniste no ideal da tua ordem. Viva e subtil, ella te trazia nos labios as respostas edificantes com que vencias a dialectica de theologos e te cercavam de aureola angelica sobre a sordicia da tua roupa, pela simplicidade da tua lingua e a pureza do teu coração.

Magnifica te foi a vontade no anhelado inflammado do bem e integralmente santa pela conformidade e obediencia aos imperativos da moral que, se não era a do teu seculo, por esquecido do Evangelho, era a que mais convinha aos homens, para a regeneração da época; por ella, por sua força estupenda e maravilhosa, renunciaste as galas da riqueza e da mocidade, cheio de perseverança nos influxos da perfeição espiritual...

Commovente a tua sensibilidade como fonte inexgotavel de onde te jorrava o immenso amor por todas as criaturas que a todas buscavas com braços abertos em appello fraterno. Como não, se até os seres inanimados foram assim teus irmãos: o irmão Sol, sym'bolo do Al-

tissimo, a lua e as estrellas tão bellas, a irmã agua, tão humilde e util e preciosa e casta. . Ah, essa tua ode ao sol e os Novellinos cheios de trechos da tua vida, que espelho magico da literatura medieval!

E porque muito amaste, até os stygmas da Paixão se te gravaram nas mãos e no flanco, para milagre dos crentes e incognita indecifrável á toda a sabença scientista, psychiatras e quejandos.

E tão perfeito discipulo foste que nem te faltou uma doce amiga, e como Magdalena, Jacquelina te estreitou o corpo morto e cobriu-o de beijos e soluços.

Pelas estradas de Spoleto e Rieti ou nas alturas do Alverne, as pombas te seguiam os pa sos, pousando te nos hombros, no capuz ou nas mãos. Era a revoada da alegria, da innocencia e da pureza que a sombra do teu burel não espantava.

Era a transfiguração da tua ascése que como luz irradiante de carinho e bondade, attrahia os pequeninos e mansos.

Amaste de véras a pobreza.

Se nos dias que passam os laços moraes e sentimentaes estão destruidos entre os homens; se a unica relação que subsiste é o cynico, brutal pagamento do preço e do salario: e se para reunir, agglomerar a poeira humana, ja não ha outra força: *Cash-payment is the sole nexus between man and man*, então, ó Seraphico, é bom que te relembrem como um traço de união e fraternidade humana.

Mas eu temo que a plutocracia ande hypocritamente unida á fé sincera nessa tua glorificação centenaria e esteja agitando a tua vida e o teu exemplo como um symbolo poderoso para adiar a revolta dos famintos, dos esfarrapados, dos espoliados por ella... e é pena que fiques sendo, glorioso embora, esse symbolo sómente.

Cesarío Prado

Dados para a Bibliographia Mattogrossense

Dá-se começo neste numero da Revista á publicação dos dados fornecidos pelo Centro de Letras á Academia Brasileira acerca da Bibliographia mattogrossense, a pedido daquela d'outra sociedade, para o Diccionario Bibliographico Brasileiro, em elaboração.

Muita cousa haverá de falha e incompleta nesta contribuição, organizada pela Commissão especial do Centro com a melhor disposição e vontade, mais ante escassissimos elementos que, na occasião, se depararam.

Publicando estas notas contributivas longe está, pois, o Centro de suppôr sejam as mesmas a ultima palavra no assumpto, antes o faz no justo intuito de provocar da parte dos interessados e dos conhecedores do assumpto novos esclarecimentos, rectificações e suggestões acceitaveis.

Cuyabá, Janeiro 1927

Agostinho José de Souza Lima

Nomes de seus paes.—Severo José de Souza Lima.

Cargo que exerce ou tem exercido—Lente cathedratico de medicina legal na Faculdade do Rio de Janeiro e de medicina publica na Faculdade Livre de sciencias Juridicas e sociaes.

Titulos literarios ou scientificos.—Bacharel em letras pelo collegio de Pedro II, Official da Ordem da Rosa, membro da sociedade auxiliadora da industria nacional, da sociedade de acclimação e da sociedade vellosina. Doutor em medicina. Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos—Tratado de medicina legal.

Outras informações.—Sacramento Blake cita como de autoria de S. Lima:—Qual a natureza e tratamento das urinas, vulgarmente chamadas leitosas ou chyluriase, a razão de sua frequencia nos paizes tropicaes: Dissertação para o doutorado em medicina, Rio de Janeiro, 1864.—Das substancias incompativeis sob o ponto de vista chimico-pharmacologico, Rio de Janeiro 1871. Serie cyanica —Rio de Janeiro 1874.

—Chloral e chloroformio. 1874.

—Relatorio da enfermaria de Santa Rita, creada pelo governo imperial para o tratamento dos doentes de febre amarella, 1876.

Alcindo de Camargo

Nomes de seus paes— Benedicto Nunes de Camargo e D. Balbina Nunes de Camargo.

Nome do lugar em que nasceu — Cuyabá— (Estado de Matto-Grosso)

Data do nascimnto— 5 de Dezembro de 1892.

Cargos que exerce ou tem exercido— Funcionario do Banco do Brasil, Funcionario da Repartição dos Telegraphos, Professor de Inglez no Lyceu Cuiabano e exerce partticularmente o magisterio.

Titulos literarios ou scientificos -- Membro effectivo do "Centro Mattogrossense de Letras. "

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos — Estudo Succinto da lingua ingleza — 1922 — Typ. Calháo — These de Concurso.

Elogio do Conego Silva Guimarães— conferencia, na Rev. do C. M. Letras anno III nº V.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio—bibliographicos— "O Commer-

cio " do Rio; em 1915; a " A Cidade " da Bahia, em 1919 " O Commercio " de Santos, em 1920, " A Liberdade " e o " Jornal da Serrinha " do qual foi director e nos periodicos cuiabanos " O Jornal " do qual foi um dos fundadores; O Correio do Estado, " O Matto-Grosso, " " A Cidade " do qual foi um dos directores e na " Revista do " Centro Matto-Grossense de Letras " .

Alexandre Rodrigues Ferreira

Cargos que exerce ou tem exercido—Formado pela Universidade de Coimbra, de onde era lente.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos—Incumbido pelo governo portuguez iniciou em 1786 as suas viagens em Matto-Grosso escrevendo: "Relação do Rio Madeira—" Memoria sobre as febres da Capitania de Matto-Grosso"—"Viagem á gruta das onças em 1790"—"Memoria sobre os indios guaicurús"—"Diario sobre as observações feitas nas plantas que se recolheram no rio Madeira"—"Roteiro de viagem de Matto-Grosso"—"Viagem á gruta do inferno"—"Descrição da gruta do inferno"—"População do povo de Albuquerque" e "Memorias sobre as salinas do Cunha."

Alfredo d'Escragnole Taunay (Visconde de Taunay)

Nomes de seus paes—Commendador Felix Emilio Taunay e D. Gabriella d'Escragnole Taunay.

Nome do lugar em que nasceu—Cidade do Rio de Janeiro.
Data do nascimento—Anno de 1843.

Cargo que exerce ou tem exercido—Major do corpo de estado maior da 1^a. classe, deputado e senador pela Provincia de S. Catharina.

Titulos literarios ou scientificos—Curso de estado maior e socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e da Academia Brasileira de Letras—E' patrono da cadeira n.º. 24 do "Centro Matto-grossense de Letras".

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos—

"Scenas de viagem", em 1868; Viagem de regresso de Matto-Grosso á Côte"; em 1869; "Relatorio Geral da Commissão de engenheiros junto ás forças em expedição para a Provincia de Matto-Grosso "(1874); "A expedição do Cel. Langsdorff"—"Innocencia" (1872)—"Narrativas Militares "(1878)—Céos e terras do Brasil"—"A Cidade de Matto-Grosso"—Biographia do

Barão de Melgaço"—"La retraite de Laguna e outras obras posthumas.

Quaes os pseudonymos que tem usado? —
Sylvio Dinarte

Allyrio de Figueiredo

Nomes de seus paes—Antonio Cesario de Figueredo e Luiza de Mattos Figueredo.

Nome do lugar em que nasceu—Cuyabá (Matto Grosso)

Data do nascimento—25 de Abril de 1892.

Cargos que exerce ou tem exercido—Delegado de Policia em Cuiabá. Promotor Publico em Tres Lagoas, E', actualmente, Procurador Fiscal do Estado.

Titulos literarios ou scientificos—Bacharel em Direito pela Faculdade do Rio Janeiro. Socio correspondente do Centro Matto-groseense de Letras.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos—"Poesias"—Rio 1912. 268 paginas—Uma só edição.

Tem no prelo uma segunda serie de poesias—*Poemas da Gloria.*

Allyrio Hugueney de Mattos

Nomes de seus paes. — Joaquim Francisco de Mattos e D. Euphrosina Hugueney de Mattos.

Nome do lugar em que nasceu. — Cuyabá — Matto—Grosso.

Data do nascimento—29 de Julho de 1889.

Cargos que exerce ou tem exercido. — Assistente do Observatorio Nacional, e preparador de Topographia da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro. Titulos literarios ou scientificos. — Engenheiro Civil pela Escola Polytechnica do Rio de Janeiro.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos. — Astronomia de Campo — 1922 — Livraria Scientifica Brasileira — Rio — 1 volume in 4º com 119 paginas de texto, alem de tabellas annexas.

Amancio Pulcherio de França

Nome do lugar onde nasceu—Cuyabá (Matto-Grosso)

Fallecimento—em 1881.

Cargos que exerce ou tem exercido—Commercio e Advocacia

Titulos literarios ou scientificos—Jornalista e poeta.

Quaes os pseudonymos que tem usado?—Palmyro.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado e outros quaesquer dados bio—bibliographicos.—Foi redactor principal d' "O Primeiro de Março," collaborou na "A Luz," revista fluminense.

Outras informações: Patrono da cadeira nº 1 do "Centro Mattogrossense de Letras."

Não publicou obra, mas as suas poesias esparsas dão um volume, que o "Centro de Letras pretende editar opportunamente.

D. Anna Luiza da Silva Prado

Nomes de seus paes.—Egydio da Silva Prado e D. Regina Leverger Corrêa Prado.

Nome do lugar em que nasceu—Cuyabá (Matto—Grosso)

Data do nascimento—24 de Agosto de 1896.

Cargos que exerce ou tem exercido—Exerceu o magisterio no "Grupo Escolar Senador Azeredo," na Escola Modelo annexa á Normal e no Grupo Escolar de Tres—Lagoas.

Titulos literarios ou scientificos—Socia effectiva do Centro Mattogrossense de Letras até Janeiro de 1924, passando a socia correspondente por mudança de residencia desde Fevereiro de 1924

Quaes os pseudonymos que tem usado? Zilah Donato e Delorme Vaz.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio—bibliographicos.—Tem collaborado na "A Violeta," revista femenina e no "O Jornal," de Cuiabá.

Dr. Antonino Ferrari-(*Antonino Augusto Ferrari*)

Nome de seus paes.—Tenente coronel Dr. Augusto José Ferrari e D. Adelina Eustaquia de Oliveira Ferrari.

Nome do lugar em que nasceu.—Cidade de Corumbá (Estado de Matto-Grosso) Data do nascimento.—26 de Outubro de 1870.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Tenente Pharmaceutico da Armada Nacional, assistente alumno da clinica de molestias da pelle e syphilis da Faculdade; interno, medico, vice-director e director interino do Hospital de Isolamento S. Sebastião, do Departamento Nacional de Saude Publica; vice-presidente do Es.

tado de Matto-Grosso; representou o Brasil na 5ª Conferencia Sanitaria Pan Americana no Chile, em 1911, e em Roma, no VI Congresso da Tuberculose, em 1912.

Titulos literarios ou scientificos:—Membro titular da Academia Nacional de Medicina; honoratio da sociedade Medico Cirurgica; Membro vitalicio da sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e Protector da Liga Brasileira contra a Tuberculose; Major da 1ª reserva da 2ª linha do Exercito; e 2º tenente da Armada Nacional.

Obras que tem publicado, os titulos e as datas da publicação destas, e seus caracteristicos.—A urologia na febre amarella, de que não possui mais nenhum opusculo (publicação do Brasil Medico.) Ensaio de tratamento physiologico na febre amarella; A strichnina na physiologia experimental e no tratamento da febre amarella; Tratamento original do tetano pelo Bicarbonato de sodio Rio 1916, a marcha da Tuberculose na cidade do Riode Janeiro (em italiano) A prophylaxia da Tuberculose no Rio de Janeiro (memoria apresentada ao Congresso dos Praticos em 1922); numerosissimos artigos sobre o tratamento da tuberculose, da ancylostomiase e sobre a propagação epidemica da variola pelas pulgas. Quaes os pseudonymos que tem usado? Antonio Ferrari (unicamente.)

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio—bibliographicos:—”Brasil Medico”, ”Revista Syniatica”, ”Tribuna Medica.” ”Medicina Militar,” ”Revista Medico—Cirurgica do Brasil,” ”Laboratorio Clinico de Silva Araujo,” e outros.

Outras informações:—Na imprensa diaria, collaborou alguns annos na ”Tribuna,” no ”Jornal do Commercio,” e ”Gazeta de Noticias,” tratando de varios assumptos medicos, especialmente da hygienização do trabalho no meio industrial e da prophylaxia das molestias epidemicas.

Fez tres conferencias sobre o Estado de Matto-Grosso; a primeira, intitulada ”Impressões de Corumbá e sul de Matto-Grosso”, na Academia Nacional de Medicina; a segunda, ”Impressões de Cuiabá,” na sociedade Nacional de Agricultura; a terceira, ”Ensaio de Geographia Medica do Estado de Matto-Grosso”, na Academia Nacional de Medicina. Na Liga Brasileira contra a Tuberculose vem, ha mais de vinte e tres annos, prestando serviços humanitarios, e tem realizado numerosas conferencias mensaes, de caracter popular, sobre a prophylaxia e tratamento dessa molestia.

Antonio Cesario de Figueiredo Neto.

Nomes de seus paes—João Lourenço de Figueiredo e D. Francisca Isabel de Figueiredo.

Nome do lugar em que nasceu—Cuyabá (Matto-Grosso)

Data do nascimento—30 de Outubro de 1902.

Cargo que exerce ou tem exercido.—Magisterio particular e publico. Professor cathedratico de Portugues do Lyceu Cuyabano.

Titulos literarios ou scientificos.—Bacharel em sciencias e letras. Membro effectivo do Centro Mattogrossense de Letras.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos :—Elogio de José Thomaz—discurso de posse, na Rev. do C. M. de Letras, anno IV, nº. VIII.

Quaes os pseudonimos que tem usado?—Joaquim Borba.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou tem collaborado. E outros quaesquer dados bio—bibliographicos.—“A Aspiração”. —“O Jornal”—“A Cidade”—“Revista do Centro Mattogrossense de Letras”.

Antonio Colbacchini (P.)

Nome do logar em que nasceu. — Italia — Veneto.

Data do nascimento. — 1881.

Cargos que exerce ou tem exercido. — Director do Colonia Indigena “Sagrado Coração” do Barreiro.

Titulos literarios ou scientificos — Socio correspondente do Instituto Historico de Matto—Grosso.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos. — “A Tribu dos Boróros”, Rio Papeleira Americana — 1919—1 vol. com 151 pags. “I Boróros Orientali “Orarimugudoge” del Matto Grosso (Brasile)” Turim—1926 —1 vol. com 414 pag.

Quaes os pseudonymos que tem usado? — Nenhum.

Antonio Corrêa da Costa

Nome de seus paes. — Antonio Corrêa da Costa e D. Ignez Maria Luiza da Silva Prado

Nome do lugar em que nasceu — Cuiabá, Capital de Matto — Grosso.

Data do nascimento. — 5 de Fevereiro de 1857.

Falleceu a 30 de Julho de 1920, no Rio de Janeiro.

Cargos que exerce ou tem exercido. — Professor de mathematicas no Lyceu Cuiabano. — Director da Instrucção Publica—

Secretario do Governo.—Representante de Matto-Grosso na Constituinte.—Delegado Fiscal de Matto-Grosso em Manaus.

Titulos literarios ou scientificos,—Bacharel em sciencias phisicas e naturaes pela Escola Polytecnica do Rio de Janeiro.—Socio correspondente do Instituto Historico de Matto Grosso. Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos. Mensagens presidenciaes—1896 e 1897.—Relatorios do Delegado Fiscal, de 1908, 1909 e 1910.—Um detractor official, pamphleto de 30 paginas, publicado em Assumpção.—A Reacção, hebdomadario politico impresso em Assumpção; em 1902.—Os predecessos dos Pires de Campos e Anhangueras (commemoração do bicentenario da fundação de Cuiabá,) Nictheroi, Escola typographica salesiana.—1918.—im 8º.—60 paginas.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio—bibliographicos: "O Republicano" de Cuiabá.—1896.

"O Matto-Grosso."

Como superintendente do Banco Rio-Matto-Grosso, foi o fundador da povoação de Porto-Murtinho,

Antonio Corrêa do Couto

Nome de seus paes.—Victoriano José do Couto.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá.

Falleceu em S. Luiz de Caceres, Estado de Matto—Grosso, a 5 de Julho de 1879.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Promotor publico em Cuiabá—Deputado Geral pela Provincia, em 1861—1863. Advogado.

Titulos literarios ou scientificos.—Bacharel em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade de Direito de S. Paulo.

Obras que tem publicado, os titulos e as datas da publicação destas e seus caracteristicos.—Dissertação sobre o actual governo da Republica do Paraguay.—Rio de Janeiro, 1865.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio—bibliographicos: Guaicurú, jornal de Cuiabá.

Antonio Fernandes de Souza

Nomes de seus paes—Sabino Fernandes de Souza e D. Maria Innocencia Fernandes de Souza.

Nome do lugar em que nasceu—Cuiabá. Estado de Matto-Grosso.

Data do nascimento.—15 Janeiro de 1879.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Escripturario do Thesouro do Estado, Official de Gabinete da Presidencia do Estado, Tabellião de Notas, Secretario do Thesouro do Estado, e actualmente Chefe de Secção desta Repartição e Professor de Escripturação Mercantil da Escola de Commercio do Lyceu Salesiano.

Titulos literarios ou scientificos.—Socio fundador do Instituto Historico de Matto-Grosso e socio effectivo do Centro Mattogrossense de Letras.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—Publicou em 1919 "A Invasão Paraguaya em Matto-Grosso" com 136 paginas, 23+15 1/2, typographia J. Pereira Leite, Cuiabá, edição commemorativa do bicentenario da fundação da cidade de Cuiabá; e a conferencia Elogio de Luiz d'Alincourt proferida em 17 de Fevereiro de 1923, no Centro Mattogrossense de Letras com 19 paginas 22 1/2+15, typ. Escola profissionaes Salesianas de Cuiabá, edição unica.

Quaes os pseudonymos que tem usado? —Não tem usado pseudonymos. Os seus trabalhos esparsos têm sido publicados com as suas iniciaes A. F. ou a letra W. somente.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem colaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos.—Collaborou nos jornaes O Estado, O Rebate, O Labaro, A Voz do povo, A Noticia (diario), O Commercio, O Republicano, O Correio do Estado, todos desta cidade.

A Razão, de S. Luiz da Caceres e nas revistas, Matto-Grosso, A Nova Epocha e A Violeta tambem desta capital e actualmente collabora na A Idéa Illustrada, da Capital Federal.

— Com Estevão de Mendonça dirigiu de 1904 a 1905 a publicação do O Archivo, revista destinada a vulgarização de documentos geographicos e historicos do Estado de Matto-Grosso, sob os auspicios do Presidente Antonio Paes de Barros; bem como, por Decreto nº. 186 de 12 de Maio de 1905, da alludido Presidente, foi ainda com Estevão de Mendonça nomeado para coordenar e dirigir a publicação dos trabalhos elaborados pelo Barão do Melgaço, dando a publicidade o primeiro volume intitulado "Vias de comunicação" 1905, est. Avelino de Siqueira.

A publicação desses trabalhos foi interrompida devido ao movimento revolucionario operado no Estado em 1906.

Antonio Gonçalves de Carvalho

Nome do lugar em que nasceu.—Rio de Janeiro.

Data do nascimento.—31 de Agosto de 1844.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Deputado á 1ª legislatura após a Lei Saraiva (1881); auditor de guerra; juiz de direito; Ministro do Supremo Tribunal Federal.

Titulos literarios ou scientificos.—Bacharel em direito pela Faculdade de Direito de S. Paulo;

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—*A Estrada de Ferro para Matto-Grosso*—cartas a Sir William A.—Rio—Typ. de Quirino, 1875.

A Estrada de ferro para Matto-Grosso e Bolivia (1887).

Discursos proferidos nas sessões da 18ª legislatura da Camera dos Deputados—Rio—typ. Nacional, 1884.

O Paraiso e a Pery—trad. de Milton.

Os companheiros de rancho—romance—Edição do Centro da Bôa Imprensa, 1918.

Quaes os pseudonymos que tem usado?—Mericano e A. Bueno.

Antonio Maria Malan (D.)

Nome do lugar em que nasceu. — Piemonte (Italia)

Data do nascimento. — 16 de Dezembro de 1862.

Cargos que exerce ou tem exercido. — Director do Collegio Salesiano "S. Gonçalo" de Cuiabá; Inspector da Missão Salesiana; Prelado do Araguaya; 1º Bispo de Petrolina.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos. — A Catechese dos indios boróros — conferencia feita na "Societé d' Encouragemente," Paris—19†13
1 broch. de 18 pags.

— Carta Pastoral do Bispo de Amiso e Prelado do Araguaya — Typ. Brasil — Juiz de Fora — 1920 — 20 pags.

Carta Pastoral de D. Antonio Malan — 1º Bispo de Petrolina — saudando seus diocesanos — Rio — Papelaria Ribeiro — 1924.

Antonio Tolentino d'Almeida

Nomes de seus paes.—João Baptista d' Almeida e D. Maria Felismina d' Almeida.

Data do nascimento.... 1876 Titulos literarios ou scientificos.—Poeta.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos: — *Illusões Doiradas Cuiabá*, 1910, *in octavo*, 126 paginas, Typ. Avelino de Siqueira; *A Retomada de Corumbá*, (folheto) Typ. Offic. 1916. India Rosa—1919;

Quaes os pseudonymos que tem usado?— Nenhum.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos.—O *Matto-Grosso*, O *Republicano*, O *Jornal*, etc.

Outras informações:—Tem um livro de poesias inedito intitulado "*Illusões Fanadas*".

Antonio Vieira de Almeida

Nomes de seus paes.—Antonio Vieira de Almeida e D. Ignez Vieira de Almeida.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá (Matto-Grosso).

Data do nascimento.—Maio de 1873 e falleceu no Rio de Janeiro a 29 de Fevereiro de 1916.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Escripturario da Alfandega de Santos, Inspector do Thesouro do Estado, Deputado Estadual.

Titulos literarios ou scientificos.—Jornalista.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—*Contos de outras éras*. (inedita.)

Quaes os pseudonymos que tem usado?—Flavio.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou que em tem collaborado. E outros dados bio-bibliographicos: «O Estado» »A Vóz do Povo,» «O Debate,» fundou «O Lyceunista» e collaborou no «O Diario de Santos.»

Outras informações.—Foi orador de varias sociedades civicas e literarias «O Centro Florianio,» o «Circulo Carlos Gomes.» Patrono da cadeira nº 23 do «Centro Mattogrossense de Letras.»

Aquilino Leite do Amaral Coutinho

Nomes de seus paes.—Manoel Leite do Amaral Coutinho e D. Francisca da S^a Prado. Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá—Matto-Grosso—Data do nascimento—1845

Cargos que exerce ou tem exercido.—Juiz de Direito em Matto-Grosso; Deputado á Constituinte e depois Senador pelo Estado de Matto-Grosso.

Titulos literarios ou scientificos—Bacharel em Direito pela Faculdade de S. Paulo; orador e poeta.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.— Discursos proferidos no Senado Federal—Cuiabá—Officina de Avelino de Siqueira— 1900— 1 vol. com 55 pags.

Augusto Cavalcanti de Mello (*Desembargador*).

Nomes de seus paes.— Manoel Cavalcanti de Mello e D. Maria Pastora Cavalcanti de Mello.

Nome do lugar em que nasceu.—Passo de Camaragibe (Estado de Alagoas.)

Data do nascimento—15 de Julho de 1864.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Professor, Juiz de Direito e é actualmente Desembargador do Tribunal da Relação de Matto-Grosso.

Titulos literarios ou scientificos.—Bacharel em Direito, membro do Centro Mattogrossense de Letras.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—“Tabernaculo”, poesias 1901—Rio—Laemmert &ia “um vol. com 123 pags.e as versões de “Hieronymus”, poema, Cunacépa”, poema, 1923—Cuiabá—um vol. com 20 pags, “As Erynnias”, tragedia; “O Avarento”, comedia em 5 actos, em verso.

Quaes os pseudonymos que tem usado?—Archangelus.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E quaesquer outras dados bio—bibliographicos—Tem collaborado na Revista do Centro Mattogrossense de Letras.

Augusto Leverger

Nomes de seus paes.—Mathurino Miguel e D. Regina Corbes Leverger.

Nome do lugar em que nasceu.—Saint Malô, Bretanha, França.

Data do nascimento.—30 de Janeiro de 1802.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Os postos da armada brasileira ate o de almirante reformado e presidente, por diversas vezes, da Provincia de Matto-Grosso.

Obras que tem publicados, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos—“Apontamentos chronologicos da Capitania de Matto-Grosso”, Diccionario Geographico da Provincia de Matto-Grosso”, Memoria sobre o rio Paraguay desde Nova Coimbra, “Diario e roteiro da viagem feita desde Assumpção até Bahia Negra,” Roteiro de navegação do rio

Paraguay”, Noticias sobre a provincia de Matto-Grosso, “Observações sobre a carta geral do Imperio, relativa á provincia de Matto-Grosso”, Carta do rio Paraguay, “Planta hydrographica—da lagôa Uberaba”, Mappa da fronteira do Sul da Provincia de Matto-Grosso”, Mappa Geographico, Chronologico e estatistico da provincia de Matto-Grosso”, “Esboço do rio Cuiabá desde a confluencia do rio S. Lourenço até a cidade d’aquelle nome; “Carta de um reconhecimento no districto de Miranda; “Vias de comunicação em Matto-Grosso”, relatorios etc.

Suas obras têm sido publicadas no “O Archivo”, em Cuiabá, no anno de 1905, “Revista Matto-Grosso”, nos annos de de 1903 a 1912, na Revista do Instituto Historico de Matto-Grosso”, nos seus numeros até hoje publicados e em folhetos, sob os auspicios do Governo de Matto-Grosso,

Bento Severiano da Luz (Padre)

Nome do lugar em que nasceu.—Goyaz.

Data do nascimento:—21 de Março de 1854.

Falleceu a 19 de Fevereiro de 1917.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Secretario particular do Bispo D. Carlos; professor do Seminario da Conceição; Conego honorario da Cathedral; mestre de cerimonia do Solio e Camareiro *ad honorem* do S. Padre.

Titulos literarios ou scientificos.—Socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos.—Itinerario da Visita Pastoral do Exmo. Revmo. Sr. D. Carlos Luiz d’Amour, Bispo de Cuiabá, ás parochias de sua Diocése—Cuiabá—Typ. de Emilio E. S. R. Calháo—1886—1 vol. in 4º. 81 pags. Sermão pronunciado no dia 31 de Dezembro de 1887, no jubileu sacerdotal do Papa Leão XIII Cuiabá - Imp. P. Moseller - 1888.

—Itinerario da visita do Exmo. Revmo. Sr. D. Carlos Luiz d’Amour, Bispo de Cuyabá, ás parochias do Sul de sua Diose-se, no anno de 1889—1890—Bahia—Typographia 65—1 vol. in 8º 265 pas.—Relatorio do Asylo de S. Rita—1893—Cuiabá—1 vol. com 13 pags.

Quaes os pseudonymos que tem usado?—Nenhum.

Caetano Manoel de Faria Albuquerque

Nomes de seus paes:—Coronel do Estado Maior Caetano Manoel de Faria Albuquerque e D. Francelina de Faria Albuquerque.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá, capital de Matto-Grosso. Data do nascimento:—11 de Janeiro de 1857.

Data do fallecimento—10 de Fevereiro de 1925.

Cargos que exerce ou tem exercido:—Director das obras militares na então Provincia do Pará, de Matto-Grosso, logo em seguida, de 1883 a 1885, tambem no Paraná, já na Republica.—Representou Matto-Grosso no Congresso Constituinte e na Camara dos Deputados.—Presidente do Estado de Matto-Grosso.

Titulos literarios ou scientificos—Bacharel em sciencias physicas e naturaes e em mathematicas.

Obras que tem publicado, os titulos e as datas da publicação destas, e seus carateristicos.—Resumo chorographico de Matto-Grosso, 1894, Typ. Pinheiro & Comp. Rio de Janeiro, 33 paginas, in 8º.

—Idem. idem. 2º edição, 1099, Off. Avelino de Siqueira, Cuiabá in 8º, 38 pagos.

—Diccionario Technico militar de terra, 1911, Lisbôa, Typographia do Anuario Commercial, 432 paginas, in 8º. —Si eu relatasse tarifas—Typ. do Jornal do Commercio, do Rio, monographia de 66 paginas in 8º—Mensagem á Assembleia.—Cuiabá, 1916.

Resposta á assembléa sobre a denuncia que contra o mesmo foi apresentada em 11 de Setembro de 1916.—Cuiabá Typog. official 47 pags. Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem colaborado. E outros quaesquer dados bio—bibliographicos.—Tem collaborado na "Provincia de Matto-Grosso," de Cuiabá, na "A Cruz," tambem de Cuiabá, no "Jornal do Commercio" e "Actualidade, do Rio.

Candido Mariano da Silva Rondon

Nome de seus paes Candido Mariano da Silva e D. Clavina Lucas da Silva

Nome do lugar em que nasceu—Cuiabá—Matto-Grosso. Data do nascimento — 5 de Maio de 1865.

Titulos literarios ou scientificos — Bacharel em Mathematicas e em Sciencias Physicas e naturaes — Membro fundador do Instituto Historico de Matto-Grosso.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos — Relatorio apresentado á Directoria Geral dos Telegraphos e á Divisão a Geral de Engenharia do Departamento da Guerra — Estudos e reconhecimentos — Anexo nº 5 das Publicações da Commissão Rondon Ethnographia e Geographia — Conferencia (1916) Relatorios, conferencias e trabalhos technicos diversos.

(Para melhores informações pode-se dirigir á Commissão Rondon (Escriptorio Rio de Janeiro)

Carlos Gomes Borralho

Nomes de seus paes—João Licio Borralho e D. Mariana de Campos Borralho.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuyabá.

Data do nascimento.—10 de Julho de 1878.

Cargo que exerce ou tem exercido.—Major do Exercito.

Titulos literarios ou scientificos.—Engenheiro militar. Curso do Estado Maior.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos. — “O Matto-Grosso”, “O Correio do Estado”, de Cuyabá.

Carlos Luiz d'Amour (Dom)

Nome do lugar em que nasceu.—S. Luiz Maranhão.

Data do nascimento.—11 de Junho de 1837.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Conego da Sé do Maranhão; Vigario Capitular e Governador do Arcebispado da Bahia; Bispo e depois Arcebispo de Cuiabá.

Titulos literarios ou scientificos.—Socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 1892 e do Instituto Historico de Matto-Grosso, 1919.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—Pastoraes de 30 de Novº. de 1874, 1 de Janeiro, 29 de Junho, 28 de Outubro e 3 de Dezembro de 1875; da Quaresma em 1876; de 12 Março de 1877, todas da Bahia; de 28 de Junho 1878, saudando os Diocesanos de Cuiabá; e mais cerca de 60 outras sobre assumptos diversos, sendo a ultima de 18 de Janeiro de 1921.

—Relatorio apresentado ao Arcebispo da Bahia, 1877—Discursos no Asylo de S. Rita, 1889—1892.

Quaes os pseudonymos que tem usado?—Nenhum.

Cesario Corrêa da Silva Prado

Nomes de seus paes.—Egydio da Silva Prado e D. Regina Leverger Corrêa Prado.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá (Matto-Grosso.)

Data do nascimento.—26 de Setembro de 1891.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Escripturario da Delegacia Fiscal, professor de Portugues no Lyceu Cuiabano, escripturario do Tribunal de Contas, servindo actualmente em commissão, como Chefe da Delegação do mesmo Tribunal neste Estado.

Titulos literarios ou scientiificos.—E' socio effectivo do "Instituto Historico de Matto-Grosso e" fundador do "Centro Matto-grossense de Letras."

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—Nótulas sobre alguns serviços fiscalizados pelas delegações do Tribunal de Contas.—1924—Typ. official—Cuiabá.—1 vol in 8, com 32 pags.—Elogio de Vieira de Almeida—Conferencia in Rev. do Centro M. C. de Letras, anno II nº III—Um pouco de Machado de Assis—conferencia. in Rev. do C. M. de Letras, anno III nº VI.

Quaes os pseudonymos que tem usado?—Hugo Robisart, Edgard Muniz, Raul e J. Terra.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ouem que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio—bibliographicos.—Dirigiu em Cuiabá, o periodico "A Imprensa, e temcollaborado nos periodicos cuiabanos "A Colligação," "O Matto-Grosso," e "O Correio do Estado," no "O Jorna"l do Rio, na "ARazão," de Kaceres e nas revistas do "Centro Matto-grossense de Letras," e "Illustração Brasileira," do Rio de Janeiro.

Outras informações: Occupa no "Centro de Letras," a cadeira nº 23, da qual é patrono Antonio Vieira d'Almeida.

Clovis Corrêa da Costa

Nomes de seus paes.—Cel. Pedro Celestino Corrêa da Costa e D. Constança Novis Corrêa da Costa.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá, Matto-Grosso.

Data do nascimento.—1 de Fevereiro de 1888.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Medico do Serviço da Saúde Publica—Livre Docente de Clinica obstetrica e obstetricia da Faculdade do Rio de Jneiro

Titulos literarios ou scientificos—Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro.

Obras que tem publicado—Infantilismo e rachitismo—these de formatura—Naturalisação do parto—these de concurso para Livre Docente—Estudos de Clinica obstetrica e obstetricia—Rio — Empreza Graphica Editora—1925—1 vol. de 378 pags.

Conde Castelnau

Nome do lugar em que nasceu.—França.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—Iniciando em 1844 a viagem pela America do Sul como chefe de uma expedição scientifica, d'essa viagem deu noticias no trabalho, "Expedition aux parties de l' Amerique du Sud."

Emigdio Dantas Barreto

Cargos que exerce ou tem exercido.—General do exercito, Presidente de Pernambuco e Senador. Chefiou uma expedição a Matto Grosso em 1906.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—A expedição a Matto Grosso.

Ernesto Camillo Barreto (P.)

Nome do lugar em que nasceu. Cidade de Cachoeira (Bahia.)

Data do nascimento. 19 de Fevereiro de 1828.

Cargos que exerce ou tem exercido. Lente de theologia dogmatica e moral do Seminario da Conceição; Inspector Geral de estudos; Deputado provincial.

Titulos literarios ou scieentificos. Orador sacro e jornalista politico.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos.—Compendio de theologia exgetica, religião e logares theologicos (1856) Philosophia nacional e moral (1859.)

Theologia dogmatica (1864) Mannal da lingua latina.(1865)

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio bibliographicos. "A Imprensa de Cuiabá" e "A Situação"

Relatorio do Centro Mattogrossense de Letras

Referente ao Anno social 1925-1926

APRESENTADO

em sessão de 7 de Setembro de 1926

pelo Presidente

Desor. José de Mesquita

Meus confrades e amigos:

Pela quinta vez, reconduzido pela excessiva generosidade de vossos votos á Presidencia do "Centro Mattogrossense de Letras, cumpre-me trazer-vos, em satisfação a um preceito do nosso Regimento Interno, o Relatorio do anno social extincto.

E é com a maior satisfação que o faço pois, como nos annos anteriores, averiguo continuar a operar-se na vida de nossa corporação uma confortadora progressão, não sendo possivel negar-se a sua marcha ascencional, claramente estereotypada nas cifras e dados estatisticos que ora vos são apresentados.

Um lustro de realizações

Prefaz hoje o nosso "Centro" o seu primeiro lustro de existencia. E' pouco e é muito, tal o prisma pelo qual se aprecie o evento. Pouco é no evoluer de uma sociedade destinada pela sua natureza e objectivo a longo viver; muito, entretanto, já parece, si pezarmos a inconsistencia e indurabilidade de tentamens analogos, em nosso meio. Um lustro vale dizer a primeira etapa apreciavel de nossa carreira, o degrau primeiro na escala do nosso progredir. E, proclamemol-o sem falsa modestia--foi um lustro de realizações fecundas, de trabalho dignificante, de cumprimento integral do programma corporificado em nossos estatutos sociaes. Um lustro durante o qual demos a lume 10 numeros da Revista, que ahi ficam assignalando uma phase promiss-

sora de nossa cultura e que levam aos quadrantes todos do Brasil a affirmativa de nosso valor mental: na balança da intellectualidade patricia. Um lustro durante o qual realizamos 17 conferencias literarias, das quaes 14 pertencentes á serie glorificadora de patronos, tendo sido estudados com intelligente carinho os grandes vultos de Joaquim Murtinho, Antonio Corrêa, Vieira de Almeida, José Estevão, Luiz d'Alincout, Padre Ernesto, Conego Gaimarães, Manoel Esperidião, Veiga Cabral, Frederico Prado, Francisco Catharino, José Thomaz, Ramiro de Carvalho e P. Siqueira—galeria de nobres varões cheios de serviços abnegados á terra mattogrossense, muitos dos quaes jaziam inteiramente olvidados sob a poeira dos annos e da mais dolorosa indifferença contemporanea. Um lustro assignalado por formosos saraus musicaes e literarios, que muito hão contribuido, não ha dissimular-o, para o real levantamento de nossa cultura e do bom gosto artistico de nosso povo. Um lustrô em que, vencendo as resistencias de um meio hostile ou apathico, conseguimos dotar a nossa Capital de uma regular Bibliotheca, levar a effeito varias interessantes tertulias ou "horas literarias", amparar vocações novas, despertar antigas adormecidas, acolher iniciativas merecedoras de estimulo, organizar, sobre bases seguras, a bibliographia mattogrossense, effectuar uma efficaz propaganda literaria do Estado, por meio de intercambio de publicações, escolha de correspondentes nas capitaes de outras unidades federativas e outros meios consentaneos á realização do mesmo *desideratum*.

Um lustro, enfim, de esforço constante e produtivo pela aproximação das varias correntes intellectuaes ponderaveis do Estado, aplainando difficuldades, supprimindo desintelligencias, destecendo embaraços e urdindo, dia a dia, a teia da mais leal cooperação, que parte do elevado principio de que cá dentro tendemos

todos nobremente para um só ideal, somos todos coirmão d'armas na pugna honrosissima das letras e do limiar para fóra ficam, quando ingressamos neste santuario, todas as divergencias e animosidades porventura existentes.

Não vai no proclamar o nosso trabalho jactancia ou vaidade censuravei e sim a natural e nobre necessidade de balancear, ao cabo do primeiro estagio de lutas, os conseguimentos alcançados, afim de confortar os que labutaram, estimular energias entorpecidas, reavigorar aquelles que a fadiga comece a tomar e chamar para perto de nós novos elementos que nos assistam e amparem com o seu carinho. E', pois, sinceramente, cordialmente que, ao termo do primeiro lustro de vida, me congratulo com os meus amigos e companheiros de jornada,—os verdadeiros auctores dessa obra levada a effeito em prol do progredimento intellectual de nossa terra bemquerida.

A Revista

Já foi distribuido, no mez de Agosto p. p., o X nº da Revista do Centro, correspondente ao 2º semestre deste anno, achando-se, pois, em dia, tal publicação, que, desde o começo,—unica talvez em nosso meio—vem primando pela mais rigorosa pontualidade, que nos esforçaremos por manter a todo transe.

Continúa a Revista a editar-se nas Officinas Salesianas e nas mesmas condições estabelecidas para os numeros anteriores.

A partir do ultimo numero resolveu a Commissão de Redacção manter, a par das secções permanentes que já conheceis, uma Pagina dos Mestres, destinada a homenagear os grandes vultos das nossas letras, prestando, ao mesmo tempo, um serviço estimavel de vulgarização.

Hora literaria

Resolvido como ficou em sessão de 11 de Julho de 1925 restabelecer-se a "hora literaria" já projectada em 1922, sem que se conseguisse levar a effeito, fez o "Centro" a primeira dessas reuniões a 25 de Outubro de 1925, já tendo, em menos de um anno, effectuado mais outras 4, em data de 20 de Dezembro de 1925, 7 de Fevereiro, 2 de Maio e 20 de Junho do anno corrente.

Em todas ellas tem sido animadora a concorrência, a que dá uma nota de realce o elemento femenino, vivamente interessado por essas palestras de arte e intelligencia.

Tomaram parte nas cinco primeiras "horas literarias", lendo produções de sua lavra, os socios effectivos Oscarino Ramos, Cesario Prado, Palmyro Pimenta, José Vilá, Cesario Netto, Antonio Fernandes, Alcindo de Camargo, Augusto Cavalcanti e José de Mesquita e o socio correspondente Allyrio de Figueiredo.

A Bibliotheca

Limitada, por emquanto, ás doações espontaneas dos socios e pessoas amigas, vai ainda assim a nossa Bibliotheca se ampliando, attingindo o numero de obras adquiridas no ultimo anno o total de 140, isto é, mais 5 que no anno anterior.

E' presentemente, de 850 o numero das obras catalogadas, num total de 1.168 volumes.

Impõe-se-nos, a partir d'agora, a aquisição de obras para conseguirmos certa selecção e systematisação futura na Bibliotheca do Centro, que organizada á mercê de simples donativos, conquão valiosos, tem que resentir-se da falta desses elementos.

Eis porque suggiro a idéa de votardes no orçamento para o anno social entrante uma verba annual de 300\$000 para compra de livros, ficando desde logo a Meza autorizada a mandar vir, por intermedio de qualquer livraria desta capital, obras literarias cuja relação será previamente approvada em sessão.

A séries de conferencias

Proseguiu o Centro a realização da serie de conferencias de elogios patronicos, estabelecida pelo art. 2 n° XI dos Estatutos, tendo cabido desta vez aos socios D. Francisco de Aquino Corrêa e Franklin Cassiano da Silva fazer o elogio de seus paranympfos.

Em data de 19 de Setembro do anno p. p. fez o Prof. Franklin Cassiano, em formosa conferencia, o estudo de Ramiro de Carvalho e a 12 de Dezembro do mesmo anno, em sessão commemorativa do Centenario do Padre José Manoel de Siqueira, proferiu o Presidente de honra D. Aquino Corrêa o magistral elogio academico do sabio sacerdote cuyabano que escolhera por seu patrono.

Novos socios

Nenhuma alteração se verificou durante o anno social findo no quadro dos socios effectivos do "Centro", tendo apenas se retirado desta Capital os socios Virgilio Corrêa Filho, Cesario Prado e Alcindo de Camargo.

O quadro dos correspondentes, ao envez, se accresceu com a escolha de novos e valiosos elementos, que, certo, irão concorrer para a propaganda intelligente do "Centro", nos Municipios.

São os seguintes os novos socios correspondentes:
Carlos Vandoni de Barros--Corumbá
Francisco Ferreira Mendes--Rosario-Oeste

Glycerio Povóas—Ponta Poran
P. Ezequiel Fraga—Araguaya
José Bonifacio de Albuquerque—Miranda.

Auxilio ao monumento a Machado de Assis

Conforme autorizastes em sessão de 30 de Maio p. p. sob proposta desta Presidencia, foi enviada á Academia Brasileira de Letras a quantia de cem mil reis (100\$000), como auxilio ao monumento que, por iniciativa da mesma Academia, se vae levantar, na Capital do paiz, ao grande escriptor patrio Machado de Assis, havendo aquella douta corporação agradecido, em officio de 12 de Agosto p. p., a mesma offerta.

Relações officiaes

Continua o "Centro", a gozar por parte da alta administração do Estado o mesmo amparo que lhe dispensaram os Governos anteriores.

O Exmo. Sr. Dr. Mario Corrêa da Costa, DD. Presidente do Estado, deu-nos, a 2 de Maio ultimo, a honra de sua visita official á nossa modesta séde, acompanhando-o nessa visita o Exmo. Dr. Manoel Paes de Oliveira, M. D. Secretario do Interior, Justiça e Finanças e nosso illustre confrade.

No orçamento para 1927 foi mantida a verba que, a titulo de auxilio, vem sendo consignada a favor do Centro Mattogrossense de Letras desde 1923 e elevada ao dobro no anno de 1925.

Finanças

Animadora póde ser considerada a nossa situação financeira, graças a parcimoniosa applicação da receita oriunda do auxilio estadual de 2:400\$000 annuaes, das

assignaturas e annuncios da Revista e da contribuição dos socios.

A Thesouraria, tendo á sua frente o nosso prestimoso confrade Ovidio Corrêa e a Procuradoria, a cuja testa permanece o zeloso e esforçado funcionario Sr. Benedicto A. London, têm-se ambas revelado credoras de nosso reconhecimento pelo trabalho que vêm realizando em prol de nossas finanças.

Annéxcos a este relatorio encontrareis o balanço do exercicio findo, instruido com os documentos respectivos, accusando um saldo a favor do "Centro" de dois contos trezentos e quarenta e seis mil seiscentos e quarenta e um reis (2:346\$641), do qual parte se encontra depositada na Agencia do Banco do Brasil, e parte na Caixa Economica annexa á Delegacia Fiscal.

Nenhum compromisso tem presentemente o "Centro", já se achando paga a impressão do ultimo numero da Revista.

O saldo accusado deste exercicio supera o do anno passado de seiscentos e cincoenta e oito mil seiscentos e vinte e um reis (668\$621) e atravez da demonstração que se segue facil tornar-se-vos-á acompanharedes a evolução de nossas finanças a partir de 1923 até esta data:

Saldo accusado em relatorio de 7 de Setembro de 1923:

546\$320

Idem, ibidem em 7 de Setembro de 1924:

1:403\$920

Idem, ibidem em 7 de Setembro de 1925:

1:688\$020

Idem, ibidem nesta data:

2:346\$641.

A existencia desse fundo social sobre nos pôr a cavalleiro de futuras necessidades, permittir-nos-á, em breve, metter hombros a realizações projectadas, tal como a publicação de obras de patronos, medida esta

já por vós autorizada e que a Meza pretende pôr em execução no proximo anno, começando pelas poesias de José Thomaz, patrono da cadeira occupada pelo nosso confrade Cesario Netto.

Alterações na Mesa

De accordo com a attribuição de que me investe o nosso Regimento nomeei para substituir no cargo de 2º Secretario o nosso consocio Palmyro Pimenta, durante o seu afastamento desta cidade, o confrade Oscarino Ramos, em lugar do consocio Alcindo de Camargo, nas funcções de Bibliothecario, o consocio Antonio Fernandes de Souza.

Conclusão

Taes são, meus amigos, os dados que me compete apresentar-vos ao terminar o actual periodo administrativo.

Dos mesmos vereis que a Meza, por mim immerecidamente chefiada, tudo fez para corresponder a vossa confiança e que si mais lhe não tem sido posivel fazer é que as proprias circumstancias do meio o não permitem.

Neste posto, enquanto assim o entenderdes, nos encontrareis animados do mesmo espirito de devotamento a este "Centro" que estremecemos com o melhor carinho, com essa forma quasi paternal do carinho que é toda zelo, argucia, prudencia, solicitude, buscando encaminhar, atravez dos altibaixos da vida, os passos vacillantes da criança...

Mas, deixae que vol-o diga francamente, é mister que nos tambem aqui vos encontremos sempre, tocados do mesmo sentimento, movidos do mesmo ideal, for-

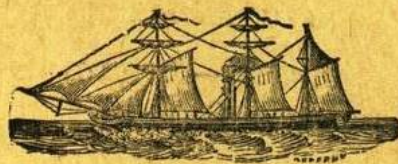
mando esse bloco inexpugnável, essa "aliança sagrada" indestrutível, visando acima de tudo, como supremo escopo, a elevação da nossa cultura, a grandeza mental de Matto-Grosso, a que nos devotamos abnegadamente.

Assim o queira Deus, e assim o esperamos.

Cuyabá, 7 de Setembro de 1926.

José de Mesquita

Presidente



Publicações Recebidas

Recebemos e agradecemos :

D. Aquino Corrêa—A flôr d'alleluia — poemeto—
Rio —1926

« « A' velha bandeira de Marianna
—Rio—1926

Jercy Jacob—Musa Discreta—versos —Cuyabá—
1926

Revistas

Revista da Academia Brasileira de Letras—n^{os}.
53 a 60

Revista da Academia Mineira de Letras

Matto-Grosso Illustrado—orgam do Centro Matto-
grossense do Rio —n^{os} 1 a 6

Revista da Instituto Historico de Matto-Grosso n^{os}
XV e XVI

A Violeta—orgam do gremio Julia Lopes—Cuyabá

Revista da Associação Commercial de Cuyabá

O Pharmaceutico Brasileiro—n^{os}. 1 Rio

Jornaes

A Tribuna e A Cidade—Corumbá

Jornal do Commercio e Correio do Sul—Campo
Grande

A Noticia e a Gazeta do Commercio —Tres Lagoas

A Razão—Caceres

O Progresso—Ponta-Poran

Gazeta Official

A Cruz

O Democrata

O Matto-Grosso

A Capital

O Pequeno Mensageiro

A Penna Evangelica

A Crisalida

A Flamma

O Ferrão

A Semana

} Todos desta Capital

BANCO DO BRASIL

Capital . . . Rs 100 mil contos

DEPOSITOS

O Banco do Brazil abona aos s/ depositantes:
 Em contas correntes, até Rs. 20:000\$000, com
 retiradas livres 5 %
 Em contas sem limite, com retiradas livres 3 %
 « « « « com aviso prévio . . . 5 %
 « Depositos a prazo fixo de 1 anno . . . 6 %

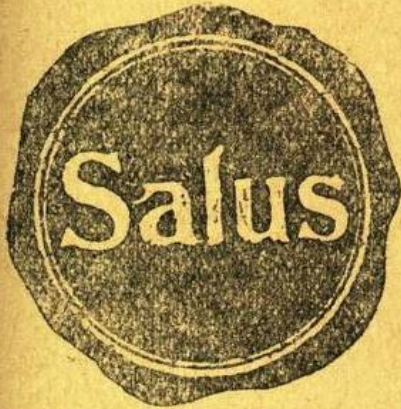
O Banco fornece aos s/ depositantes talões de cheques e estabelece todas as facilidades na retirada dos dinheiros em deposito.

BARROS LEITE & CIA LTDA

Rua Antonio João n. 32

Cuiabá—Matto Grosso

Agentes de França Pereira & Cia (fogões economicos a gazolina "Red Star", ultima palavra em asseio e mais barato que lenha); S. A. Casas Reunidas Ambrust Laport (armas e munições); Casa Pratt S. A. machinas de escrever Remigton, calcular Dalton duplicadores "Red Seal," installações para escriptorios modernos—vendas á dinheiro e a prestações); Onetto & Cia (fabricantes de machinas para quebrar babassú, olaria, engenhos etc; fundição de ferro e bronze e construçoes navaes,



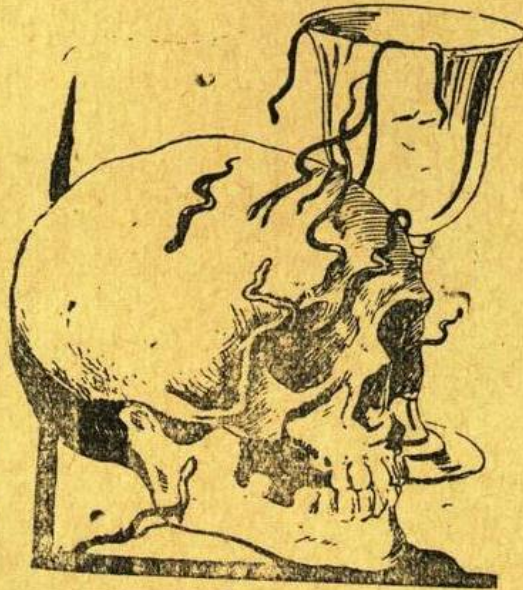
Casa Allemã

HENRIQUE HESSLEIN & SERGEL

Impor-
tação
directa
da Eu-
ropa e
de ar-
tigos
nacio-
naes.

— Exportação de Borracha —
Ipeca — Couros — Pen nas

Chamamos a especial atenção dos
nossos freguezes para os productos
da celebre "Cia—Salus" consistindo
em Moringas e Filtros para agua. A
composição chimica applicada nellas
é patenteada em todos os paizes cul-
tos, aniquila dentro de uma meia
hora todo e qualquer bacillo, evitan-
do assim as perigosas molestias como
Typho Dysentheria, Diarrhéas, etc.



Irmãos Miraglia

Casa de joias e relógios
e artigos de optica
Officinas de relojoeiro
e ourives com lapidação de
diamantes annexa
Bolsas de prata
Brilhantes mattogrossenses

Rua 13 de Junho 27

TELEPHONE 244

CAIXA POSTAL 43

Matto-Grosso Illustrado

Organ de propagação
do Estado e de proprie-
dade do Centro Matto-
grossense c'o

Rio de Janeiro

Assignaturas, annuncios
e mais publicações, com
o Sr. Benedicto A. Lon-
dom, representante auto-
rizado nesta Capital

R. 13 JUNHO, 119

BANCO DO BRASIL

Capital	100.000:000\$000
Fundo de reserva	131.456:715\$571
Nove ultimos dividendos (semestraes) :20\$000 por acção (20% annuaes)	

Agencias—Albuquerque Lins—Bagé—Bahia—Barbacena—Barretos—Baurú—Bebedouro—Bello Horizonte—Cachoeira—Camocim—Campina Grande—Campinas—Campo Grande—Campos—Carangola—Cataguazes—Catanduva—Chavantes—Corumbá—Curityba—Cuiabá—Feira de Sant'Anna—Florianopolis—Fortaleza—Franca—Garanhuns—Gua- xupé—Ipamery—Ilhéos—Itabuna—Jahú—Jequié—Joazeiro—Joinville—Juiz de Fóra—Livramento—Macahé—Maceió— Maranhão—Mossoró—Natal—Pará—Parahyba—Paranahyba—Pelotas—Penedo—Piracicaba—Ponta Grossa—Porto Alegre—Recife—Ribeirão Preto—Rio Branco (Acre)—Rio Branco (Pernambuco)—Rio Grande—Rio Preto—Santo Amaro—Santos—S. Felix—S. João da Bôa Vista—S. José do Rio Pardo—S. Paulo—Taquaritinga—Theophilo Ottoni—Therezina—Tres Corações—Tres Lagôas—Uberaba—Uruguayana—Var- ginha—Victoria.

Agentes—Nas demais praças commerciaes do Paiz e nas principaes do exterior.

Taxas para depositos:

Conta corrente de movimento	3% ao anno
Idem, Idem, limitada até 20:000\$	5% ao anno

Conta de prazo fixo:

de 3 mezes	3% ao anno
de 7 mezes	4% ao anno
de 9 mezes	5% ao anno
de 12 mezes	6% ao anno

Conta de aviso previo: (variavel)

Letras a premio:

até 3 mezes	3% ao anno
de 4 a 6 mezes	4% ao anno
de 7 a 9 mezes	5% ao anno
de 10 a 12 mezes	6% ao anno

Correspondencia — Em portugûes, francês e inglês.

Codigos — «A B C» (5ª e 6ª edições) — «Ribeiro» — «Borges» — «Broomhall's» — «Lieber's» — «Peterson's» — «AZ» francês — «Western Union» — «Bentley's» — «Al Code» — «Bra- sileiro Universal» — «Brasil» e Particulares.

Endereço telegraphico — «Satellite» — (Matriz e Agencias).

Matriz:—Rua 1º de Março nº 66—Rio de Janeiro

Pharmacia Americana

DE

H. Oliveira & Rondon

Rua 13 de Junho, 181 (esquina). — Teleph., 32.

Grande sortimento de drogas e preparados pharmaceuticos nacionaes e estrangeiros.—Sortimento completo de Homeopathia em tinturas e globulos.

Preços modicos

Consultorio Medico Permanente

Dr. Caio Corrêa—das 15 ás 17 horas

CUIABÁ—MATTO-GROSSO.

Irmãos Miraglia

Casa de joias e relógios
e artigos de optica
Officinas de relojoeiro
e ourives.

Bolsas de prata
Brilhantes mattogrossenses

Rua 13 de Junho 27

TELEPHONE 244

CAIXA POSTAL 43

Dr. Athayde de Lima Bastos Medico

Consultorio — Pharma-
cia Central das 10 ás 11
e das 5 ás 17 horas
Residencia Rua 13 de
Junho.

Tel. 225

*Attende chamados a
qualquer hora do dia e
da noite.*

Revista do Centro

Mattogrossense de Letras

ANNO VI

Julho a Dezembro de 1927

NUMERO XII

Publicação Semestral

SUMMARIO

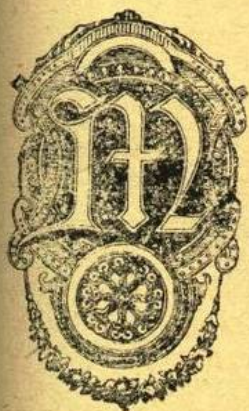
- D. Aquino na Academia de Letras — Cesário Néto.
A festa de 21 de Maio de 1927:
 O Programma
 O discurso official
 A oração do homenageado
- Impressões de Academicos:
 Alfredo Pujol, Rodrigo Octavio, Laudelino Freire, Clóvis Bevilaqua e Affonso Celso
- Referencias de Sócios do Centro:
 Cesario Prado, José de Mesquita, Estevam de Mendonça, Antonio Fernandes de Souza, e Allyrio de Figueiredo.
- Cuiabá—O boi—A lagôa—Os canhambóras—Sonetos—Lemartine Mendes.
- Drama floral—A visão de Caím—Poesias—Augusto Cavalcanti.
Magia do Luar — conto — José de Mesquita
Musa — Inaccessível — Tarde—Noite—Sonetos—Allyrio de Figueiredo.
- Myosotis — Soneto — Franklin Cassiano
A um pintasilgo — Bons annos — Sonetos — J. Bonifacio Albuquerque.
- Tres parâphrases — poesias — José de Mesquita
Coronel José Magno da Silva Pereira — Isaac Póvoas.
As garças — Cruz do Valle
- Paginas dos Mestres:
 Sua Eminência o Estrangeiro — Amadeu Amaral.
- Paginas contemporaneas:
 Mogy e Cuyabá — V. Corrêa Filho
 Motivos de poesia da natureza mattogrossense—Sylvio Floreal
- Paginas esquecidas:
 Discurso—José Magno da Silva Pereira.
- Paginas dos novos:
 O Passado — soneto — Celso Albuquerque.
 Arrependimento tardio—B. Duarte Monteiro.
- Contribuição para a bibliographia mattogrossense.
Publicações recebidas.

D. Aquino na Academia de Letras

A decorative horizontal line with ornate, symmetrical flourishes at both ends, positioned below the title text.



D. Aquino na Academia de Letras



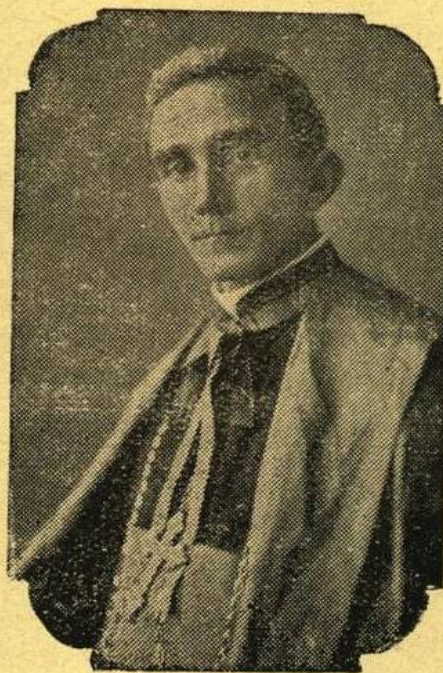
ATO GROSSO se exalta na glorificação de D. Aquino Corrêa.

Se outros matogrossenses existem illustres em intelectualidade, nenhum há, todavia, que tenha alcançado a altura a que chegou Dom Aquino, como a mais cádima expressão individual do valor mental e moral de Mato-Grosso.

Nenhum, tanto como êle, se há integrado na alma matogrossense, concretizada nos fastos do seu passado, na vida da sua gente e no vigor de sua cultura.

E' que na personalidade complexa do nosso Arcebispo, três figuras se resumem em rara e feliz harmonia:-- o sacerdote, o homem público e o intelectual.

Não nos cabe agora na alçada analisar, embora ao de leve, o que tem sido a sua trajetória brilhante pela vi-



da pública, bastando-nos dizer que dela não poucos benefícios nos tem advindo, seja qual for o aspecto por que se observe ela: moral, político, ou material.

O sacerdote tem sido o apóstolo do bem e da civilização do nosso povo, e como tal, para testemunhar tudo o que de alto, proficuo e nobre êle nos tem dado, mister seria que falasse a alma do nosso povo, se essa alma para se exprimir cabalmente não necessitasse da própria palavra viva e fecunda do seu Pastor.

Quanto ao intellectual a sua obra é tôda a natureza e todo o passado matogrossenses, transformados em som, em brilho, em côr, em movimento, em harmonia, em ritmo, em vigor plástico, em arte, na mais própria acepção do termo.

E, ademais disto, organização literária das mais completas e das mais perfeitas que florescem em nosso tempo: poeta, orador, prosador, humanista e filólogo.

A poesia lhe brota viva e limpida, ora em carmes sacros, ora em hinos cívicos, ora em estrofes ligeiras que sabem ao bucólico de Teócrito ou Vergilio, e que pintam ao natural aspectos e episodios das nossas cousas.

Da sua prosa tersa, assaz nos diz a leitura dos seus trabalhos que se conhecem em folhetos vários, como «*Sede brasileiros*», «*A Primeira flor*», «*A Bandeira de Marianna*», e ainda essas originais e scintilantes «*Pétalas do Evangelho*», conhecidas que são através das folhas da *Cruz*.

O seu humanismo não é dêsse humanismo livresco e parasítico, que vegeta por aí, ás vezes, bastardo e artificioso. E' um humanismo vivo e pujante, que viça como seiva, não como verniz, humanismo, digamos assim, humano e como nascido não somente do seu comércio com os exemplares da latinidade, senão brotando directamente do contacto da sua alma de artista

ração matto-grossense e isso que está na consciencia de todos é o que ora proclamamos ao prestar-vos as homenagens de nossa admiração, apenas superada pelo nosso carinho.

Interprete da alma cuyabana vós o sois mais do que ninguém, pois a tendes auscultado nos momentos mais difficeis, nos transes angustiosos como nas horas de apothese e de triumpho.

Interprete da grande alma de Matto-Grosso vós o sois na vossa eloquencia espadanante e irisada em que ha como que o fervilhar das nossas cachoeiras, potenciaes de luz e de energia; na vossa inspiração poetica, estuante e grandiosa, cheia de claridades de sol e doçuras da «calada immensa do luar», reflectindo a belleza dos nossos céus e a sublime grandiosidade dos nossos sertões; no vosso acendrado amor ao Passado desta terra e na vossa serena e indestructivel confiança no seu Futuro; na vossa crença, apanagio glorioso da nossa raça e no vosso talento, a mais nobre ufanía de nossa gente.

Interprete da alma lendaria e epica, religiosa e forte, desprendida e altiva do nosso povo, vós o sois no que ella tem de mais elevado e puro, de mais digno e ideal.

Assim, indice da cultura e do character, padrão da intelligencia e da virtude, estaveis talhado para personificar á justa o espirito de nossa gente no congresso da intellectualidade brasileira, cujas portas não se abrem enão ante as credenciaes do talento e do bom gosto literario.

Matto Grosso exulta ante a dignificação do seu filho dilecto e o Centro de Letras, como a mais lidima expressão cultural de nosso Estado, vem, nesta noite de arte e de poesia, render-vos as suas homenagens jubilosas. Casando os seus superiores ideaes de arte e belleza, o festival de hoje reúne, em feliz connubio, o talento e a graça da mulher mattogrossense, que vai fa-

zer emanar em ondas de harmonia, de par com o rythmo suave da musica, a doce melodia dos vossos versos.

E nesta apotheose de sons, de flores e de luzes, no meio do brilho que empresta a este salão a nata de nossa sociedade, aqui representada pelos seus mais fidalgos elementos,—dáe que eu enfeixe a nossa saudação singela em um voto cordial pela continuação da vossa formosa carreira litteraria. que, através do que já tendes produzido, certo de futuro se antevê cada vez mais gloriosa e brilhante, agora que, no outono fecundo, o vosso talento attinge a plena maturidade e o vosso estylo se aprimora e adquire esse cunho lapidar em que se inscrevem as obras definitivas.

Acceitae, Exmo. Sr. Presidente de honra, o preito que nesta hora, com effusão de alma, vos presta o Centro Mattogrossense de Letras e permitti que, no conceito das homenagens que receberéis e tendes recebido pelo fausto motivo da vossa eleição, seja esta, comquanto das mais pallidas e obscuras, tida como das mais sinceras e amigas.

E' este o nosso desejo. Si assim o entenderdes, nos daremos por satisfeitos, na serena consciencia do dever cumprido.



A Oração do homenageado

D. Aquino Corrêa

Exmo. Snr. Dr. Presidente do Estado

Exmas. Senhoras e Senhores

Illustres Confrades:

A festa em que hoje enfloraes de tantas graças este lindo serão de maio, envolve em sua caricia, não tanto a pessoa de um humilde cultor das letras, quanto os ideaes por elle perennemente evangelizados.

Não quer isto por certo dizer sejam menos profundos os meus sentimentos de gratidão para com todos vós, que tendo á frente a iniciativa gentil do Centro Mattogrossense de Letras, hoje aqui festejaes, nesta atmosphera embalsamada de patriotismo e de arte, o gesto amavel com que a Academia Brasileira não se dignou de acolher em seu gremio immortal, o primeiro dos vossos conterraneos,

Senão que antes quero seja exactamente primeira a falar-vos neste momento de tão doce cordialidade a minha gratidão, aqui trazendo os mais vivos agradecimentos aos meus confrades do Centro, cuja amizade e cultura acabam de requintar hoje na palavra tersa e cambiante, lyrica e generosa do seu egregio presidente, José de Mesquita.

Agradeço com todas as véras a esta imponente assembléa, onde se me depara a presença honrosa do preclaro Chefe do Estado, o fulgor de tantas autori

dades e o mimo de tantas familias. a representarem tão brilhantemente o nobre povo da minha terra.

Mas devo agradecer especialmente ás minhas jovens patricias, que tão bem, digamo-lo assim, personificaram o sorriso luminoso da festa, tanto as que á flor do piano, com a vibração artistica das suas almas, encheram de musica este ambiente, como aquellas, em cujos corações cantantes, os pobres versos do homenageado banharam-se de nova poesia, da mesma fórma que o vento inodoro das boccinhas abruptas e estereis, se perfuma na corolla das flores matutinas do valle.

E nestas palavras, Senhores, resume-se todo o affecto da minha alma, commovida nesta hora, ao influxo mavioso do vosso esplendido sarau de luzes e flores.

A FESTA DOS IDEAES

Mas eu sinto e vejo que acima de tudo isto, a festa se espiritualiza, immaterializa-se o seu objecto, offuscam-se como por encanto todas as considerações pessoaes, para que só brilhe aqui uma outra e extraordinaria festa: tal ao romper da manhã, todos se apagam os astros do firmamento, para esplender no céu do oriente, solitaria e limpida, a estrella d'alva.

E' a festa dos ideaes! é a festa, que anima a este rito solenne! é a festa, em que já não ha mais aqui homenageado nem homenageantes, mas em que todos nós, indistinctamente, aqui nos ajoelhamos no extase do mesmo culto e do mesmo enthusiasmo.

Senhores: dois são os ideaes, que inspiram a todo e qualquer homem de letras: um que lhes é commum a todos elles, e outro que os especifica e distingue; um que mais concerne á forma, e outro á materia das creações literarias.

O primeiro é a perfeição do vernaculo, a doce migração da lingua materna, o idioma veneravel dos genios da raça, sorrindo-nos no impeccavel da sua correção, no extreme da sua pureza e no mais aprimorado da sua elegancia.

O segundo são os principios supremos que illuminam toda a obra do escriptor, norteando-lhe como estrellas polares o pensamento, e fazendo-lhe palpitar, como um sopro do alto, as cordas eolias da sensibilidade.

O primeiro, como se vê, mais do que um ideal, mais do que um fim, tem antes função de meio em relação ao segundo, que é o verdadeiro ideal, ou se quizerdes usar uma expressão classica e sagrada, é a musa dos artistas da palavra.

E destes, que são os lidimos ideaes, para vol-o declarar desde logo, outros não reconheço na modesta carreira literaria de quem vos fala, que não a religião e o patriotismo : Deus e Patria !

Outro effectivamente não tem sido o anhelado da sua vida, senão colher as flores do vernaculo, para dellas tecer corôas aos altares de Deus e á frente da Patria. Estes são os ideaes que hoje aqui triumpham nesta apotheose mystica, a irradiar dos vossos corações e das vossas intelligencias.

A LINGUA E O ESTYLO

E aqui, Senhores, deixae-me evocar as primeiras emoções intellectuaes da minha adolescencia, quando a lingua materna entrou a revelar-se-me em toda a magia da sua belleza, na opulencia do seu vocabulario, na suavidade dos seus rythmos, na formosura da sua phrase, na majestade latina dos seus periodos.

Bemdigo hoje as demoradas leituras e vigílias estudiosas, em que longe da vida ao léu, tão propria daquella idade, foram-se-me horas esquecidas no lêr e reler o escol dos nossos classicos, ou mesmo no manusear de um simples lexico da lingua, á cata de expressões novas ou accepções selectas e elegantes.

Recordo com infinita saudade, as ferias do curso theologico na Cidade Eterna, quando ao dourado esplendor dos seus verões, sahiamos a rusticar pela campanha romana em fora, e após um anno inteiro de contacto com extranhas linguas, era-me dado, emfim, reabrir as paginas predilectas da literatura patria, e alli, naquelles sitios millennarios, por onde echoram os hexametros festivos das satyras de Horacio, fazer ouvir aos mesmos echos de outrora, as estancias epicas de Camões e os idyllios suaves de Bernardim Ribeiro.

E que satisfação, que gozo espiritual, em defrontar pela primeira vez com um vocabulo genuino, formoso e expressivo!

Que enlevo ao descobrir uma syntaxe, uma locução, uma regencia sequer, mais rara e elegante, que vale muitas vezes, por si só, a enriquecer e abrilhantar todo um longo periodo!

Que sensação magica em aprender a dar mediante um habil torneio, como já ensinára o velho mestre da *Arte Poetica*, novidade e graça ao vocabulo mais corriqueiro e sedizo:

notum si callida verbum

Reddiderit junctura novum!

Outra não eram as delicias do cantor da Eneida, quando, como elle proprio dizia, ac ler o vetusto poeta Ennio, desentulhava dentre a ganga do seu estylo archaico, o ouro das bellas e venerandas sentenças.

Nem mais feliz se diria o garimpeiro do Garças, que extrahisse das suas grupiaras ricas, para adereço de princezas, o diamante do mais elevado quilate.

E como eu sentiria na alma a necessidade de lançar aqui um appello a prol do culto sempre mais carinhoso da lingua da Patria! Mas sei que falo a intellectuaes e letrados. Falo a uma juventude, de cuja intelligencia bem se pode ufanar a nossa terra, e que não carece de estimulos ao estudo e á leitura.

LEITURA E SELECÇÃO

Penso, todavia, não destôe da aristocracia desta tertulia, nem assente mal aos meus cabellos brancos, um simples conselho nesta materia. E é, Senhores, que muito se lê em nossos dias, mas bem poucos são os que sabem lêr. E sobre isto poder-se-ia escrever paginas e paginas. Cinjo-me, porém, a um ponto fundamental.

Observa lindamente E. Faguet que o verbo latino *legere*, tanto significa *ler*, como *colher*. Mas podemos acrescentar que significa tambem *escolher*. Assim é que leitura e selecção coincidem suggestivamente no mesmo etymo. Não estará isto em verdade indicando que o criterio primario da leitura ha de sêr a escolha do que se deve lêr?

Claro está que a primeira opção a fazer, será naturalmente entre livros nacionaes e estrangeiros. Não ha infelizmente libertar-nos, de todo em todo, de exoticas leituras, a começar pelas francezas, que são, como se sabe, as que mais eivam a limpidez da nossa lingua. Podemos, porém, e devemos reduzi-las ao minimo, e sobretudo, não perder nunca de vista a norma tão pratica já inculcada por Castilho: «ao pé da meza que sustenta, o lavatorio que purifica». Obrigados ao trato de forasteiros autores, expurguemos para logo os perigos do contagio, num banho lustral de bôa leitura

vernacula, a fim de evitar o barbarismo dessas expressões, desses sotaques, desses ares frandunos, que tão fácil e imperceptivelmente se introduzem no estylo.

Mesmo, porém, no lêr em lingua vulgar, impõe-se-nos uma selecção criteriosa. Não se deveria, quanto possível, perder o tempo em leituras que nada aproveitam ao cultivo do vernaculo. Não devemos tão pouco preoccupar-nos demasiado com subtilezas grammaticaes nem philologicas. A mais alta aspiração de todo estudioso das letras, não pode ser outra, senão escrever com arte. Ora, como bem diz Candido de Figueiredo: «os grandes grammaticos raramente terão sido grandes escriptores».

A regra mais acertada nol-a ministra ainda o mesmo lexicographo, nestes conceitos saturados de bom senso: «nada ha de melhor do que o exemplo e a leitura dos mestres, que tal nome mereçam. E não será mister lê-los todos: quem dos antigos conhecer bem Thomé de Jesus, Luiz de Souza, Bernardes e Vieira, e dos modernos, Herculano, Latino e Castilho, quem na expressão falada e escrita, se não afastar da pratica delles, pode estar tranquillo, porque falará e escreverá portuguez ás direitas, sem perigo dos faceis e vulgares extravios de quem fala e escreve, mais do que lê, onde deve lê».

Eis ahi o melhor programma, que neste ponto se possa traçar a um profissional das letras. E, como é fácil de calcular, bastará isto só a encher toda uma existencia, desde que se queira deletrear em cada um dos seus monumentos, a evolução da lingua, desde o embryão confuso dos cancioneiros e da prosa pedestre, até a floração deslumbrante do estylo de Ruy Barbosa.

A FLOR E O AROMA

Mas perguntará talvez alguém: para que tanto esmero no maneiio da lingua? Não vae acaso ahi um mero prazer da arte pela arte? Certo que não!

Senhores: o estylo é uma flor e o ideal é um aroma. Tira o perfume, e a flor parecerá morta e sem alma. Mas, por sua vez, o aroma sem a flor, é muito vago e aereo, se evapora e perde. Da mesma maneira: letras sem ideal, flôres sem perfume. Ideaes sem o receptaculo crystallino das letras, são essencias volateis, dispersas no ar, que pouco ou nada aproveitam. Mas as letras animadas pelo ideal, eis a flor com o seu aroma, a flor perfeita. Uma unica differença: o aroma é para a flor, mas as letras, ellas é que são para o ideal.

Tal a profissão de fé literaria daquelle, a quem hoje honraes com tantas e tão captivantes homenagens. Não cultiva elle as flores do estylo, senão para que dellas se evolem os aromas salutaes da religião e do patriotismo, ideaes estes que bem poderiamos synthetizar naquella divisa classica do monarcha portuguez: *Pela lei e pela grei*: pela lei de Deus e pelo bem da Patria, ou como diziam os Romanos na phrase lapidar de Cicero: *Pró aris et focis!*

E foi precisamente em Roma, ao contemplar aquella civilização extincta, mas ainda majestosa em suas mesmas ruinas, que se me antolhou em toda a sua belleza, a visão empolgante da religião e do patriotismo, vencendo os seculos, sob os laureis immarcesciveis da literatura. E assentado a um marmore solitario das Thermas ou do Fôro, concentrado o espirito sobre uma pagina antiga, quantas vezes não tive a impressão de que, embora tudo aquillo se arrasasse por completo, ainda assim Roma seria sempre a cidade eterna, graças aos seus autores, inspirados na poesia da Religião e na grandeza da Patria.

Não somente a sua historia, mas até as suas proprias ficções, vivem para sempre embalsamadas, como que em aromatas celestes, nos poemas dos seus filhos. Virgilio poetizou divinamente as origens heroicas da sua nação. Horacio faz refflorir ainda hoje, por todos os recantos do Lacio, uma como primavera de classicas reminiscencias. Ovidio immortalizou em versos admiraveis os seus fastos, a sua religião e a infinidade das suas lendas.

Baste-nos um exemplo ao acaso. Era uma velha arvore legendaria: a figueira romula ou ruminal. A' sua sombra mysteriosa, bordára-se o mytho poetico de Romulo e Remo, aleitados pela celebre loba. Della, ao tempo do vate sulmonense, já não restavam mais do que poucos vestigios. Hoje, nada mais. Perduram, entretanto, os versos do poeta, e nelles floresce para todo o sempre, a arvore sagrada, que protegeu o berço ao povo romano:

*Arbor erat, remanent vestigia: quaeque vocatur
Rumina nunc ficus, Romula ficus erat.*

Quão longe ainda vamos de tão gloriosos exemplos! Para onde quer que nos voltemos, por toda a vastissima área do nosso torrão natal, surge-nos de toda parte um mundo de memorias historicas ou lendarias, esvaindo-se no olvido á mingua de quem as perpetue no ouro do lavor literario. Escutae. O arraial da Forquilha, com a primeira egrejinha da nossa terra, a florida egrejinha de Nossa Senhora da Penha de França, ha muito que desapareceu. A «arvore dos bandeirantes» esfuma-se nas tradições populares. Os sitios historicos de S. Onçalo Velho, com os restos da sua capella, jazem sepultados na capoeira bravia. A «alavanca de ouro» suspira até hoje por um bardo. A vida apostolica de Frei Macerata refloresce por ahi nas mais encantadoras legendas, aguardando ainda a sagração definitiva das letras.

E, assim, facil nos fôra insistir na enumeração, e nem haveria mãos a medir, se a quizessemos completar, alargando-a por todo o Estado.

PERORAÇÃO

Não deixarei comtudo de rememorar aqui um desses velhos logares nostalgicos, deonde trago ainda profundamente impressionada a alma e a phantasia.

Foi ha poucos dias, no alto da Serra da Chapada. A' beira da estrada que despona as amenas cabeceiras da Aldeia Velha, uma cruz de aroeira abria outr'ora os braços, mas deixára-os cahir, como que fatigados daquelle gesto inutil de supplica pela sua revindicação historica.

Approximámo-nos e recompuzemos c lenho sagrado: era o cruzeiro secular da Aldeia-Velha.

E eu me fiquei alli, embevecido na eloquencia muda daquelle tosco monumento, que nos fala da primeira e unica missão dos jesuitas ao norte do Estado, que nos lembra Rolim de Moura e os primordics da capitania, que assistiu a quasi toda a historia da Chapada dos Guimarães, e que tem ouvido subir do valle cuiabano o marulhar perpetuo das gerações que se succedem.

Só uma arvore bruta estende sobre elle a protecção dos seus galhos, e as florinhas da varzea parece emprazarem-se alli, para vingar aquelle abandono e esquecimento.

Mas a meu lado, felizmente, presa das mesmas sensações, palpitava naquella hora um coração de poeta. E elle deixou lá, pendurado aos braços do sacro madeiro, cemo se fôra uma orchidea phantastica de quatorze petalas, um soneto evocativo e saudoso.

E o cruzeiro da Aldeia-Velha já não morre!

Com este singelo episodio de viagem, que tão bem symboliza os ideaes deste festival artistico, encerro as minhas despretenciosas palavras. Senhores: imitemos as grandes civilizações antigas. Lembrem-nos que não somente a nação hebréa, cuja literatura culmina incomparavelmente na Biblia, modelo divino de fé, de nacionalismo e de estylo, senão que tambem todas as demais, nos legaram nisto os mais edificantes exemplos.

Vêde, sobretudo, a Grecia. Ella derrama por suas terras e mares o sorriso diaphano da sua arte litteraria. Não contentes de cantar sob um só e mesmo céu, os seus rhapsodos saem em romaria poetica, celebrando na lyra, por toda a parte, os deuses do Olympo e os heróes da Patria.

Façamos o mesmo, e preparemos a gloria immortal da nossa terra, na alliança fecunda das letras, da religião e do patriotismo.



Impressões de academicos

Do Academico Alfredo Pujol

Meu Eminentissimo Confrade

De volta da Europa, tive o prazer de encontrar sobre a minha mesa alguns opusculos remettidos por V. Ex^{cia}. Rv^{ma}. e dos quaes já li com viva admiração e grande encanto o seu discurso no Instituto Historico e a saudação á Bandeira de Marianna, paginas de rara eloquencia e de intenso fulgor. Vejo agora como andei acertado mandando de Pariz o voto, que suffragou o prestigioso nome de V. Excia na eleição da Academia Brasileira. Soube ao chegar, e com grande contentamento, que o meu voto chegou em tempo habil para servil-o.

Creia-me V. Excia. com a mais viva sympathia e altissimo apreço seu sincero admirador.

S. Paulo, 15 - 2 - 927

Alfredo Pujol

Do Academico Rodrigo Octavio

Rio, 8 de Outubro 1926

Meu preclaro Amigo e confrade Snr. D. Aquino

Dominado ainda pela emoção que me trouxe a leitura de sua oração á velha bandeira de Marianna, não me furto ao impeto irresistivel de escrever-lhe estas simples linhas portadoras do meu agradecimento.

Não tenho memoria de paginas mais bellas na lingua de Vieira e de Ruy.

Com affectuoso abraço subscrevo-me
attento amigo e confrade
Rodrigo Octavio.

Do Academico Laudelino Freire

D. Aquino Corrêa

Queira V. Excia receber meus applausos pela sua admiravel oração hontem proferida no Instituto Historico.

27—VII--1927

Laudelino Freire

Do Academico Clovis Bêvilaqua

Rio, 22 de Outubro de 1926

Exmo e Rvmo Sr. D. Aquino.

Saudações cordiaes.

Muito lhe tenho que agradecer. Em primeiro logar os preciosos volumes das *Odes* e da *Terra Natal*, de alto e nobre sentimento, expressos em lindos versos do melhor timbre; depois o discurso pronunciado no Instituto Historico, tendo por objecto o centenario do Bispado de Cuiabá, sobre o qual já manifestei a minha impressão admirativa; e mais *A Flôr de Al-leluia*, delicioso poema de curta dimensão e longa vibração.

Por todos essas provas de estima, confesso o meu agradecimento.

Acceite de todos nós a expressão de nossos sentimentos affectivos.

Clovis Bevilaqua

Do Academico Affonso Celso

D. Aquino Corrêa

Unanimemente elegeu o *Instituto Historico* para seu gremio, a D. Aquino Corrêa, actual Arcebispo de Cuiabá, cujo solio diocesano só tem tido, desde a fundação--da qual, a 15 de Julho proximo, se vae commemorar o centenario--dous outros occupantes: D. José Antonio dos Reis e D. Carlos Luiz de Amour.

Cada um desses dois dignos antecessores de D. Aquino Corrêa, tambem ambos socios do *Instituto*, governou a diocese, hoje archi-diocese mattogrossense, por mais de quarenta annos, o que assás lhe abona as condições climatologicas, malsinadas por alguns ignorantes.

Sobejam titulos ao novo consocio da veneranda associação, para o testemunho de apreço que ella lhe quiz dar.

Embora ainda jovem, já possui S. Ex. Rvma. numerosos e brilhantes attestados de capacidade, preparo e labor, como jornalista, orador sacro, poeta, estadista, que o tornam uma das summidades do clero, não só nacional, como tambem do Novo Mundo.

Bastaria para consagra-lo o seu livro, em segunda edição, *Terra Natal*, dedicada «a S. Paulo, terra das bandeiras e da liberdade,» e a Matto-Grosso, a «maior conquista de S. Paulo».

Abre o volume o discurso official proferido pelo autor, na installação do Centro Mattogrossense de Letras, a 7 de Setembro de 1921.

Nomeado presidente de honra dessa corporação, D. Aquino Corrêa, que se achava, então, quasi a terminar o exercicio da suprema magistratura politica de

seu Estado, proferiu oração magnífica, tão elegante na forma quão erudita na substancia, cheia de nobres conceitos literarios scientificos e patrioticos.

Applaudil-a-ia o mais exigente nucleo de letras, como a applaude e admira quem quer que lhe percorra as paginas fulgentes e deleitosas.

Propoz S. Ex. Revma para escudo de armas, ou antes, para *ex-libris* daquelle instituto academico a legenda sagrada: *Pulchritudinis studium habentes*.

E' um fragmento do versiculo 6º do capitulo 44 do Ecclesiastico, em o qual se elogiam os patriarchas e heroes hebreus (*Laudemus viros gloriosos*) de quem affirma o texto: *Homines divites in virtute, pulchritudinis studium habentes: pacificantes in domibus suis*.

O Padre Antonio Pereira de Figueiredo traduziu: «Eram homens ricos em virtude, sollicitos do decoro, pacificos em suas casas».

Em nota explicou: «A' letra-- de *formosura*. Isto é, decoro e ornato pelo que respeita a cousas sagradas do culto divino».

Quer se accete a interpretação do erudito transladador da Biblia, quer a literal versão--*pulcritudo* por belleza,-- dando a este vocabulo toda a sua esplendida amplitude, a verdade é que o texto integral pode ser applicado á vida, ás obras, aos ideaes de D. Aquino Corrêa, - rico em virtudes, estudioso da belleza, sollicito do decoro das cousas divinas e pacificador, já na sua diocese, já no seu Estado, do qual foi benemerito presidente.

No mencionado discurso occupou-se magistralmente S. Ex. Revma. da belleza da forma literaria, do estudo do vernaculo, dos exemplos deixados nesse particular pelo grande Ruy Barbosa, das letras e da moral, do pessimismo e da esperanza, concluindo:

«Façamos uma literatura que professe cavalleirescamente a bella divisa de um dos nossos homens de le-

tras: *Aedificabo!* literatura que saiba edificar a grandeza moral da Patria, attrahindo ao bem os corações ainda os mais brancos e refractarios, como a dourada lyra de Amphião, sob o encanto magico das suas melodias, arrastava as pedras de Beocia, para a construcção dos legendarios muros de Thebas».

O Livro - *Terra Natal* - procura realizar galhardamente tão alevantado programma.

A sua primeira poesia é o hymno mattogrossense; todo o volume consiste na explicação e desenvolvimento desse hymno.

Celebra o Brazão do Estado, a sua geognose, os seus aborigenes, os bandeirantes, as monções, as lendas locais, os heroes do descobrimento e povoação: Moreira Cabral, Rodrigo Cesar de Menezes, Rolim de Moura, Leverger, os episodios epicos de Antonio João, Retirada da Laguna, Gruta de Coimbra, as regiões mais caracteristicas da immensa unidade da Federação brasileira, o que tudo merece bem traçado soneto, de metrica linguagem e maviosidade irreprehensíveis.

Noutras composições mais extensas, como - *Rio das Mortes* - narra, em traços impressionantes, as lutas dos emboadas com os selvagens, as terriveis e obscuras tragedias, que assignalaram a conquista do sertão.

Em tudo domina o pensamento religioso, a inspiração da Cruz, que «aonde quer que os braços abre, faz retornar a paz, o riso e o amor,» ao passo que, «quando a impiedade lhe mutila esses braços, volta a barbaria e a confusão».

Ouçamos o poeta:

«*Acuada em seus inhospitos barrancos,
A heroica tribu resistiu aos brancos,
Como uma fera ensanguentada e audaz;
E não capitulou, sinão á vista
Da Cruz, porque só ella é que conquista,
Abrindo os braços em signal de paz*».

Em summa: *Terra Natal* e outras composições de D. Aquino Corrêa, provam que elle pertence á familia espiritual dos Bossuet, Fenelon, S. Francisco de Salles e Cardeal Mercier, simultaneamente grandes antistites e eximios homens de letras.

Alfonso Celso.



Referencias de socios do Centro

A VAGA DA ACADEMIA

Desde que desapareceu D. Silverio, o ultimo classico da lingua, está faltando á Academia a magestade de uma purpura prelatia.

Creada sob os moldes da franceza, a Academia Brasileira tem adoptado em muitos pontos as praxes da tradição de sua inspiradora. O criterio dos expoentes parece uma feição dessa fidelidade imitadora.

Conforme um punhado de notulas que colligimos de René Nollet, ao tempo da admissão de Buffon, o areopago das letras francezas, por pretender mesmo uma composição de élite dos homens de todo o genero, dividia-se em diversos grupos distinctos: homens de letras, eruditos, grandes senhores, bispos e gente da Egreja.

Interessante que no grupo dos grandes senhores contava-se o marechal Richelieu, aliás de grande influencia na illustre companhia que não sabia bem as regras da orthographia.

Não era, todavia, o unico. O marechal de Belle-Isle tambem ignorava as regras elementares da escripta, o mesmo acontecendo ao conde de Bissi, que devia a cadeira ás intrigas da celebre La Vailiere e da marechala de Luxemburgo. Todos esses, porém, tinham raça e espirito. Todos eram, portanto, grandes senhores, isto é, expoentes.

Depois de Massilon, o grupo de homens da Egreja não pode contar com um vulto de grande valor. Todavia, no grupo dos eruditos achava-se algum clerigo, como o abbade Alary, economista, fundador do *Club de l'Entre sol*, que deu origem á Academia das Sciencias Moraes e Politicas.

Vê-se pois, que se nem sempre contou com o fulgor de um astro como Massillon, a fundação do cardeal Richelieu contava, sem embargo, entre pessoas do clero, ao menos com gente que a não desdourava. Os altos dignatarios da Egreja levaram para o recinto da academia o decoro da hierarchia, com evidente vantagem para a dignidade das letras. Assim, o Arcebispo de Sens, no discurso de recepção de Marivaux, declarou, alto e bom som, não haver lido os agradaveis romances do recipiendario, porque não convinha tal leitura á pureza das idéas que a religião lhe prescrevia. Entretanto reconhecia em Marivaux as excellencias de um moralista, digno continuador de La Bruyère.

Na origem, a academia só possuia tres poltronas: para o presidente, para o secretario e para o chanceler. Foi, graças á intervenção de eminentes cardeaes, que os demais academicos passaram a assentar-se commodamente. Os cardeaes d'Estrées, de Rohan e de Polignac queixaram-se ao rei de que se viam na contingencia de diminuir suas grandezas, sentando-se em cadeiras vulgares, ou deixarem de comparecer ás sessões. Isto, talvez, seja dito sem malicia, porque ainda não havia os *jetons*. O rei espirituosamente mandou installar poltronas para todos os academicos.

Fala-se em candidatura de D. Aquino a uma vaga da Academia. Ora, munificiada pelo Alves e pela gentileza da França, a modesta criação de Lucio de Mendonça não precisa de D. Aquino, para qualquer accrescimo material no Petit-Trianon. Mas se pretender contar com um digno representante da religião nacional em seu seio, em quem outro com mais lidimos titulos poderá recair a escolha? Poeta, prosador de primeira agua, orador de vôo altaneiro, o arcebispo de Cuiabá conta na intellectualidade patricia com admiradores de porte de um Affonso Celso e de um Ramiz

Galvão, o hellenista consagrado. Mas na esteira dessa admiração têm andado quantos lhe ouviram ou leram os discursos do Instituto Historico, de Prefeitura, sob o thema «A Cruz e a espada.» e tantos outros.

A Academia, elegendo tal expoente da religião, terá tambem confirmado a admiração nacional por esse vulto singular de bispo, orador e poeta, e mostrará que nem sempre anda divorciada das correntes opinativas sobre os genuinos valores literarios do paiz e que sabe aquilatar o pouco, porém bom, do muito, mas pessimo, principalmente esse pessimo da literatura de cordel, abundante no caes do Sena e que em arrojados decalques ousa, todavia, bater-lhe as portas ou rondar ao redor della.

Cesario Braço

(D'«O Globo» de 20 de Setembro de 1926)

-DOMINGUEIRAS

A candidatura do Arcebispo D. Aquino Corrêa á vaga do Senador Lauro Muller na Academia Brasileira de Letras representa, si lograr, como parece, o êxito esperado, um acto de justiça e uma dupla reparação. Um acto de justiça porque importa reconhecer mais do que o valor do eminente prelado cuyabano — coisa inteiramente fóra de discussãc — o seu ascendente na actual geração mattogrossense, toda ella influenciada pelo nobre exemplo de amor e dedicação ás letras que vem demonstrando ha annos o vibrante poeta da «Capital verde». E exprime ainda uma dupla reparação, porque, por um lado, se penitencia a Academia, escolhendo um literato na verdadeira e classica accepção do termo, do errado, e erradissimo criterio dos «expoentes» que lá tem mettido muita gen-

te que em toda parte poderia estar, menos na Academia; e, por outro lado, vale por um formal desagravo á tão calumniada e menospresada «literatura do provincia», pois indo buscar o futuro immortal justamente entre os filhos de uma das menos conhecidas provincias literarias do paiz, consagra o augusto cenaculo o principio de que para se ter talento e merito literario não é preciso ter vivido a respirar os effluxos da Guarnabara e a gastar as calçadas da Avenida.

D. Aquino é bem o indice cultural do Matto Grosso contemporaneo. Poeta, elle bebeu a sua sadia inspiração não nas exoticas fontes da Castalia grega ou no Sena e no Arno famigerados: hauriu-a na crystalina agua do Coxipó-Mirim, a despenhar-se do serra no esplendido Veu de noiva e a deslizar pela baixada matto-grossense, entre formosas paizagens tropicaes; orador, toda a sua producção tribunica é um hymno de glorificação á terra heroica e linda que o viu nascer; jornalista, não lhe escorre da penna trabalho que se não resinta do acre e selvagem sabor e do aroma delicioso de nossas fructas e de nossas flores... Por isso, em sua pessôa a Academia, escolhendo-o, vai glorificar a terra matto-grossense, reconhecendo-lhe a cultura e proclamando-lhe o merecimento intellectual.

São, pois, duas victorias; uma da verdadeira literatura, tão malbaratada, desde que ali penetrou o criterio dos expoentes (que, diga-se de passagem, parece ter sido introduzido ali pelo proprio Lauro Muller, a quem perdôe Deus esse peccado) e outra do provincialismo tambem tão relegado á ultima plana por certos escriptores que não admittem valor sem o *cachet* da Avenida.

Ainda ha pouco se viu Monteiro Lobato preterido e logo depois escolhido para o gremio illustre um escriptor sem maior significação que a de ser um escriptor...

consagrado no Rio, Mas, isso é positivamente um absurdo. Tempo se faz de reagir contra semelhantes preconceitos. O Brasil não é aquella faixa de terra entre o caes Mauá e o Monroe.

Elegendo D. Aquino, a Academia honra á nossa terra, porém, muito mais do que isso, a Academia honra-se a si mesma, mostrando-se á altura de sua responsabilidade.

Fozé de Mesquita

(Do «O Democrata» de 3 de Outubro de 1926)

POSTAES

Dentro da mesma semana dous acontecimentos oppostos vieram provar-me a instabilidade das alegrias humanas

Echoaram-me n'alma, como festiva alvorada, os votos que levaram D. Aquino Corrêa a Academia Brasileira de Letras. Posso, sem peias, exprimir o meu jubilo na plenitude de uma manifestação sincera, porque ao seu governo offereci acirrada opposição. Ao sacerdote guardo apenas o respeito devido á convicção alheia; elle, alto dignatario de um credo numeroso, e eu, obscuro vivente que se desviou para o livre-pensamento.

Ao homem, porem dou minha amizade inteira e ao intellectual a minha admiração completa. E como o homem e o intellectual se reúnem num mesmo conteraneo, o meu entusiasmo subio e transbordou. Acolhendo em seu seio a vigorosa individualidade de D. Aquino Corrêa, a Academia não immortalisou apenas um nome. mas consagrou o ambiente em que esse nome se formou.

O nosso orgulho não pode ser maior. E nesse estado de espirito diante do facto que tanto honra Ma-

to Grosso, cahiu-me de choffre o amargo de uma noticia dolorosa--o prematuro desapparecimento da encantadora creança que foi Iracy Gomes Monteiro.

.

Estevão de Mendonça

(D'«O Matto-Grosso» de 19 de Dezembro de 1926)

PRIMUS INTER PARES

Nenhum mattogrossense subiu tanto no conceito nacional pelas qualidades innatas do cerebro e do coração, como Dom Aquino Corrêa.

Estudante ainda no Lyceu Salesiano, a fama do seu talento precoce enchia de satisfação os seus conterraneos. O exame de madureza a que se submetteu perante o Fiscal do Governo Federal, achando-se presentes o Presidente do Estado, altos funcionarios publicos e uma assembléa selecta de intellectuaes, foi um acontecimento memoravel nesta cidade. Recordo-me ainda desse dia em que o jovem estudante, futuro Arcebispo de Cuyabá, recebeu, sorridente e feliz, os abraços congratulatorios de seus amigos e admiradores.

Já então poeta, que sempre o foi desde o berço, espargia as primicias do seu estro, joias mimosas do escriptorio de sua formosa intelligencia em botão.

Na antiga e soberba Roma, contemplando as maravilhas da Cidade Eterna, a magnificencia e a sumptuosidade dos seus antiquissimos e veneraveis monumentos, as ricas collecções de arte, tão celebres nos fastos de seus imperadores e de sua civilização, inte-

grando-se nas produções dos sabios, todas as bellezas objectivas e subjectivas, emfim, avivaram no espirito do academico cuyabano, a saudade dos entes queridos e a imagem do recanto das bellas paizagens da terra natal. Seus versos, todos inspirados em meio a esse ambiente grandioso e longinquo, resumbram um sentimento terno e delicado, que é a essencia de uma alma privilegiada.

Trazia o jovem mattogrossense no seu regresso á patria amiga, os laureis das Academias que cursára e foi uma verdadeira entrada triumphal a sua chegada á terra que lhe foi berço. Dir-se-ia que a população em peso, grandes e humildes, num fremito de alegria e admiração, confraternizava-se para receber em seu seio, em triumpho raramente visto, o filho dilecto de Matto-Grosso.

Numa situação politica em que as paixões e os odios incontidos ameaçavam degenerar-se em terrivel lucta fratricida, Dom Aquino Corrêa, já nomeado Bispo de Prusiade, impoz-se desde logo á consideração dos dirigentes da politica nacional, e foi escolhido candidato de conciliação á Presidencia do Estado, entre os partidos em dissidio.

Sagrado o seu nome illustre nas urnas pelo consenso unanime de seus patricios, governou Dom Aquino o Estado de Matto-Grosso com geral satisfação e, ao passar a suprema direcção dos publicos negocios ao seu successor, teve occasião de affirmar haver realizado o congraçamento dos espiritos exaltados e evitado a lucta armada entre os partidos politicos.

Entregue de novo ás suas altas funcções ecclesiasticas, eleito Arcebispo de Cuyabá, não cessou Dom Aquino de interessar-se vivamente pelo engrandecimento de Matto Grosso, como já o fizera na Presidencia do Estado.

Pode dizer-se, com verdade, que foi devido ao prestígio de sua auctoridade, bem como, á influencia de sua personalidade sympathica, congregando em torno de sua pessoa os melhores elementos, que se deve, além de outros serviços relevantes, a solução pacifica da questão secular de nossos limites com o Estado de Goyaz, por meio de arbitragem, assim como, a fundação das duas sociedades mais uteis e importantes do Estado, que muito honram a sua legendaria Capital,—O Instituto Historico de Matto-Grosso e o Centro Mattogrossense de Letras.

A eleição de Dom Aquino Corrêa para membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a egrégia corporação scientifica que congrega em seu seio as mentalidades mais notaveis no paiz e no estrangeiro e a sua escolha, por grande maioria de votos, para socio da Academia de Letras, são a consagração dos merecimentos inconfundiveis do illustre Prelado Brasileiro, cuja notoriedade transpõe já as raias do Brasil, nossa grande e muito amada Patria.

A Dom Aquino Corrêa, as minhas congratulações sinceras e a manifestação de meus sentimentos de veneração e amisade, pela passagem de seu feliz natalicio.

Antonio Fernandes de Souza

(D'«A Cruz» de 2 de Abril de 1927)

D. AQUINO CORRÊA

A *A Cruz*, na sua edição de hoje, commemora o anniversario natalicio de D. Aquino Corrêa e o faz com o mais sincero dos enthusiasmos.

Visto a travez da sua personalidade de homem de letras—poeta e orador—D. Aquino Corrêa é uma figura

inconfundível, que honra a igreja e a literatura universal.

Mezes passados, numa chronica de jornal, sem nenhuma preocupação de critica, noticiei, com pequenino commentario, a eleição de D. Aquino para a Academia Brasileira de Letras.

E, ou não me fiz comprehender, ou não me quizeram, propositamente, comprehender. E sobre meus hombros, cahiram as pedradas dos falsos admiradores de D. Aquino.

Mas deixei-me ficar no meu silencio, pois não tenho por habito manter relações de polemica com os plebeus da literatura. Que eu não sou um homem de letras sei-o eu perfeitamente: e, não o sendo, nem por isso me sinto tolhido para fallar em literatura, pois outra cousa não tenho feito senão estudal-a, com interesse não commum, em todas as suas modalidades.

Assim; julgo-me com o direito de metter o meu bico nesses assumptos. E, completando a chronica de que falei, acho que a entrada de D. Aquino para a Academia se impõe agora mais do que nunca neste momento de complexa innovação literaria que ora se agita.

A Academia Brasileira, a que eu chamo, para dar-lhe maior responsabilidade, Academia de Machado de Assis, se debate, em estertores de morte, entre as garras dos iconoclastas das letras. E a entrada de D. Aquino se impõe, como um antidoto, ou, em figura menos real e mais literaria, como uma atmospheria purissima, das nossas serras e das nossas matas

E, atmospheria purissima, ha de dar mais saude e vida á orphã de Machado de Assis; hade reerguer-lhe o corpinho combalido com o sopro sadio da vernaculidade; hade robustecer-lhe o organismo inteiro com a cultura grave e graciosa, cultura robustecida na seiva fecunda dos classicos da lingua.

E, na Academia, ha de prestar ao Brazil os mesmos grandes serviços que tem prestado á religião. Sacerdote e poeta, duas vezes crente, poeta da religião e sacerdote do verso, ha de apontar, pela sua palavra magica, aos *civilizados* da Capital do Paiz, toda a belleza e maravilha immensa da nossa terra, que se não reduz á estreiteza do Rio e S. Paulo; hade pintar a solemnidade das nossas noites tropicais naquelle silencio druidico á beira das florestas virgens e a harmonia helenica das curvas dos nossos rios.

Hade pintar o nosso Brazil como elle é: forte e bello; crente e unido; justo e piedoso.

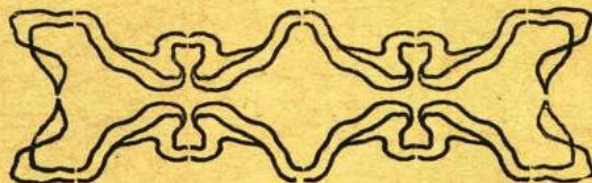
Estas missões, sagradas entre as demais, só podem ser impostas aos poetas.

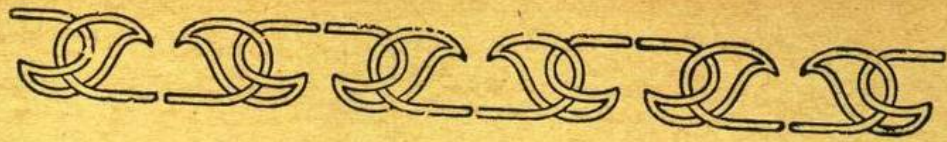
E D. Aquino é um poeta e, se quizer, será o poeta da nossa historia, que para tanto lhe não faltam cordas na lyra, nem firmeza no pulso que deve vibra-las.

E, ao abraçar, por intermedio desta chronica, o eminente anniversariante e presado amigo, peço-lhe que, ao despedir do nosso convivio para ingressar na sua immortalidade literaria, não nos esqueça e que o meu artigo não tenha outro valor sinão o de servir para lembrar-lhe o pouco que lhe pedimos e o muito que tem em mãos para nos dar.

Allyrio de Figueiredo

(D'«A Cruz» de 2 de Abril de 1927)





A magia do luar

Emilio debruçou-se á janella que se abria para a laçeira e ficou largo tempo a pensar, como enlevado num grande sonho delicioso. Tudo em torno calado e recolhido parecia condizer com aquella attitude indolente de scisma e a melancolia da noite despertava profundas evocações sentimentaes. Quem não conhece essa emoção indefinida que nos vem quando nos sentimos absolutamente a sós, em face da natureza, por uma noite de lua, clara, silente e mysteriosa? São assim as noites do sertão, onde a vida e o bulicio humano parecem acabar com as luzes que se apagam nas ultimas casas retardatarias. Aquillo não era propriamente o que se póde dizer sertão, que muito mais bravio e inculto elle já tinha perlustrado bastas vezes, nas viagens a que o seu espirito curioso e observador o levava. Mas para quem como elle já convivera largo tempo no meio intenso e agitado das grandes cidades cosmopolitas, aquella socegada capital de remota provincia, onde ainda a civilisação não fizera chegar os seus aspectos de progresso, era bem como que um sertão onde a existencia lhe ia correndo monotona e tranquilla como o rio sereno, de agua mansa, que passava pelo porto da cidade. Da sua vida de outrora, cheia de grandes desejos e immensas decepções, Emilio conservava apenas uma vaga saudade, um tanto enternecida, que despertava ás vezes, do fundo sentimental da sua alma.

No fundo, parecia-lhe ser aquillo o que elle sempre desejára e por isso se considerava feliz. A vida calma do interior de que se deshabituára começava a penetrar-o de novo insinuando-lhe os seus pequenos encantos e secretos amavios, absorvendo-lhe, aos poucos, as energias, como um affecto esquecido que retorna.

Afinal, aquella vida não era tão ruim, qual lhe parecera a começo. Viera para ahi havia trez annos e já se sentia acclimado, como uma boa planta que houvesse encontrado terreno favoravel.

Tudo entrava a correr-lhe bem e removidas as primeiras difficuldades, a sua vida se lhe afigurava agora calma e cheia de uma relativa felicidade. Não se casaria ou por enquanto, ao menos, não pensaria nisso. Queria gozar por algum tempo a sua liberdade de rapaz rico, a que a fortuna sorrira desde os primeiros annos.

Havia muitas meninas bonitas no terra que, de resto, fôra sempre fertil nesse genero e Emilio, desde o dia da sua chegada, se sentira ameaçado, assediado pelo perigoso bloqueio dos olhares femininos convergindo para a sua attrahente figura. Mas ia contempORIZANDO com o grave problema, costumando dizer, nas ródas intimas, que a unica aspiração que mantinha era que as pequenas o deixassem solteiro ate os trinta annos.

Vivera com um amigo durante os primeiros tempos, depois, para ficar mais livre, alugára aquella casa, onde residia só, tendo um empregado que passava o dia e lhe trazia a comida da casa da familia que lh'a fornecia. Escolhera de preferencia aquella casa pequena e modesta, pintada de fresco, alegre com as suas côres claras e jardimzinho ao centro, naquelle bairro retirado, condizendo bem com os serios projectos de estudos que acalentava.

Mas já ali estava ha mais de um anno e o tempo se lhe escoára rapido em passeios a cavallo com amigos, pescarias, convescotes e caçadas, algumas visitas de cerimonia, em poucos bailes e o resto em leituras e divagações literarias sem que se animasse, de vez, a atacar de frente os trabalhos e estudos em perspectiva. E debruçado á janella, Emilio reconstruia a sua vida desses ultimos mezes, vazia, sem uma preocupação seria e, entretanto, deliciosa de uma enervante sensação de indolencia e despreocupada ventura.

Mas seria aquillo a vida ideal que elle sonhára desde os seus tempos de estudante, vida apagada, sem brilho, como um areal monotono em que nem o Prazer nem a Dôr deixam os seus sulcos indeleveis?

Assim pensando, sentia-se tomado de um vago fluido de languido sentimentalismo, a fitar a paisagem silenciosa de arvores e quintalejos esbatidos na sombra noturna. Absorto e melancolico, nem elle sentira apparecer o luar. Recostara-se ali ao escurecer e só notou que era noite quando viu passar o empregado da illuminação publica accendendo os lampeões.

Viera-lhe daquillo uma emoção das tardes antigas de criança quando se divertia em vir para a janella, áquella hora suave do crepusculo, ver passar o accendedor dos lampeões com a sua escadinha ao hombro e os demais apetrechos do officio e ficava largo tempo entretido a velo, achando, naquelle passatempo pueril a mais encantadora diversão.

Aquella lembrança levou-o para outra reminiscencia —esta pessoal— da sua bôa tia que o acompanhava todas as tardes nesse divertimento compartilhando da sua ingenua alegria, fazendo-se criança para sentir com elle.

Ah! a bôa alma dos parentes antigos que enchem de uma immensa saudade todas as scenas apagadas da infancia!

Levado naquella onda de recordações nem notára o luar—um lindo e claro luar de verão que invadira a ladeira, a rua, a sala, da sua luz serena e evocativa. E' preciso ter conhecido o encanto ineffavel e mysterioso das noites de luar no sertão, quando tudo se cala e parece mergulhar se num grande somno tranquillo, e uma infinita docura se evola das cousas, suggerindo mil ansiedades, para comprehender a esquisita emoção que naquella hóra ia pela alma de Emilio. E' necessario ter visto uma noite de lua cheia, em pleno verão mattogrossense, julho ou agosto, noites em que o céu parece como que dilatar-se, augmentar o infinito, aprofundar o enorme e silencioso mysterio da sua immensa curvatura azul, constellada de mundos sideraes que são outros tantos enigmas suspensos sobre as nossas cabeças; é preciso ter sentido bem funda a impressão dessas noites claras e divinas, de solidão e silencio ineffaveis, sem os ruidos que, nos grandes centros, perturbam o recolhimento nocturno, um silencio unico, vasto, impenetravel, como si fôra o grande espasmo da Natureza adormecida sob o fórte magnetismo do luar.

Não ha uma sombra, tudo parece tomar a côr mysteriosa do luar, côr feita de uma transfusão de todas as côres, de todas a nuanças subtis e imponderaveis. Não ha um ruido; apenas, de quando em vez, um grillo vagabundo zizia numa arvore; uma viração medrosa córre nos ramos, encrespa, num beijo, a placidez das aguas dormentes; um gallo canta nalguma chacara distante,—e o silencio volta de novo, amplo e solenne, como feito da concentração ou do anniquillamento de todas as forças vitaes. As pedras de crystal do calçamento tinham vagas crepitações de diamantes á luz do luar e posto não fosse ainda meia noite nenhuma casa se conservava aberta. Emilio olhava abstractamente a rua deserta e, adiante, sobre a doce eleva-

ção de um outeiro, singela de graça rustica e envelhecida do tempo, a igreja do Rosário, com a sua torre caiada onde o luar se inflectia em colorações de um matiz extranho. Alem, na outra baixada, a estrada do Areão, larga e sinuosa, de terra vermelha e fôfa. Numa curva, ao fundo, dois atalhos, um que descia para a Cruz do Padre Santos, outro, mais estreito, ia dar a uma chacara. A' esquerda da igreja algumas casinhas faziam entrevêr todo um bairro pobre de gente humilde, bairro de ruellas estreitas e sem alinhamento, a remontar pela morraria adjacente.

Mais alem, no horizonte distante, se alongava o caminho do Coxipó, seguindo, numa sinuosa, os fios da linha telegraphica, assignalados pelos postes esguios de isoladores de porcellana, a marcarem as distancias, como sentinellas perdidas naquelle ermo.

Do lado opposto, uma ponte sobre a Prainha, e, alem a Cidade se estendia, compacta, com o seu centro silencioso de casas modestas e pesados sobradões á antiga, nos quaes o luar punha effeitos magicos, dando á sua pobre alvenaria feições de artisticos azulejos e ás suas construcções antiquadas o aspecto de ricos solares d'antanho. Emilio demorou longamente o olhar sobre a vasta paizagem adormecida e sentindo-se empolgado por uma porção de evocações antigas, fechou bruscamente a janella e foi sentar se a secretaria, a folhear uma velha revista franceza; mas sentia-se incapaz de lêr, de distrahir-se.

A claridade da lua penetrava aos poucos o aposento, sorrateira, insinuante, como uma tentação irresistivel e elle se via de novo, na sala toda clara, preza das suas saudades. Não se conteve e foi reabrir a janella.

Sobre a paizagem triste e erma pairava uma doçura enlevada de sonho. D'um golpe, Emilio relanceou o olhar, abrangendo todo o panorama e viu a lua

cheia, enorme e avermelhada, que subia do morro ao fundo, quasi na linha do horizonte a se esbater, ao longe, na curva da Serra.

E era como si aquelle luar tivesse uma extranha influencia de encantamento ou de magia.

Emilio sentia-se cheio de vagos desejos sentimentaes e evocava outras noites como essa, um luar clarissimo prateando a areia, brilhando nas paredes brancas, inflectindo-se na agua cascadeante dos rios, na superficie morta dos pantanaes ou no espelho verde das grandes varzeas e dos banhados.

Scenas antigas, pessôas esquecidas, factos primitivos vinham-lhe á flôr da memoria, na incoherencia apparente daquellas evocações, como num sonho de hashish. Aquelle luar era como uma claraboia aberta para o mundo mysterioso do Sonho, como uma preamar do passado no oceano calmo da sua vida presente. Quantos não teriam conhecido aquella emoção, a quantos outros, talvez nessa mesma noite, a essa mesma hora o luar não teria suggerido aquellas ideas que lhe acudiam num borbotão de sentimentalismo a que não saberia resistir?

E Emilio sentiu ciumes do luar tão lindo e que não era só d'elle, ciumes como os temos ao vermos que um outro pode achar formosa aquella que é objecto do nosso amor.

Sorriu deante daquella idealisação pantheista e procurou afastar essas fantasias. Para tomar pé naquella forte corrente que o arrastava, procurou uma idéa que o dominasse e lhe permitisse reassumir a direcção da sua vontade.

E o seu pensamento fixou-se na Irene, sua namorada de poucas semanas, doce provinciana de lindos olhos sonhadores e feições mysticas de uma suave madona de Rafael.

Começara a entreter com ella o mais innocente dos *flirts* e sentia-se mau grado a si mesmo, meio preso á sua doce graça de menina e moça. O' que não daria para tel-a perto de si, sob aquelle luar de idyllio, e poder dizer-lhe o que ainda não tivera coragem de lh'o dizer, toda a sua affectividade que sentia renascer ao lado della, todo o seu carinho que só ella viera despertar!

E elle revia-a, viva e interessante, no virginal desabrochar dos seus 16 annos, com o seu ar de corsa timida e meiga, com aquella graça perturbadora do seu todo de virgem que começa pela primeira vez a amar.

O seu corpo ligeiro com um vime, flexivel e sensual, tinha ondulações de agua e tonalidades mysteriosas de luar.

Era clara, dum moreno roseo e vellutino nas faces, a sua voz era suave como um arrulho de pomba e o seu olhar tinha a attracção mysteriosa dos abysmos de par com a cerulea claridade das alturas.

Como elle sentia amar e desejar aquella creatura! Longe, um ruido de passos rompeu o silencio, augmentou, passou, desapareceu numa esquina proxima. Algum burguez retardatario que se recolhia para a casa ou algum noctivago bohemio, vindo de uma noitada de jogo ou de amor.

Emilio deixou-se ficar estirado no divan macio de velludo castanho, perto da janellinha baixa, um livro aberto entre os joelhos, sem lêr, um cigarro apagado ao canto dos labios. Recordava agora muitas outras noites como aquella passadas em terras distantes, e sentia saudades desses tempos de exilio voluntario a que se condemnara, que de tudo se tem saudade na vida quando se tem um temperamento de sonhador.

Noitadas deliciosas de idyllio e vigalias torturadas de insomnia, quantas vezes o luar o viera encontrar assim, esse mesmo luar que protege os amores nos ter-

raços claros dos palacios e nas senzalas sombrias das fazendas, que favorece os crimes nos ricos solares e nas estradas desertas dos povoados, luar meigo e sinistro, de beijos e traições, que lembra entrevistas de amor e emboscadas de sangue, apertar de mãos, tremulas, em despedida, e cruzar de punhaes scintillantes em viellas escusas, luar de sonho e de ansiedade, vcluptuoso e mau, a aclarar de brilhos tragicos o balcão florido de Julieta e a esplanada deserta de Elseneur, evocando, na sua duplice e melancolica expressão, os maiores mysterios da vida: o amor e a morte.

Lembravam-lhe casos extranhos do sertão, ouvidos contar outrora nas viagens, nos pousos pittorescos, ao pé do fogo, enquanto, fóra, as *polacas* batiam no silencio e grillos guizalhavam numa canção de saudades. De chofre, um rumor na alcova, assustou-o. O aposento, ao luar parecia maior, como si as paredes tivessem recuado ou os moveis desaparecido.

O ruido continuava. Um rato, de certo, pensou Emilio, procurando tranquillizar-se. E, fechando a janela, poz-se a fazer a sua veste da noite. Já em camisola, procurava na bibliotheca um livro para lêr enquanto conciliava o somno, quando uma idea extravagante lhe atravessou o cerebro fatigado daquelle esforço imaginative a que se entregára.

Si ali na alcova, perto d'elle, estivesse alguém de tocaia á espera do momento opportuno para agredil-o? Procurou atastar essa idéa que lhe parecia risivel, mas ella o perseguia, voltando insistentemente.

Pé ante pé, elle se dirigiu até a alcova, com uma lamparina na mão. Olhou, procurou e revistou tudo; não havia ali ninguem. Experimentou todas as fechaduras e, mais socegado, veiu deitar-se.

Apagou a lamparina mas a sala permanecia clara, invadida do luar que entrava pelas frestas, reflectia-se

atravez das telhas novas do tecto, perseguindo-o com a sua luz lactea e suave, como uma obsessão.

Veu-lhe á mente uma passagem de Paul Arene, no seu encantador «Jean des Figues» em que elle allude a um «ensolado» perseguido pela visão solar e aquelle trecho do «Tartarin» em que Daudet empresta aes meridionaes faculdades de imaginação correspondentes ao sól ardente que os deslumbra. Julgou-se Emilio victima d'um influxo, como os *ensolleilés* das lendas provençaes.

Não conseguia dormir, entretanto, e irritava-se inutilmente fumando cigarros sobre cigarros. numa sensível hypertensão nervosa. Si fosse, ao menos, numa cidade grande, sahiria, que lhe não faltaria onde ir mas ali? Sobreesteve-se quando estava a ponto de mal-dizer aquella terra que elle tanto amava.

Levantou-se, num repelão brusco, foi accender o lampeão para tentar de novo na leitura o meio de fugir á influencia enervadora do luar. Dirigiu se á estante de mogno, alta, onde os livros se enfileiravam nas suas encadernações artisticas, formando um conjuncto distincto. Tomou um, ao acaso e abriu: era a 2ª serie das Poesias de Alberto de Oliveira e a pagina que tinha sob os olhos correspondia áquelle bello poema «Volupia» que assim começa.

Não amo eu só! meu Deus, em noite assim tão linda!...

Não leu toda a poesia. Procurou, a esmo, na collecção dos auctores estrangeiros outra obra, exclamando para consigo:—Estes nossos poetas! Sempre os mesmos, sentimentaes e piegas!

De volta, folheou, perto da secretaria, o livro que lhe viera ás mãos, um volume do immortal Guy de Maupassant, mestre da novella franceza e um dos maiores vultos da literatura universal. «Clair de Lune» era o

titulo da obra, e do primeiro conto. Era evidentemente uma obsessão.

Irritado, Emilio atirou o livro sobre a pasta e como se falasse a alguém, disse alto, numa expansão incontida: Decididamente, uma vida destas é intoleravel! Peço amanha a Irene em casamento. Outro luar já não me encontra sosinho!

José de Mesquita



sarios, com o peso de sua logica potente, da sua dialetica formidavel.

Como opposicionista, José Magno Pereira teve a gloria de conseguir, com sua penna fulgurante, a derrocada de varias situações politicas.

Atacava de frente, sobranceiramente, os excessos dos governos despoticos e mal intencionados; profligava com denodo os processos indecorosos da politica malsã, analysando-os detidamente e expondo-os em toda a sua nudez á execração dos seus concidadãos.

Sentencioso nas suas dissertações, expunha as suas idéas com claresa, concisão e elevação de vistas admiraveis. Impetuoso no ataque, José Magno da Silva Pereira attraia sempre para si o odio implacavel dos seus adversarios, tendo tido, em occasiões diversas, oportunidade de soffrer as consequencias da sua linguagem virulenta. Foi preso a bordo do navio de guerra *Antonio João* em 1890, juntamente com o dr. Manoel Murtinho; atirado em sua propria residencia, em 1906, por partidarios exaltados do Presidente de então, sendo, ainda, algum tempo depois, forçado a andar de Herodes para Pilatos, dormindo em casa de amigos, para furtar-se ás perseguições e violencias dos mandões politicos da terra.

Nada disso, porem, fazia reduzir a silencio a sua penna bem aparada.

Mesmo depois de velho, afastado das lides da imprensa, ainda vibrava de indignação diante de certas exorbitancias politicas ou administrativas e escrevia, de quando em vez, os seus artigos, que, publicados, produziam o effeito de verdadeiras bombas.

Ainda no antigo regimen, foi o chefe da redacção da *Provincia de Matto-Grosso*, tendo sido tambem, no dizer de Estevão de Mendonça, "o ultimo sobrevivente dos antigos redactores do *O Liberal*, que marcou um dos periodos mais brilhantes da imprensa regional".

Na Republica, foi por muitos annos o redactor do *O Matto-Grosso*, do *O Democrata* e do *Correio do Estado*, collaborando em alguns mais.

Alçapremado, sempre, em elevados cargos administrativos, o seu nome foi lembrado apenas uma vez, para o posto de representante do povo: quando se organizou a Constituinte mattogrossense.

Occupou, na administração do Estado, os cargos de Director da Typographia Official e de Secretario do Governo, aposentando-se neste ultimo com trinta annos de serviços.

Em todos os postos que foi chamado a desempenhar, José Magno Pereira pôz sempre em relevo a sua intelligencia robusta.

Membro effectivo do Centro Mattogrossense de Letras, desde a sua fundação em 1921, occupou o nosso pranteado consocio a cadeira nº. 19 de que é patrono Pimenta Bueno.

Já avançado em annos e constantemente doente, não teve oportunidade de fazer o elogio do seu patrono, privando-nos de um trabalho cujo merito não seria difficil aquilatar diante do talento do mestre.

Sobre a lapide que encima a tumba do grande amigo, depositamos, respeitosos, uma corôa de saudades.

Jsac Póvoas



AS GARÇAS

Rio acima. Pleno pantanal. De um lado e do outro, a campina de esmeraldas se estira por legoas e legoas.

De longe em longe, scintilla ao sol a lamina fulgente de uma bahia ou de um braço do rio.

O rio é um monstro sem pernas, mas de mil braços que se estendem, como os tentaculos do polvo, abrindo clareiras na matta ou sulcos profundos no campo.

Nas corixas, aberturas que se prolongam por terra a dentro, agglomeram-se os camalotes, até que a enchente das aguas dalli os desagregue e forme, com elles, a infinita procissão fluctuante.

O agua-pé é o nelumbo dos egypticos, é a nympheacea que ostenta, sobre o verde de sua folhagem crespa, a flor singela e mimosa do nenuphar, o nosso Lotus.

Mas, eis que a embarcação que nos transporta entra, de manso, num estirão comprido, em cujo fim parece terminar o rio.

Vencida, vagarosamente, a correnteza, ao dobrar a curva demoradamente atingida, onde as aguas rodopiam, alastra-se aos nossos olhos, como um enorme lençol desdobrado, uma praia de areas fulvas e faiscantes.

Sobre ella, como troncos derribados, dormem os hydrosaurios e como si o fizessem medrosas de accordar os jacarés repellentes, as alvacentas garças, timidas e lindas, pé ante pé, silenciosas, mariscam á beira d'agua.

A embarcação, porém, se approxima e, de subito, movido pela mesma força instinctiva, o bando gentil, com estrepito, esvoaça, e parte em revoada, pondo uma via-lactea de azas no ceu de amethysta da tarde.

Mais além, alto e annoso cambará, por entre o verde escuro da matta ribeirinha, abre, solenne, o pallio de ouro de sua copa florida. E o bando lindo das garças vem pousar na arvore em flôr, derramando sobre o jalde das frondes a pureza immacula da sua brancura...

Agora, em continuas e rapidas cambiantes, a multidão aláda e albente recama o manto roxo dos ipés.

Mais um avanço na trajectoria, e á nossa retina se desvenda um quadro da Scandinavia. Eis allí o pouso costumado das candidas aves. Lá estão, pousadas nas alcandoras de uma velha e rigida aroeira que os galhos, como braços descarnados e suplices, estende, resequidos, sem mais a opulencia antiga das folhas.

A velha arvore, assim ponteada de branco, tem a glacial apparencia de um pinheiro silvestre da Noruega que os ventos gelados do polo houvessem despido, esgarçando depois, sobre elle, floccos purissimos de neve.

E porque o sol agoniza nos coxins ensanguentados do occidente, o bando alcandorado, mais uma vez, se desprende sobre a praia, deixando-se cahir levemente, como as folhas seccas do outono. Que mão invisivel é essa que vae espargindo pelo espaço tão bellas e abundantes camélias ?

Ornithologicamente, diversas são as especies desta ave aquatica, de uma belleza sem par, pertencente á ordem das pernaltas.

Temos a garça azul, scientificamente FLORIDA CERULEA ; a branca maior, HERODIAS EGRETA ; a branca menor, LEUCOPHOYX CANDIDISSIMA ; a garça real, a rosea e a bastarda, tambem chamada garçota.

A' beira dos nossos rios, bahias e lagoas dos valles do São Lourenço e do Cuiabá, vivem a rosada e a branca pequena, a candidissima.

Mãos malvadas tiram a vida a tão delicadas avcs, verdadeiros lyrios alados, para o commercio criminoso das suas plumas ou eggrettas, com que se apráz adornar a formosura das damas, cujo collo, de tão bonito, se diz sempre ser um collo de garça.

Mas, a garça é, ainda um symbolo da pureza.

Na alvura da sua linda plumagem devemos ver a innocencia angelical das creancinhas, ou então, as almas sonhadoras das noivas quando, ao pé do altar, envoltas na brancura vaporosa do véo, pendem a cabeça aureolada com as flores da lorangeira.

Como a Ibis sagrada do Egypto, a garça, entre nós, tem inspirado a musa dos poetas regionaes :

*Branças, tão brancas como a neve pura,
Trazeis na álvura immácula das pennas
A pureza das virgens impeccadas !*

Cruz do Valle

Paginas dos mestres

Sua eminência o estrangeiro

No Brasil, uma das características das maneiras comuns de pensar e de agir é a preocupação do exemplo estrangeiro.

Ah! o exemplo estrangeiro! E' fatal.

Trata-se de avaliar a utilidade de uma velha instituição ou a oportunidade de uma instituição nova? Trata-se de atacar ou de defender uma lei, uma parte, uma resolução? Trata-se de justificar ou de combater um costume, um hábito, um procedimento? Trata-se, meramente, de deliberar se o chá das cinco horas pode ser servido ás seis e meia, ou de escolher o nome mais sugestivo para uma nova marca de cigarros? As primeiras razões que surgem, com a espontaneidade das bolhas de dar num caldeirão de água a ferver, são as que se apoiam nos inevitáveis exemplos estrangeiros:

— Na Europa isto se faz assim...

— Os Estados Unidos é que acertaram, veja-se...

— Nesse ponto, estou com os japoneses...

— Estas coisas só se veem no Brasil! Olhem na Dinamarca...

E quando os exemplos estrangeiros são repelidos com as opiniões que eles vieram ilustrar ou corroborar, são repelidos sob a artilharia de outros exemplos estrangeiros.

— Sim, pode ser que na Australia assim se proceda, mas na Suécia a pratica é diferente e melhor...

— Não se duvida de que os russos tenham deliberado obrar assim, mas ha fortes motivos para que prefiramos, neste particular, a lição da Noruega, aliás contrariada em parte pela do Canadá, mas por outro lado encarecida e ampliada pela Polónia pela Austrália e pela Martinica...

De qualquer modo, por um acôrdo unânime, subjacente a todas as disputas, não se admite que possamos acertar jamais, em hipotese alguma, sem o exemplo dos «povos civilizados». Os povos civilizados são mais ou menos, todos os outros.

Não ha negar a bela comodidade do expediente.

O estrangeiro é apenas todo o resto do mundo, com a sua imensa variedade de tradições e de inovações: dá para tudo. Depois, fica suficientemente longe, mesmo quando é vizinho, para aparecer aos nossos olhos como uma paisagem de neblina ou um panorama noturno. Pode-se carregar à sua conta, sem receio tudo quanto se quiser.

E' extremamente raro que o interlocutor, o adversario ou o simples ouvinte se ache habilitado a pôr em dúvida a informação e se disponha ao risco de passar por ignorante. Aqueles que entretanto, por excesso de cautela, queiram premunir-se contra a remota possibilidade de uma outra contestação, teem o recurso de citar mais a miude os Estados Unidos, país muito gasto dividido numa quantidade de regiões e circunscripções bem diferenciadas, país onde tudo é possível. Um exemplo de Massachussets ou de Yowa pode não ser observável no Ohio, no Colorado ou no Mchigan, mas nem porisso deixa de ser legitimamente norte-americano.

Demais, já estamos todos bem saturados da ideia de que nos Estados Unidos tudo acontece: a tal ponto que, quando os novelistas inventam histórias difíceis de acreditar, inconcebíveis como passadas na própria terra, acabam fazendo-as desenrolar naquele maravilhoso país, que se tornou assim como certos scenários ambíguos, de companhias pobres, adaptáveis tanto a peças de alta fantasia quanto a comédias de um realismo brutal.



Não é só a comodidade que recomenda êste cotidiano uso do exemplo estrangeiro. E' também a utilidade geral. Como quer que seja, está exuberantemente provado que a preocupação do que faz e «do que dirá» o estrangeiro constitui poderoso propulsor de progresso e melhoramento.

Certo, seria muito desejavel que o Brasil tivesse algumas ideias proprias a respeito do que seja progresso e melhoramento, e imprimisse uma orientação igualmente própria aos seus esforços em busca daquelles ideais. Seria o unico meio de comunicar certa harmonia lógica, sentimental e estética ao profuso conjuncto das construcções em que laboramos um pouco à maneira do papagaio e do macaco. Mas...

Não carreguemos demais nas culpas do Brasil. São culpas de todo país novo. São culpas da idade em que vivemos, de internacionalismo e cosmopolitismo, em que as personalidades nacionais mais destacadas se vão dissolvendo. A preocupação

do exemplo e do julgamento estrangeiro não é brasileira, é universal, e hoje em dia todos os povos são mais ou menos como papagaios e macacos uns dos outros.

Como quer que seja, ela é um poderoso propulsor de progresso e melhoramento contradictorios nas suas aquisições e tumultuários nas suas tendencias finais, mas bem potentes numa quantidade de criações e inovações concretas, com que se vão substituindo coisas visivelmente imprestaveis e estabelecendo outras indiscutivelmente proveitosas.

* * *

Essa mania assume por vezes uns aspectos que seriam mais proprios a inspirar os humoristas do que a confortar os filósofos.

No Brasil, segundo milhares de depoimentos verbais e escritos, cujos autores podem ser arrojados em qualquer época e lugar do país, tudo corre admiravelmente mal. Nada se salva. Os nossos politicos são os peores do mundo. A nossa literatura... mas nem temos sequer literatura! O único «record» que nos attingimos é o do escândalo. Não ha um só serviço bem organizado, uma só lei bem feita, um só magistrado incorruptivel, um só professor completamente satisfatorio, um só jornal que se possa lêr, enfim uma sentina de vicios! E' de matar...

Na Argentina, sim, No Uruguai, uma beleza! Que ordem, que composição, que impeto, que brio! Porque é que não nos naturalizamos uruguaios ou argentinos?

Pois bem. Na Republica Argentina como na do Uruguai tambem ha uma sofrivel multidão da pessimistas, como não podia deixar de haver, em virtude da lei inviolavel segundo a qual o individuo que está sem dinheiro vê tudo em redor de si, o que perdeu uma causa só enxerga ladrões e conclusionários no fóro e na cidade, e o que brigou com a lavadeira transfere a sua indignação contra o senado, contra a Academia de Letras, ou logo contra o genero humano. Os pessimistas do Uruguai e da Argentina, de quando em quando, descobrem neste nosso desgraçado país uma porção de coisas boas, e até coisas que nem sequer conhecemos, nem como boas nem más.

Basta vêr nos jornais de alem-Chui e alem-Prata a maneira como êles apresentam certos casos e coisas do Brasil, a às vezes como os apreciam, para se ter a nítida impressão de que todas coisas são boas ou são más não só conforme os olhos com que se observem, mas ainda conforme se passem de um ou de outro lado das fronteiras.

O que é verdade é que os «exemplos do Brasil» também vão fazendo sua obra em terra estranha!

Assim, não será difícil que, depois de adoptados ou exaltados em país estrangeiro, tendo adquirido por essa maneira uma espécie de extraterritorialidade, êsses exemplos acabem por nos impressionar a nós mesmos e por serem levados a sério também por nós.

Andaremos então como o outro que se convenceu de que era cavaleiro, não por experiência própria, mas porque lho fizeram crêr a força de gabos e de incitamentos. O que é sem dúvida um modo pouco recomendável de iniciar a prática da equitação

* * *

Útil, pois, até certo ponto, e além disso, até certo ponto, invencível, a preocupação do exemplo e do juízo estrangeiro é simplesmente irrisória e nociva quando passa de transitório e inofensivo estimulante como uma chicara de bom café, para base de alimentação cotidiana ou prato nacional de resistência— e de ofensiva. Ora, o exagêro é de regra no Brasil.

Um dos efeitos mais gerais e mais deletérios da mania consiste na contraproductividade daquilo que, tomado, em discreta dose, poderia ser levedura eficaz de melhoramento. O propulsor de progresso torna-se, a certas luzes, um factor de estagnação ou de recuo.

A busca ansiosa e a atropelada colheita dos exemplos estrangeiros, sem discernimento e sem ordem, nos leva a adoptar uma multidão de coisas superficiais e secundários, ao passo que descuramos injustificavelmente problemas antigos, fundamentais e vitais.

Somos como uma familia que residisse num velho prédio cheio de rachas, atacado de tremores, e que, em vez de reforçar as paredes e cê limpar a casa, mobilasse e adornasse o seu interior a feição de um bazar de móveis de todos os países e com quinilharias de todos os turcos de passagem.

Em matéria de instrução primária, para dar um exemplo, reclama-se a cada momento que sejam adaptados a toda pressa os últimos aperfeiçoamentos aparecidos nos Estados Unidos, na Suécia ou na Alemanha: escolas para atrasados mentais, escolas ao ar livre, escolas-sanatórios de praia ou de montanha, registos antropométricos e psicométricos da pequenada, aulas de ginastica e de «sloïd», cursos de anti-alcoolismo, de civismo e de patacoadas; enfim, tudo, tudo quanto surge no campo dos óculos de alcance

voltados para além. Entretanto, o de que necessitamos por agora com verdadeira urgência é simplesmente—de escolas; de escolas «tout court,» como se diz em bom português.

Escolas primárissimas, onde sê ensine a lêr, escrever e contar, a amar a pátria e a decorar os mandamentos do Decálogo,—eis o de que precisamos antes de mais.

Muitas escolas assim, em casas grandes e belas, em galpões em ranchos, em mansardas, ao ar livre, sem ar livre, com psicométrie ou sem ela, com professores sábios ou simplesmente com decuriões honestos e ajuizados; milhares de escolas assim, espalhadas por toda parte, em todos os bairros, em todas as fazendas, em todos os povoados, em todos os recantos,—eis o essencial para um país onde o analfabetismo impera e onde o analfabetismo moral ainda faz maiores estragos do que o outro, como em toda parte.

Se, porém, por uma hipótese muito remota, se fixasse entre nós êste critério modesto e razoável, que seria dos nossos bons patrícios especializados em altas questões de cultura intensiva, dos que precisam mostrar o que sabem e dos que avidamente acompanham através das revistas o triunfal movimento das ideas e das realidades no seio das civilizações dinâmicas?

Aí é que está a grande dificuldade.

* * *

O que se dá a respeito de instrucção dá-se a respeito de tudo o mais.

Os problemas básicos, essenciais, inadiáveis, são justamente os que se adiam, por amor de umas questões de luxo, de complemento, de desdobramento, de acessório, muito naturais nos países que já possuem o necessário, que já construíram o principal, que já teem obra por acabar, que já chegaram ao ponto de poder pensar em novos puxados e novos andares e novos adornos e melhorias nos seus sólidos casarões antigos.

Nós vivemos a sonhar com coroamentos e retoques, quando não ha o que coroar e retocar. Praticamos impavidamente o paradoxo de desdobrar coisas que não existem. Desvelamos a erguer e ajardinar estações terminais de estradas de ferro em projecto.

Da roupa que não está pronto, a falta que mais nos afflige é dos botões, é da lapela, é a do bolsinho onde ha de alvejar, em leque, o lenço de seda já preparado.

Fazemos como os meninos de colégio, que, tratando de fundar uma «sociedade literaria e recreativa», excogitam; em primeiro lugar a fôrma do distintivo e do desenho da bandeira e, tratando do futuro órgão da projectada sociedade, armam antes de mais nada um grande barulho a propósito do título ou a proposito da questão — se as illustrações devem ser a duas ou tres côres.

Túdo puros effeitos do «exemplo estrangeiro». Das parreiras alheias, o que mais nos impressiona — e é natural — não são as parras, nem as cepas, são as uvas. Dos jardins que contemplamos, o que salta aos olhos são as flores, os rebentos viçosos e os festões coloridos que aparecem por cima do muro.

Mas é preciso reflectir que não ha uva sem planta, nem planta sem arroteamento, sementeira, suores — e tempo; e não esquecer que por trás do muro estão os troncos, as raizes, a terra, — a terra desempedrada, destocada, revolvida, adubada.

O verdadeiro exemplo estrangeiro não é o que apparece; é o que fica por baixo das parras e por trás do muro

Amadeu Amaral

(D' O Estado de S. Paulo)



PAGINAS CONTEMPORANEAS

Mogy e Cuiabá

Por muitos aspectos, Mogy das Cruzes faz lembrar Matto Grosso.

Pela topographia, a cidade assemelha-se á capital, uma Cuiabá que fosse edificada dez leguas para o Nascente, já em plena Chapada.

Na parte central, inicio do povoado, a mesma apparencia de ruas em torcicollo, descordenadamente abertas, sem plano preconcebido de urbanismo, á mercê das conveniencias particulares que rasgavam uma viella em certo ponto, alargavam outra onde lhes aprazia, ou cortavam-na mais adiante com algum edificio ou muro talvez.

De sorte que, ao percorrel-as, o cuiabano julga-se a breve trecho, em sua terra, de onde tivessem expatriado os habitantes conhecidos.

Assim é a praça do S. B. Jesus em extremo parecida com a da Boa Morte, com a igreja colonial, frequentada pelos cumpridores de promessas, á antiga maneira, que lhe illuminam os nichos, abertos na parede de frente, com velas propiciatorias. Para augmentar a parecença nem falta na esquina proxima a placa *Dr. Corrêa* para designar não a praça mas uma das ruas que a ladeiam.

Ali, é a praça Oswaldo Cruz, carinhosamente ajardinada. onde aos domingos, mais que nos dias uteis,

passeiam as famílias mogyanas, ao som da banda de musica local.

Menor que o jardim de Alencastro, não offerecerá menos attractivo aos seus habitantes. Acolá ergue-se o edificio do grupo escolar, o mais inponente de Mogy, como seu correspondente de Cuiabá e fronteiro á Matriz, na parte mais nobre da cidade, que dahi descamba, para todos os lados, em ruas modernas, largas e rectas, de suaves rampas. Mais longe pequenas ondulações, parecidas com as collinas do planalto, empolam-lhe de novo o dorso. Esbatem-se, ao poente, na varzea, que o Tieté tecunda, contido pela muralha do Itapety, serra que o segue á direita, pela outra margem A topographia urbana, menos accidentada que a de Cuiabá, offerece, neste accidente orographico maravilhoso componente para o scenario local.

Pelas manhãs frias, depois que sol já espantou a neblina, ainda a serrania mergulha a sua crista em espessa camada de nevoeiro, como si as arvores que lhe vestem de verde as encostas despertassem, com frio, coifadas de algodão. E á tarde, quando o sol se esconde por traz de um dos seus picos, parece abraza-lo como se lhe quizesse, em despedida, ceder-lhe todo o calor.

Avermelha-o e dá-lhe tons fortes de vulcão, logo após o arremesso das lavas. Os occasos mogyanos estão a pedir o seu pintor que saiba fixar na tela o rubro das faxas incendiadas, que vão esbatendo delicadamente até o perola mais afastado.

Do crepusculo matutino nada sei, pois que . . . — não o observei ainda.

Mas pelo decurso do dia, o céu arquea-se em geral, escampo, de macio azul claro, que os urubús, de quando em quando, ponteiam de negro em seus revoluteios, como enormes borrões de nanklin, a descre-

verem curvas caprichosas, nas alturas, sem deixar gravada a sua trajectoria.

E cá em baixo o ar da Chapada, que se inspira com satisfação. Ar macio, que a pelle recebe como caricia.

Ar calmante que faz esquecer as contrariedades da vida, e só pensar em assumptos elevados.

Ar oxigenado, capaz de destruir, do mesmo passo, as toxinas do corpo e mais ainda, as do espirito.

Ar benefico em summa.

Em tal ambiente propicio, viçam, ás maravilhas, as rosas de petalas avelludadas, e cravos lindos como os de Friburgo, e as crianças, que parcem trazel-as nas faces coradas de tons roseos de porcellana. E pela cidade deparam-se-nos com frequencia, vivas bonecas dessa especie, a proclamarem a excellencia dos ares mogyanos.

V. Corrêa Filho

Motivos de poesia da natureza de Matto Grosso

Para o Dr. José de Mesquita

A natureza de Matto Grosso assombra pela fereza e commove pela poesia. A sua grandiosidade deslumbra-nos os sentidos; a sua poesia prende-nos a alma na teia versicolor da scisma.

Sondando a natureza deste Estado, com enternecidos propositos de surprender, alem do aspecto phisico, os multiplos segredos que se aconchegam em seu vasto seio, conclue-se que ella, não é somente um celeiro opulento de riquezas naturaes, mas tambem, um maravilhoso repositorio de coisas bellas, e de motivos esplendidos, para se urdir poemas de alta emoção.

Natureza perdularia, prodiga de saude, plethorica de energia, em que a seiva borbulha, freme, alastra-se, circula e escorre voluptuosamente, acossada por essa ansia amorosa de quem implora as mercês do esforço para progredir e completar-se e as dadivas divinas da imaginação que lhe imprima um ritmo de calor e forma que a immortalise, integralizando-a na alma humana.

Natureza venturosa que escachoa em rajadas de paixão entre o céu e a terra, e perpassa meiguiceiramente pela alma sonhadora das mulheres como um cantico de esperança a embalar as doçuras infinitas do amor. Natureza fertil e vivaz, das florestas agressivas,

que em extase, ouvem, embevecidas, as confabulações dos misterios, os dialogos dos genios verdes, filhos da gleba virgem e a orquestração zonzonante da Flora e o festim auroral da Fauna buliçosa e assanhada.

Natureza silente das campanhas e das planicies esmeraldinas, interminas e longas, onde a paciencia dos bois pontilha os horizontes e os garrotes insolentes, impulsionados pela brotoeja de pruridos inscientes, ensaiam ingenuas bravatas, descrevendo parabolicas curvas madrigalescas, aos olhos langorosos e feiticeiros das novilhas ariscas.

Natureza fresca e irizada, das aguas claras e sonoras que assistem o idilio das aves, e dos volumosos rios que beijam a terra fecunda debruçada em suas caudae e vão serpenteiando retratando o vulto informe e brutal das montanhas e o perfil ora ramalhudo ora subtil e nervoso das arvozes.

Natureza espectacular, reboante de alegrias, de clamores, de cicios, de gritos e gemidos, vindos do reino vegetal que se prolonga ansiosamente até o animal numa mescla affectiva em que todos os sentidos dos elementos envolvidos na confederação de uma kermesse de harmonias, açulam e adestram as forças que se expandem e concentram.

Natureza reverberante, calida dos perfumes e das cores, das raretações esmaecidas, que matisam a relva e as alfombras e filigranam com laivos fulvos o verde energico das frondes, por onde erram perfumes activos, perpassam e fluctuam olencias dormentes, numa ronda embriagadora, trescalante de essencias que se desprendem do almiscar da Fauna e dos aromas exhalados dos mysterio da Flora.

Natureza dos bucolismos crepusculares, das tardes maviosas, das manhans joviaes e das noites de ar caricioso, propiciatorio dos sonhos.

Oh! natureza estuante de Mattogrosso! A belleza tocante dos teus motivos emocionaes, actuando sofregamente na imaginação e na alma da raça, ha de fatalmente caldear um tipo de homem bom e generoso perante a natureza, o ceu e a terra e com a sedimentação de tanta poesia que virá integral-o no seio do cosmos, espiritualizado e sublime, para afrontar o destino nas jornadas da vida.

Do livro em preparo — Matto Grosso por Dentro

Sylvio Floreal



Paginas esquecidas

DISCURSO

proferido no Lyceu Cuyabano, no dia 3 de Fevereiro de 1881,
pelo Lente de grammatica nacional e litteratura, por occasião
da entrega das cartas aos alumnos mestres.

Illmo. e Exm. Snr. general presidente da provincia;

Illmo. Snr. Dr. chefe de policia;

Illmo. Snr. Dr. director geral da instrucção;

minhas senhoras; meus senhores.

Venho hoje, por parte do corpo docente do Lyceu cuyabano, e destes jovens que acabam de receber o premio de seus labores escolasticos, occupar por momentos a vossa preciosa e benevola atencção, esperando que sereis tanto mais complacentes em ouvir-me, quanto reconheço que faltam-me os recursos de uma intelligencia abrilhantada por estudos amplos e profundos, para que eu possa corresponder á magnitude do assumpto que faz o objecto desta festa.

Sim, senhores, sinto-me acanhado neste momento solemne pela intima convicção da minha fraqueza intellectual para bem desempenhar-me deste encargo que acceitei em obediencia ao dever imposto aos modernos professores deste estabelecimento

Não podia subtrahir-me a esse encargo, muito embora a grande desproporção entre as minhas forças e a importancia do assumpto de que devo occupar-me.

Anima-me, porem, a esperanza de que a vossa esclarecida indulgencia desculpará os defeitos de exposiçção e as incorrecções de pensamento que devem aqui encontrar-se, e que não pude evitar pela razão exposta.

Senhores, esta festa, que se celebra com tanta animação, é realmente propria a despertar o mais enthusiastico regosijo no es-

pirito de todos aquelles que se interessam verdadeiramente pelo bem estar futuro desta sociedade em que vivemos.

E é esse um regosijo tanto mais natural e louvavel, quanto se origina de um facto que attesta de modo irrecusavel que a nossa provincia não se conserva estacionaria na senda do progresso intellectual, essa condição essencial da felicidade de um povo.

Para se reconhecer esta verdade, isto é que Matto-Grosso tem obedecido a lei do progresso, que rege o universo e que inspirou a Pelletan essa phrase que todos vós conheceis—le monde marche—phrase que encerra uma verdade da maior evidencia, basta comparar as suas condições actuaes com as em que se achava ainda ha bem poucos annos, no que respeita ao desenvolvimento intellectual de seus filhos.

Veremos dessa comparação que a nossa sociedade, felizmente, acha-se hoje em melhores condições de que até então, quanto aos meios de subtrahir o espirito ao terrivel mal da ignorancia, pois que possui ella presentemente alem de muito maior numero de escolas primarias, uma instituição destinada não só a habilitar professores para o ensino primario mas tambem a preparar a mocidade para estudos superiores; instituição essa que já tão bellos fructos tem produzido, e devemos esperar que continue a produzir.

Entretanto, Srs. nos tempos a que me refiro e que não vão longe de nós, as difficuldades com que lutava quem desejava instruir-se eram taes que faziam esmorecer os animos mais resolutos e tenazes.

Mas se é justo assignalar essa grande differença em favor dos tempos que correm, é por outro lado forçoso reconhecer que semelhante vantagem ainda não é sufficientemente comprehendida e utilizada entre nós, por quanto ainda uma boa parte da nossa população infantil cresce no seio da ignorancia, caminhando para um futuro desastroso, porque falta-lhe a luz para lhes guiar o passo, e isso por negligencia d'aquelles mesmos sob cuja protecção a natureza ou a lei collocou esses tantos meninos que têm absolutamente direito aos cuidados e desvelos de seus pais ou tutores.

E' sem duvida penosa esta confissão mas afigura-se-me necessaria para que se dissipe a fatal illusão em que parecem achar-se esses individuos, suppondo dispensavel que o homem saiba ler, escrever e contar.

E de facto, deixar um menino crescer analphabeto, entregue unicamente a lei da natureza, sem dar-lhe um preceptor,

sem procurar alumiar-lhe o espirito mandando-o á escola, é por sem duvida um crime de lesa — sociedade.

Porque o homem tem deveres para com Deus, para consigo mesmo e para com a sociedade, e um destes deveres é por certo concorrer para o bem estar della, o que se consegue, alem de outros meios, procurando dissipar as trevas da ignorancia que é o nosso maior inimigo.

Felizmente, para esses espiritos refractarios aos beneficios da instrucção temos estabelecido no actual regulamento o ensino obrigatorio, providencia que diversas nações das mais cultas tem adoptado não só no interesse proprio, como tambem no d'aquelles mesmos que, por essa fatal e criminosa repugnancia, a têm tornado necessaria.

E n'um paiz como o nosso, senhores, onde todo o cidadão tem o direito de intervir nos negocios da sua provincia, como expressamente o declara o artigo 71 da lei fundamental, a necessidade e o dever de cada um procurar adquirir ao menos a instrucção precisa para poder exercer esse direito tornam-se muito mais imperiosos e indeclinaveis, porque sem esse grau de instrucção ser-lhe-ha impossivel, a elle cidadão, conhecer e praticar um tal direito. e assim não será mais do que um membro inutil da sociedade, um verdadeiro automato, em summa.

E' por isso que, com toda a razão, se diz que a instrucção primaria é a pedra angular do progresso e da felicidade de um povo.

Compulsai a historia dos Estados Unidos, essa Nação sem rival pelo que respeita ao desenvolvimento moral e material, e vereis que á educação popular é que cabe o mais importante papel nesse adiantamento prodigioso que alli se observa em todas as espheras da actividade humana.

Veremos confirmar-se entre aquelles povos a brilhante verdade enunciada por Laboulaye, de que crear escolas é a obra mais christã e mais patriotica que uma sociedade pode hoje se propôr; é o beneficio e o triumpho da civilisação.

Esse maravilhoso adiantamento, Snrs, é devido, na sua maxima parte, á diffusão das luzes por todas as classes de que se compõe a sociedade n'aquelles Estados; e essa diffusão se tem realisado por meio das numerosas escolas e outros estabelecimentos de ensino que possui cada um dos mesmos Estados.

D' aqui se vê quanto importa para um povo que elle tenha a seu alcance os meios necessarios para habilitar-se a tomar conhecimento dos negocios que lhe dizem respeito. Felizmente

temos hoje entre nós o ensino livre gratuito, estabelecido pelo providente regulamento de 4 de Março do anno passado, disposição esta que põe a instrucção ao alcance de todos, ainda dos menos favorecidos da fortuna.

E é justo reconhecer, srs, que sob este ponto de vista a nossa provincia não se acha em condições tão desfavoraveis, como talvez a muitos pareça, pois que em todos os seus povoados encontram-se escolas creadas; o que por certo é um melhoramento do maior alcance para o futuro della.

Essas escolas, uma vez convenientemente providas, como hão de ir sendo, graças ao ardente zelo do digno actual director geral, tornar-se-hão outras tantas sementes fecundas que hão de germinar e produzir os mais saborosos fructos, concorrendo poderosamente para o desenvolvimento moral e material do nosso caro torrão.

Mas, para que a escola produza os beneficos resultados que com ella se tem em vista, é preciso que, a par da cultura intellectual que ahi se dá aos meninos, se lhes implantem no coração as noções de uma sã moral, os principios da verdade, do dever e do bem, que devem ser sempre o guia das nossas acções.

Do contrario, ella torna-se improficua, porque desde que o professor não se applica tambem a dirigir e aperfeicoar as faculdades moraes de seus dicipulos, e se limita unicamente a ensinal-os a lêr, escrever e contar, essas faculdades vão-se corrompendo pelos máos exemplos, sem que esses poucos conhecimentos possam oppôr barreira ás más tendencias que se desenvolvem.

Diz Jonvaux que é o valor dos cidadãos que faz a verdadeira força de um paiz; mas esse valor não deriva do numero, e sim da educação que comprehende o ensino que se dirige á intelligencia, e o que tem por objectivo a moral, a formação do coração, do character do escolar.

Eis porque um outro escriptor diz que uma sociedade será o que forem seus mestre-escolas, isto é, tanto mais ou menos bem elles desempenharem a sua missão moralisadora quanto mais ou menos esforçando-se por desenvolver e aperfeicoar as faculdades moraes de seus educandos.

Isto torna evidente quanto é sublime a missão de ensinar, cuidando de mostrar a verdade e patentear o erro em que infelizmente ainda se elabora entre nós, de que a profissão de mestre-escola é uma profissão humilhante.

Não, snrs., semelhante crença é um grande erro, e para o reconhecer basta pensar na immensa influencia que esses funcionarios exercem nos destinos da sociedade. Nenhum operario trabalha mais do que o mestre para o engrandecimento de seus concidadãos. Ninguem mais que o mestre merece as boas acceitações da sociedade.

E é em razão da altura de sua missão que a lei exige d' aquelles que se propoem a ensinar provas de capacidade para exercer essa nobre profissão.

Essas provas, snrs. alumnos mestres, acabaste de dal-as, como vemos pelas cartas que ainda agora vos foram entregues, e que vos habilitam para o exercicio do magisterio primario, onde podeis prestar os mais relevantes serviços á nossa cara provincia porque, na phrase de Hubert Boin, o ensino primario leva o povo á legitinia posse de seus direitos, ao reconhecimento de seus deveres sociaes.

Partis hoje do alpendre deste edificio como soldados instruidos e disciplinados para a peleja contra a ignorancia e o erro.

Ides, talvez, um dia, abrir á infancia o portico de seus direitos e deveres, como futuros cidadãos de um paiz livre.

Tende, pois, bem presentes ao espiritos Snrs. alumnos-mestres, que a missão de educar é da mais transcendente importancia para a sociedade.

A carta que recebestes é a palma do triumpho que alcançastes ao cabo de longos esforços, de constante applicação; e não é só isso, é tambem a grata recompensa do trabalho que comvosco tiveram os vossos mestres, a quem deveis esse tão bello resultado, ao qual deveis ligar para sempre a vossa gratidão.

Ao terminar, devo em meu nome e no de meus collegas, dizer-vos que não percais nunca de vista a necessidade de continuar a estudar em vossos lares as materias que aqui aprendestes, pois só assim podereis adquirir mais cabal conhecimento dellas; certos de que se o não fizerdes, no fim de algum tempo tereis perdido o bello fructo que vos custou a colher.

Cuyabá, 3 de Fevereiro de 1881

José Magno da Silva Pereira.

Paginas dos novos

O passado

*Toucado do condão de meiga estrella
Senti desabrochar, crescer commigo,
A idéa de abraçar-te, oh! filomela!
E a vida toda ser feliz contigo.*

*Oh lyra, sê a eterna sentinella
Do coração, que vem a ser o abrigo
De sonhos d'ouro, d'esperança bella,
Que em noites minhas vem sonhar commigo!*

*E quando vires contra mim voltado
O imprevisto, que o carro do meu fado
Inexoravel leva, clandestino.*

*Cante a alegria, a dor neste alaúde
E resurja o passado do ataúde,
Rimando os beijos d'um sonhar divino!...*

Celso de Oliveira Albuquerque
(Do Gremio Castro Alves)

Arrependimento tardio

Por cima de uma dessas collinas perdidas na immensidade das terras do Satuby, alvejava naquella alvorada de Maio a fazenda do Cel. Pedro de Lara, descendente de illustre bandeirante paulista.

Ao longo do terreno, extendia-se como um tapete oriental a relva orvalhada pelo beijo gracioso da noite que morrera...

Os gorgeios suaves da passarada na floresta, o murmurio da cachoeira do Satuby, as cantigas dos trabalhadores que aravam os campos, davam o aspecto de festa à fazenda do Cel. Pedro, onde vivia com D. Jubith e sua filha Clidia, o anjo adorado de Satuby. Muitos annos passaram-se, deixando bastante ouro nos cofres do velho fazendeiro, algumas rugas na fronte de D. Judith, muita luz no olhos de Clidia e muitas rosas nas suas faces angelicas... Um dia, porem, a mortalha fatal do infortunio, cobriu aquelle ceu estrellado de felicidade.

Cel. Pedro victima de uma enfermidade, fallecera... Era Agosto...

A queimada enlutara o manto verde das campinas.

Os passaros, após a destruição de seus ninhos, emigraram para regiões distantes.

O rio Satuby, chocando com as lages de granito, gemia soluçante, quebrando o silencio immoto daquella região deserta.

Desde tempos atraz, Clidia alimentava um amôr intimo pelo seu primo Pedro, que vinha vencendo desde ha muito, as opposições que movia a esse seu affecto D. Judith, que tratava de abafal-o com as eternas rasões das conveniencias sociaes.

O tempo na sua carreira veloz devora rapido os annos; porem os amores de Pedro, longe de morrerem, fervem-lhe, ao contrario dia a dia, no seu coração de apaixonado.

Clidia, a bella flor de Satuby, contrariada nos seus affectos, tornou-se uma sombra de si mesma.

Deixa Clidia de sorrir.

A sua face ficara comdemnada a uma mudez perpetua.

A dor fizera morada na sua alma.

E' assim que desfigurada pela doença analtha dos que amam, Clidia, recostada silenciosa sobre a janella do seu quarto, respirava o oxygenio puro de seu jardim, procurando distrahir-se nesse extase da alma da nostalgia que a vinha impiedosamente definhando.

E ella em um desses dias desperta assustada com o quebrar de folhas seccas, e ia dar um grito ao avistar todo rebuçado um homem, quando ella o reconhece-era, o seu amado...

—Pedro?!!! Que vieste fazer aqui?!... Não te amedronta a ira de minha mãe que até o teu nome odeixa?!... Com passos firmes Pedro caminhou para mais perto da janella, onde estava Clidia e lhe fallou:—Escute-me, querida, intenso é o amor que te voto, e se é verdade que tambem me amas, é necessario seguir-me...

E' a prova suprema!... Vamos não percamos tempo! O sol ja se deita no Occaso... Houve um momento de angustioso silencio...

Afinal, Clidia fallou:—eu tenho mãe. Agora na sua velhice precisa dos meus cuidados. Como hei de abandonal-a?!...

O Mundo certamente não me perdoaria...

Clidia; Bem sabia que já me tinhas despresado; outro homem conquistou o teu coração! Vou partir sosinho e quando souberes que o corpo do homem que tanto te amava tombou para sempre não quero que chores a minha morte, porque as tuas lagrimas serão hypocritas e o teu arrependimento jamais poderá levantar-me da tumba.

Olhou ternamente a sua amada e cabisbaixo principiou a interna-se pelo jardim quando Clidia chamou-o—Pedro espera-me Vou contigo... Partiram...

O vento zunia sobre os telhados; as arvores rangendo vergavam-se até o solo; nuvens negras escureciam o céu e a terra. A Natureza toda parecia revoltada. Era noite...

.

Na manhã seguinte D. Judith chegou, como de costume, até ao quarto de Clidia, para num beijo maternal receber dessa filha querida o tonico confortador á sua velhice. Que fatalidade! Estava deserto.., Sobre o leito um bilhete: — Querida mãe. Parti com o homem que eu amo. Perdoa-me. Clidia.

A este choque tão grande não podia resistir uma idade avançada... Um ataque violento prostrou por terra D. Judith. E nunca mais se levantou do seu leito de abandono e dor.

Clidia nem um dia teve tempo para lembrar-se de sua casa. Embebida pela illusão que os primeiros dias do casamento offerecem á mulher ingenua como ella, pensou estar em um Eden.

Não durou muito para que Cupido a abandonasse.

Pedro c esposo modelo, era agora um ebrio que fazia a sua morada nos cafés, onde deixava os seus parcos vencimentos.

As saudades da sua mocidade começam a reviver no seu coração. Ella lembra-se de sua casa; enquanto que o remorso implacavel roe-lhe sem piedade a sua alma desfallecida, até que um dia louca de dor, resolve abandonar a sua casa e ir ajuntarse á sua mãe. Após uma viagem accidentada ella avista, com lagrimas nos olhos, a casa paterna.

Porém, como tudo estava mudado?!.. Aquellas arvores do parque onde cantavam todas as tardes os passarinhos, estavam agora desertas e mudas!!!... Clidia, tímida caminhou por um corredor escuro que dava accesso ao quarto de sua mãe.

Esta pallida e cadaverica, nos ultimos momentos de uma agonia prolongada vivia ainda.

Uma criada fiel velava á sua cabeceira.

Clidia atirou-se em pranto sobre o leito materno e lavou com lagrimas de arrependimento a nodoa da sua ingratição.

D. Judith parecia esperar sua filha para dar-lhe o perdão. Com effeito deixando cahir uma lagrima, D. Judith estendeu a sua mão para que Clidia a beijasse e lançando á sua filha o derradeiro olhar expirou.

B. Duarte Monteiro



Dados para a Bibliographia Mattogrossense

(Continuação)

Estevão de Mendonça

Nomes de seus paes.— João Anastacio Monteiro de Mendonça e D. Hermenegilda Fialho M. de Mendonça.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá, capital do Estado de Matto Grosso.

Data do nascimento—25 de Dezembro de 1870.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Professor de historia e geographia do Lyceu Cuiabano, director da repartição estadual de Terras e Obras, 1.º director da Bibliotheca Publica de Cuiabá, fiscal junto ao Lyceu Cuiabano e advogado.

Titulos literarios ou scientificos.—Jornalista, socio fundador e effectivo do Instituto e do Centro de Letras de Matto-Grosso, e correspondente das Academias de Sciencias de Lisbôa e de Stokcolmo.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos.— Foram publicadas as 1as. edições das suas obras: «Quadro Chorographico de Matto-Grosso»... paginas 0,^m 17 por 0,^m 25, impressa na Typ. official de Cuiabá em 1906 e «Datas Mattogrossenses,» 2 vols. o 1.º de 171 paginas e o 2.º de 384, ambos do 0,^m 17 por 0,^m 24 de dimensões; impressão de 1919 na Escola Typ. Salesiana de Nitheroy.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem colaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos.—Jornal em que tem collaborado: —«O Republicano» «O Pharol» «O Rebate,» «O Estado,» «O Matto-Grosso,» «A Cruz,» «O Commercio,» e as revistas «Matto-Grosso» e «O Archivo.»

Quaes os pseudonymos que tem usado? — Raul Plinio, Lopes Damião, W. e X.

Ezequiel Fraga (*Padre*)

Nome do lugar em que nasceu. — Republica Oriental do Uruguay.

Data do nascimento. — 1874.

Cargos que exerce ou tem exercido. — Prefeito do Collegio Salesiano «S. Gonçalo», de Cuiabá; Secretario da Prelazia do Araguaya; Administrador Apostolico da mesma Prelazia; Agente especial do recenseamento no Municipio do Registro do Araguaya; Secretario do Bispo de Petrolina.

Titulos literarios ou scientificos. — Membro da «Arcádia Romana» e Socio correspondente do «Instituto Historico de Matto Grosso.»

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos. — Conferencia sobre as Missões Salesianas entre os Boróros-Coroados de Matto-Grosso — 1920—Petropolis — Typ. das «Vozes de Petropolis»—1 vol. com 63 pags.

Relatorio do Recenseamento do Municipio do Registro do Araguaya, apresentado pelo Agente especial P. Ezequiel S. Fraga — 1924 — Esc. Prof. do Lyceu C. de Jesus, S. Paulo—1 vol. com 22 pags.

Quaes os pseudonymos que tem usado? — Nenhum.

Feliciano Galdino

Nome de seus paes.—Manoel Galdino e D. Honorata Gonçalves.

Nome do lugar em que nasceu.—Barreiro Branco, Municipio de Santo Antonio do Rio Abaixo.

Data do nascimento.—9 de Junho de 1886.

Cargos que exerce ou tem exercido.—E' professor particular.

Titulos literarios ou scientificos:—Romancista.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—Luz e Sombras—romance—19 por 13, Rio Typ. Revista dos Tribunaes, 1917—Lendas Matto-Grossenses —19 por 13—Typ. Calháo & Filho, Cuiabá 1919—O Perigo Yankee 19 por 13 casa A. Campos, São Paulo, 1925.

A primeira destas obras tem 233 paginas, a segunda 134 e a terceira, 72.

Quaes os pseudonymos que tem usado? — Virgilio de Magalhães, W. d'Oliveira, Gil Moreno. J. Antunes, Jose Antonio da Silva, etc.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado e outros quasquer dados bio—bibliographicos:

«A Juventude», «A Cruz», «O Matto-Grosso», «A União», «O Echo do Povo» e a revista «Pró Familia», todos de Cuiabá.

Outras informações:—Tem Feliciano Galdino diversas outras obras ainda ineditas e publicadas em folhetins na imprensa em que tem collaborado, algumas das ques foram já enviadas a casas editoras do Rio e S. Paulo.

Essas obras ineditas são as seguintes:

Cuiabana

A região dos mares.

Os fanaticos.

A bastão! A Chicote!

Novellas do coração.

A escravidão em Matto-Grosso.

Waldemiro—drama em 4 actos.

A legião das covas—Drama em 3 actos

Quanto pode um inspector de quarteirão—comedia em 3 actos.

Os intrepidos da liberdade, — drama em 1 acto.

A retirada da Laguna—drama em 4 actos.

Paginas intimas.

Grupiára.

Cinzas do passado. (contos diversos).

Vida de S. Francisco de Assis—versão da obra de Christen d'Andermatt (do italiano).

Filippe José Nogueira Coelho

Cargos que exerce ou tem exercido.—Procurador da Fazenda Real na Capitania de Matto-Grosso.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos.—«Memorias chronologicas da Capitania de Matto-Grosso,» apanhado dos principaes acontecimentos da Capitania até 1780.

Flavio Crescencio de Mattos

Nomes de seu pae.— João Gualberto de Mattos.

Nome do lugar em que nasceu.— Cuiabá, — Matto-Grosso.

Titulos literarios ou scientificos.—Orador, poeta e advogado provisionado.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos.—A questão dos Cemiterios publicos de Cuyabá—Typ. do «O Rebate» 1901—1 vol. com 67 pags. e appendice.

Francisco Agostinho Ribeiro

Nomes de seus paes.—Joaquim Thimoteo Ribeiro e D. Maria José da Costa Ribeiro.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá—Matto-Grosso.

Data do nascimento.—28 de Outubro de 1849.

F. em 29 de Maio de 1912.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Deputado Provincial (1881) não tendo logrado tomar assento; Promotor publico (1886 e 1890); Director Geral da Instrucção Publica (1890) e Chefe de Policia (1891); Auditor de Guerra, Director da Gazeta Official (1901); Procurador Geral do Estado, interino, em 1901.

Titulos literarios ou scientificos.—Advogado provisionado e jornalista.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos:—

1)—A vida de um garoto—novella, publicada no rodapé d «O Corumbaense», 1880.

2)—Manifesto do Partido Republicano Mattogrossense—1888.

3)—A prepotencia em acção—1888.

4)—Discurso commemorativo da execução de Tiradentes—S. Paulo—Typ. King.—1889—1 vol. com 23 pag.

5)—Traços biographicos do General Antonio Maria Coelho—1890.

6)—Guia eleitoral.

7)—O Snr. Dr. Joaquim Murtinho e o seu Manifesto—Cuyabá—Typ. do Estado—1890.

Quaes os pseudonymos que tem usado?—Nenhum.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem colaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos.—«O Corumbaense», 1879; «A Republica», 1883; «A Situação», «O Espectador», e «O Rebate», os dois primeiros por elle fundados. Revista «Matto-Grosso», (1904).

Francisco Antonio Pimenta Bueno

Nomes de seus paes.—José Antonio Pimenta Bueno, Marquez de S. Vicente e D. Balbina Henriqueta de Faria e Albuquerque.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá, capital de Matto-Grosso.

Data do nascimento—10 de Novembro de 1836.

Falleceu no Rio de Janeiro, a 7 de Dezembro de 1888.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Exerceu varias commissões proprias da sua profissão. Encarregado da construcção da linha telegraphica para Matto-Grosso, preparava-se para partir, quando succumbiu repentinamente, no posto de Coronel do corpo de estado maior de primeira classe.

Titulos literarios ou scientificos.—Bacharel em sciencias phisicas e mathematicas pela antiga academia militar.—Socio do Instituto historico e geographico brasileiro.—Socio da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.—Official da Ordem da Rosa.—Cavalleiro das de Aviz e Cruzeiro.—Condecorado com a medalha do Paraguay.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos:—Memoria justificativa dos trabalhos de que foi encarregado na Provincia de Matto-Grosso.—Typographia Nacional—Rio de Janeiro—1880—226 paginas.

—Carta da Provincia de Matto-Grosso, organizada em 1880.

Outras informações:—Além desses trabalhos, Sacramento Blake menciona:—Prolongamento da estrada de ferro de S. Paulo; parecer sobre a petição dos directores da Companhia Paulista, Rio de Janeiro, 1876, 30 paginas in 8º com um mappa.

—Memoria justificativa sobre o prolongamento da estrada de ferro de S. Paulo. Rio de Janeiro, 1876.

—Memoria justificativa dos planos apresentados ao governo para prolongamento da estrada de ferro de S. Paulo. Rio de Janeiro, 1877, 164 paginas, in-fol. com uma carta geral das estradas de ferro da mesma Provincia.

—Informações sobre o requerimento da directoria da Companhia Paulista, concernente á preferencia do valle Mogy—Guasú para prolongamento da estrada de S. Paulo. Rio de Janeiro, 1877, 62 paginas, com um mappa.

—A estrada de ferro de Matto-Grosso á Bolivia. Rio de Janeiro, 1877.

Relatorio sobre a preferencia dos traçados para estrada de ferro na Provincia do Sergipe, apresentado ao conselheiro Pedro Luiz Pereira de Souza. Rio de Janeiro, 1882, com um mappa da Provincia.

—A borracha, Rio de Janeiro 1882.

—Memoria sobre o porto do Ceará, inedita.

—Projecto de regulamento dos praticos para a navegação do Amazonas.

—Historia da Provincia de Matto-Grosso, inedita.

—Carta da fronteira do Brasil. Pimenta Bueno collaborou na Revista da Sociedade de Geographia do Rio, até pouco antes de morrer.

Francisco de Aquino Corrêa (Dom)

Nomes de seus paes.—Comdor. Antonio Thomaz de Aquino Corrêa e D. Maria d'Alleluia Gaudie de Aquino Corrêa.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá, E. de Matto-Grosso.

Data do nascimento.—2 de Abril de 1885.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Director do Collegio Salesiano «S. Gonçalo».—Bispo Auxiliar da Archidiocese de Cuiabá.—Presidente do E. de Matto-Grosso.—Arcebispo Metropolitano de Cuiabá.

Titulos literarios ou scientificos,—Presidente de honra do Centro Mattogrossense de Letras e Presidente effectivo do Instituto Historico de Matto-Grosso.—Doutor em Theologia pela Pontificia Universidade Gregoriana e em Philosophia pela Academia de S. Thomaz de Aquino de Roma.—Membro effectivo do Instituto Historico Brasileiro e da Academia Brasileira de Letras.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos:—«Odes»—versos em 2 volumes (1917) *in-octavo*.—Escola Typ. Salesiana, Nictheroy— 1º vol. 142 pags.; 2º vol; 110 pags. «Terra Natal»—versos— 1 vol. 1ª edição (1920) *in octavo*, 96 pags. Secção de Obras d«O Estado de S. Paulo,» 2ª edição (1922) *in-octavo*, 145 pags. Escola Typ. Salesiana, Nictheroy;

—Ao povo Mattogrossense — 1917— Rio — Typ. Jornal do Commercio.

—A fronteira Matto-Grosso—Goiaz—1919 — Cuiabá.

—A' memoria de meu pai—Cuiabá 1924—E. Prof. Salesiana.

—A primeira flôr — elogio do P. José Manoel de Siqueira—Cuiabá — 1925.

- Sêde Brasileiros — discurso paranympal — S. Paulo—1925.
 - A velha Bandeira de Marianna — Rio 1926.
 - Discurso de recepção no Instituto Historico — Rio 1926.
 - A Flôr da Alleluia — Rio — 1926.
 - Tu es Sacerdos — Cuyabá — 1927.
 - Imperialismo e Protestantismo — Rio — 1926.
- Pretende Publicar ainda este anno o seu volume de discursos.
Quaes os pseudonymos que tem usado?—Nunca usou pseudonymo.

Outras informações:—Collaborou na extincta «Revista Matto-Grosso», e actualmente nas Revistas do «Instituto Historico de Matto-Grosso,» e do «Centro Mattogrossense de Letras» e no semanario «A Cruz», todos de Cuiabá.

Franklin Cassiano da Silva

Nomes de seus paes.—Luiz Cassiano da Silva e D. Anna Luiza d'Oliveira Bastos.

Nome do lugar em que nasceu—Corumbá, (Matto—Grosso.)

Data do nascimento—1º de Maio de 1891.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Professor e sub—director da Escola Normal, director do Grupo Escolar «Caetano Pinto,» de Miranda, e é actualmente director do Grupo Escolar «Senador Azeredo,» desta Capital.

Titulos literarios ou scientificos,—Professor e membro do «Centro Mattogrossense de Letras».

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos:—Subsidios para o estudo de dialectologia em Matto—Grosso—1921—Calháo & Filho—Cuiabá,—1 folheto com 16 paginas, *in* 16.

Quaes os pseudonymos que tem usado?—Amilcar Santos, Aluizio Dinarte, Herodes de Souza.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos—«O Matto-Grosso,» «A Liça,» — «O Reverbéro,» «A Imprensa,» «A Violeta,» «O Jornal,» «O Correio do Estado,» «Revista do Centro Mattogrossense de Letras».

Outras informações.—Occupa no «Centro de Letras» a cadeira nº 20, cujo patrono é Ramiro de Carvalho.

Frederico Augusto Prado d'Oliveira

Nomes de seus paes.—João Baptista d'Oliveira Sobrinho e D. Olympia Prado d'Oliveira.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá.

Data do nascimento.—22 de Janeiro de 1874, e falleceu a 29 de Agosto de 1911

Cargos que exerce ou tem exercido.—Vereador da Camara Municipal de Cuiabá, da qual em 1900 foi Presidente interino e em 1901, Presidente effectivo; Director da Typographia Official.

Obras -- Deixou um volume de versos satyricos, inedito; relatorios officiaes e esparsa e variada collaboração jornalistica.

Quaes o pseudonymos que tem usado? «Zé Capilé.»

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos. «A Colligação» «Almanach Literario e Estatistico do Rio Grande do Sul.» «Almanach Luso Brasileiro.»

Outras informações:—Patrono da cadeira nº 7 do «Centro Mattogrossense de Letras.»

Hercules Florence

Nome do lugar em que nasceu.—Nice, França.

Veio para o Brasil em 1824.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Desenhista da Commissão Langsdorff.

Titulos literarios ou scientificos.—Socio do Instituto Historico Brasileiro.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteriscos. —«Zoophonia» publicada no tomo XXXIX parte IIª. da Revista do Instituto Historico Brasileiro e Esboço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorff, no interior do Brasil desde Setembro de 1825 até Março de 1829, publicada no tomo XXXVIII. parte I da mesma Revista do Instituto.

H. Ferreira Cunha

Cargos que exerce ou tem exercido.—Official da Armada Brasileira.

Obras que tem publicado, titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos. — «Viagens e caçadas em Matto—Grosso», publicada em 1922—formato 18 por 12 com 239 paginas.

Isaac Póvoas

Nomes de seus paes.—Pedro Fernandes Póvoas e D. Gal-dina Virginia Póvoas.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá—Matto—Grosso.
Data do nascimento.—4 de Janeiro de 1886.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Secretario da Instruc-ção Publica do Estado (1906); Professor interino e depois cathed-ratico de Litteratura e Logica do Lyceu Cuyabano (1909); Direc-tor do Lyceu (1916 a 1920 e 1925 até esta data), Director inte-rino da Instrucção Publica, da Escola Normal e da Typographia Official, em varios pe-riodos.

Titulos literarios ou scientificos—Bacharel em Sciencias e Le-tras pelo Lyceu Salesiano (1905) Socio effectivo do Centro Mat-togrossense de Letras (1925).

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—Discurso de pösse na cadeira nº. 6 do Centro Mattogrossense de Letras.—na «Revista» do mesmo Centro anno IV, nº VIII.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem col-laborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos:—

«Matto-Grosso» (1903); «A Reacção»; Nova Epoca (1910) «O Matto-Grosso» «A Liça» (1914); «O Municipio» (1916); «Correio do Estado»; «O Jornal», «Revista do Ensino», e «Revista do Centro M. G. de Letras».

João Augusto Caldas

Nome de seu pae.—Cel. João Poupino Caldas

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá—Estado de Matto-Grosso.

Data do nascimento—31 de Outubro de 1836.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publica-ção destas, e seus caracteristicos.—«Memoria sobre os indios de Matto-Grosso», impressa em folheto e «Diccionario Geographico de Matto-Grosso», inedito.

João Barbosa de Faria

Nomes de seus paes.—Carlos Barbosa de Faria e D. Anto-nia Thereza de Faria.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá—M. Grosso.

Data do nascimento—20 de Fevereiro de 1878.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Professor particular e publico; lente do Lyceu Cuiabano; funcionario da Commissão Rondon, dos Correios e do extincto Arsenal de Gerra.

Outras informações—Frequentou desde 5 annos a aula particular do mestre Felippe Liberato de Oliveira; 10 annos depois empregou-se na Redacção do «Republicano», como aprendiz de typographo e depois no Arsenal de Guerra, continuando a estudar nos momentos de folga, prestando mais tarde concurso para o lugar de official dos correios e, completado o curso preparatorio, partiu para o Rio 4 de Março de 1902.

Titulos literarios ou scientificos.—Socio fundador do Instituto Historico de Matto-Grosso e do Centro Mattogrossense de Letras; membro do Instituto Varnhagen; representante de M. Grosso no 6º Congresso de Geographia em Bello-Horizonte.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—«Limites Orientaes de Matto-Grosso» —na Rev. do Instituto Historico de M. Grosso, ns. III. a XIII. «Esboço da Historia de Matto-Grosso» n'«A Cruz» —1926.

João Cunha

Nome de seus paes.—João Antonio Nunes da Cunha e D. Delmira da Silva Lara.

Nome do lugar em que nasceu.—Poconé, (Matto-Grosso)

Data do nascimento.—16 de Junho de 1871.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Procurador da Republica interino, 1907; Deputado e 1º Secretario da Assembléa Legislativa em muitas legislaturas; Secretario do Interior, Justiça e Fazenda de 1916 a 1917 e em 1927 e Director da Gazeta Official do Estado desde 1918 até o corrente anno. E' socio fundador e thesoureiro do Instituto Historico de Matto-Grosso, e socio fundador do Centro Mattogrossense de Letras.

Titulos literarios e scientificos.—Membro do Centro Mattogrossense de Letras e do Instituto Historico de Matto-Grosso.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seu caracteristicos. —Elogio de Frederico Prado—conferencia, na Rev. do C. M. de Letras, anno IV, nº VII.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio—bibliographicos. «O Colibri,» «O Pharol,» «A Colligação,» «A Reacção,» «O Matto-Grosso,» «O Correio do Estado,» e «O Jornal.»

Outras informações:—Occupa no «Centro,» a cadeira nº 7, da qual é patrono Frederico Augusto Prado de Oliveira.

João Nunes

Nomes de seus paes—Luiz Nunes da Cunha e D. Leopoldina Nunes da Cunha.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá, (Estado de Matto-Grosso).

Data do nascimento.—6 de Maio de 1885.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Professor publico, Agente do Correio, Tabellião interino.

Titulos literarios ou scientificos — Poeta e Jornalista.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos.—Revista «Matto-Grosso».

Outras informações:—Tem um livro de poesias inedito intitulado «Selvas».

João Severiano da Fonseca

Nomes de seus paes.—Tet. Cel. Dr. Manoel Mendes da Fonseca e D. Rosa da Fonseca.

Nome do lugar em que nasceu.—Alagôas.

Data do nascimento.—27 de Maio de 1835.

Cargos que exerce ou tem exercido.—General do corpo de saúde do Exercito e membro da Commissão demarcadora de limites com a Bolivia.

Titulos literarios ou scientificos.—Doutor em medicina e socio do Instituto Historico Brasileiro, do Instituto Archeologico de Pernambuco e da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Obras que tem publicado, os titulos e a data publicação destas, e seus caracteristicos.—«Viagem ao redor do Brasil,» e o manuscripto «Diccionario de Matto-Grosso».

Joaquim da Costa Siqueira

Nome do lugar em que nasceu—Cidade de S. Paulo

Data do nascimento—1739

Falleceu em 1821

Cargos que exerce ou tem exercido.—Capitão reformado do regimento de milicias das minas de Matto-Grosso e guarda

mór das mesmas; fiscal dos diamantes; Vereador da Camara de Cuyabá,

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos.— Compendio Historico Chronologico das noticias de Cuyabá, repartição da Capitania de Matto-Grosso desde o principio do anno de 1778 até o fim do anno de 1817—na Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do I. H. e G. Brasileiro, tomo XIII

Joaquim Duarte Murtinho

Nomes de seus paes.—Dr. José Antonio Murtinho e D. Rosa Murtinho.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá, capital de Matto-Grosso.

Data do nascimento.— 7 de Dezembro de 1848.

Falleceu no Rio de Janeiro, a 19 de Novembro de 1911.

Cargos que exerce ou tem exercido.— Professor de Biologia na Escola Polytechnica.— Representante de Matto-Grosso na Constituinte Republicana.— Ministro da Viação no governo de Manoel Victorino Pereira.— Ministro do Fazenda no governo de M. F. de Campos Salles.— Senador Federal por Matto-Grosso.

Titulos literarios ou scientificos. — Engenheiro Civil pela Escola Central do Rio de Janeiro. Doutor em Medicina.

Obras que tem publicado, os titulos e as datas da publicação destas, e seus caracteristicos. — Do estado pathologico em geral: Acustica.—Acupressura.—Respiração em geral. — These apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1872 in 4º. Escola Polytechnica —Relatorio da Directoria apresentado em 31 de Outubro de 1876. — Relatorio do Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas—1897 (foi tirada uma *separata* da Introducção ao mesmo Relatorio.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem colaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos: — Archivos de Medicina.— Annaes de Medicina Homeopathica.— publicação mensal do Instituto Hamnemaniano do Brasil.

Outras informações: — Relatorio apresentado ao Presidente da Republica, em maio de 1897.—Da introducção a este relatorio que remata a celebre frase:

«E' necessario, Snr. Presidente, republicanizar a Republica,» tircu-se uma separata.

—Além das obras mencionadas, Sacramento Blake attribue-lhe, por engano, a autoria de uma these intitulada

«A synthese na chimica organica,» apresentada, em 1880, á Escola Polytechnica pelo seu irmão Dr. José Murinho.

Joaquim Ferreira Moutinho

Nome do lugar em que nasceu.—Porto—Portugal.

Obras que tem publicado, os titulos e data da publicação destas, e seus caracteristicos.—Noticia sobre a Provincia de Mato-Grosso—1869—1 vol. in 8º—343 paginas, acompanhado de um roteiro de Cuiabá a S. Paulo, com 83 paginas.—Relatorio apresentado á Commissão iniciadora de uma escola para surdos-mudos. Porto—Imp. Portuguesa—1875—1 vol. com 120 pags.

Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa.

Nomes de seus paes.—Comdor. Antonio Thomaz de Aquino Corrêa e D. Maria de Alleluia Gaudie de Aquino.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá—M. Grosso.

Data do nascimento.—30 de Janeiro de 1878.

Cargos que exerce ou tem exercido.—E' capitão do Exercito, tendo desempenhado varias commissões technicas; foi, no governo D. Aquino, deputado estadual e assistente da Presidencia.

Titulos literarios ou scientificos—Engenheiro militar, socio do Centro Mattogrossense de Letras (fundador).

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—«Joaquim Murinho» conferencia, na Revista do Centro Mattogrossense de Letras, anno I nº 2—28 paginas.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos.—«O Rio Negro,» Amazonas, 1897; «O Estafeta,» de Therezina, 1898; «Petit Journal,» de Porto Alegre, 1906; «O Dever,» de Bagé, 1907, etc.

Capitão Joaquim José Rodrigues Calháo

Nome do lugar em que nasceu.—S. Salvador, na Bahia.

Data do nascimento.....?

Falleceu a 14 de Julho de 1885

Cargos que exerce ou tem exercido.—Professor da lingua franceza no Seminario da Conceição e exerceu varios cargos publicos.

Titulos literarios ou scientificos.—Jornalista e poeta.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—Harpejos poeticos, poesias.—Cuiabá—1 volume—in 8º com 121 paginas.

Quaes os pseudonymos que tem usado?—Nenhum.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos.—Fundou «A Provincia de Matto-Grosso,» e collaborou no «O Liberal».

Joaquim Ribeiro Marques

Nome de seus paes.—Vicente Marques Ferreira e D. Josephina Alves Ribeiro Marques.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá, Estado de Matto-Grosso.

Data do nascimento.—3 de Fevereiro de 1884.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Professor publico de Diamantino; prof. de Mathematicas do Collegio Salesiano «S. Gonçalo,» idem do Lyceu Cuiabano, actualmente prof. de Latim do Lyceu Cuiabano e Auxiliar tecnico da Repartição de Terras.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—«Paginas a esmo»—Typographia de João Pereira Leite. Folhetos.—Explicações de lições de grammatica para uso de seus alumnos.

Quaes os pseudonymos que tem usado? «Clovis.»

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos.—Revista «Matto-Grosso,» jornaes «O Matto-Grosso,» «A Cruz,» Correio do Estado» «Revista de Ensino».

José Barbosa de Sá

Titulos literarios ou scientificos.—Advogado provisionado.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—Relatorio sobre as missões hespanholas no valle do Guaporé (1745)—Relação dos povoados de Cuiabá e Matto-Grosso publicado nos annaes da Bibliotheca Nacional—Volume 23º (1901).

José Barnabé de Mesquita (Filho)

Nomes de seus paes.—José Barnabé de Mesquita, e D. Maria de Cerqueira Caldas de Mesquita.

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá, Estado de Matto-Grosso.

Data do nascimento.—10 de Março de 1892.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Professor de Portuguez da Escola Normal de Cuiabá (1914-1915); Procurador Geral do Estado de Matto-Grosso (1915-1916; 1918-1920; 1922-1927); Director da Secretaria do Governo do mesmo Estado (1916-1918); Juiz de Direito da Comarca do Registro do Araguaya (1920-1921) e, actualmente, Desembargador do Tribunal da Relação.

Titulos literarios ou scientificos:—Bel. em sciencias e letras (1907) pelo Lyceu Salesiano e em Sciencias Juridicas e Sociaes (1913) pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Socio fundador do «Instituto Historico de Matto-Grosso» (1919) e do «Centro Matogrossense de Letras» (1921). Membro correspondente do «Instituto do Ceará,» e da «Academia Mineira de Letras» Presidente honorario do «Gremio C. Alves» de Cuiabá.

Obras que tem publicado, os titulos e data da publicação destas, e seus caracteristicos.

Poesias, 1919, Typ. J. Pereira Leite, Cuiabá—1 vol. in 8º, com 191 paginas.

Elogio Historico do Dr. Antonio Corrêa da Costa, 1921, Typ. Official, Cuiabá,—1 vol. in 4º com 10 pags.

O Capitão Mór André Gaudie Leye e a sua descendencia—1922—in Revista do Instituto Historico de Matto-Grosso, nos. VI a VIII.

Um homem e uma época—1925—in Rev. I. H. M. Grosso, nº XIII.

Quaes os pseudonymos que tem usado?—Helio Maia—Marciano—J. de M.

Outras informações:—Fez o seu curso gymnasial no «Lyceu Salesiano S. Gonçalo» de Cuiabá, bacharelado-se em Sciencias e Letras em 1907. Durante esse tempo dirigiu, com outros companheiros, «O Cruzeiro,» orgão do «Club Minerva» (1907-1908). Abraçando a carreira juridica, formou-se em 1913, pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Quando academico, collaborou n«Onze de Agosto,» orgão do Centro Academico do mesmo nome e n«O Pirralho,» de S. Paulo; no «Fon-fon» e na «Gazeta de Noticias» do Rio e na Revista «Matto-Grosso» e n«O Commercio,» de Cuiabá, mantendo nesta ultima folha uma secção sob o titulo «Notas Paulistas» (1910). Regressando em 1914, ao seu Estado natal, tem collaborado em varios jornaes e revistas, notadamente no «Matto-Grosso,» n«A Cruz,» no «Correio do Estado,» no

«O Jornal,» nas Revistas do «Instituto Historico» e do «Centro de Letras.»

Dirigiu a folha politica «O Povo» (1916-1917) e é actualmente collaborador da «Illustração Brasileira,» do Rio e da «Revista do Brasil,» de S. Paulo, e redactor da revista «Annaes Forenses» de Cuiabá.

José Barnabé de Mesquita (*Pae*)

Nomes de seus paes.—Barnabé de Mesquita Muniz, e D. Maria Rita de Mesquita.

Nome do lugar em que nasceu.—Diamantino (Estado de Matto-Grosso).

Data do nascimento.—7 de Março de 1855 e falleceu a 12 de Agosto de 1892, em Cuiabá.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Negociante e Advogado. Em 1887 exerceu o cargo de auditor de guerra e nos primeiros dias do novo regimen o de Procurador da Republica e Director da Typographia Official.

Titulos literarios ou scientificos.—Professor e jornalista.

Obras—A educação da mulher—conferencia—Rev. do Instituto Historico M. G. anno VII a XIII.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos.—«O Matto-Grosso,» «A Situação» e «O Espectador».

Outras informações:—Os artigos publicados no «O Matto-Grosso» são estudos de Sociologia e Politica; na «A Situação,» encontra-se o folhetim «Uma partida dansante em 1888».

O seu estylo é fluente e elegante, de flagrante espontaneidade.

Trabalhou ardorosamente pelo abolicionismo e pela Republica, e figurou como membro da commissão executiva de 1889.

Na «Sociedade Literaria Cuiabana,» proferiu nas suas tertulias semanaes algumas conferencias, salientando-se dentre todas «A educação da mulher,» a mais conhecida e mais estimada, não só pelo attrativo do assumpto, mas tambem pelo seu espirito de observação demonstrado em uma certa previsão da revolução social.

José da Silva Guimarães (*Conego*)

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá (Matto-Grosso.)
Falleceu a 9 de Novembro de 1844.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Presidente provincial, vice-presidente da Assembléa Provincial.

Titulos literarios ou scientificos.—Jornalista, socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—Memoria sobre os indios Apiacás, que se acha inserta no volume VI da Revista do Instituto Historico e na qual estuda os usos, costumes e linguagem desses indios.

Quaes os pseudonymos que tem usado?—Nenhum.

Jornaes ou revistas que tem dirigido ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos.—Fundou o «Cuiabano Official.»

Outras informações:—Foi Cavalleiro da Ordem de Christo e conego honorario da capella imperial. Patrono da cadeira nº 15 do «Centro Mattogrossense de Letras.»

José Delfino da Silva

Nomes de seus paes.—Pedro Delfino da Silva e D. Petronilia Theodosia da Silxa.

Nome do lugar em que nasceu.—Livramento (Matto-Grosso)

Data do nascimento.—20 de Novembro de 1860, e falleceu a 29 de Março de 1900.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Professor primario; professor de Português do Seminario Episcopal; professor de Francês do Liceu Cuiabano e Promotor Publico.

Titulos literarios ou scientificos.—Poeta.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos.—

Collaborou na «A Situação.»

Outras informações:—O poeta deixou diversas obras ineditas dentre ellas «Saudades,» que são os primeiros harpejos do seu coração.

E' patrono da cadeira nº 12 do «Centro Mattogrossense de Letras»

Embora não tenha obra editada, legou um acervo de poesias que dá um apreciavel volume.

José de Miranda da Silva Reis

Cargos que exerce ou tem exercido.—General do Exercito brasileiro e presidente da Provincia de Matto-Grosso.

Titulos literarios ou scientificos.— Socio do Instituto Historico Brasileiro

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seu caracteristicos.— «Itinerario de Santos a Cuiabá,» publicado em 1863 no vol. 26 da Rev. do Instituto Historico, e «Relatorio do chefe da Commissão de engenheiros da provincia de Matto-Grosso sobre o exame das estradas que vão de Santos a Cuiabá».

José Estevão Corrêa

Nomes de seus paes.— José Vicente Corrêa e D. Marianna Aurelia da Costa Leite.

Nome do lugar em que nasceu.— Cuiabá (Matto-Grosso)

Data do nascimento.— 2 de Agosto de 1840 e falleceu a 12 de Outubro de 1917.

Cargos que exerce ou tem exercido.— Professor de Mathematicas no Seminario da Conceição, da Escola Normal e do Lyceu Cuiabano; Deputado provincial em dois periodos; Director da Instrucção Publica e Inspector do Thesouro do Estado.

Titulos literarios ou scientificos — Professor e Musicista.

Quaes os pseudonymos que tem usado?— Nenhum.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que collaborado. É outras quaespar dados bio-bibliographicos.— Collaborou em diversos jornaes locais.

Outras informações:— Patrono da cadeira nº 13 do «Centro Mattogrossense de Letras.»

José Magno da Silva Pereira

Nomes de seus paes.— Caetano Xavier da Silva Pereira e D. Leocadia Maria Xavier Serra.

Nome do lugar em que nasceu.— Cuiabá (Matto-Grosso).

Data do nascimento.— 15 de Novembro de 1848.

Falleceu a 12 de Maio de 1927.

Cargos que exerce ou tem exercido.— Advogado provisionado pelo Tribunal da Relação do Estado, lente cathedratico aposentado da cadeira de Português do Lyceu Cuiabano, tendo sido por mais de uma vez Director desse estabelecimento e da Instrucção Publica do Estado. Por mais de 30 annos desempenhou o cargo de Secretario do Governo de Matto-Grosso.

Titulos literarios ou scientificos.— Professor, membro do Centro Mattogrossense de Letras.

Quaes os pseudonymos que tem usado?—Nenhum.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem colaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos.—«O Mat-Grosso», «O Democrata», e «A Colligação».

Outras informações:—Occupava no «Centro de Letras» a cadeira nº 19, cujo patrono é Pimenta Bueno (F. A.)

José Manoel de Siqueira (Padre).

Nome do lugar em que nasceu.—Cuiabá.

Data do nascimento—1750—Falleceu a 12 de Dezembro de 1825.—Ordenou-se no Rio em 1782.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Professor de philosophia na Capitania de Matto-Grosso.

Titulos literarios ou scientificos—Socio correspondente da Academia Real de Sciencias de Lisboa.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos:—Memoria sobre a decadencia das tres Capitancias mineiras e sobre o descobrimento das minas do Martyrio, além de um estudo e classificação das diversas especies de quina.

José Raul Vilá

Nomes de seus paes.—José Vilá e D. Dolores Jort Vilá.

Nome do lugar em que nasceu—Ponta-Porã

Data do nascimento.—25 de Março de 1899.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Professor interino de desenho da Escola Normal de Cuiabá; auxiliar do Thesouro do Estado; guarda-livros de diversas casas commerciaes desta cidade; actualmente funcionario do Banco do Brasil.

Titulos literarios ou scientificos.—Professor normal, membro do Centro Mattogrossense Letras.

Obras que tem publicado os titulos e a data da publicação destas, e seus caracteristicos.—Rondonia, poema, em um folheto de 40 paginas, publicado em 1918, na typographia da livraria «Globo», teve só uma edição.

Quaes os pseudonymos que tem usado?—Não usa.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem colaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos.—«A Juventude», «Revista do Centro Mattogrossense de Letras».

José Thomaz de Almeida Serra

Nomes de seus paes.—Ricardo Franco de Almeida Serra e D. Custodia Augusta de Almeida Serra.

Nome do lugar em nasceu.—Cuiabá (Matto-Grosso).

Data do nascimento.—7 de Março de 1866 e falleceu em 1889.

Cargos que exerce ou tem exercido.—Escrivão dos feitos da fazenda, militar.

Titulos literarios ou scientificos.—Jornalista e poeta.

Quaes o pseudonymos que tem usado? Nenhum.

Jornaes ou revistas que tem dirigido ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos.—«A Situação».

Outras informações.—Patrono da cadeira nº 16 do Centro Mattogrossense de Letras.

Tem um livro de poesias inedito, em poder do seu sobrinho Arnaldo Serra, a ser editado brevemente.

José Vieira Couto de Magalhães

Nome de seus paes — Capitão Antonio Carlos de Magalhães e D. Theresa do Prado Vieira do Couto.

Nome do lugar em que nasceu. —Diamantina (Minas).

Data do nascimento —1 de Novembro de 1837.

Falleceu no Rio a 14 de Setembro de 1898.

Cargos que exerce ou tem exercido. —Presidente das Provincias de Goyaz, Pará, M.-Grosso e S. Paulo.

Titulos literarios ou scientificos.— Dr. em Direito pela Faculdade de S. Paulo; socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Obras que tem publicado, os titulos e a data da publicação destas e seus caracteristicos. —These apresentada á Faculdade de S. Paulo, 1860; os Goyanazes, S. Paulo, 1860; um episodio de Historia Patria 1862; Viagem ao Rio Araguaya, Goyaz, 1863; Relatorio da navegação do Araguaya, Rio; 18.000 milhas ao interior do Brasil, Rio 1872; Ensaio de anthropologia Rio, 1874; Familia e religião entre os selvagens, Rio, 1874; O selvagem, Rio, 1876; Memoria á 4ª Exposição nacional; Conferencia anchietana,, S. Paulo, 1897.

Jornaes ou revistas que tem dirigido, ou em que tem collaborado. E outros quaesquer dados bio-bibliographicos.—Revista da Academia de S. Paulo; Revista do Instituto Historico; Jornal do Commercio do Rio, etc.

(Continúa)

Publicações Recebidas

Recebemos e agradecemos:

I—*Livros e folhetos:*

- Mario Sette*—Senhora de Engenho.
 » A filha de D. Sinhá.
 » O palanquim dourado.
 » Terra Pernambucana.
Cleomenes Campos—De mãos postas.
D. Aquino Corrêa—Tu és sacerdos—Cuiabá,—1927.
 » Discurso de recepção no Instituto Histórico Brasileiro—Rio—1926.
 » Imperialismo e Protestantismo—Rio—1926.
Jercy Jacob—Sombras do alem-poemeto—Cuyabá—1926
Abdias Neves—Aspectos do Piauly—Theresina—1926.

II — *Revistas*

- Revista da Academia Brasileira de Letras* n^{os}. 61 a 66
Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas
 n^{os}. 48 a 51
Revista da Academia Pernambucana de Letras—(2^a phase)
 —anno I n^o 1.
Revista da Academia de Letras do Paraná—anno I, n^o 1
 anno II, n^o 2.
Revista da Academia Piauhense de Letras.
Revista da Academia Mineira de Letras.
Matto-Grosso Illustrado n^{os}. 7 e 8.
Vida Capichaba—n^{os}. 86 a 92—Victoria—1927
Arte e Vida—edição da Empresa Graphica Editora—S.
 Paulo—anno III n^o 11.

Revista do Instituto Historico de Matto-Grosso — n^{os}.
XVII e XVIII.

Annaes Forenses do Estado de Matto-Grosso—nos V e
VI.

A Violeta—orgão do Greinic Julia Lopes.

Revista da Associação Commercial de Cuyabá.

III -- *Jornaes* :

Folha Nova — de Florianopolis — Director : Chrispim
Mira (†) e Petrarcha Calado.

A Tribuna—Corumbá—Director : Castro Brasil

A Noticia—Tres Lagôas—Director: Dr. Fenelon Müller.

Gazeta do Commercio—Tres Lagôas—Director : Elmano
Soares.

Jornal do Commercio — Campo-Grande—Director : Dr.
Jayme Vasconcellos.

A Razão—Cáceres—Director :

O Progresso—Ponta-Poran—Director: Dr. Rangel Torres.

Gazeta Official

A Cruz

Matto-Grosso

O Democrata

A Capital

O Normalista

A Crisalida

O Pequeno Mensageiro

A Penna Evangelica

A Semana

O Ferrão

} todos de Cuyabá

Ford

NOVO VAPORISADOR

MAIOR ECONOMIA

NOVA PINTURA

MAIOR BELLEZA.

O SERVIÇO
MECHANICO
DE REAL
EFFICIENCIA

Vendas a dinheiro e a prestações
AGENTES AUTORIZADOS